REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
DONT. LEGAL

N.º 28
12-7-47

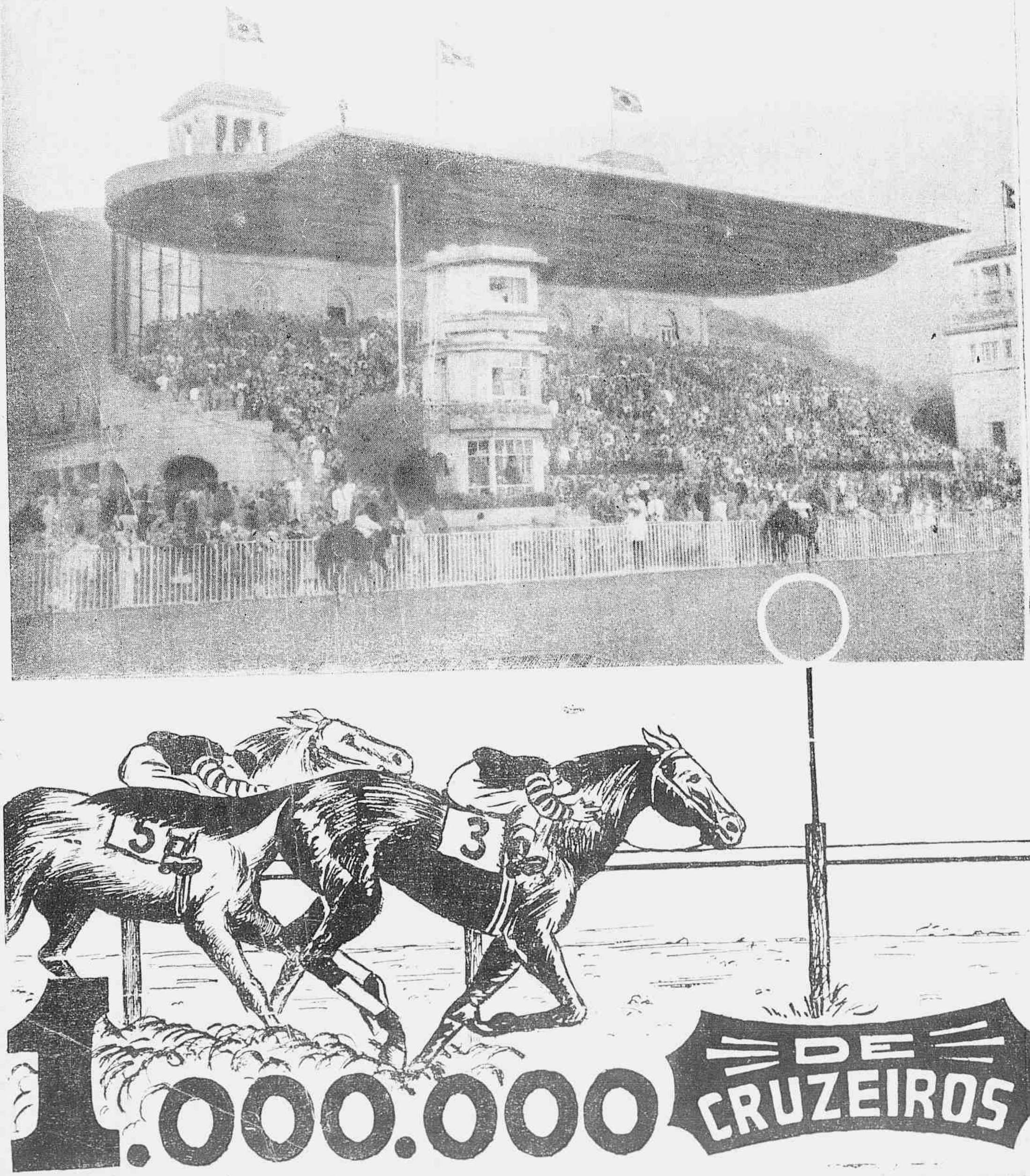
·EDIÇÃO·DE·ANIVERSÁRIO·

Cr$ 5,00
Em todo o Brasil

3 de Agosto de 1947

Grande Premio Brasil

no Hipodromo Brasileiro



Com a mais viva satisfação, REVISTA DA SEMANA entrega hoje aos seus leitores o seu número de aniversário, retardado por mais de um mês em razão das dificuldades portuárias, que não nos permitiram desembarcar antes o papel destinado a esta edição extraordinária. No seu 48.º ano de vida, este magazine, que nasceu ao alvorecer do grande século, a que já se pode chamar o século da energia atômica, como o passado foi o da eletricidade, tem vencido impavidamente crises e dificuldades geradas por duas grandes guerras e suportado com galhardia a concorrência de outras publicações do gênero, surgidas nos últimos tempos. Se o tem feito, deve-o, entretanto, à fidelidade dos seus leitores, dos seus assinantes e anunciantes, que nos têm animado a vencer e que generosamente nos têm dado constantes provas do seu apreço. Tendo sempre procurado manter bem alto a missão que desempenha, como magazine ilustrado, resta-nos a certeza de que temos sabido corresponder a essas provas de simpatia, enobrecendo as tradições da imprensa brasileira. A todos os nossos bons amigos, aqui ficam os nossos renovados agradecimentos. Depois de passar cerca de quinze dias no Rio, regressou ao Chile o presidente Gabriel Gonzalez Videla. Nos Estados Unidos, nos festejos cívicos do dia da independencia amricana, a 4 do corrente, o entusiasmo foi tão grande que, em conseqüência dos atropelos, fogos de artifício, etc., morreram nada menos de duzentas e dez pessoas. O Sr. Costa Neto, ministro da Justiça, interferiu para que não fôsse concedido registro ao Partido Constitucionalista Brasileiro, sob a alegação de que se trata de um meio para ressuscitar o dissolvido Partido Comunista do Brasil, com um outro P. C. B. Causou sensação nos meios políticos a anulação do diploma do senador Euclides Vieira, de São Paulo, pelo Superior Tribunal Eleitoral, atendendo a uma reclamação do P. S. D., que alegou irregularidade no registro das candidaturas do P. S. P. O Sr. Euclides Vieira recebeu demonstrações unanimes de solidariedade no Senado Federal, onde muitos oradores manifestaram sua repulsa pela decisão do T. S. E., anulando a eleição de um senador que conquistou, nas urnas, nada menos de 300.000 votos... O que é mais singular é que o TSE já havia desprezado reclamação idêntica, de dois partidos, em relação às eleições do Maranhão, onde se verificara exatamente o mesmo caso... Além das manifestações no Senado, houve também, na Câmara, importantes discurros sôbre a cassação de mandatos, proferidos pelos deputados Prado Kelly e João Mangabeira. Entendem êsses líderes políticos que o Tribunal Eleitoral não tem competência para cassar mandatos, cabendo êsse ato pura e simplesmente ao Congresso Nacional. Vai ser provocado o pronunciamento do Supremo Tribunal Federal sôbre o assunto. Com a proclamação da eleição do Sr. José Varela para o cargo de governador do R. G. do Norte, resta apenas um caso ainda encruado, nas mãos do Superior Tribunal Eleitoral, e tanto o Sr. Neto Campelo como o Sr. Barbosa Lima ainda continuam com esperanças. A Assembléia Constituinte do Ceará pediu a intervenção federal no Estado que o Sr. Faustino de Albuquerque governa com dificuldades incontáveis, em razão da mixórdia política local. Mas o procurador geral da República, Sr. Themistocles Cavalcanti, se pronunciou contra o pedido, achando que não é a justiça eleitoral, mas o Supremo Tribunal Federal o orgão que deve apreciar o pedido. O Sr. Walter Jobim, governador do Rio Grande do Sul, acossado pelos parlamentaristas gauchos, resolveu apresentar uma petição ao Supremo Tribunal Federal, com o fim de serem declarados inconstitucionais os artigos da recente Constituição do Estado, de carater nitidamente parlamentar. No Terceiro Congresso Jurídico Nacional, reunido na Bahia, o Sr. Haryberto de Miranda Jordão, delegado do Instituto da Ordem dos Advogados, sustentou a tese de que é incompatível com a Constituição o parlamentarismo nos Estados. Como se vê, a questão da cassação dos mandatos e do parlamentarismo tem dominado as atenções gerais nos últimos dias. A policia do Distrito Federal lavrou um tento, descobrindo o assassino da velha milionária espanhola Tomazia Clamanos. O assassino foi o consertador de rádio Olimpio Rodrigues de Campos, em poder de quem foram apreendidas as joias roubadas à velha. Mas não deixa de ser triste a constatação das violências que, com incrivel e selvagem brutalidade, foram perpetradas na delegacia do 17.º Distrito contra o pedreiro Francisco Gomes dos Santos, de quem se suspeitou a princípio, mas que era inteiramente inocente. O pedreiro saiu daquela delegacia para o Pronto Socorro, com equimoses no tórax, as mãos inchadas de bolos e fortes dores internas, em razão do bárbaro espancamento de que foi vítima. Que policia é essa, senhor general Lima Camara? Crimes como êsse ficarão impunes? O maestro e compositor Heitor Villa-Lobos acaba de partir para a Europa, em missão artística. Villa-Lobos será, no estrangeiro, o embaixador da nossa cultura musical. Falamos, no início desta seção, na era atômica. Voltemos ao assunto, para encerrar a coluna. Diz um telegrama da Associated Press, enviado de Washington, que a Comissão de Energia Atômica foi informada por um grupo de eminentes cientistas americanos de que há "urgente e grande necessidade" de novas pesquisas sobre os efeitos das radiações da energia atômica sobre a vida humana, em tempo de paz e na guerra. A Junta de sete cientistas, nomeados especialmente pela Comissão, em relatorio publicado pelo sr. David Lilienthal, chefe da Comissão de Energia Atômica, declarou que "em virtude da Comissão de Energia Atômica estar incumbida, por lei, do controle exclusivo dos materiais, equipamentos, processos e informação, geralmente perigosos e ainda não suficientemente conhecidos, a Comissão tem todos os motivos para assumir a extensão das responsabilidades para um estudo mais amplo dos efeitos dos produtos da fissão atômica sobre a vida humana". Acrescenta o relatorio que a necessidade é urgente, "em virtude do extraordinário perigo de expor criaturas vivas à rádio-atividade e porque as medidas defensivas eficazes, no sentido militar, contra a radiação atômica ainda não são conhecidas. De agora em diante, devemos minerar, transportar, trabalhar e usar substancias radio-ativas como fontes de energia, material de investigação dos processos biológicos e para o tratamento de molestias. Haverá, portanto, perigo incessante no manejo destas substancias e na utilização de suas propriedades radio-ativas". Acrescenta ainda o documento que a necessidade de investigação é grande porque o número de substancias radio-ativas é grande, sendo que muitas delas ainda não foram identificadas.

Os Nervos Pegando Fogo

Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o periodo menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sôbre temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invàriavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importancia do premio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo tres fôlhas datilografadas, tipo oficio, em espaço dois, e no máximo oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na pagina final do mesmo. No caso de usarem pseudonimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do premio. É desnecessaria a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As caracteristicas dos contos selecionados devem ser dramaticidade, interesse humoristico e pitoresco da narrativa, qualidades literarias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhavel desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem caracteristicas proprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

VAQUEIROS DO NORDESTE

Os ABCs de Boi Espacio, do Boi Barroso e da vaca Burel. — A noite, no êrmo das estradas, êles cantam suas dôres, a tristeza e o amor aos bois. — O cavalo, amigo de tôda a vida. — "Sou tangedor de gado. Boiadeiro é meu patrão". — Onde entram Euclides da Cunha e Josué de Castro. — Os filhos sucedem aos pais.

Reportagem de DARWIN BRANDÃO (Especial para "REVISTA DA SEMANA") Fotografias de GERVASIO BATISTA

O rapaz, orador e poeta, faz um discurso para os vaqueiros, e êstes, com a garrafa de cachaça correndo de boca em boca, dão vivas, alegres e contentes, embora não entendam uma só palavra do que o rapaz diz. Muitos nem mesmo percebem que há um orador falando. Era numa exposição de pecuária, realizada na capital baiana. E o rapaz continua. Fala da beleza do trabalho dos vaqueiros, ao ar livre, vê poesia e romantismo em tudo isto. E os vaqueiros, embora saibam que tudo aquilo é besteira, não entendendo uma só palavra do orador, batem palmas e mostram-se contentíssimos.

Assim são os vaqueiros do Nordeste. Simples, bons e ingênuos. Nesta mesma exposição, realizada no começo dêste ano, um meu amigo, advogado, num almoço oferecido à imprensa e às autoridades, pelos expositores, chamou-me a atenção para a simplicidade e as atitudes quase infantis dos vaqueiros. Os vaqueiros tiveram sua festa, que constou de uma feijoada, comida em pé e cachaça. Depois, a distribuição de charutos pelas autoridades, as fotografias "oficiais" e, por fim, em pagamento, realizaram o "aboiado" para os presentes. Pois bem. Fazia gosto se ver um vaqueiro daqueles, homem robusto, sério, rude, desfazendo-se em risos e mesuras por causa de um charuto e de um gole de cachaça.

São bem ingênuos, realmente, os nossos valentes vaqueiros. Ao menor agrado, se desmancham em risos e agradecimentos, dão vivas e são capazes de beijar o chão.

EIA! BOI

No sertão bahiano, o espetáculo oferecido diàriamente pelo vaqueiro é dos mais interessantes para os turistas ou visitantes, passando, como é comum, despercebido aos moradores da terra. Na cidade de Feira de Santana, êste espetáculo pode ser apreciado em toda a sua plenitude. Alí se realiza a maior feira de gado do Estado da Bahia. A feira é realizada na segunda-feira. No domingo, à tarde, pelas estradas, pode-se observar os vaqueiros, trazendo os seus rebanhos, para os currais onde, no outro dia, serão vendidos. Quase sempre centenas de bois, que formam manchas enormes na planicie. Na frente, comandando essa verdadeira tropa, vem um vaqueiro apenas, que é o guia. Os animais, vêm passo a passo, sonolentos, embalados talvez, pelo canto do vaqueiro. E o "aboiado". O vaqueiro da frente, quase sempre descansando sôbre a sela, tira notas harmoniosas e tristes da garganta. E os de trás, que tocam os animais, também cantam, formando assim um côro interessante. O "aboiado" é lento e compassado. Uma cantiga imensamente triste. E os bois marcham ao compasso do "aboiado". E' bonito, êste canto despreocupado, em plena estrada. O vaqueiro põe toda a sua alma nestas canções. Elas refletem suas lamurias, suas lutas, atrás da rez bravia, dormindo na beira das estradas ou armando suas rêdes nos galhos das árvores, o abandono da familia, a cabrocha cheirosa. O "aboiado" guarda os impenetráveis mistérios da alma do vaqueiro. Não têm letras. Apenas uma sucessão de sons e notas, com uma harmonia que faz gosto. O vaqueiro, para "aboiar", faz uma concha da mão, colocando-a na boca, como os "pistons nasais", e um dedo no ouvido. O melhor "aboiado" é o que tem mais "voltas", como diz o vaqueiro, e geralmente é o mais triste.

Este é Filomeno, campeão dos "aboiados" na Bahia. Cabocio baixo, musculoso e sempre alegre é filho de um vaqueiro e seu filho tambem já se iniciou na "arte". As vezes, no entanto, quando vem trazer o gado para a cidade, Filomeno tem momentos de tristeza, o olhar perdido no espaço. Saudades do sertão...

O "ABOIADO COM POESIA"

Os vaqueiros sempre fôram os grandes cantores e trovadores do sertão. Sobre o assunto, há um grande número de livros, de coletaneas de versos e trovas, como os de Luís da Camara Cascudo e de Prado Ribeiro, êste último sôbre os vaqueiros do sertão baiano. Antigamente, os vaqueiros cantavam seus desafios nas feiras livres e os famosos "abecês" corriam todo o Nordeste. Prado Ribeiro, transcreve todo o "abc" do boi Estrêla, resultado talvez do forte espírito de imaginação do vaqueiro:

"Agora todos escutem
O A. B. C. que eu vou cantá.
Que o Estrêla tão afamado
Inda não tá no currá.

Berra e zomba dos vaqueiros,
Dos vaqueiros mais valentes,
Correndo é nem que veado,
Que inda dá cabo da gente".

E assim transcorre toda a história do boi Estrêla. Com todas as letras do alfabeto.

Há outras histórias de famosos bois, lendários, como o Boi Espacio, Boi Barroso, Boi Surubim e a Vaca Burel, sôbre os quais foram feitos verdadeiros romances em versos, que eram repetidos pelos vaqueiros, nas casas dos "coroneis", nas vaqueijadas, nos desafios e nas noites de São João. Eis o que diziam do Boi Espacio:

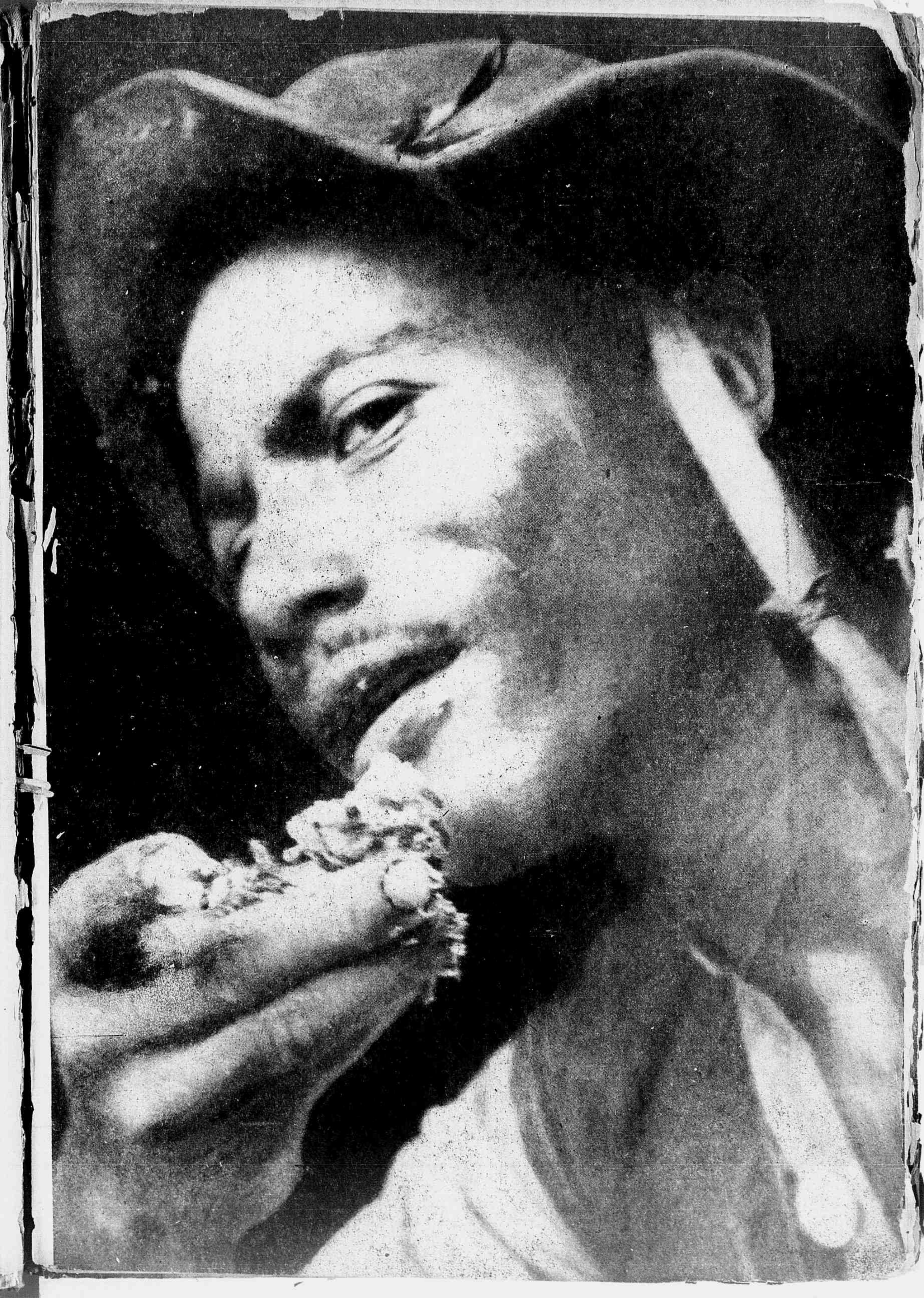
"Os cascos do Boi Espacio
Deles fizeram canôas,
Para passar marotos
Do Brasil para Lisbôa".

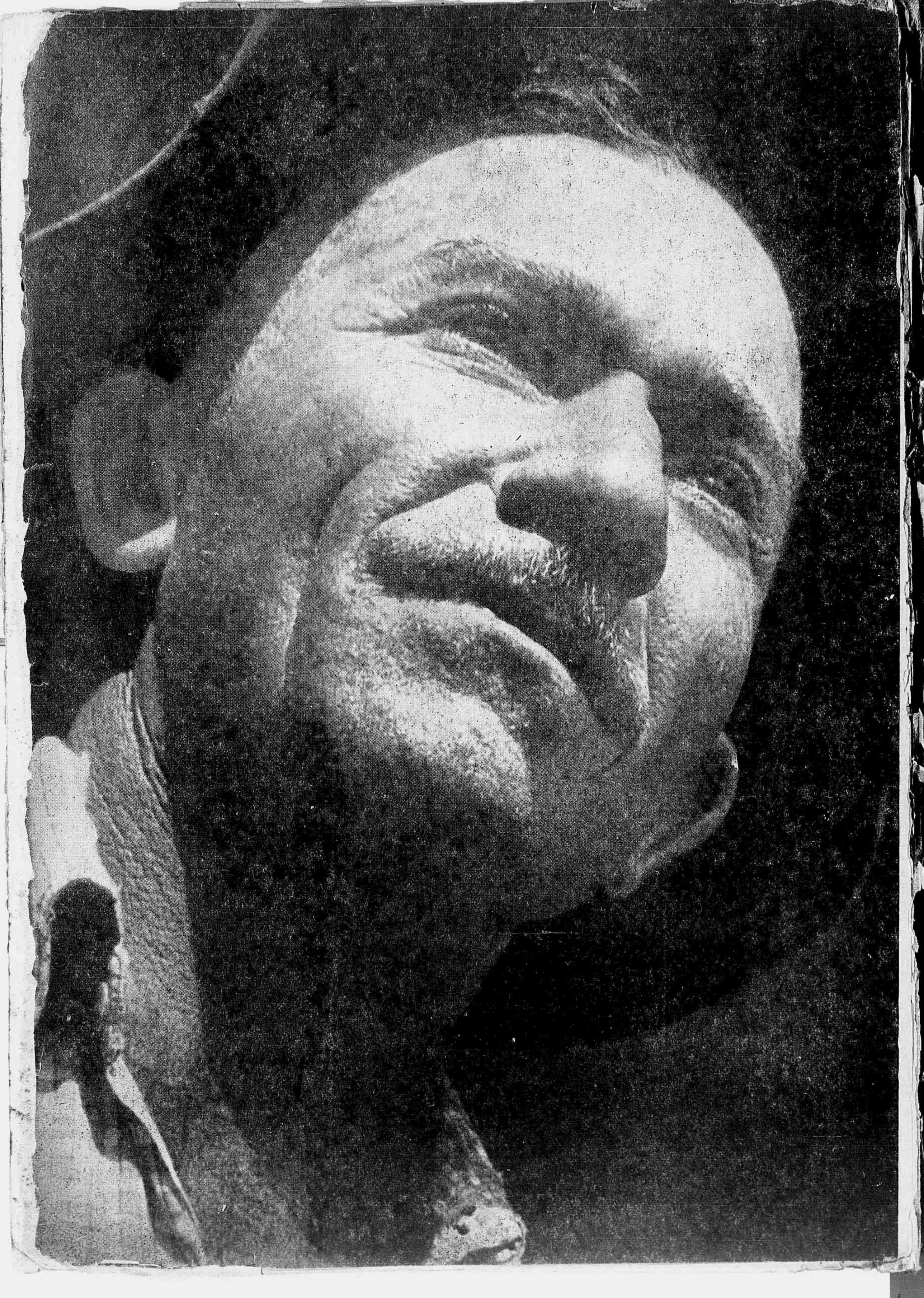
Hoje, no entanto, êste prestígio dos vaqueiros está morrendo, isto é, o prestígio como trovadores. Os "abecês" se tornaram um negócio e já não são mais feitos pelos sertanejos. Os vaqueiros, no entanto, não perderam a qualidade de repentistas. Embora prefiram sempre vaqueijar com o "aboiado", sem letra, êles têm também o que chamam de "aboiado com poesia". São versos improvisados. Às vezes, conversando com pessoas estranhas ou mesmo com o patrão, para distraí-las, fala em versos, arranjando rimas para tudo. Filomeno, vaqueiro do pecuarista baiano Helio Guertzenstein, é um dos maiores aboiadores" de todo o sertão da Bahia. Tem tirado vários prêmios realizados em concurso na capital. Do vaqueiro João Calixto dos Santos, na Exposição de Ondina, colhi alguns versos, cantados pelos vaqueiros em suas viagens, quando descansam à sombra de alguma arvore. Este, por exemplo, reflete toda a modéstia dêles:

Na página ao lado, ao alto: Um avião, em pleno sertão é coisa multissimo rara. Filico nunca viu um destes aparelhos. E quando o avião passa, êle olha espantado para cima, medindo a distancia e fazendo planos. O cavalo também fica espantado com o ronco. Em baixo: O vaqueiro trabalha tanto como qualquer outro assalariado rural. No seu cavalo ele corre pelas campinas ou quando na fazenda corta a ração para os animais de cocheira. Na sêca é ele tambem quem procura água para a boiada ou corta plantas de raizes úmidas. E' sempre um homem disposto para o trabalho.

←

Lilico, vaqueirinho de 9 anos de idade, é filho de Filomeno, o campeão dos "aboiados". Ele não conheceu os bancos escolares, mas sabe "tirar" versos, sabe os "abcs" dos dois famosos e monta em pelo nos cavalos, correndo livre pelos campos, satisfeito da vida. Na página ao lado: Os vaqueiros se alimentam quasi sempre de passoca de xarque e farinha de mandioca. — Em baixo: A pecuária é a principal fonte de riqueza do sertão baiano. Este é um aspecto do curral de uma fazenda, com o gado de córte pronto para ser vendido. O fazendeiro ganha rios de dinheiro neste negócio rendoso e o vaqueiro vive sempre na miséria, possuindo apenas a roupa do corpo.





O vaqueiro não escova o boi sómente porque isto significa seu trabalho e obrigação. Este trabalho é feito com carinho, que demonstra o amor do homem pelo animal. Ambos — vaqueiro e boi, — criados soltos no campo, se identificam sempre como amigos. Na página ao lado: O vaqueiro balano é simples, bom e ingênuo. São homens sérios, mas de uma vez por outra mostram que sabem rir — um riso franco e sincero. Em baixo: A rêde acompanha o vaqueiro em tôdas as suas peregrinações. Nas longas viagens, ele a estende nos galhos das árvores e na fazenda ela é estendida mesmo no curral. Aqui um vaqueiro descansa depois de chegar à feira.

Confeitaria

Colombo

O ponto de reunião

da elite carioca.

Rua Gonçalves Dias, 32/36

Av. N. S. Copacabana, 884/90

O "aboiado" é um canto triste e bonito, que se ouve nos campos e nas estradas do sertão baiano: canto de saudade e de sofrimento. Com um dedo no ouvido, o chapéu substituindo a concha da mão, as veias dilatadas, o "vaqueiro" lança no ar o seu "canto".

"Você me chama boiadeiro,
Boiadeiro não sou não;
Sou é tangedor de gado,
Boiadeiro é meu patrão".

O carinho do vaqueiro para com os bois é tão grande, que eles chegam a imaginar conversas, em seus versos:
"Minha vaca laranjinha,
Seu bezerro quer mamar;
Tem paciência bezerro
Deixa o vaqueiro chegar".

Este outro verso, mostra a saudade do vaqueiro, quando é obrigado a deixar a terra natal:

"Minha terra, minha terra,
Ela lá e eu aqui;
Os anjos do céu me levem
Prá terra onde nascí".

Em versos como êste, traduzem as suas dores e tristezas:

"Lá vai a garça voando,
Com as penas que Deus lhe deu;
Contando pena por pena,
De mais penar padeço eu".

O CAVALO, AMIGO FIEL

Esta beleza do trabalho do vaqueiro é uma ilusão de primeira vista. Seu trabalho é como de qualquer trabalhador do campo. E' êle quem corta a ração para o gado e quem é responsavel pelo desaparecimento de qualquer cabeça. Nos tempos da sêca é quem procura plantas para bois comerem, plantas com as raizes úmidas, etc.

O vaqueiro se apresenta sempre, principalmente quando montado, vaqueijando, um uniforme todo de couro. Desde o grande chapéu, até o sapatão grosso e bruto. As luvas e o colete também são de vaqueta. Assim guarnecido por esta roupa, que nos faria suar, com apenas cinco minutos, o vaqueiro enfrenta o chifre ponteagudo de uma rez, não a deixando fugir, tresmalhar. Muitas vezes, depois de uma longa viagem — isto acontece sempre à porta do curral — um garrote ou uma novilha mais arisca cisma em não entrar e larga-se campo afora. E o homem cansado, dá de redeas no cavalo e "parte" atrás. E' uma corrida louca. O cavalo, colaborador indispensavel do vaqueiro, parte como um cão perseguindo a caça. E' uma verdadeira corrida de apostas. A rez, em louca disparada, procurando ganhar a liberdade, e o vaqueiro baixo em sua sela, com os pés apertados na barriga do cavalo, querendo tomar sua frente. A sorte do vaqueiro nêste momento está entregue ao cavalo. Se êste tropeçar, êle terá talvez a morte certa, partindo o pescoço. Mas o vaqueiro não pode pensar em nada disto. Tem que cercar a rez. Quando a alcança, quando rez e cavalo estão aparelhados, o vaqueiro enrola o cabo do animal na mão e puxa contra si. A rez perde o equilíbrio e cai.

Os vaqueiros ganham sempre salários bem baixos. Mas, seus

As figuras principais de nosso sertão: o vaqueiro e o boi, num sugestivo flagrante.

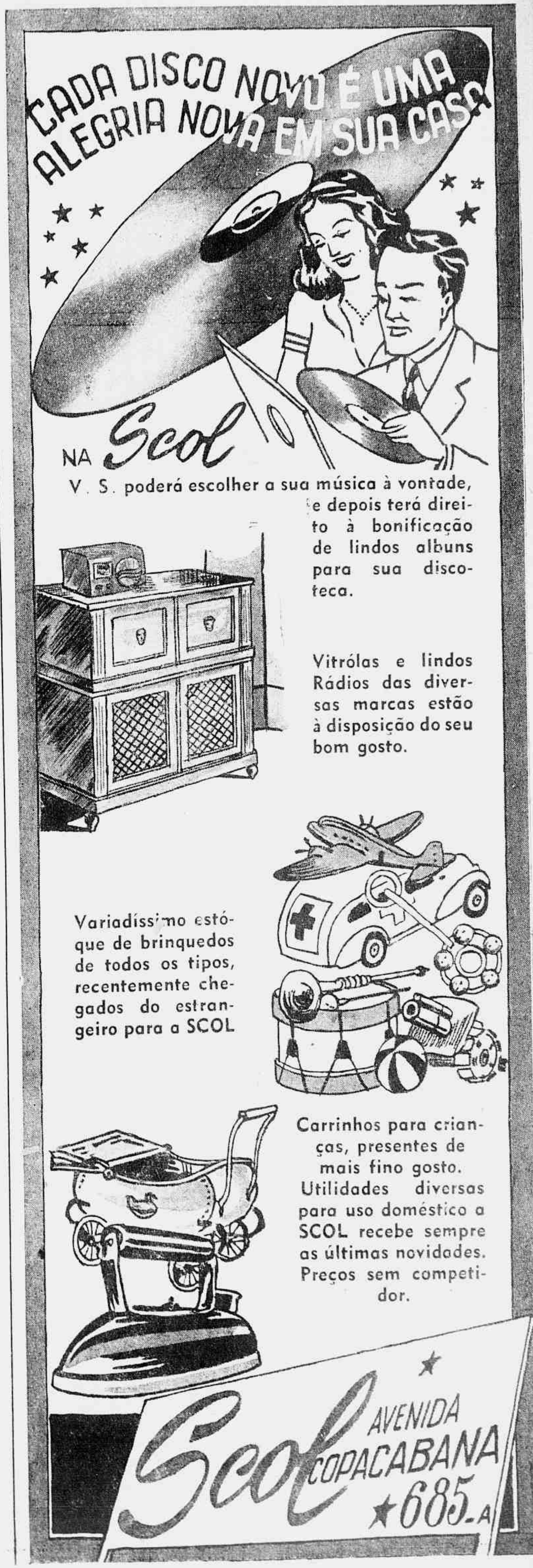
poucos e miseraveis cruzeiros ficarão no bolso do fazendeiro, presos ao "barracão". Assim é comum ver-se vaqueiros trabalhando anos seguidos para o mesmo patrão; seus filhos, tomando lugar, na mesma trilha. São homens que jamais poderão ter sua independência, jamais poderão abandonar a fazenda, para ir a procura de um outro patrão que lhe pague melhor. Será sempre um devedor do "barracão" e, como tal, não poderá sair. Trabalhará toda a sua vida, nunca mudará, pagando sempre a mesma dívida, que nunca diminúi.

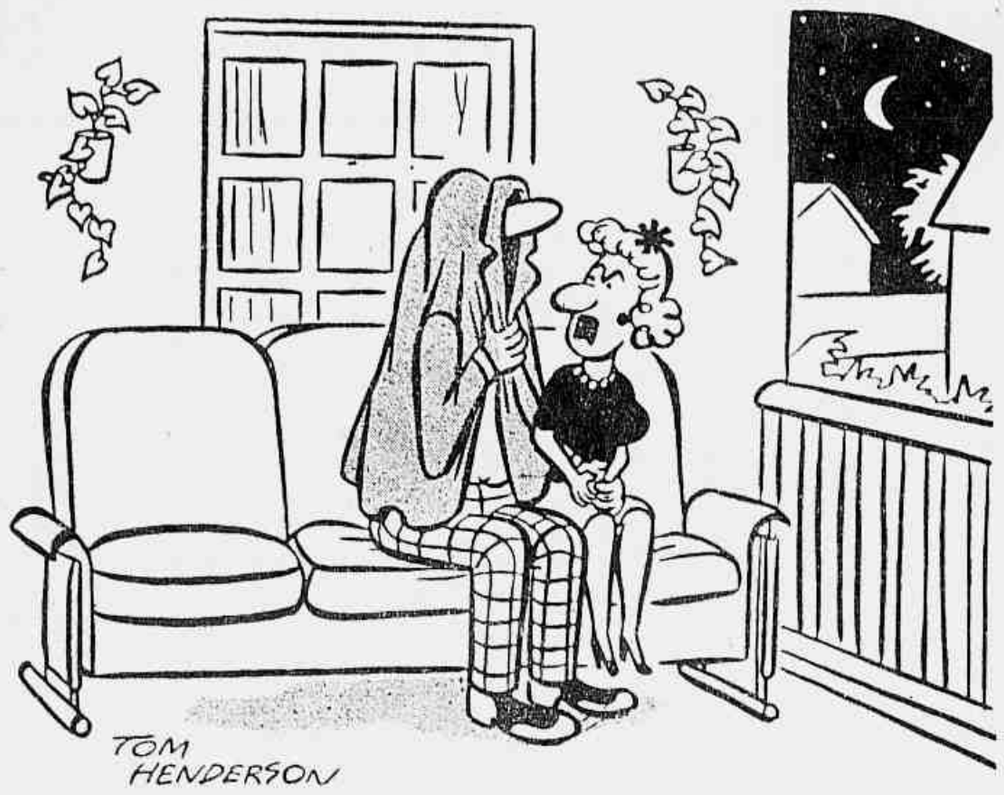
ONDE ENTRAM EUCLIDES DA CUNHA E JOSUE' DE CASTRO

O sertanejo brasileiro e, por conseguinte, também os vaqueiros. Têm servido até agora, apenas para motivo de futeis poemas "sertanistas", para serem admirados como exemplo de bravura e para serem explorados.

Isto com rarissimas excessões, dentre os quais sobressaem Euclides da Cunha e Josué de Castro. O primeiro, grande sociólogo acima de tudo, estudou em "Os sertões" o homem do campo em todos os seus aspectos e clamando, também, por maior assistência para êle. Josué de Castro, em sua "Geografia da Fome", estudou, pela primeira vez em nossa terra, minuciosamente, o problema da fome no sertão, que até aqui vinha sendo um tabú. Em ambos os livros, a verdade é pura. E' completa a falta de assistência ao nosso homem do campo, assistência esta que já goza, embora que ainda insuficientemente, o trabalhador da cidade. O vaqueiro do Nordeste come pessimamente. E' um eterno sub-nutrido. Embora lidando com o gado raramente experimenta o gôsto de um pedaço de carne verde. Seu alimento principal é passoca de xarque, que no Norte é chamada de carne do sertão. Do xarque socado, com farinha, resulta uma pasta que é a alimentação de nosso vaqueiro, homem que trabalha de estrêla a estrêla, correndo pelas campinas. De noite, quando em viagem, dorme na beira das estradas ou na rede, que sempre o acompanha, estirando-a sôbre os galhos das árvores.

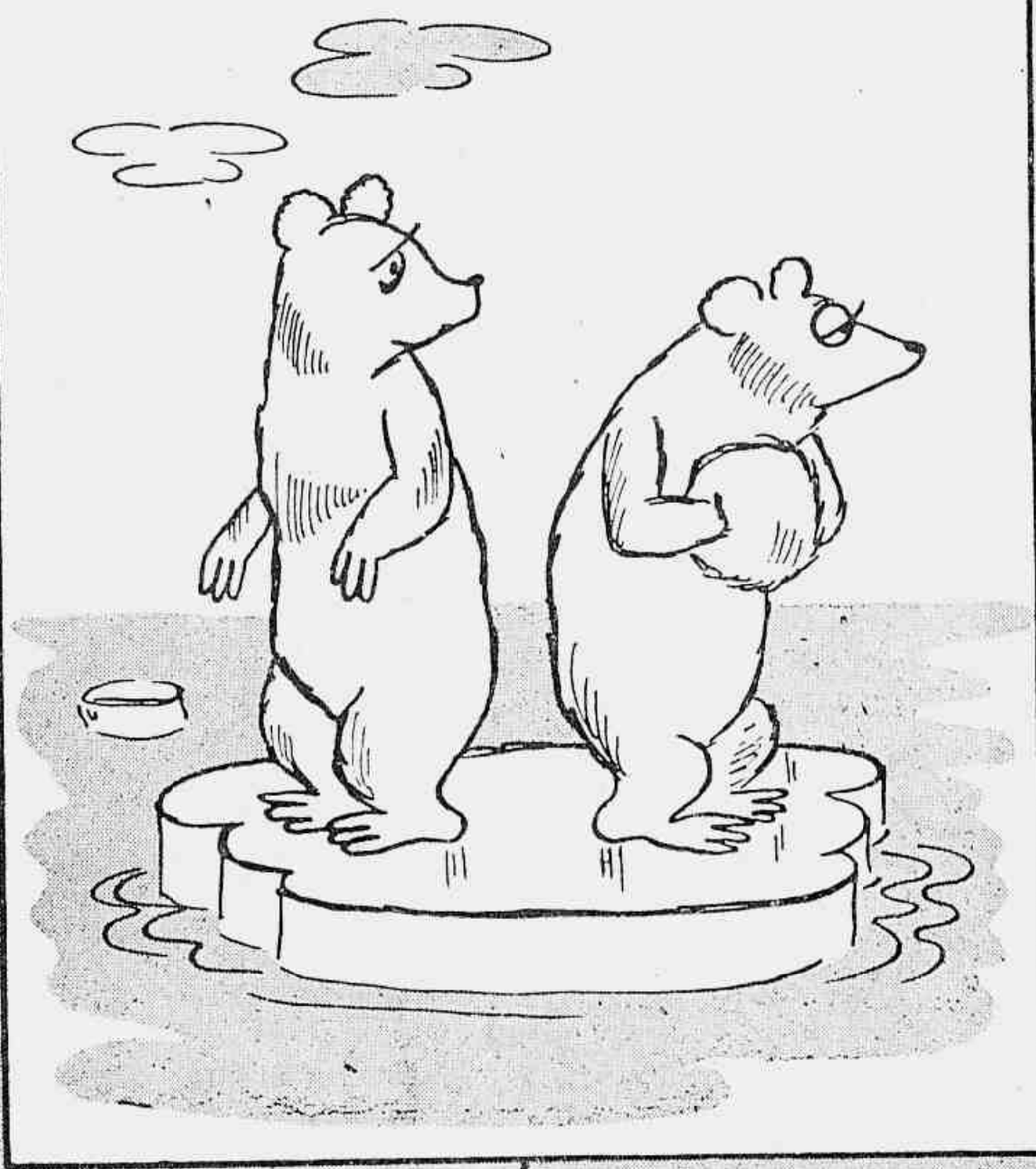
Com pouca idade, ainda sem escola, os filhos dos vaqueiros vão aprendendo os ensinamentos da profissão. Ao invés de um uniforme de colégio, ganham logo um "liforme" de vaqueiro. Ao invés do "abc" escolar, aprendem a cantar os "abcs" dos bois famosos, a montar nos cavalos em pêlos. E assim vão êles crescendo, seguindo o caminho dos pais, ocupando mais tarde o lugar dêles. Esta será sempre uma família de vaqueiros.

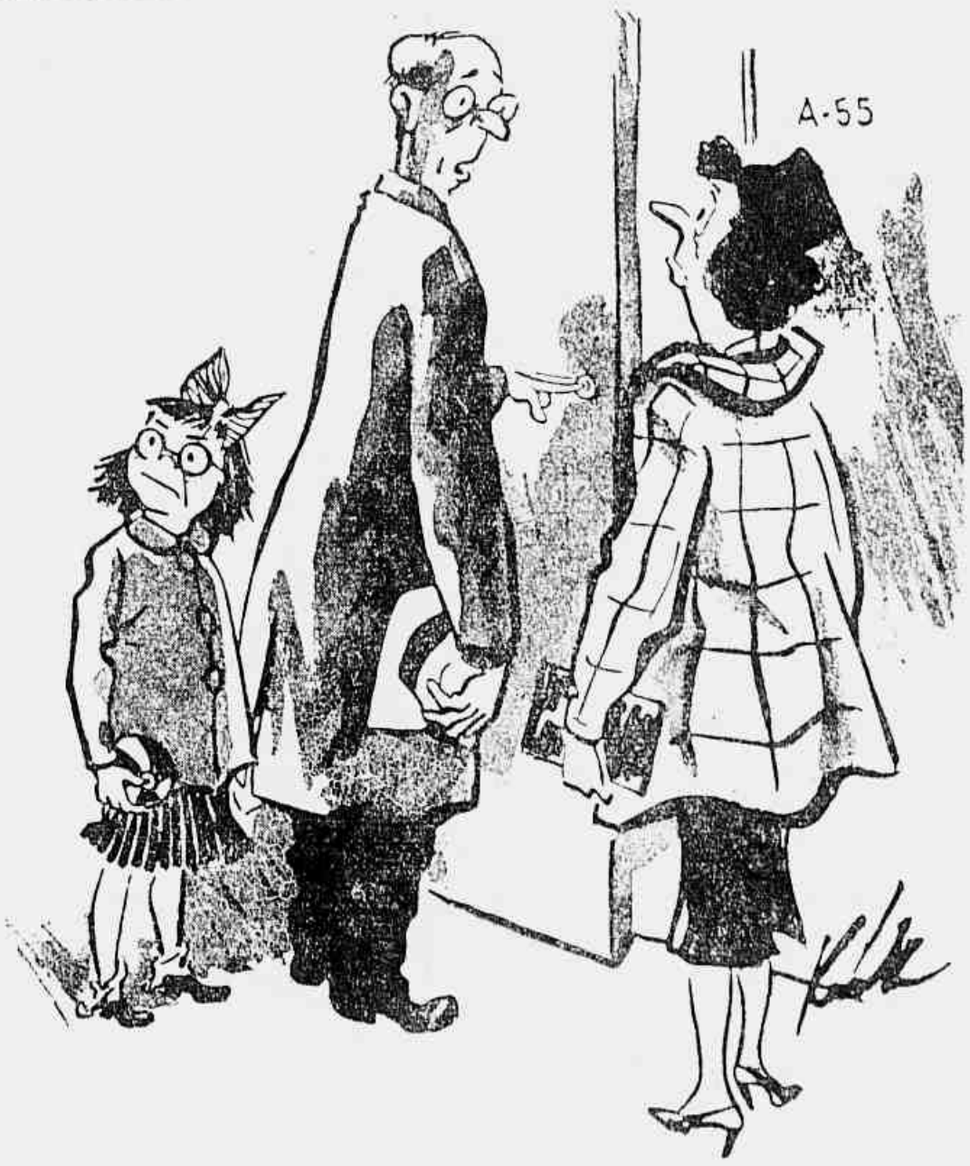




— Nunca pensei que você adquirisse êsse hábito horrível, depois de haver comprado uma máquina fotográfica digna de um museu!

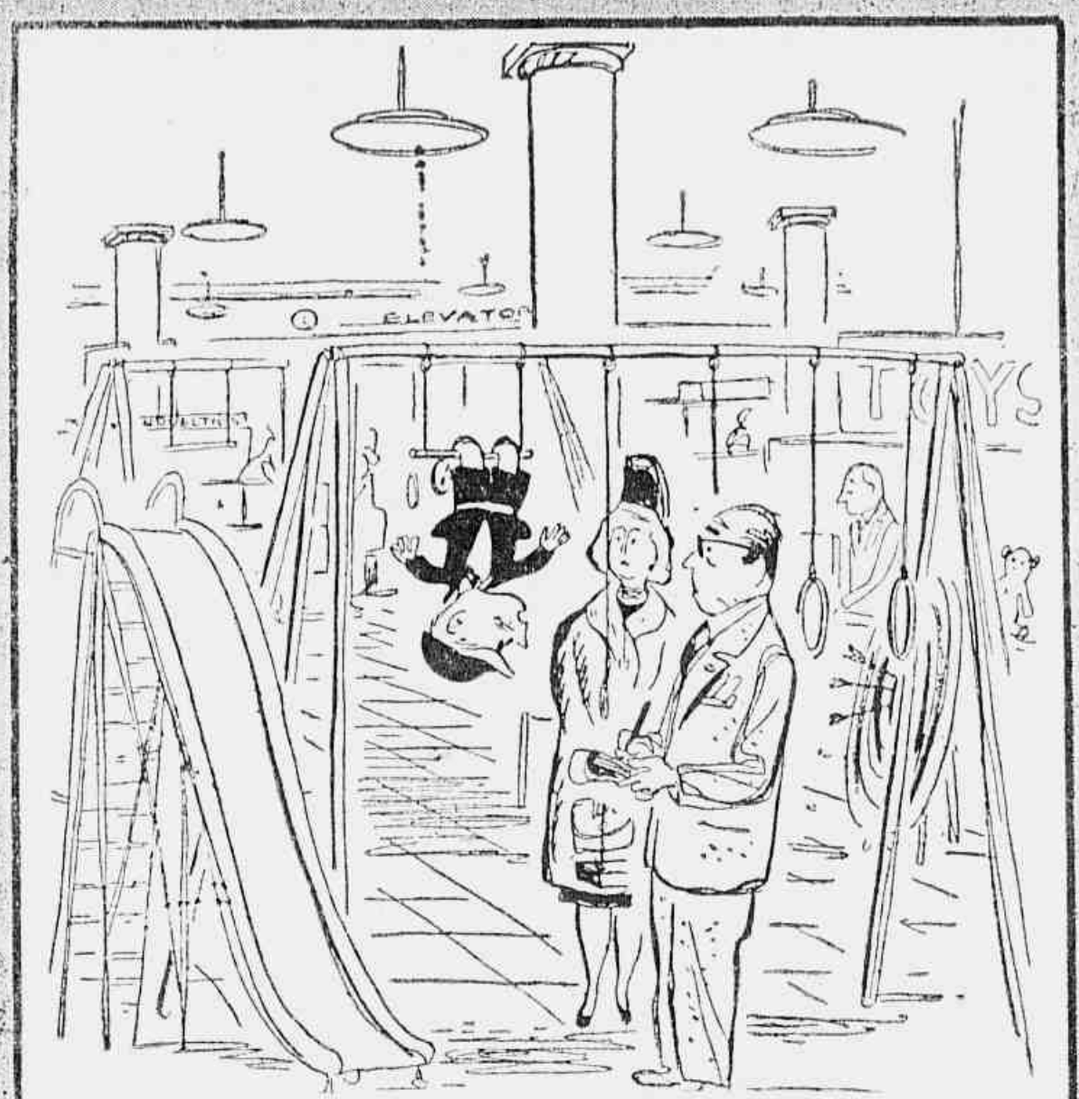
— Oh, é lindo! E' muito lindo, Etelvino!



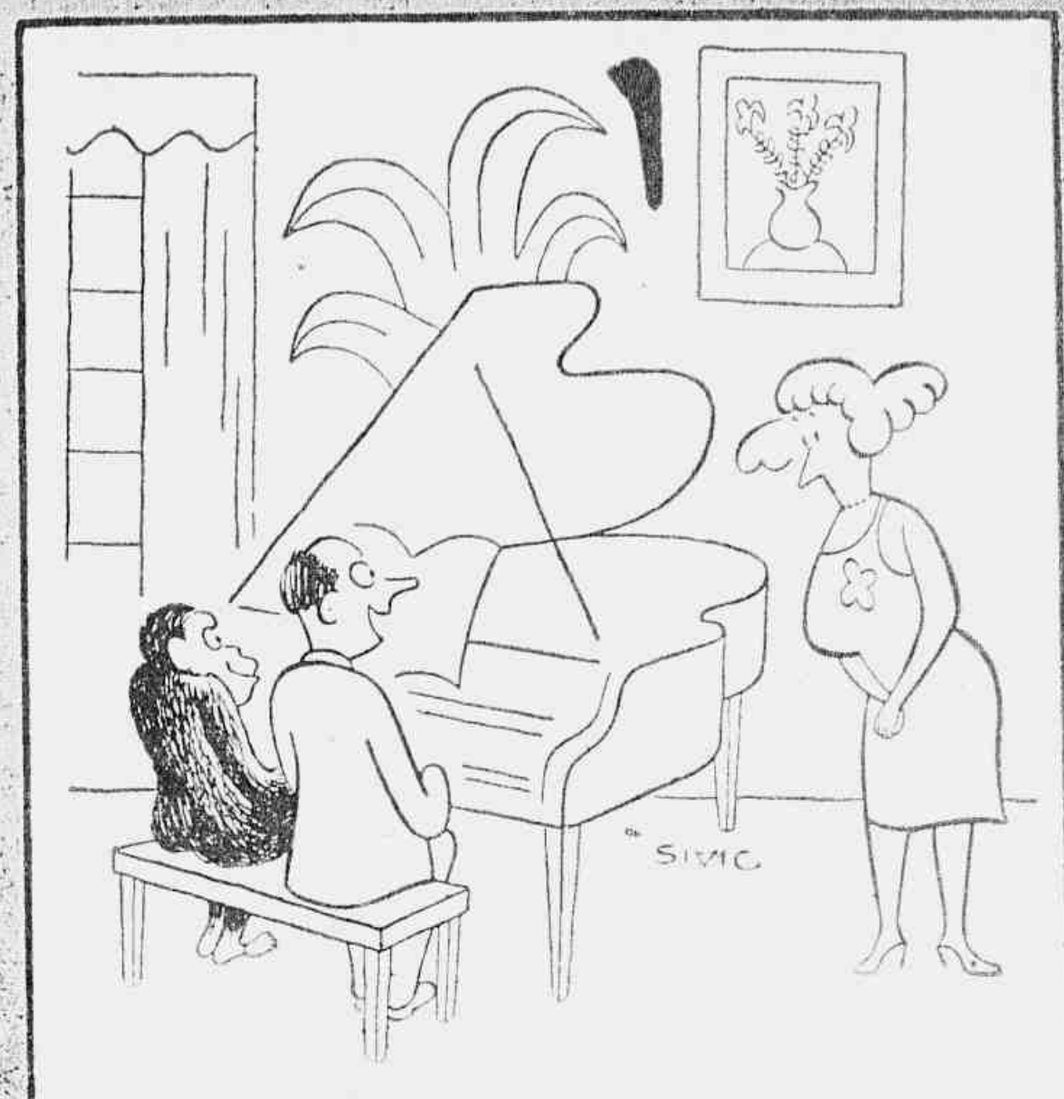


— Antes de entrarmos, resolva logo... Vamos ficar com nosso genro três dias, três meses ou três anos?

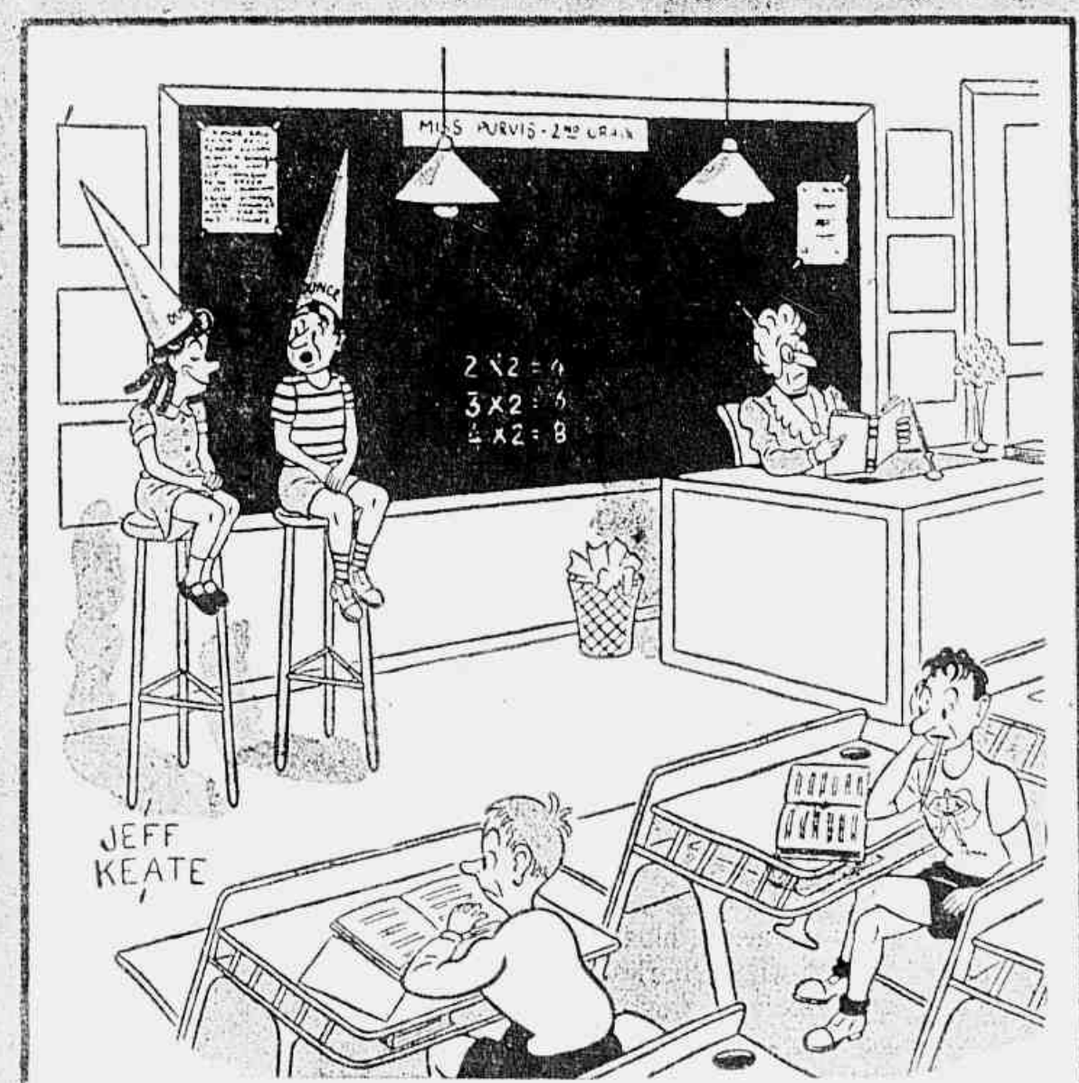
— Não tenho pressa!



— Bem... não sei... Deixa experimentar o tobogan outra vez?

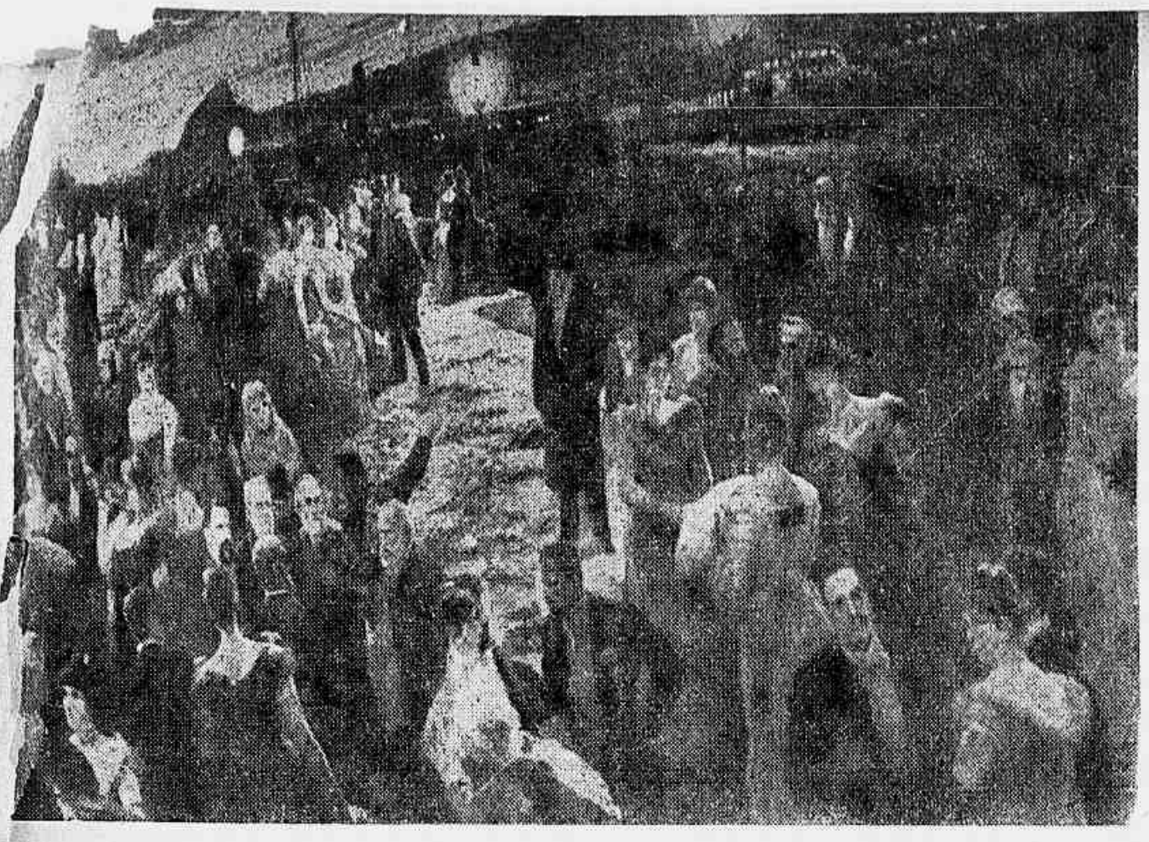


— Quer ouvir uma peça absolutamente inédita, arranjada para quatro mãos?



— Afinal, Celeste, você se convence ou não se convence de que temos alguma coisa em comum?

— Um anel de noivado, por favor... Estamos loucamente apaixonados e fazemos questão de não esconder isso a ninguém...



A' esquerda: O quadro de Aurélio de Figueiredo, "O Baile da Ilha Fiscal", mostrando os personagens do Império no seu primeiro plano. A' direita: A Ilha Fiscal, como era outrora.

NOS ÚLTIMOS DIAS DO IMPÉRIO

A CEIA DO BAILE DA ILHA FISCAL

Por VIRIATO CORRÊA
(Da Academia Brasileira de Letras) — Especial para "Revista da Semana".

O baile da Ilha Fiscal, o célebre baile que marca a agonia final da monarquia, não foi sómente o maior de todos os bailes que já se realizaram no Brasil, foi ainda aquele em que mais se ostentaram abundância e requintes de mesa.

Quem passar os olhos pelo cardápio da ceia servida na grande festa que, na noite de 9 de novembro de 1889, o gabinete Ouro Preto ofereceu a oficialidade do encouraçado chileno "Almirante Cochrane", tem a impressão de que o espírito daquele voracíssimo comilão que se chamou Vitelius desceu dos infernos para se encarnar na pele dos organizadores do baile.

E' incrivel o que se comeu naquela noite. Parece que a antiga Confeitaria Pascoal, que era, na época, a mais famosa das confeitarias brasileiras, não quis apenas servir um bom freguês como o governo, que não é pechincheiro, mas também fazer uma demonstração espetaculosa das suas capacidades culinárias. O menú, apresentado à gulodice dos convivas, é de uma copiosidade assustadora. Parece que foi feito para matar a gente de indigestão.

Nada, nada que um apetite requintado pudesse exigir, foi esquecido. Havia de tudo; serviços volantes de bebidas, com refrescos de todas as cores e de todos os sabores, cerveja, águas minerais, conhaques caríssimos, champanhes fumegantes de champanhe, vinhos de marcas surpreendentes e uma infinidade provocadora de sorvetes de várias colorações.

Havia serviços volantes de gulodices mastigaveis: sanduiches as mais esquesitas, biscoitos finissimos, petits-fours, gateaux de vários gostos, torradas, o diabo. Havia a ceia propriamente dita. Assombrosa! Nada mais nada menos de quatorze pratos.

O menú era em forma de livro. Um livrinho de doze páginas. A primeira página — a capa — é feita a cores: em cima as bandeiras do Chile e do Brasil entrelaçadas, com estes dizeres: **Homenagem ao Chile**; em baixo a gravura do palácio da Ilha Fiscal.

A segunda página é inteiramente em branco. E na terceira que vem o oferecimento da festa com estas palavras: "A' oficialidade do encouraçado chileno **"Almirante Cochrane"** — o Presidente do Conselho de Ministro de Império do Brasil, Visconde de Ouro Preto.

Na quarta página não há palavra alguma. Na quinta, a única palavra que existe é esta — **Menú**. A sexta é a

BUVETTE

Sirops glacé variés
Lait d'amandes à la vanille
Punch au Champagne de Suéde
Liqueurs assortis
Biers
Eaux de Selts
Tpollinaire au Birresbors
Cognacs
Vins: Sherry — Madére — Rhin
Malaga — Moscatel
Maceto — Bianco

Na sétima página vem o

SERVICE

Sorbets de crême et fruits — Motoneles
Gaufres de Vienne
Thé vert et noir — petits-fours essortis
Gateaux fins aux Andes
Pain grillé — Glace moulées variées
Croquenbouches aux roses
Ponche a l'Almiral — Ponch ou Kirsch
Petites bouchées à la Normande
Sandwiches assortis
Pains mignons au foie gras
Cuissot de faisan à la Chilienne
Filets de mulan farcis
Cromequis à la Princesse

Na oitava página, é que o livrinho revela a ceia pròpriamente dita, com o seu verdadeiro

MENU

Potages: crême à la Richelieu et purée à la Reine
Poisson: badéjo, marrete, bijupirá
Chartreuse de perdrix à la prairie
Langue escarlate gelée à la anglaise
Jacutingue e pombos selvagens a la Guanabara
Gelatine à la Province de Minas Gerais
Veau à la siberiene
Mayonnaise à la imperiale
Jambon
Dindon à la brésilienne
Salade historique

Contem. Com as duas variedades de sopas e as três de peixes são quatorze os pratos.

E há mais a sobremesa:

Grand pudding à la Diplomate
Crême au chocolat et aux violettes
Manger du Paradis
Gelée Macedoine aux fruits
Charlotte Russe
Fruits — Marrons glacés
Bonbons riches et Marquis
Fruits fondants — Piéces montées
Cossaques — Surprises, etc., etc.

E' na nona página que aparecem os

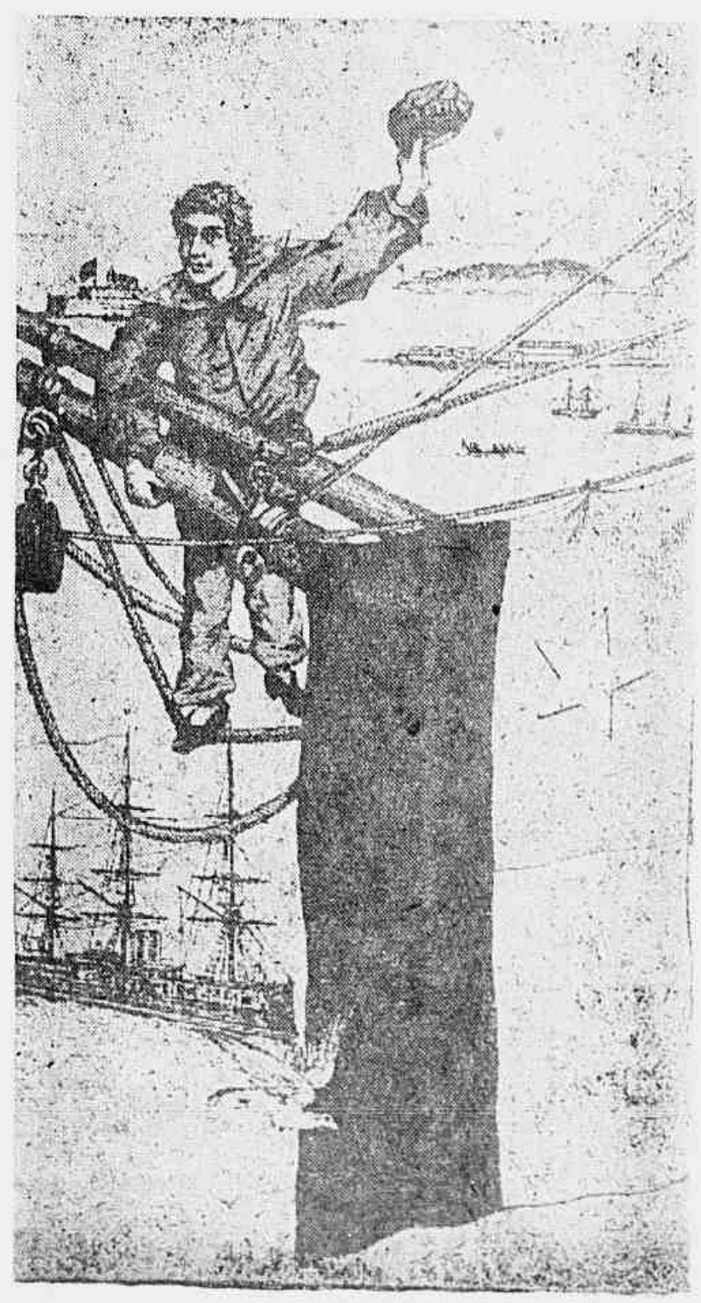
VINS

Champagne: Clicquot, Heidsiech Nenopol, Heidsiech Primum, Dry L. Rocderer
Madére, Sherry, Grec Blanc Marsala, Haut Sauternes, Chateau Yquem, Johannisberg, Liebfraunilche, Marcobrunner, Austelese Chablis, Moscato, Passito d'Asti, Pontet Canet, Margraux, Chateau Lafitte, Chateau Leoville, Chateau Becherel, Chateau Dupleissis, Falerno, Lacrime Christi, Madére rouge, Chambertin, Pomard Nuts, Romanée, Visconte Viller D'Allen 1834, Vieux Exposition e Extra Special.

Havia a lista dos vinhos doces para as damas:

Moscatel
Moscatel de Siracuse
Tocay Constance
Mousseaux
Mosel Mousseux
Lacrimi Christe

(Cont. na pág. 107)



A' esquerda: A primeira página do "menú" da incrivel ceia da Ilha Fiscal, a última grande noite do Império.. A' direita: última página do "menú" da ceia em homenagem à oficialidade chilena do "Almirante Cochrane"

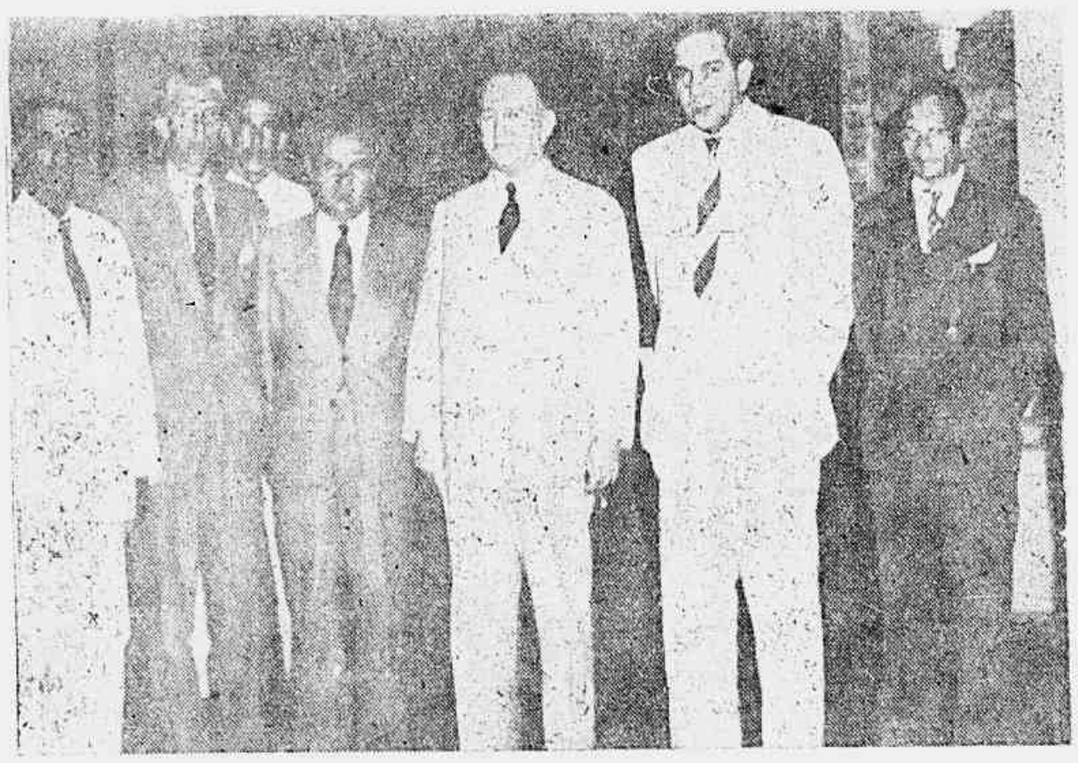
INTELIGENCIA E AÇÃO A SERVIÇO DA PATRIA

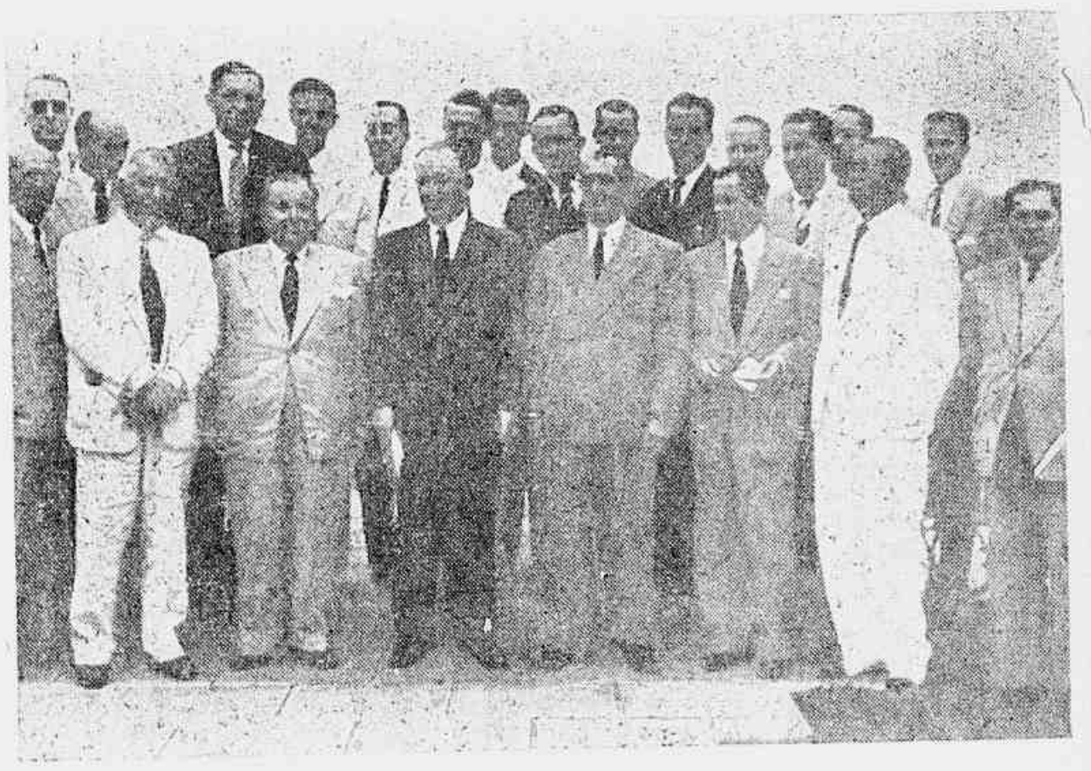
Flagrante colhido por ocasião da reunião dos presidentes das Comissões Estaduais de Preços.

FIXANDO nesta página alguns aspectos da ação verdadeiramente dinâmica que o Sr. Morvan Dias de Figueiredo vem desenvolvendo na execução do programa de realizações que se traçou ao assumir as elevadas funções de Ministro do Trabalho, não nos anima outro propósito que não seja o de fazer ligeiras apreciações sôbre a operosidade realmente notável do homem a quem, acertadamente, foi confiada a direção de um dos mais importantes e complexos setores da alta administração do País.

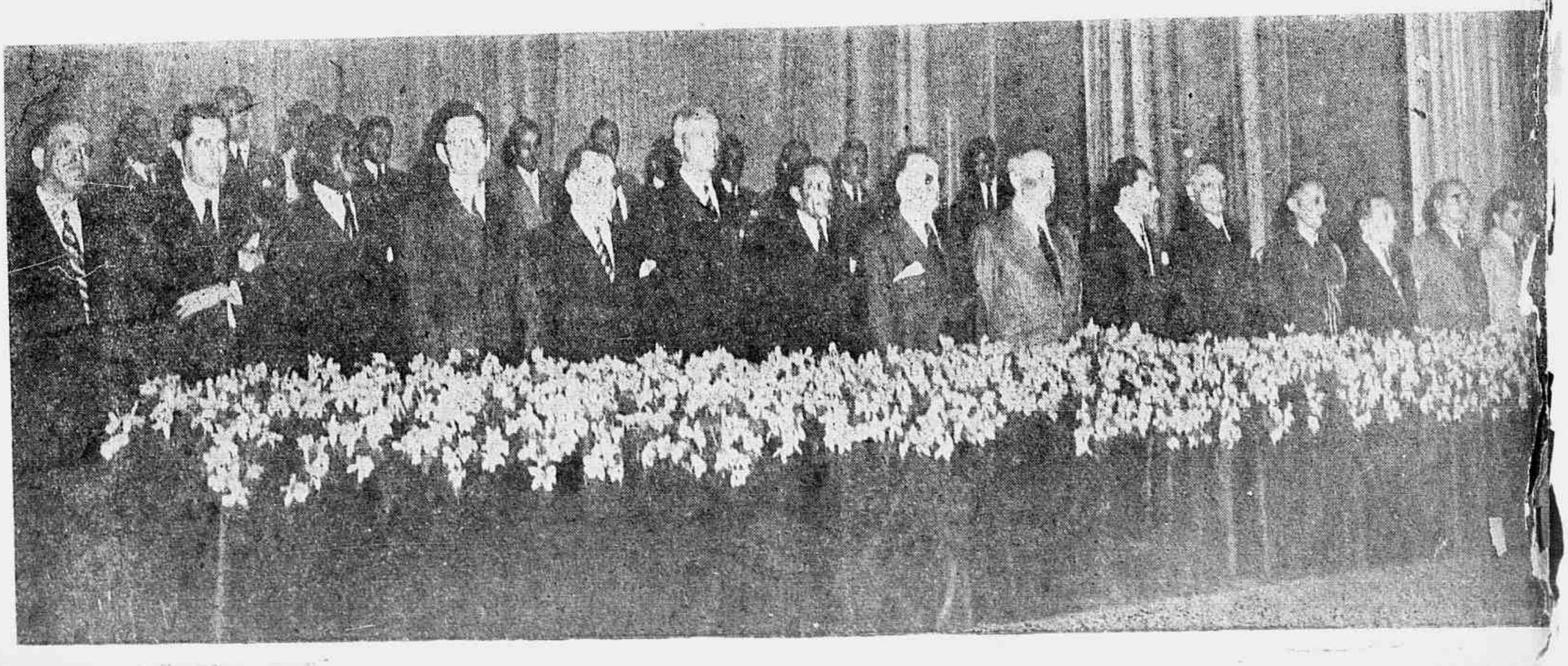
Consideramos pouco expressiva a idéia que oferecemos hoje aos milhares de leitores desta revista, do labor incessante do Ministro Morvan Dias de Figueiredo, por isso que, para ilustrar êste pequeno registro, apanhamos ao acaso meia duzia de aspectos da Campanha Ministerial que não traduzem senão muito palidamente o vulto da obra singular que ele vem executando aos impulsos de seu espírito esclarecido e amante de sua pátria. E não queremos encerrar estas considerações, sem destacar, como de justiça, o patriótico desinteresse com que o Sr. Morvan Dias de Figueiredo aceitou o Ministério do Trabalho, cujas despesas de representação absorvem por certo inteiramente os proventos do cargo, que ele sabe engrandecer e honrar, afastando-se inclusive da direção dos negócios das organizações fabrís que nasceram e prosperaram apoiadas na sua ação inteligente e no trabalho construtivo dos seus dignos irmãos Nadir e Zely Dias de Figueiredo.

S. G.





Ao alto, da esquerda para a direita: Grupo de Trabalhadores do Leste, vendo-se ao centro, o Sr. Morvan Figueiredo. Aspecto colhido durante a reunião no Ministério do Trabalho dos Presidentes de Federações e Confederações e Jornalistas.
Em baixo: Aspecto da instalação da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, vendo-se o Sr. Ministro do Trabalho, o Presidente da Camara Federal, o representante do Governo, o Chefe de Policia e altas autoridades civis e militares.



O Rio de Janeiro em 1897, pouco antes de aparecer a "REVISTA DA SEMANA"

O RIO DE JANEIRO HÁ CINQUENTA ANOS

O que era a cidade em 1897. — Ruas estreitas, sujas, desarborizadas. — Uma petição em versos de Arthur Azevedo — A iluminação. — Tipos populares.

Por Luís Edmundo (Da Academia Brasileira de Letras) Autor de "O Rio de Janeiro do meu tempo" e de "O Rio no tempo dos vice-reis".

O vendedor de sorvetes de há cinquenta anos.

O Rio de Janeiro de 1897 ainda conserva os característicos das modestas cidades portuguesas. Cresceu bastante, é verdade, desdobrou-se, estendeu-se, foi invadindo, resolutamente, a mataria do arredor, subindo morros, atravessando riachos, penetrando charnecas ou florestas, porém, guardando sempre os traços fundamentais da velha urbs colonial. E' uma cidade feia que se perde contudo, no mais formoso panorama criado pelas mãos do bom Deus, sobre a face da terra, esplêndido diadema de esmeraldas, topázios e ametistas sobre o qual se incrustasse uma pérola falsa, ou alguma pedra sem valor. Vista de longe é um encantamento, vista de perto uma ilusão. Alem disso, é insalubre, **rendez-vouz** melancólico das mais sinistras epidemias que nela dansam **sabats** frenéticos, abrindo cóvas pelos camposantos e os ponteando de cruzes. E' a residência de verão da varíola e da febre amarela. No estrangeiro o seu nome é execrado.

O carioca, porém, tranquilo e afeito ao ambiente onde nasceu seu pai e morreu seu avô, de qualquer modo, vive, mais ou menos feliz ou conformado, dia a dia, aumentando o número de moradores da cidade.

E qual a população do Rio, por êsse fim de século? Pelas estatísticas de 1890 o Rio era povoado por 522 mil habitantes. Devia ter, portanto, em 1897, uns 570 ou 580 mil.

Cidade cogumélo, havia já, num século, crescido de modo singular. O censo organizado em 1799 (vide tomo XXI da **Revista do Instituto Histórico**) dava, com efeito, para a capital do Brasil-colônia, uma população composta de 43.533 habitantes, dos quais, 29.794 eram negros e 14.533 brancos. Note-se bem a singularidade...

O preto há muito que se mostrava, não só no Rio de Janeiro, como em todo o país, em esmagadora maioria. No ano de 1830, pelas estatísticas de Brun, possuiamos, em todo o país, ... 3.993.000 pretos, para ..... 1.347.000 homens de raça branca! E o tráfico africano, que ainda continuou até meiados do século XIX, teve, ainda, que aumentar e, extraordinàriamente, a cifra.

O negro, desde os recuados tempos da colônia, está sempre em toda a parte, sobretudo no

campo, na áspera faina da mineração e da lavoura, lugar onde o português apenas vai arrecadar os lucros. De resto, é dele, sempre, ainda, os mais humildes e penosos serviços nas cidades. Ferramenta da colonização, o negro desprezado e submisso, o negro que trabalha 16, 18, e até 20 horas, diàriamente, não há negar, faz o Brasil.

Nos livros portugueses é comum publicar-se que Portugal povoou nosso país. Nada mais falso, nada mais fantasioso. Oliveira Martins, notável historiador luso, desfaz esse conceito, facilmente, quando afirma que Portugal, jamais, poderia povoar terras da América por lhe faltar o principal — materia-prima para isso. Com efeito. Basta consultarmos as estatísticas do Reino, pelo ano em que aqui fomos descobertos por Pedro Alvares Cabral, para constatarmos essa purissima verdade.

O velho Reino, então, possuia, pouco mais de um milhão de habitantes, quando se sabe (revelado pelos próprios cronistas portugueses do tempo da descoberta) que, pela costa do Brasil, afora, existiam para mais de quatro milhões de índios! E não se fala do **interland**, onde o gentio infestava. Mesmo que Portugal, portanto, com toda a sua população, se transportasse para cá, integralmente, em nossas veias não circularia, hoje, nem um quarto de sangue português.

Melhor que os cronistas lusos no declarar o que se afirma, estão as estatísticas, por êles mesmos feitas e publicadas, como as que se referem ao Rio de Janeiro que, pelos fins do século XVIII, bem como vimos, era o lugar onde os filhos do Reino gostosamente mais se reuniam.

Tão pobre era Portugal em gente para povoar as suas multiplas colônias na Africa, na Asia, na Oceania e na América, que para cá se mandava, até, a escumalha de todos os criminosos do Reino! Assassinos, ladrões, falsificadores de moeda, burlões etc., aqui chegavam em massa. Só ficavam na terra portuguesa, conforme se constata pelas **Leis das Ordenações**, réus de delitos leves: "os que nos arruidos não chamavam pelo nome del'Rei", os que benziam cães, os que blasfemavam e outros condenados por delitos menores. O resto era despejado no distante monturo da colonia.

Pelo ocaso do século XIX ainda conservavamos, na capital da República, um espesso remanescente de africanos caçados nos viveiros d'Africa e a ferros conduzidos para cá. Estão velhos, de carapinha branca. Vieram de Angola, da China, de Moçambique e da Costa da Mina. Os que contam algumas reservas de saúde, são carregadores, homens de recados, catraeiros ou vendedores ambulantes. Os outros, sem parentes ou amigos, sem casa onde morar, sem pão para comer, vivem alquebrados e enfermos às portas das igrejas, na exploração dos males cruéis que os invalidam. Cada adro de um templo, por essa época, é uma feira de velhos negros aleijados ou cobertos de chagas que, de mãos aflitas e estendidas, imploram em voz cansada e triste a caridade pública, pedindo **uma esmolinha pelo amor de Deus!**

ooo

A rua continúa, como sempre, estreita, suja e desarborizada. Passeios estreitíssimos, mal defendendo a fachada das casas, não oferecendo, ao transeunte, uma facil e cômoda passagem. São formados, esses passeios, por grossas e pesadas lages que se deslocam, muita vez, marcando fendas e anfratuosidades perigosas.

O calçamento da parte pela qual rodam os veículos de carga é, geralmente, feito com paralelepipedos de granito carioca, sobre os quais os aros de aço ou de ferro das carroças raspam com raiva e estrepitosamente. Os logradouros do que se chama centro da cidade, em maioria, são assim calçados. Mas, fora dele, o paralelepipedo é substituido pelo pedregulho de forma irregular, mostrando, em torno, fundos e dilatados intersticios por onde a tiririca e outras ciperáceas, em confusão, vicejam. E' o calçamento que o carioca, pitorescamente, habituou-se a chamar "pé-de-moleque". Sem grande resistência, cede facilmente ao peso dos veiculos de carga, abrindo-se em crateras, mais ou menos profundas.

As rodas das carruagens, quando penetram nesses terríficos buracos, deles, dificilmente, sáem. E' comum ver-se, no Rio de Janeiro dêsse tempo, cenas lamentáveis como esta: uma carroça cheia de mercadorias, com uma roda afundada até a linha do eixo, um burro aflito e suarento puxando-a e o carroceiro desbocado, a gritar, brandindo um pedaço de páu ou um chicote no lombo da pobre besta que empacou.

Se na parte mais central da cidade essas crateras, que se transformam em pequeninos lagos, pelo cair das chuvas, são vulgares, pelos arrabaldes, nem se fala.

Conheci um desses trágicos buracos na rua dos Junquilhos, rua onde morei por algum tempo, com quase um metro de diametro, cova profunda que lá permaneceu, anos e anos, sem que a Prefeitura do Distrito o mandasse tapar. Só foi tapado quando para lá se mudando certo cronista, que era Arthur Azevado, pelo **Paiz**, por êle mesmo escritos, foram publicados êstes **versos:**

Um dos tipos populares de há cinquenta anos: o vendedor de perús.

O' tú
Que és presidente
Do Conselho Mú-
Nicipal.
Se é que tens mú-
Lher e filhos,
Manda tapar os bú-
Racos da Rua dos Junquilhos.

Cronistas poetas dispondo de jornais de certa projeção, porém,, são numerosos, por êsse tempo, na cidade.

A iluminação da rua é feita a gaz, como a das casas.

Quando o logradouro é estreito, sáem os braços dos lampeões das fachadas dos prédios. Nos outros, verticalmente, sobem das calçadas, em postes altos, onde assentam as lanternas de vidro. Ainda não apareceu a Light and Power. E' a **Societé Anonime du Gaz**, instalada na Avenida do Mangue, a empresa que fornece luz a toda esta cidade.

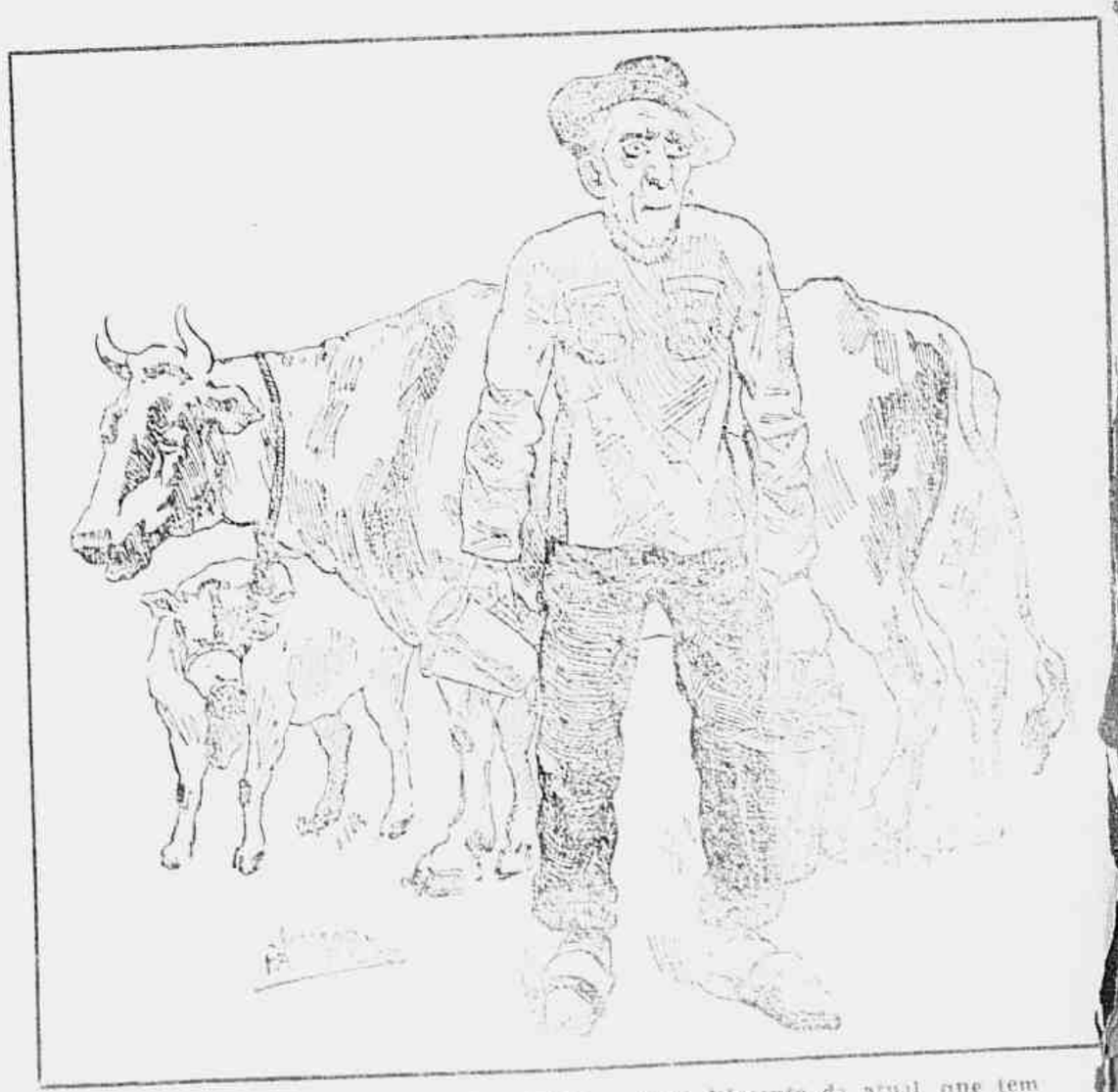
Logo ao pôr do sol os acendedores dos lampeões surgem, a correr, com as suas longas varas, perseguidos, de perto, por uma chusma de vadios que lhes vai gritando, atrás, não se sabe porque:

— O' profeta! O' profeta!

Em algumas ruas do centro, notadamente, na rua do Ouvidor, vêem-se arcos de iluminação, indo de um lado a outro, arcos decorativos, mas que só se acendem pelos dias de festa.

Ainda se conserva o velho hábito de se iluminar os edifícios públicos pelos dias em que são comemoradas datas nacionais.

Vivem as ruas transbordando de pretos. São criados de servir que saem a compras, são vendedores ambulantes, desocupados ou mendigos, descalços,



O homem da vaca leiteira de outróra, — bem diferente do atual, que tem buzina e rodas de borracha.

Nem se pergunta*

Só uso Kolynos!

diz

William Marshall

famoso astro da Republic Productions que aparece em "EU NUNCA ME ESQUECI"

E quem não gosta de Kolynos? Kolynos é um creme dental concentrado que limpa profunda e suavemente. Sua abundante espuma é ao mesmo tempo penetrante e agradavel. E Kolynos é tambem economico. Para a limpeza dos dentes basta usar um só centimetro sobre a escova seca. Compre hoje mesmo um tubo e verá como Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!

Para sorrir como artista, mostrando dentes divinos...

não se esqueça do dentista, nem se esqueça de Kolynos!

* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.

K-409 PH.1

sujos, maltrapilhos, dando ao pobre cenário da cidade uma triste impressão de miséria e sujeira. As negras são mais cuidadosas em suas escandalosas vestimentas. Usam saias rodadas, enormes saias de panos coloridos, camiseta de renda, trunfas multicores à cabeça e sandálias nos pés. Vendem cuscús, amendoim torrado, cangica, pamônha, gergelim, pipoca, mamões, bolos de arroz e outras gulodices cariocas. Geralmente, estacionam pelas praças ou, então, pelas esquinas das ruas, sentadas em minúsculas banquetas, tendo à guiza de balcão, em frente, taboleiros de páu, onde colocam o que vendem e apregoam:

— Amendoim torradim!
— Cangiquinha quente!
— Pipoca e gergelim!

Os pretos ambulantes vendem laranjas, aipím, ovos, mocotós e doce em caixa. À noite, pelo estio, em latas altas e cilindricas, que vão equilibradas à cabeça, vendem sorvete:

"Sorvetinho, sorvetão,
Sorvetinho de tostão
Quem não tem seu tostãozinho,
Não toma sorvete, não!

Sorvete! Yayá! é a fama do bom sorvete: abacaxi, coco, manga e maracujá!"

Molecotes de 12 a 16 anos vendem o **biscoito-sinhá** e balas.

— Freguês **qué** bala? Ortelã, chocolate, baunilha e côco!

Trepam, como ageis símios, pelos estribos do bonde, em maior movimento, saltam como bolas de borracha, de um balaustre para outro, a bandeja das balas e dos biscoitos equilibrada na mão aberta, erguida para o ar.

— Bala freguês! **Qué** bala?

Em concurrencia com as pretas ambulantes, os portugueses monopolizam a venda de certas mercadorias que apregoam, a cantar:

— Quain tain guerralfas basias p'ra bendere!

— Olhem o abacaxi, abacaxi ooooo!

— Cá bão bassoiras e espanadoires!

— Cá bae o p'ru de roda vôa!

Esses vendedores de perús, como em Portugal, trazem os galinaceos soltos, à vontade, pelas ruas, guiados por longas varas que os conservam reunidos em bloco. E vão, assim, até o centro mais elegante da cidade. Atravessam a rua do Ouvidor...

O vendedor de leite usa barba passa-piolho e tamancas. Deixa o estábulo puxando a vaca por uma longa corda, seguido de um bezerro e do ajudante de serviço, o que se incumbe de ordenhar o animal, prestidigitador avisado e que, com as múltiplas vasilhas que carrega e uma pericia enorme, sabe misturar ao leite, a agua da bica, sem que o freguês perceba.

Quando, como por vezes acontece, o leite já não sái na glandula mamária da leiteira, entra o bezerro em cena. Mas, não mitiga a fome que o devóra, que o ordenhador, quando constata a desobstrução que procurava, logo o arreda da teta da mamãe, para entrar com a vasilha que recebe o que êle, o pobrezinho, não mamou, e um poucochinho d'agua.

À noite, à porta dos teatros e dos circos, o luso tambem vende empadas e pasteis:

"As empadinhas de palmito e **quemarão stam quaintinhas!** Não tendo **quemarão** não pagam nada!".

Não têm camarão e as coisas ficam como estão.

Os italianos são vendedores de peixe e de legumes que põem em balaios de vime à moda asiática; um páu horizontalmente sobre os ombros e, em cada extremidade do madeiro, dependurados, os balaios. São bate-folhas, amoladores de facas, mascates de panos e frivolidades femininas. Trazem, estes, às costas, uma enorme caixa de folha que se prende a duas fortes

A bahiana com seu taboleiro.

correias afiveladas nas axilas. Anunciam-se batendo o metro com o qual medem os panos que conduzem, dividido em dois pedaços que se ligam por uma estreita dobradiça. Em sua caixa de lata, de peso colossal, trazem de tudo: lenços, fitas, meias, fazenda de algodão, de linho, rendas, sedas e outras bugigangas femininas.

Os amoladores de faca e canivetes usam uma especie de carro, com uma só roda.

Não esquecer o homem que compra metais já sem serventia e que apregôa:

— Chumbo, ferro, cama velha, metal velho para vender!

As turcas vendem pequen s utilidades femininas, fitas, rendas e caixas de fósforos:

— **Fofo parato! Fofo parato!**

Vestem como as ciganas, trazendo lenços enormes, negros, que se precipitam sobre os ombros, postos à cabeça e por um nó forte amarrados sob a curva do mento.

O chin, como o italiano, tambem vende peixe, camarão e siri:

— **Pixe, camalô, zili...**

Nunca houve, como por esse tempo, tantos ambulantes pelas ruas. Deixamos de citar dezenas deles. Fazemos nestas ligeiras linhas, apenas, um traçado rápido do velho Rio de 97.

Em meio a esses ambulantes, as ruas vivem cheias de mendigos e de pedintes de toda a sorte. Há-os que pedem para as almas, para o Santíssimo, para as obras de igrejas, para missas feitas em promessas e até para curar doentes e enterrar mortos, isso, sem falar dos que negociam rifas, em benefício de obras pias e outras especulações com as quais se explora o espirito religioso que, pelo tempo, é bem maior do que o de hoje. Vivem, na verdade, as igrejas transbordando de fiéis. Os sinos, com frequencia, badalando. São missas de espavento, tedeums. Espetaculosas procissões andam, quase sempre, pelas ruas... Pela Semana Santa fecham-se todos os teatros, vestem-se homens e mulheres de preto. As folganças do Natal, Ano Bom, Reis, bem como as de Sto. Antonio, São João e S. Pedro, são ainda notáveis. Sobem balões a incendiar as casas. Flexas de foguetes invadem a tranquilidade dos quintais. Bombas estouram provocando grandes neurastenias. Pelas fogueiras, que então se armam pelos arrabaldes e subúrbios, assam-se a cana de assucar, o cará, a mandioca, a batata doce e o aipim. Nas casas de família fazem-se sortes que resistem aos anos, vindas dos tempos coloniais.

E' por uma época em que o carioca se diverte em gostosas tertulias obrigadas a recitativos, a jogos de prenda e a namora. Dança-se como nunca se dançou no Brasil. Está em moda a valsa, a polka, a schotisch e as quadrilhas francesa e americana. Mesas fartas que oferecem o infalivel perú com farófa, o porco assado, mostrando à boca uma batata, todo recamado de rodelinhas de limão. Compoteiras com doces de marmelo, laranja, carambola ou arroz. Empilham-se, em pratarrazes, as cocadas, os pés-de-moleque os puxa-puxa e frutas de toda sorte: abacaxis, mangas, tangerinas, cajús, cajás, abacates, melões...

Quanto namoro! Quanto casamento!

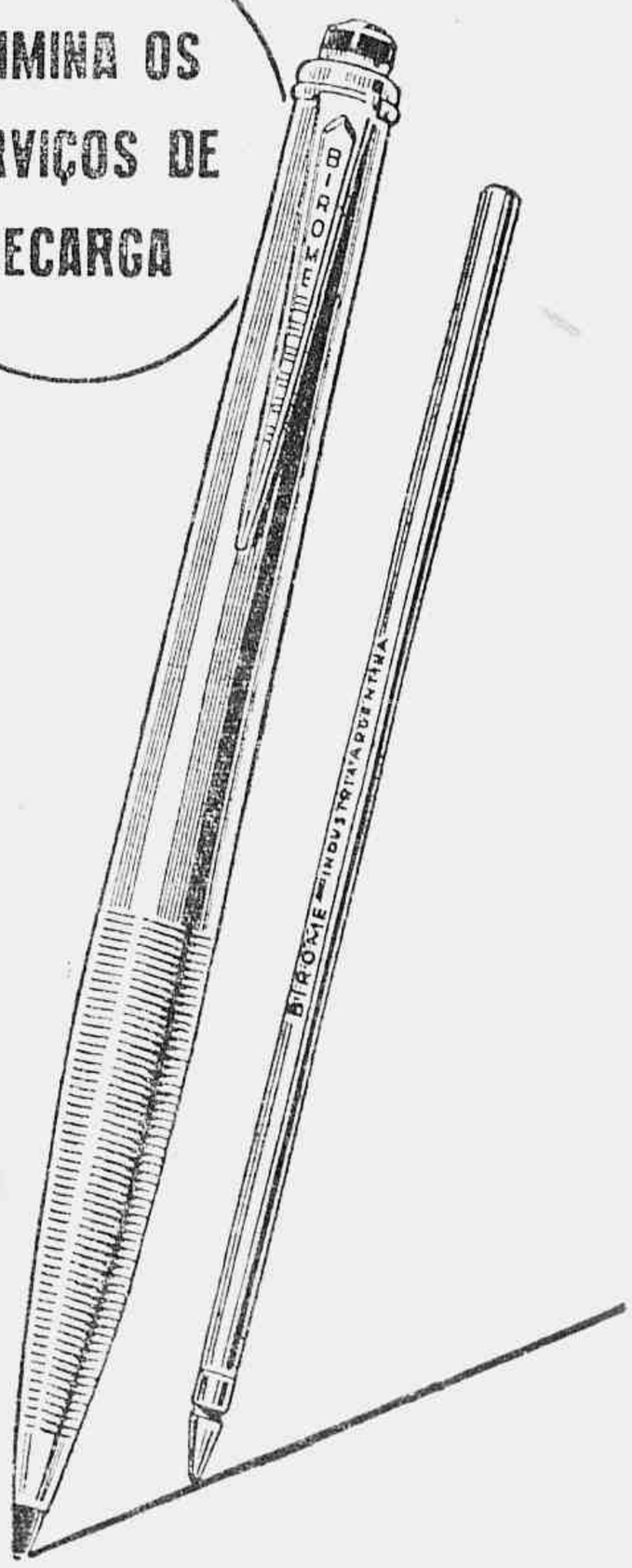
A namorada desse fim de século ainda conserva a timidez de tempos idos e o namorado, embora mais afoito, é sempre muito mais respeitoso ou acanhado que o de agora. Dança mantendo o corpo afastado do da que compõe o par, a mão esquerda sobre o escudo de barbatana do colete que aperta a cinta da mesma. Quando termina a dança, dá o braço à dama e com ela passeia, gravemente, antes de sentá-la.

E' o propicio momento para as confissões de amor, feitas numa linguagem terna, melosa e lirica, intercalada de sorrisos. De quando em quando, uns **ohs!**

O vendedor de balas de outróra.

O detalhe que a consagra PERFEITA

ELIMINA OS SERVIÇOS DE RECARGA

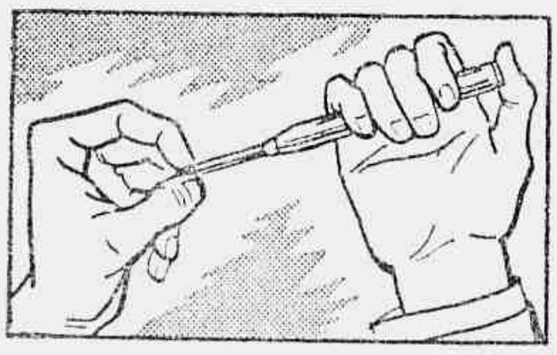


Uma inovação exclusiva em todo o mundo!

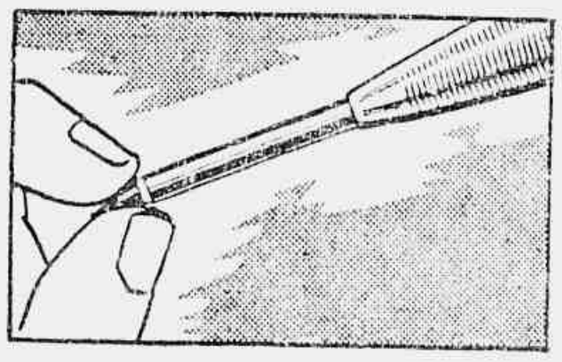
— Agora, V. mesmo poderá recarregar a sua BIROME, numa operação tão fácil que até uma criança pode realizá-la em dois segundos!

ATENÇÃO!: Cada esferográfica com "Tanque Deslizável" tem direito a mais um tanque sobressalente. *Exija-o!*

Como se deve mudar AGORA uma carga de tinta:



Comprime-se o botão, segura-se a ponta pela ranhura e puxa-se o tanque para fóra.



Para colocá-lo, basta exercer uma leve pressão para que deslize suavemente retornando ao seu lugar.

Modelos desde
Cr$ 225,00
a
Cr$ 2.860,00

O INVENTO QUE CONQUISTOU O MUNDO

BIROME INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.
RUA PEDRO LESSA 35-8.º — TEL. 42-9766

Micheline Presle, no papel Elizabeth Rousset, a "Bola de sêbo", no filme "Anjo pecador".

BOLA DE SÊBO

De **GUY DE MAUPASSANT**

DURANTE vários dias consecutivos, atravessaram a cidade os farrapos do exército em desbarato. Não se tratava mais de tropa em ordem, mas de hordas em debandada. Os soldados tinham a barba crescida e suja, o uniforme em trapo, e caminhavam desordenadamente, sem energia e sem bandeira. Pareciam todos acabrunhados, estafados, como que incapazes de um pensamento ou de uma resolução, marchando apenas pelo hábito de marchar e caíndo de fadiga logo que chegavam. Viam-se, principalmente, os reservistas recem-incorporados, gente pacifica, rendeiros tranquilos, curvados sob o pêso do fusil; rapazinhos espertos, faceis de assustar e prontos a entusiasmar-se, tão resolutos para atacar como para fugir; e, no meio dêles, destacavam se alguns culotes vermelhos, remanescentes de uma divisão esfacelada numa grande batalha; e artilheiros sombrios, misturados com êsses soldados de várias espécies; por vezes brilhava o capacete de um cavalariano, arrastando os pés e acompanhando com dificuldade a marcha dos soldados de infantaria.

E passavam por sua vez, com ares de bandidos, legiões de voluntários, que se denominavam heroicamente — "Os Vingadores da Derrota", "Os Cidadãos do Sepulcro", "Os Distribuidores da Morte". Seus chefes, antigos comerciantes de tecidos ou de cereais, ex-vendedores de sêbo ou de sabão, guerreiros de circunstância, nomeados oficiais por amor dos seus haveres ou do comprimento dos seus bigodes, e cobertos de armas, de flanelas e de galões, falavam com uma voz berrante, discutiam planos de combate e pretendiam sustentar sózinhos a França agonizante, sôbre as suas espaduas de fanfarrões; mas, por vezes, temiam os seus próprios soldados — gente ordinária, celerados e gatunos, valentes em excesso.

Dizia-se até que os prussianos iam entrar em Ruen.

A Guarda Nacional, que já de há dois meses fazia prudentissimos reconhecimentos nas florestas vizinhas, espingardeando por vezes as suas próprias sentinelas e preparando-se para o combate, mal um coêlho se mexia sob a relva, tinha-se já prudentemente recolhido aos seus lares. E as suas armas, os seus uniformes, todo o seu material de guerra, com o qual ainda ha pouco assustava toda a redondeza de três leguas em redor, tinha subitamente desaparecido.

Os últimos soldados franceses acabavam de atravessar o Sena, para atingir Pont Audemer, através de Saint-Sever e Bourg Achard; e, após êles, a pé, entre dois oficiais de ordenança, seguia o general, desesperado, nada mais podendo tentar com os farrapos do exército em desbarato, e desorientado êle mesmo pela grande derrota de um povo habituado a vencer e agora desastrosamente batido, a despeito de sua bravura lendária.

Depois, um sossêgo profundo, uma espetativa espantada e silenciosa se estendeu sôbre a cidade. E muitos burgueses barrigudos, emaculados pelo comércio, esperavam ansiosamente os vencedores, temendo que êles considerassem como armas os seus espêtos de assar e as facas de cozinha.

A vida, paralisada; as casas de negócio estavam fechadas e as ruas desertas. A's vezes um vulto, intimidado pelo silêncio, escapava ao longo das paredes.

A angústia da espera fazia até desejarem a vinda do inimigo.

Na tarde do dia posterior ao da partida das tropas francesas, alguns hulanos, saídos sem se saber de onde, atravessaram rapidamente a cidade. Depois, um pouco mais tarde, uma massa negra desceu a encosta de Santa Catarina, ao mesmo tempo que outras tropas invasoras surgiam pelas estradas de Darnetal e Boisguillaume. As guardas avançadas dos três corpos invasores atingiram, ao mesmo tempo, a praça da casa do govêrno; e, por todas as ruas vizinhas, o exército alemão chegava, desenvolvendo os seus batalhões, cujos passos duros e cadenciados ressoavam.

Vozes de comando, gritadas numa língua desconhecida e gutural, penetravam pelas casas, que pareciam mortas e desertas; porém, por detrás dos postigos fechados, olhos ansiados espiavam esses homens vitoriosos, que eram, por direito de guerra, os senhores da cidade, das fortunas e das vidas. A população, metida nos seus quartos semi-obscurecidos, sentia-se presa dêsse grande susto que causam as catastrofes ou os

"Bola de Sêbo" é uma autêntica obra prima, dê-se mestre incomparavel do conto que foi Guy de Maupassant. Recentemente, essa obra de Maupassant, juntamente com outro conto, não menos artistico e interessante, "Mademoiselle Fifi", foi convertido em um filme francês, com Micheline Presle, no papel de Elizabeth Rousset alcunhada a "Bola de Sêbo". Os atores Louis Salon Jean Brochard, Alfred Adam, Poiou e Roger-Karl, além de outros, contribuiram para o brilho desse filme que será distribuido através do mundo pela Universal Pictures. Publicando em nossa edição de aniversário a obra de Guy de Maupassant, cremos que não poderiamos encontrar para ela ilustrações mais exatas e mais adequadas do que as cenas do filme francêss — "Anjo pecador", no titulo para o Brasil, — que aqui vão reproduzidas.

grandes tremores de terra, dessas calamidades contra as quais toda a prudência e toda a fôrça humanas são inuteis. Porque sempre que ha uma alteração profunda na ordem de coisas estabelecidas, reaparece no homem a impressão de que não existe mais segurança e de que tudo o que protege as leis dos homens ou as leis da natureza se acham à mercê de uma brutalidade inconsciente e feroz. Os terremotos, que esmagam uma população inteira sob os edifícios que ruem; os rios transbordantes que arrastam cadaveres de camponeses de cambulhada com corpos de animais e traves arrancadas dos tetos das casas; ou o exército vencedor massacrando aqueles que se defendem e aprisionando os demais, pilhando em nome do sabre e, ao som do canhão, rendendo graças a um Deus, são flagelos assustadores que destroem toda a crença na justiça eterna, toda a confiança que nos ensinaram a ter na proteção do céu e na razão do homem.

Mas, já em cada porta, grupos de soldados batiam e desapareciam depois no interior das casas. Era a ocupação, que se fazia, após a invasão. E começava para os vencidos a obrigação de se mostrarem atenciosos para com os vencedores.

Ao fim de algum tempo, porém, desaparecida a primeira impressão de terror, estabeleceu-se nova calma. Já mesmo entre muitas familias, os oficiais prussianos sentavam-se à mesa para as refeições. E como esses oficiais por vezes eram bem educados, lamentavam por polidez a sorte da França e diziam de sua repugnancia em tomar parte nessa guerra. Os franceses ficavam-lhe reconhecidos por êsse sentimento. E depois consideravam que podiam, de um dia para outro, ter necessidade da protecão dêles. Hospedando-os, obtinha-se, possivelmente, alguns homens de menos a sustentar. E por que realmente molestar aqueles de quem se depende inteiramente? — pensavam. Isso, com efeito, seria mais temeridade que bravura. E a temeridade não era mais, como no tempo das defesas heroicas de que se vangloria a cidade, um defeito dos burgueses de Ruen. Alegava-se, enfim, razão suprema, baseada na urbanidade francesa, que não ficava mal ser-se polido no interior das casas, uma vez que em público se não mostrassem familiares com os soldados estrangeiros. Fora, na rua, não se conheciam esses soldados, mas no interior das casas conversava-se amigavelmente com o alemão e êste ficava, longo tempo, à noite, a aquecer-se junto ao fogão do lar.

E mesmo a cidade retomava pouco a pouco o seu aspecto habitual. Os franceses ainda quase não saiam, mas os soldados prussianos formigavam pelas ruas. De resto, os oficiais de **hussards** azuis que estadeavam com arrogância pelos passeios, o seu material de guerra, não pareciam ter, pelos meros paisanos, desprezo muito maior do qu os oficiais de caçadores que, no ano anterior, bebiam alí nos mesmos cafés.

Existia, entretanto, qualquer coisa no ar, qualquer coisa sutil e desconhecida, uma atmosfera estrangeira intoleravel, como que um cheiro espalhado, dir-se-ia o cheiro da invasão. Êsse cheiro enchia os lares e as praças públicas, estragava o gôsto dos alimentos e dava a impressão de se estar em viagem, muito longe, entre tribus barbaras e perigosas.

Os vencedores exigiam dinheiro, muito dinheiro; os habitantes pagavam tudo; é verdade que eram ricos. Mas, quanto mais um negociante normando se torna opulento, tanto maior o sofrimento que lhe causa o sacrificio de ver passar a mãos alheias as parcelas de sua fortuna.

Entretanto, a duas ou três leguas da cidade, ao longo do curso do rio, nas imediações de Croisset, Dieppedalle ou Biessart,, os marinheiros e os pescadores restituiam à água, com frequência, algum cadaver de alemão, inchado no seu uniforme, morto com uma facada ou com um golpe mortal, com a cabeça arrebentada com uma pedrada, ou brutalmente atirado à água do alto de uma ponte. O leito do rio amortalhava essas vinganças obscuras, selvagens, mas legítimas, heroismos anônimos, ataques silenciosos, mais perigosos que as grandes batalhas feridas à luz do dia e, diferentemente delas, destituidas do ecoar da glória. Porque o ódio ao estrangeiro levanta sempre alguns intrepidos prontos a morrer por uma idéa.

Enfim, como os invasores, se bem que sujeitando a cidade à sua inflexivel disciplina, não tivessem cometido nenhum dos horrores que o boato os fazia cometer em todo o decorrer de sua marcha triunfal, a população adquiriu confiança, alguma coragem, e a necessidade de negociar trabalhou de novo o coração dos negociantes da região invadida. Alguns desses comerciantes tinham grandes interêsses a tratar no Havre, cidade ocupada pelo exército francês, e desejariam por isso tentar atingir êsse pôrto, indo por terra até Dieppe, onde embarcariam.

Empregou-se, com êsse intuito, a influência dos oficiais alemães com os quais já se tinha travado conhecimento, e obteve-se assim, do general comandante, autorização para partir.

Foi contratada, então, uma grande diligência de quatro cavalos e, estando dez pessôas inscritas para a viagem, resolveu-se partir na manhã de uma terça-feira, antes do romper do dia, afim de evitar-se ajuntamento de curiosos.

Já dêsde algum tempo a friagem tinha endurecido a terra e, na segunda-feira, alí pelas três horas, grandes nuvens negras, vindas do Norte, trouxeram a neve, que caíu sem cessar, durante toda essa tarde e toda a noite seguinte.

A's quatro e meia horas da manhã, os viajantes se reuniram no pateo do Hotel da Normandia, onde deviam tomar a diligência. Estavam ainda sonolentos e tiritavam de frio sob os agasalhos. Enxergava-se mal na obscuridade; o amontoado das pesadas roupas de inverno, fazia todas aquelas figuras parecerem padres obesos, com as suas longas batinas. Entre êles, dois homens se reconheceram; depois um terceiro os abordou e começaram a conversar. — "Eu levo minha mulher" — disse um dêles. — "Faço o mesmo" — volveu outro. "Eu também" — disse o terceiro. O primeiro volveu: — "Não voltaremos a Ruen; e se os prussianos se aproximarem do Havre, ganharemos a Inglaterra". Tinham todos os mesmos projetos, que aliás eram congeneres.

Entretanto, não se preparava a diligência. Uma pequena lanterna, que um empregado da coudelaria carregava, saía de tempo em tempo de uma porta semi-escurecida para desaparecer imediatamente numa outra. Os cavalos batiam os pés sôbre o solo afofado pelo esterco da estrebaria e ouvia-se ao fundo do edifício uma voz de homem, falando aos animais e blasfemando. Um ligeiro ruído de guiso anuncia que se estão colocando os arreios no animal; êsse ruido tornou-se logo claro e contínuo, ritmado pelo movimento do animal, que recuava para a retaguarda e retomava em seguida a sua antiga posição, com um movimento brusco acompanhado de um barulho aspero.

A porta fechou-se subitamente. Todo ruído cessou. Os burgueses enregelados haviam-se calado e permaneciam imoveis e endurecidos.

Uma cortina de flocos brancos, ininterruptos, brilhava sem cessar e descia para a terra: e esbatia as formas; e cobria todas as coisas de uma espuma de neve: no grande silêncio da cidade adormecida, amortalhada sob o inverno, só se ouvia a fustigação vaga, impalpavel e esvoaçante da neve que cai, mais sensação que ruído, conjunto de atomos levissimos, que pareciam encher o espaço, cobrir o mundo.

O homem reapareceu, com a

No hotel, não sabiam o que fazer... (Cena do filme francês "Anjo pecador" (Boule de Suif), distribuição da Universal, com Micheline Preste, Louis Salon, Roger Karl e Palon.

sua lanterna, arrastando por uma corda um cavalo triste, que marchava a contragosto. Colocou-o entre os varais; ligou os tirantes e longo tempo alí ficou para colocar os arreios, porque apenas se servia de uma das mãos, que a outra segurava a lanterna. E quando foi buscar o segundo animal, notou a presença dos viajantes alí, imoveis e já cobertos de neve. — "Por que não entram no veículo? Alí ao menos estarão abrigados" — disse-lhes.

Essa idéia não lhe havia ocorrido. Precipitaram-se. Os três homens instalaram suas mulheres no fundo e subiram em seguida; depois outros vultos impreciosos e velados tomaram os últimos lugares, sem trocar palavra.

O assoalho do veículo estava coberto de palha, na qual os pés dos viajantes se afundaram As senhoras, que estavam no fundo, tendo levado aquecedores de cobre munidos de carvão químico, acenderam-nos e, durante algum tempo, enumeraram em voz baixa as vantagens desses aparêlhos, repetindo coisas que já sabiam desde longo tempo.

Finalmente, estando a diligencia preparada, com seis animais em vez de quatro, devido à caminhada dificil, uma voz de fora perguntou: — "Todos já subiram?" E uma voz de dentro respondeu: — "Sim". Partiram.

O veículo caminhava lentamente. As rodas mergulhavam na neve; toda a carrosseria gema em estralejamentos surdos; os animais escorregavam, respiravam fortemente, soltando ar denso pelas narinas; e o longo chicote do cocheiro estalava sem cessar, volteando de todos os lados, envolvendo-se e desenrolando-se como uma serpente fina e chicoteando bruscamente algum dos animais de corpo recurvo ante um esforço mais violento.

Imperceptivelmente o dia clareava. E já não mais tombavam os flocos de neve, que um dos viajantes, Reunnais puro sangue, havia comparado a uma chuva de algodão. Uma claridade suja filtrava-se através de grandes nuvens escuras e pesadas, tornando mais brilhante a brancura dos campos, onde surgiam ora uma grande arvore coberta de neve, ora uma choupana com o seu capucho de neve.

À claridade triste dessa aurora, os passageiros da diligência olhavam-se curiosamente. Bem ao fundo, nos melhores lugares, em face um do outro, dormitando, achavam-se o senhor e a senhora Loiseau, negociantes de vinho, em larga escala, na Rua da Ponte Grande. Antigo auxiliar de um negociante falido, Loiseau adquirira a massa e fez fortuna. E, a muito bom preço, vendia muito mau vinho aos pequenos negociantes do campo e era considerado, entre os seus amigos e conhecidos, como um espertalhão, um verdadeiro normando, cheio de astucia e jovialidade.

Era bem vasta a sua reputação: uma noite, na Prefeitura, o senhor Tournel, autor de fábulas e canções, espírito mordaz e fino — uma glória local! — propôs às damas, que notava um tanto sonolentas, fazer uma partida de "Loiseau voador"; a frase voou logo através dos salões da Prefeitura e, ganhando em seguida todos os salões da cidade, abriu em riso, durante um mês inteiro, todos os maxilares da província.

Loiseau era também célebre por suas forças de vária espécie e por suas brincadeiras de bom ou de mau gôsto; ninguem se referia a êle, sem acrescentar prontamente: — "E' impagavel êste Loiseau".

Minguado de corpo, apresentava o ventre em forma de balão e ao alto um rosto avermelhado, guarnecido de suissas grisalhas.

Sua mulher, grande, forte e resoluta, com a voz forte e decisões prontas, representava a ordem e a aritmética da sua casa de comércio, enquanto êle a animava com a sua atividade alegre.

Ao lado dêles estadeava-se, muito digno, pertencente a uma classe social superior, o senhor Carré-Lamadon, homem consideravel, dedicado aos negócios do algodão e proprietário de três fecelagens. Era também oficial da Legião de Honra e membro do Conselho Geral. Durante todo o tempo do império, mantivera-se como o chefe da oposição, com o intuito único de fazer pagar bem cara a sua adesão à causa que, segundo a sua própria expressão, combatia com as suas armas afaveis e polidas.

A senhora Carré-Lamadon, muito mais jovem que seu marido, era a consolação dos oficiais de bôa familia, destacados na guarnição de Ruen.

Estava ela bem na frente de seu espôso, toda pequenina, delicadinha, inteiramente linda, embrulhada nos seus agasalhos; e espalhava os olhos aflitos pelo interior lamentavel daquele veículo.

Seus vizinhos, o conde e a condessa Hubert de Bréville, usavam um dos nomes mais antigos e mais nobres da Normandia. O conde, velho gentilhomem de belo porte, esforçava-se por acentuar, com os artifícios da **toilette**, a sua natural semelhança com o rei Enrique IV, o qual, segundo uma lenda gloriosa para a familia, tinha engravidado uma dama de Bréville, cujo marido, devido a isso, foi tornado conde e governador de província.

Colega do senhor Carré-Lamadon no Conselho Geral, o conde Hubert representava, no distrito, o Partido Orleanista. A historia do seu casamento com a filha de um pequeno armador de Nantes, permanecera sempre no mistério. Mas como a condessa tinha aparencia fidalga, recebia como ninguem e passava mesmo por haver sido amada por um dos filhos de Luiz Felipe; toda a nobreza lhe fazia festas e as suas salas eram as primeiras da região, as únicas onde se conservava a velha galanteria e nas quais era dificil ser-se admitido.

A fortuna dos de Bréville, toda bem empregada, atingia, dizia-se, a quinhentas mil libras de renda.

Essas seis pessoas ocupavam o fundo da diligência, formando a ala dos ricos, da sociedade serena e forte, da gente honesta que tem religião e tem princípios.

Por um acaso singular, todas as mulheres se achavam no mesmo banco; e a condessa tinha ainda por vizinhas duas irmãs de caridade, que desfiavam longos rosários, murmurando padre-nosso e ave-marias. Uma delas era velha e tinha a face salpicada de sinais de variola, como se tivesse recebido em pleno rosto uma carga de chumbo. A outra, muito fraca, possuia uma cabeça linda e macilenta e parecia devorada por essa fervorosa fé que faz os mártires e os iluminados.

Em frente das duas religiosas, um homem e uma mulher chamavam sôbre os olhares de todos.

O homem, bastante conhecido, era Cornudet, o democrata, o terror das pessoas respetaveis. Desde ha vinte anos, vinha êle molhando a sua grande barba russa nos copos de todos os cafés democráticos. Em companhia dos irmãos e dos amigos, devorou a fortuna que lhe deixara seu pai, um antigo confeiteiro; e esperava agora pacientemente o advento da República, para obter enfim a colocação a que fazia jus com tantas bebedeiras revolucionárias. No dia quatro de setembro, provavelmente em seguida a uma farça, julgou-se nomeado prefeito; mas, quando desejou entrar em exercício, os guardas da Prefeitura, então únicos senhores da situação, recusaram-se a reconhecê-lo, pelo que foi obrigado a retirar-se. Ótimo rapaz: de resto, inofensivo e serviçal. Ocupava-se, com ardor incomparavel, em preparar a defesa: mandou abrir buracos na planicie, derrubar todos os arbustos das flarestas vizinhas; espalhou trincheiras em todas as estradas e, à aproximação do inimigo, satisfeito dos seus preparativos, retirou-se vivamente para a ci-

A condessa procura convencer Elizabeth, com a declaração de que "os fins justificam os meios".

dade. E pensava agora tornar-se mais útil no Havre, onde novas medidas de defesa iam tornar-se necessárias.

A mulher, que também alí se achava, era uma dessas chamadas galantes, célebre por seu desenvolvimento precoce e por isso apelidada Bola de Sêbo. Era pequena, redondinha, enxundiosa, com os dedos gordinhos, estrangulados nas falanges, semelhando a um rosário de salsichas curtas. Com a tez luzidia e lisa e seios enormes, saltando sob o vestido, era entretanto apetitosa e desejada, tanto sua frescura agradava a vista. Seu rosto parecia uma maçã vermelha, um botão de poenia, prestes a florir, e no qual se abriram dois olhos negros magníficos, assombreados por grandes cílios espessos, que mais escuros ainda o tornavam; e, mais abaixo, a boca encantadora, pequena, humida para o beijo, mobiliada de dentinhos brilhantes e microscópicos. Além disso, dizia-se, possuia outras qualidades inapreciaveis.

Logo que foi reconhecida, houve cochichos entre as mulheres honestas e as palavras "prostituida" e "vergonha pública" foram cochichadas tão alto que ela levantou a cabeça e lançou então sôbre os seus companheiros de viagem um olhar tão provocante e ousado, que um grande silêncio depressa reinou e todo o mundo abaixou a cabeça; apenas Loiseau olhava-a com ar risonho.

Mas bem depressa recomeçou a conversação entre as três senhoras, que a presença daquela mulher tornara subitamente amigas, quase intimas. Pareceu-lhes que deviam formar uma rêde de sua dignidade de esposas em face dessa desvergonhada mercadora de amor, porque sempre o amor legal trata com despreso o seu congenere livre.

Os três homens, também reaproximados por um instinto de conservação diante do aspeto de Cornudet, falavam de dinheiro, de um certo modo desdenhado para os pobres. O conde Hubert referia-se aos prejuizos que lhe fizeram sofrer os prussianos, as perdas que lhe resultaram dos animais roubados e das colheitas perdidas; falava com a segurança de grão senhor dez vezes milionário, a quem essas devastações incomodam apenas por um ano. O senhor Carré-Lamadon, bem experimentado na indústria do algodão, tivera o cuidado de enviar seicentos mil francos para a Inglaterra — um copo dágua que êle guardava para matar alguma sêde eventual. Quanto a Loiseau, tinha conseguido vender à Intendência francesa todos os vinhos ordinários que lhe restavam na adega, de sorte que o Estado lhe devia uma soma formidavel, que êle contava com segurança receber no Havre.

E todos três trocavam olhares rápidos e amigaveis. Se bem que de condições diferentes, consideravam-se irmãos pelo dinheiro, pertencentes à grande confraria dos que têm de que, dos que fazem soar o ouro, quando metem a mão no bolso.

O veículo marchava tão devagar que às dez horas da manhã não se tinham ainda feito leguas. Os homens haviam descido três vezes para subir as rampas a pé. Começavam todos a inquietar-se, pois pretendiam almoçar em Tôtes e já se estava perdendo a esperança de se chegar alí antes da noite. Cada um procurava descobrir à margem da estrada um albergue, quando a diligência afundou num lamaçal de neve e foram precisas duas horas para desembaraçá-la dalí.

A fome crescia, turbava os espiritos; e nenhum botequim, nenhum negociante de vinho surgia: a aproximação dos prussianos e a passagem das tropas francesas esfomeadas, haviam intimidado todas as indústrias.

Os homens corriam a procurar provisões nas herdades, à margem do caminho, mas nada encontravam, nem mesmo pão, porque o camponês desconfiado escondia as suas reservas, de medo de ser roubado pêlos soldados, os quais, nada tendo para meter na boca, tomavam à fôrça tudo o que descobriam.

Mais ou menos à uma hora da tarde, Loiseau declarou que, decididamente, sentia um rude buraco no estomago. Como êle, todos sofriam desde longo tempo; e o violento desejo de comer, aumentando sempre, extinguiu a conversação.

De tempo em tempo, um dêles abria a boca; um outro, logo em seguida, o imitava; e, cada um por sua vez, segundo o seu carater, a sua educação e a sua posição social, abria a boca, barulhenta ou discretamente, levando prestes a mão diante do buraco escancarado, de onde saía denso o ar.

Bola de Sêbo várias vezes agachou-se como se procurasse qualquer coisa sob o vestido. Hesitava um segundo, olhava os seus companheiros e depois endireitava-se tranquilamente. Os rostos estavam pálidos e crispados. Loiseau afirmou que pagaria mil francos por um pedaço de presunto. Sua mulher fez um gesto como para protestar; depois acalmou-se. Ela sentia-se mal sempre que ouvia falar em botar dinheiro fora e nem mesmo compreendia brincadeiras em torno dêsse assunto. — "O fato é que eu não me sinto bem" — disse o conde. — "Como teria eu esquecido de trazer provisões?" E cada um dêles fazia a si mesmo essa repreensão.

Cornudet tinha um frasco cheio de rum e ofereceu-o; mas todos recusaram friamente. Apenas Loiseau aceitou duas gotas e ao devolver o frasco, agradeceu: — "Isto é bom realmente; esquenta o corpo e engana o apetite". O alcool o pôs de bom humor e êle propôs então que se fizesse alí como no navio da canção, isto é, que se comesse o mais gordo dos viajantes. Essa alusão indireta a Bola de Sêbo, choceu as pessoas bem educadas e ninguém respondeu; apenas Cornudet sorriu.

As duas irmãs de caridade tinham cessado de repassar o rosário e, com as mãos mergulhadas nas mangas largas conservavam-se imoveis, com os olhos obstinadamente baixos, oferecendo decerto a Deus o sofrimento que Êle lhes enviava.

Enfim, às três horas, como se achassem no meio de uma planicie interminavel, sem nem uma vila ao alcance dos olhos, Bola de Sêbo abaixou-se vivamente e retirou de sob a banqueta um grande cesto coberto com uma toalha branca. E de dentro dêle tirou, primeiro, um pequeno prato de louça e um fino copo de prata, depois uma vasta terrina, na qual dois frangos inteiros, trinchados, estavam envolvidos na gordura congelada; e percebia-se ainda, no cesto, outras boas coisas misturadas: pasteis, frutas, frios, uma provisão preparada para uma viagem de três dias, afim de não tocar na cozinha dos albergues. E quatro gargalos de garrafas surgiam do conjunto. Ela tomou uma asa de frango e, delicadamente, se pôs a comer, com um dêsses pequenos pães que na Normandia chamam "Regencia".

Todos os olhares estavam voltados para ela. Depois o cheiro se espalhou, alargando as narinas, fazendo vir à boca, abundante saliva, com uma contração dolorosa dos maxilares, sob as orelhas. O desprêzo das senhoras por aquela mulher tornou-se feroz, transformando-se numa espécie de desejo de matá-la, de jogá-la para baixo do veículo, sôbre a neve, ela, o seu corpo, o seu cesto e as suas provisões.

Mas Loiseau devorava com os olhos a terrina dos frangos e disse: — "Em boa hora teve a senhora mais cuidado do que nós; ha pessoas que sabem sempre pensar em tudo". Bola de Sêbo levantou para êle a cabeça: — "Se o senhor deseja... E' duro jejuar desde a manhã". Êle saudou: — Por Deus! Francamente, não recuso, pois não posso mais. Na guerra como na guerra, não é verdade? E lançando um olhar em volta, concluiu: — "Em momentos como êste, a gente fica bem contente de encontrar alguém que nos obrigue com uma gentileza". E como possuia um jornal, estendeu-o para não manchar as calças e, com a ponta de uma faca, que sempre trazia no bolso, espetou uma coxa de galinha, toda engordurada, e a destrinchou com os dentes e a mastigou depois com uma satisfação tão evidente, que em todo o veículo se ouviu um grande suspiro de angústia.

Bola de Sêbo, com uma voz humilde e doce, propôs às irmãs de caridade compartilharem do seu repasto. Elas aceitaram prontamente e, sem levantar os olhos, puseram-se a comer apressadamente, depois de haverem balbuciado agradecimentos. Cornudet não recusou absolutamente os oferecimentos de sua vizinha, formando, então, com as religiosas, uma espécie de mesa, estendendo jornais sôbre os joelhos.

As bocas abriam-se e fechavam-se sem cessar; absorviam, mastigavam, enguliam ferozmente. Loiseau, no seu canto, trabalhava rijamente e, em voz baixa, convidava sua mulher a imitá-lo. Esta não resistiu longo tempo e cedeu depois de uma crispação que lhe percorreu as entranhas. Então seu marido, adocicando a voz, solicitou de sua "encantadora companheira" licença para oferecer um pedacinho à senhora Loiseau.

— Sim, senhor; certamente — respondeu Bola de Sêbo, com

(Continúa na pág. 44)

Elizabeth e o coronel Falsberg, oficial prussiano, representados pela atriz Micheline Presle e pelo ator Roger Karl.

Margaret O' Brien, a pequena estrela de "O anjo perdido", "O roseiral da vida" e "Três tolos sabidos", mandou à "REVISTA DA SEMANA" e aos seus leitores esta saudação, pelo início do 48.º ano de sua existência.

HOLLYWOOD ENVIA CONGRATULAÇÕES À "REVISTA DA SEMANA"

MANIFESTAÇÕES DE SIMPATIA AO MAIS ANTIGO MAGAZINE ILUSTRADO DO BRASIL, ATRAVÉS DE LUÍS SERRANO, SEU CORRESPONDENTE ESPECIAL NA CAPITAL DO CINEMA

O aniversário de "REVISTA DA SEMANA", o mais antigo magazine ilustrado do Brasil, tem despertado, anos após anos, as mais expressivas manifestações dos famosos artistas da tela, que de Hollywood, capital do cinema dos Estados Unidos e do mundo, nos enviam suas carinhosas mensagens de congratulações, correspondendo, desse modo, ao interesse que esta publicação demonstra pelas atividades artisticas, a ponto de manter na Califórnia, em caráter permanente, um enviado especial, o jornalista Luís Serrano, a quem devemos tantas e tão interessantes reportagens estampadas em nossas páginas, algumas delas constituindo verdadeiros "furos", como aquela em que Bob Hope anunciava sua viagem ao Rio de Janeiro.

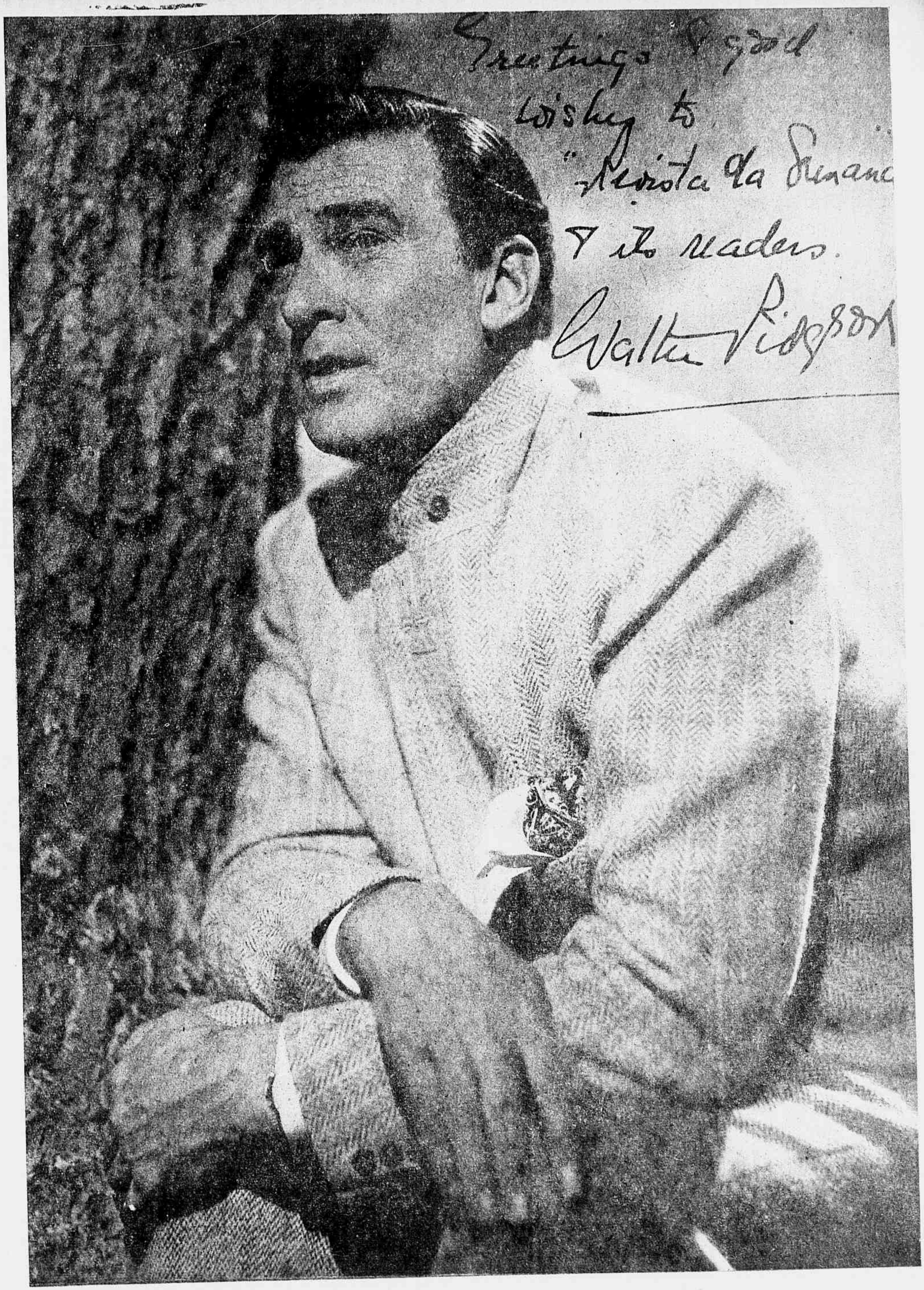
Além de Greer Garson, a notavel intérprete de "Adeus, Mr. Chips", "O vale da decisão", "Mrs. Parúington", "Flores do Pó" e "Rosa de Esperança", cujo retrato estampamos na capa desta edição, também nos distinguiram com suas mensagens de felicitações Clarú Gable (em retrato publicado em nosso número passado), Margaret O'Brien, Walter Pidgeon, Spencer Tracy, Judy Garland, Katharenine Hepburn, Deanna Durbin, Yvonne de Carlo, Lana Turner, Maria Montez, Joan Fontaine, — e ainda Abbott e Costello e outros, que a seu turno publicaremos. E' com prazer que consignamos, em nossas páginas, essas homenagens dos popularissimos e ilustres artistas de Hollywood, a cujas homenagens nos confessamos sinceramente agradecidos.

To Revista Da Semana
May you have many
more years of success
Maria Montez

For "Revista da Semana"
On its 48th Anniversary
Wishing continued success

Good luck and
Congratulations to
Revista Da
Semana —
Lon
Chaney Jr.

To Revista Da Semana
Best wishes for
continued success
Joan Fontaine



Ao lado, em cima, Maria Montez, à esquerda, e Lana Turner, à direita, e; em baixo; Joan Bennett, à esquerda, e Joan Fontaine, à direita, nos mandaram carinhosas expressões de sua simpatia. E aqui está, nesta página, a mensagem do popularíssimo ator Walter Pidgeon, herói de "Flores do Pó" e "Aqui começa a vida", felicitando a "REVISTA DA SEMANA" e seus leitores.

Em baixo: o grande ator Spencer Tracy, glória da arte teatral e cinematográfica dos Estados Unidos, sauda a "REVISTA DA SEMANA" pela sua entrada no 48.º ano de existência. Na página ao lado, — em cena, Judy Garland, à esquerda, e Katharine Hepburn, à direita, e em baixo, Deanna Durbin, à esquerda, e Yvonne de Carlo, à direita, envolvem este magazine ilustrado em expressões de carinhosa simpatia, em suas mensagens de saudação.

For the radio of "Renata de Semana"
on its 4th Anniversary
Cuba Pacheco

Congratulations
"Renata de Semana"
Sincerely
Pat Thomas

Best wishes to
"Renata de Semana"
on its 4th Anniversary
Dawn Del

Congratulations to
Renata de Semana
Yvonne De Carlo

Em cima: A praça da República, em São Paulo, vista da Avenida 9 de Julho; em baixo:: outro aspecto da praça da República, no coração de São Paulo

UM PEDAÇO DO CORPO DA CIDADE EM CRESCIMENTO...

DO ANTIGO "LARGO DOS BURROS" À ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA. — UMA NOTA EXPRESSIVA DA PAISAGEM URBANA DE SÃO PAULO

Por ONDINA FERREIRA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

ELA se chamou primitivamente "Largo dos Burros", quando os circos de cavalinhos se aboletavam sobre o capim que a revestia, e, com os toldos estendidos ao sol e à garôa, alvoroçavam a pacata população da capital provinciana. Mais tarde foi remodelada para receber a Escola Normal. Então trocaram-lhe o nome por outro de ressonancia patriótica: "Largo Sete de Abril". Uma igrejinha encaixou-se entre as casas de rótula, que a circundavam, e, nas noites de festa, com leilões e jógos de artifício, houve música e animação nas alamedas ajardinadas. Com a proclamação de Deodóro, ficou sendo "Praça da República". Foi isso no tempo das batalhas de confeti e lança-perfume, e das romarias de estudantes à herma de Alvares de Azevedo.

Depois, novos bairros se desdobraram, jardins mais modernos foram plantados, avenidas rasgaram-se em torno, um bosque de arranha-céus foi brotando pelas imediações. Tão grande e tão distante, antigamente, a Praça se transformou, com o correr dos dias, numa ilhota verde encravada entre o casário do centro. Com os olhos voltados para outras atividades, ou mesmo para atividade alguma, as sucessivas administrações abandonaram os jardins públicos paulistanos e com êles a velha e querida praça. Assim mesmo, ela é um pedaço do corpo da cidade em crescimento, pedaço vivo e essencial, com tecidos e nervos. Quem quiser estudar o povo paulistano de um passeio mais vagaroso pela Praça e observe a gente que lhe pisa os caminhos asfaltados, num vai-vem contínuo. Todas as classes sociais estão representadas nesses desfiles: estudantes de idades diferentes, donas de casa sobrecarregadas de compras, patrões e empregados, operárias e granfinas.

A' sombra copada das figueiras e dos plátanos, vagabundos cochilam, namorados sussurram confidências, crianças traquinam. E os tipos curiosos, que a frequentam! Sei de um velho, cujas barbas brancas me fazem pensar em Tolstoi, que lá costuma ir para esquentar-se ao sol, todas as manhãs. E o "profeta" que surpreendi outro dia, meditando sob as árvores? Barba encarapinhada já grisalha, uma meia túnica azul desdobrada sobre o camisolão lilás, êle cruzara as mãos sobre o peito, na atitude compenetrada de quem tem alguma doutrina a semear. Há os que falam sózinhos como se conversassem com espíritos. E há, também, miseráveis sem lar que passam os dias inúteis jogados nos bancos, à espera de que se abram as portas do Albergue Noturno.

E' um pequeno mundo, a nossa Praça da República. Com seus plátanos de galhos altos, as suas barracas de flores, os chorões debruçados sobre o lago, ela consegue mostrar-se sempre diferente, conforme a hora, o dia, a estação. Ao raiar do sol, tem como senhores absolutos os pássaros que despertam entre pios e chilreios. Nas manhãs de sol, os bebês adormecidos nos carrinhos ou fiscalizados pelas pagens uniformizadas, dão-lhe um ar alegre e sadio de créche. Passa por ela, depois, a tagarelice dos homens de negócio, com suas pastas e suas preocupações. Pela tardinha, voltam os pardais: descem sobre os relvados que recobrem como um tapete vivo. Um tapete mágico, que se levanta nos ares, de repente, para se desfazer em música. A' noite, de par com casais de namorados cruzam-lhe os caminhos todos os cachorros de luxo da vizinhança, que os donos conduzem para um passeio higiênico. Depois, ela adormece sob o olhar dourado dos lampeões, e só o vozear de algum bêbado, ou o passo lento de boêmios retardados, perturbam-lhe a tranquilidade do sôno.

★

Aos domingos, como bôa burguêsa, a Praça acorda mais tarde. Dos bairros vizinhos vem gente visitá-la, famílias inteiras, ataviadas nas suas roupas de passeio. Os fotógrafos ambulantes afadigam-se, preparando poses em geral contrafeitas, como nos retratos antigos. Cabeças se inclinam sobre o parapeito das pontes, procurando os peixes e os ratos, que disputam migalhas de pão atiradas à água turva do lago. Mais tarde, ao centro de um grupo de curiosos, um homem magro, com o dedo espetado para o alto, comenta um trecho do Evangelho. Os homens e as mulheres que o secundam, entôam um hino religioso, sempre o mesmo. E o grupo se dispersa na doçura da hora, espiritualizada pela ressonancia da música.

★

Como um calendário, a Praça da República acompanha a marcha das estações. Com a chegada do outôno, os plátanos começam a perder as folhas. Há pinceladas ruivas, douradas, côr de bronze nas copas empobrecidas. Nas tardes de vento, folhas soltas esvoaçam pelas calçadas como lenços que se cansaram de dizer adeus. Pelas manhãs, uma fina névoa azulada enche os espaços, no fundo, confundindo os planos, esbatendo o contorno das árvores arrepiadas de frio. Os relvados amanhecem crivados de folhas, que os varredores pacientemente juntam em montes. Folhas que, no feitio e na côr, hão de lembrar estrêlas despregadas do céu por algum vendaval misterioso.

O inverno esgarça e rompe a cortina verde estendida entre a Praça e o bulício das ruas. A silhueta núa dos plátanos projeta-se contra o céu cinzento. A' noite, os reflexos dos anúncios luminosos se insinuam entre os galhos secos, como se fossem frutos coloridos ou enfeites rebrilhantes de árvores de Natal. Depois, em Setembro, brotos novos, finos como rendas, nos falam da primavera que chegou. A Praça, então, compõe uma sinfonia de tons verdes. Antigamente, o bom gosto de jardineiros bem intencionados sabia quebrar essa monocromia com a nota colorida dos taboleiros de azaléas e heliotropos. Agora, porém, é preciso esperar por Finados para vêr a Praça convertida num grande canteiro de flôr. Um borborinho de mercado sobe das calçadas atravancadas de vasos, onde florescem lírios e cravos, margaridas e hortênsias.

Dezembro empresta à Praça um cheiro diferente. A gente se detem, sem querer, afim de respirar melhor a fragrancia de resina, que desprendem os galhos de pinheiros expostos para as festas do fim do ano. Aquele perfume acre evoca paisagens de montanha e quase sentimos perpassar por nós o sopro fresco e vivificante de climas mais amenos. Depois, a Praça viceja sob as chuvas de verão. E os dias quentes tornam mais nítida e mais acolhedora a sombra rendilhada do arvoredo.

Há tempos atrás cogitou-se da remodelação da Praça da República, sacrificando grande parte das árvores para a abertura de uma avenida. A sugestão foi recebida com um só protesto. Os velhos plátanos, sobretudo, tinham direitos adquiridos. Eram benfeitores, e não réus, sobre os quais se pudesse lavrar, impunemente, uma sentença de morte. Alguém já afirmou que cortar uma árvore é crime igual ao de matar um homem bom. E uma lenda árabe aconselha a plantar uma árvore para "cortar uma desgraça". Deve haver um fundo de verdade dentro dessa superstição. Nós, que não sabemos plantar, não derrubemos o que os outros plantaram. Lembremos a resposta de Voltaire a um admirador que lhe louvava o trabalho em beneficio dos pósteros: "E' verdade, plantei 4.000 árvores".

Os cartões postais de São Paulo não dispensam as vistas da praça da República.

O MANGUE

Conto de A. COELHO

— Bote na minha conta, seu Manoel.

Seu Manoel, um português vermelhusco e de cabelos muito brancos, olhou-o através dos oculos verdes e disse:

— Seu Adriano, sua conta está um bocado alta. (Falava com certa compaixão como se o assunto o magoasse). Prá semana é impossivel continuar a lhe vender fiado. O senhor sabe. Comercio é isso mesmo. A gente prá sortir a bodega tem que vender mas se o dinheiro não aparece...

Adriano André era freguês antigo do seu Manoel e não se ofendeu com aquela advertencia. Afinal, o português estava com toda razão. Sua divida para com ele, se não se enganava nos calculos, alcançava á quantia de 200 cruzeiros. Onde arranjaria tal importancia? O dinheiro que recebia pelos solados que colocava em sapatos não era suficiente. Teria que se virar para outro negocio. Passou o lenço sujo pela boca e deu uma desculpa qualquer.

— Não lhe estou forçando, seu Adriano, — continuou o velhote com bom humor. — Isso foi apenas uma formalidade a que me vi obrigado. Olhe que o senhor me compra mercadoria há muito tempo e nunca me ficou devendo um vintem. O senhor paga quando bem puder.

Adriano agradeceu, apanhou os 2 cruzeiros e a meia garrafa de querosene que estava sobre o balcão e saíu. Pelo caminho pensava num motivo para explicar a sua situação à Candida, sua mulher. Se ela voltasse com suas exigencias para irem morar na cidade, a única solução era confessar tudo. Nessas ultimas semanas vinha mostrando uma aversão terrivel pelo lugar onde residiam. Não suportava o cheiro do mangue e frequentemente se irritava contra os vizinhos que tossiam exageradamente durante a noite e, segundo corria, eram tuberculosos. Adriano procurava tranquilizá-la prometendo fazer o que estivesse ao seu alcance e não fôra raramente que se vira obrigado a mentir. Candida acreditava nas promessas do marido e passava um periodo de calma para dias depois explodir numa colera violenta. Criada na cidade, de onde ele fora tirá-la, tinha uma paixão louca por cinema. E justamente por essa razão e por outras mais futeis ainda, ela não suportava aquela vida num casebre à beira de um rio. A' noite lamentava-se constantemente e não escondia o seu asco pela atitude indiferente do marido.

Quando Adriano entrou em casa, encontrou-a mergulhada no mais completo silencio. A principio estranhou aquela calma sem causa aparente, pois Candida nunca saía sem antes o avisar durante o almoço. Colocou o pão e a garrafa sobre a mesa e dirigiu-se para o quarto. Candida estava espichada na cama revolvida, com os cabelos muito castanhos espalhados em desordem. Provavelmente voltara-lhe o incomodo do estomago de que ela sempre sofrera, pensava Adriano consigo mesmo.

— Candida... — chamou suavemente temendo assustá-la.

A mulher fitou-o com asco e seu silencio por um instante incomodou o sapateiro.

— Está sentindo alguma coisa, Candinha?

Ela levantou-se bruscamente e foi para a sala sem dizer palavra. Seus olhos muito vermelhos não escondiam que estivera chorando. Ficou de costas para o marido como se evitasse vê-lo.

— Que é que você tem, Candinha — insistiu meigamente, procurando acariciá-la.

— Deixa-me em paz — desabafou ela àsperamente. Caminhou até a cozinha e sentou-se num tamborete com o corpo esguio agitado pelos soluços. Adriano foi para perto dela. Estava desapontado e abatido. Desde que fôra morar alí nunca mais tivera um momento de sossego. Era um lugar tão calmo! E como era bonito o grande Capibaribe nas noites de lua. Porém aquela beleza não interessava a Candida. Os lugares quietos eram para ela odiosos, monótonos. Amava o bulicio da cidade, a vida fremente das grandes avenidas. Puxou um tamborete e sentou-se de frente para ela.

— Candinha... — sua voz saíu medrosa, quase imperceptivel — Que é isso? Sempre que chego em casa encontro você para um canto chorando?

Ela lançou-lhe um olhar que tinha qualquer coisa de barbaro.

— Não suporto mais viver neste buraco. Você sabe que sempre quís uma casa na cidade com um jardim na frente. Não me casei para vir morar neste fim de mundo. Se você não tem dinheiro pra ir morar lá eu vou sòzinha. Isso aqui é um inferno!

— Mas eu não já lhe disse que estava procurando um lugar? Arrumar uma casa nesse tempo não é brincadeira, não.

Ela prorrompeu em soluços.

— Todo dia ouço você dizer isso. Já estou farta de viver nessa miseria. Não nascí pra viver enfurnada. Eu quero ir pra cidade... Quero morar na cidade...

Enxugou os olhos com as costas das mãos, jogou os cabelos para trás e levantou-se. Adriano quís detê-la mas desistiu logo de seu intento. Queria evitar mais uma altercação. Candida quando zangada ficava fora de si. Dirigiu-se á mesa e cortou uma fatia de pão. Enguliu-a sem vontade e levou a garrafa de querosene para a cozinha. O fogo estava apagado e a comida fria. O cheiro de cinza molhada aborreceu-o. O desmazelo com que Candida cuidava da casa, nesses ultimos dias, magoava-o. Por mais que se esforçasse para trazê-la aos primeiros tempos de casada, era inutil. Talvez a falta de um filho tornasse a sua vida um tanto vazia. Acendeu o fogo e botou a carne para esquentar. Já por diversas vezes fora obrigado a fazer aquele serviço. Candida apareceu á porta. Seu olhar agora era mais calmo e ao ver o marido dar-se áquele sacrificio, pareceu apiedar-se um pouco.

— Deixa que eu faço isso, Adriano — disse, tomando-lhe a panela das mãos.

Adriano André não a olhou. Foi para a sala e se espichou na espreguiçadeira. Amava muito a mulher e não podia vê-la sofrer. Sempre que Candida chorava uma sensação de fraqueza tomava conta de seu corpo e ele se esforçava por não chorar também. Ao mesmo tempo sentia-se um inutil, um homem sem energias, incapaz de resolver os mais simples problemas. Recordava-se do que estava devendo a seu Manoel e esta lembrança fazia-o tremer. Onde iria buscar tanto dinheiro para se ver livre do português e satisfazer as aspirações da mulher? E se Candida viesse a saber que tudo o que ele comprava era fiado? Assim pensando, discutia consigo mesmo a melhor maneira de fugir àquele dilema. Estirou o braço e apanhou o resto do pão que cortara. A noite vinha chegando com a sua tristeza e os maruins não perdiam tempo. A frieza da maré agora era mais pronunciada. Por que era que Candida não gostava daquele recanto tão calmo? Alí não havia o barulho dos bondes para perturbá-los durante toda a noite. Ergueu-se e foi para a porta. Quase toda a sua infancia passara correndo pela beira dos rios. Lembrava-se de como ficavam pretas as suas pernas quando voltava da pesca aos carangueijos. Alongou a vista pelo rio. Muito longe passava um pescador em sua jangada de quatro paus. Não sabia como um homem suportava aquela vida com a roupa molhada, vagando altas horas da noite, incomodado pelos maruins e pelo frio. O cheiro da carne aquecida chegava até as suas narinas, e ele tranquilizou-se à lembrança de que era a "sua" Candida quem a estava esquentando.

Por muito tempo Adriano ficou alí em pé, com uma nuança de desanimo nos olhos. O vento trazia o mau cheiro do mangue e ele receiava pelo que estaria pensando a mulher. Descansou o corpo na perna direita e acendeu um cigarro. Pouco depois sentiu uns passos atrás de si e voltou-se. Era Candida. Seu vestido sujo de tisna e aberto até aos seios, aproximava-a dessas mulheres negligentes que já não se preocupam com a aparencia.

— Tudo muito bonito, não é? — exclamou ela com certa ironia após um curto silencio.

Naquele instante, vendo-a assim abatida, Adriano foi tomado de uma subita compaixão. Tomou-a pela cintura enquanto ela permanecia insensivel aos seus carinhos.

— Não se incomode, Candinha. Eu arranjo tudo. Espere só uns quinze dias. Não é muito tempo. E' preciso a gente ver que isso não se arranja de uma tacada. Falo amanhã com o dono do cortiço da Rua da Saudade e fica logo tudo arrumado. Você vai ver.

Ela desprendeu-se dele um tanto bruscamente.

— Aquilo é pior do que o inferno. Não há cristão que aguente morar num lugar daquele. Se você está pensando me tirar daqui para uma miseria como aquela está muito enganado. Desta casa só sáio pra um lugar decente.

— Está bem, Candinha. Pensei que você gostasse dalí. Não se discute mais. Arrumo outra coisa em qualquer lugar que lhe agrade.

Ela cedeu.

Todas as tardes, quando voltava do trabalho, Adriano encontrava-a mal humorada. Logo que o via, apregoava-o de perguntas, irritava-se sem o menor motivo com suas respostas e o choro nessas ocasiões era inevitavel. O desleixo e o abandono de si mesma, iam definhando-a ao ponto de Adriano receiar pela sua saude. Pouco a pouco se apercebia que todo esforço para levantar-lhe o animo antigo era em vão. Comprou-lhe um vestido novo que foi parar no fundo de u'a mala velha, como igual destino tiveram outros pequenos objetos que ele lhe presenteara. Adriano não sabia mais o que fazesse. Seus nervos estavam destroçados e as explosões de colera, mesmo no trabalho, eram frequentes.

— Sabe de uma coisa? — disse, uma ocasião, à mulher, quando almoçavam — Daqui você não sái tão cedo pra lugar nenhum. As encomendas de sapatos são muito poucas e estou devendo a muita gente.

Ela foi tomada de subita raiva e lançou-lhe em rosto uma torrente de insultos. Adriano nunca a vira tão colerica. Sua voz saía como se alguém a estivesse estrangulando.

— "Seu" miseravel! — gritava — "Seu" sem-vergonha! Você não pode me obrigar a viver enterrada aqui nesse fim de mundo. Eu não suporto mais essa vida... Não sou negra de engenho pra aguentar bucha calada. Eu fujo... Você vai ver

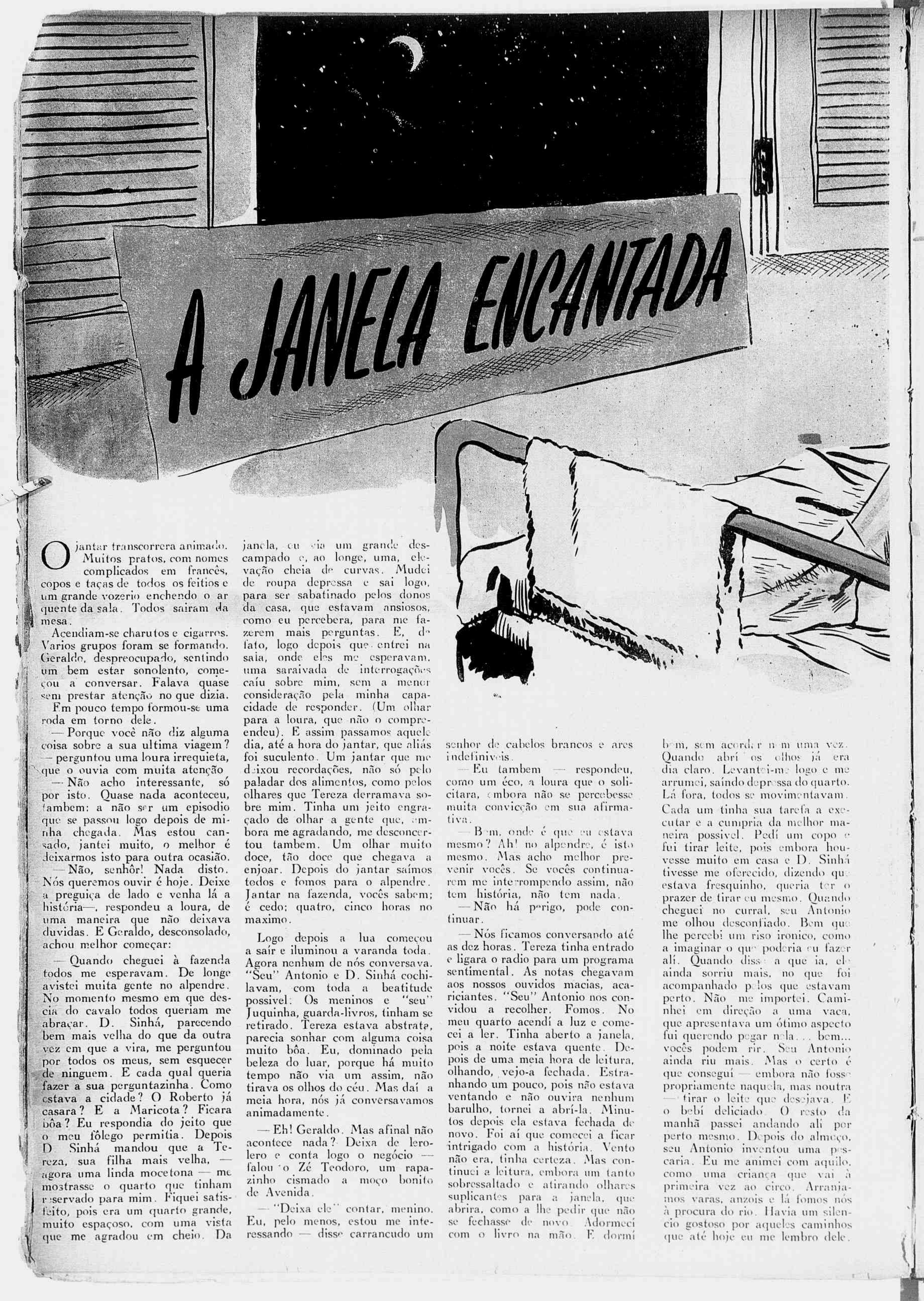
Adriano estava fora de si.

— Fique sabendo, "zinha" mal agradecida, que fui eu quem tirou você da lama. Você não era nada, não. Fui eu quem trouxe você pr'aqui e livrou você daquela vida sem-vergonha que você levava. Agora é que se mostra arrebitada. Mas eu lhe ensino!

(*Continua na pág. 104*)

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS ★ PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"

ORLANDO
MATOS



A JANELA ENCANTADA

O jantar transcorrera animado. Muitos pratos, com nomes complicados em francês, copos e taças de todos os feitios e um grande vozerio enchendo o ar quente da sala. Todos sairam da mesa.

Acendiam-se charutos e cigarros. Varios grupos foram se formando. Geraldo, despreocupado, sentindo um bem estar sonolento, começou a conversar. Falava quase sem prestar atenção no que dizia.

Em pouco tempo formou-se uma roda em torno dele.

— Porque você não diz alguma coisa sobre a sua ultima viagem? — perguntou uma loura irrequieta, que o ouvia com muita atenção

— Não acho interessante, só por isto. Quase nada aconteceu, tambem: a não ser um episodio que se passou logo depois de minha chegada. Mas estou cansado, jantei muito, o melhor é deixarmos isto para outra ocasião.

— Não, senhôr! Nada disto. Nós queremos ouvir é hoje. Deixe a preguiça de lado e venha lá a história—, respondeu a loura, de uma maneira que não deixava duvidas. E Geraldo, desconsolado, achou melhor começar:

— Quando cheguei à fazenda todos me esperavam. De longe avistei muita gente no alpendre. No momento mesmo em que descia do cavalo todos queriam me abraçar. D. Sinhá, parecendo bem mais velha do que da outra vez em que a vira, me perguntou por todos os meus, sem esquecer de ninguem. E cada qual queria fazer a sua perguntazinha. Como estava a cidade? O Roberto já casara? E a Maricota? Ficara bôa? Eu respondia do jeito que o meu fôlego permitia. Depois D. Sinhá mandou que a Tereza, sua filha mais velha, — agora uma linda mocetona — me mostrasse o quarto que tinham reservado para mim. Fiquei satisfeito, pois era um quarto grande, muito espaçoso, com uma vista que me agradou em cheio. Da janela, eu via um grande descampado e, ao longe, uma, elevação cheia de curvas. Mudei de roupa depressa e sai logo, para ser sabatinado pelos donos da casa, que estavam ansiosos, como eu percebera, para me fazerem mais perguntas. E, de fato, logo depois que entrei na sala, onde eles me esperavam, uma saraivada de interrogações caíu sobre mim, sem a menor consideração pela minha capacidade de responder. (Um olhar para a loura, que não o compreendeu). E assim passamos aquele dia, até a hora do jantar, que aliás foi suculento. Um jantar que me deixou recordações, não só pelo paladar dos alimentos, como pelos olhares que Tereza derramava sobre mim. Tinha um jeito engraçado de olhar a gente que, embora me agradando, me desconcertou tambem. Um olhar muito doce, tão doce que chegava a enjoar. Depois do jantar saímos todos e fomos para o alpendre. Jantar na fazenda, vocês sabem; é cedo: quatro, cinco horas no maximo.

Logo depois a lua começou a saír e iluminou a varanda toda. Agora nenhum de nós conversava. "Seu" Antonio e D. Sinhá cochilavam, com toda a beatitude possivel. Os meninos e "seu" Juquinha, guarda-livros, tinham se retirado. Tereza estava abstrata, parecia sonhar com alguma coisa muito bôa. Eu, dominado pela beleza do luar, porque há muito tempo não via um assim, não tirava os olhos do céu. Mas daí a meia hora, nós já conversavamos animadamente.

— Eh! Geraldo. Mas afinal não acontece nada? Deixa de lerolero e conta logo o negócio — falou o Zé Teodoro, um rapazinho cismado a moço bonito de Avenida.

— "Deixa ele" contar, menino. Eu, pelo menos, estou me interessando — disse carrancudo um senhor de cabelos brancos e ares indefiniveis.

— Eu tambem — respondeu, como um éco, a loura que o solicitara, embora não se percebesse muita convicção em sua afirmativa.

— Bem, onde é que eu estava mesmo? Ah! no alpendre, é isto mesmo. Mas acho melhor prevenir vocês. Se vocês continuarem me interrompendo assim, não tem história, não tem nada.

— Não há perigo, pode continuar.

— Nós ficamos conversando até as dez horas. Tereza tinha entrado e ligara o radio para um programa sentimental. As notas chegavam aos nossos ouvidos macias, acariciantes. "Seu" Antonio nos convidou a recolher. Fomos. No meu quarto acendí a luz e comecei a ler. Tinha aberto a janela, pois a noite estava quente. Depois de uma meia hora de leitura, olhando, vejo-a fechada. Estranhando um pouco, pois não estava ventando e não ouvira nenhum barulho, tornei a abrí-la. Minutos depois ela estava fechada de novo. Foi aí que comecei a ficar intrigado com a história. Vento não era, tinha certeza. Mas continuei a leitura, embora um tanto sobressaltado e atirando olhares suplicantes para a janela, que abrira, como a lhe pedir que não se fechasse de novo. Adormecí com o livro na mão. E dormí bem, sem acordar nem uma vez. Quando abrí os olhos já era dia claro. Levantei-me logo e me arrumei, saíndo depressa do quarto. Lá fora, todos se movimentavam. Cada um tinha sua tarefa a executar e a cumpria da melhor maneira possivel. Pedí um copo e fui tirar leite, pois embora houvesse muito em casa e D. Sinhá tivesse me oferecido, dizendo que estava fresquinho, queria ter o prazer de tirar eu mesmo. Quando cheguei no curral, seu Antonio me olhou desconfiado. Bem que lhe percebi um riso ironico, como a imaginar o que poderia eu fazer alí. Quando disse a que ia, ele ainda sorriu mais, no que foi acompanhado pelos que estavam perto. Não me importei. Caminhei em direção a uma vaca, que apresentava um ótimo aspecto fui querendo pegar nela... bem... vocês podem rir. Seu Antonio ainda riu mais. Mas o certo é que consegui — embora não fosse propriamente naquela, mas noutra — tirar o leite que desejava. E o bebí deliciado. O resto da manhã passei andando alí por perto mesmo. Depois do almoço, seu Antonio inventou uma pescaria. Eu me animei com aquilo, como uma criança que vai à primeira vez ao circo. Arranjamos varas, anzois e lá fomos nós à procura do rio. Havia um silencio gostoso por aqueles caminhos que até hoje eu me lembro dele.

O sol, camarada, não queimava a gente, mas apenas esquentava um pouquinho. Iamos sem conversar, quase. Mas, em dado momento, seu Antonio cismou de contar anedotas e foi um tempo quente. Nós quase estorávamos de tanto rir. Palavra, gente, vocês precisavam pegar é contador como aquele. Nunca vi tanto jeito assim. Tudo que o homem falava tinha graça. Quando passamos perto de uma fazenda vizinha, mais dois companheiros se reuniram a nós. Enquanto isto eu nem pensava no incidente da noite passada. Aliás não tinha falado sobre aquilo, mesmo porque podia ser engano meu... Finalmente chegamos ao rio e alí passamos o dia todo. Fizemos de tudo. Pescar mesmo quase nada. Conversamos, comemos — e que franguinho aquele que D. Sinhá havia preparado! — fizemos caça miuda, quase tudo enfim. De volta, levamos apenas algumas traíras pequenas. Mas estavamos satisfeitos, pois tinhamos nos divertido bastante. Quando chegamos em casa, D. Sinhá já nos esperava para jantar. Lavamos as mãos, o rosto e sentamos logo á mesa. O jantar foi igualzinho ao do dia anterior. Durante ele, Tereza não despregava os olhos de meu rosto. Por que seria — fiquei pensando — que, na hora do jantar, dava, nela, aquela coisa, que a fazia não tirar os olhos de mim? Nas outras horas, ela me tratava naturalmente, igual aos outros. Mas deixei este misterio de lado e prestei atenção nos quitutes de D. Sinhá. Acabamos e fomos para o alpendre. Seu Antonio estava mais animado do que na outra noite, talvez pelo exercicio que fizera. Falava bastante. Tereza, lá dentro, escutava o radio. Eu ouvia aquilo tudo calado. De vez em quando, dava um palpitezinho. Falando verdade, estava com pouca vontade de conversar. Na mesma hora do dia anterior, nós todos nos recolhemos. Entrei no meu quarto satisfeito, imaginando como devia estar bôa a cama quente, macia, os lençóis com aquele cheiro bom, de linho e de sabão. Aquele sabão que D. Sinhá fazia e perfumava, fazendo um segredo enorme em torno daquel. perfume. Entrei socegado, apertei o botão da luz — a fazenda dele tem disto tudo — e o quarto ficou claro, convidando-me a uma leitura. E foi o que fiz. Calcei, deliciado, os chinelos macios, que minha mãe havia me dado em meu último aniversario, vestí o pijama, abrí a janela, pois a noite ainda estava abafada e me recostei na cama, com um livro aberto.

— Que livro era, hein?

— "Deixa ele" contar o caso, Frederico. O que lhe interessa isto?

— Calma, calma, gente — continuou Geraldo — não custa nada dizer o nome do livro. Deixe eu ver... Ah! Era "Mediterraneo", de Panait Istrati. Já leu Frederico? Mas isto não vem ao caso. O certo é que fiquei absorto na leitura muito tempo. Em dado momento — antes não tivesse feito isto — olho despreocupado para a janela. E tomo um bruto susto, pois ela estava fechadinha da silva. Fiquei assim meio chocado, mas fui lendo sem me importar com a coisa.

Daí a uns 20 minutos, mais ou menos, olhei de novo. E torno a ver a janela fechada. Ah! esquecí de dizer. Eu a tinha aberto outra vez. Aí é que o meu susto foi de fato grande. Eu não sou homem para me impressionar com qualquer coisa, vocês sabem, (ouve-se alguns risos discretos, que o narrador não percebe) mas, da quela vez, podem ter certeza que fiquei devéras com medo. Já, aí, não sabia que fazer. Mas, respirei, fundo, tomei folego e me dirigi para a janela, tornando a escancará-la. Voltei para o leito e deitei. Peguei o livro e tentei ler. A minha atenção fugia a todo momento. O que poderia ser aquilo? fiquei pensando. Fantasmas? Será que a fazenda era assombrada? Não achava respostas. Só sei que estava suando em bicas. Via, lá fora, algumas estrelas, que pareciam piscar para mim, como a dizerem que não valia a pena ter medo por tão pequena coisa. O meu pijama estava todo molhado... Consegui ler um pouco. Levanto os olhos do livro. Oh! alivio. Janela aberta. Leitura de novo. E quando torno a olhar, nem é bom falar... vocês já sabem... estava fechada. Fiquei em estado de verdadeiro pânico. Algum de vocês já passou por isto? Pois é uma coisa que não desejo a ninguem. O coração da gente fica numa disparada doida. Começamos a prestar atenção nos menores barulhos. Um *cri-cri* qualquer arrepia os nossos cabelos. Enfim, o negócio é duro! E para resumir, eu lhes digo que não tive animo de abrir de novo a janela. Passei uma noite cheia de sobressaltos. Não dormí quase nada. A todo momento virava na cama, tinha medo de ver qualquer coisa no quarto. Logo que percebí o sol nascendo, levantei-me e fui para o curral. Ninguem reparou em minhas olheiras, porque todos estavam ocupados. Isto foi um alivio. Bebí uns dois copos de leite, bem cheios e me reconfortei um pouco com aquilo. Uff! E bem que eu precisava. Não é brinquedo passar uma noite como aquela, gastando emoção sem parar, assim como as moças gastam as palavras.

— E' mesmo? "engraçadinho"! Mas não somos nós que estamos falando, falando...

Continua na pág. 92

Conto de **EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE**

Ilustração de **ARMANDO PACHECO**

Premiado no Concurso Permanente de **"Revista da Semana"**

Miguel de Cervantes Saavedra, o genial autor de "Dom Quixote" (El ingenioso fidalgo Don Quixote de La Mancha), cujo quarto centenário será celebrado êste ano.

★

A PROPÓSITO DO QUARTO CENTENARIO DE CERVANTES

AS IDEIAS POLITICAS DO AUTOR DO "DOM QUIXOTE"

DE R. MAGALHAES JUNIOR

Especial para REVISTA DA SEMANA

SALVADOR DE MADARIAGA, um dos mais autorizados críticos de Cervantes na atualidade, observa de passagem, no seu "Guia del lector del *Quijote*", que comentadores da obra do herói de Lepanto, caçadores de símbolos e descobridores de intenções, já quiseram apresentar Dom Quixote e Sancho Pança como um "par antagonista", cada um dos quais convertido em cabeça de uma série de valores respectivamente opostos. Dom Quixote, segundo tais interpretações, seria equivalente à série "valor-fé-idealismo-liberalismo-esquerdismo", ao passo que Sancho Pança representaria a série oposta, "cobardia-ceticismo-realismo-sentido prático-reação-direitismo". Embora sustentando que, por vêzes, um e outro se aproximam e se fundem, numa quixotização de Sancho e numa sanchização do Quixote, Salvador de Madariaga reconhece que "as duas figuras cervantinas tendem a se obscurecerem e a desaparecer debaixo da frondosidade intelectual que com sua vitalidade têm alimentado". E nos aconselha a que, "por entre o bosque das simbolizações e interpretações, retornemos a Dom Quixote e Sancho tal como Cervantes nô-los deixou".

Quem procure analisar as opiniões políticas de Cervantes terá, necessàriamente, de ir buscá-las na parte segunda do "Dom Quixote", capítulos XLII, XLIII, XLIV e XLV, onde encontramos a série de conselhos que o fidalgo manchego dá ao seu fiel escudeiro, em vésperas de ser convertido em governador da ilha da Barataria, numa pilhéria igual àquela do prólogo de Shakespeare em "Taming of the Shrew", em que o pobre Christopher Sly, bêbado e vagabundo, se vê metido na pele de um nobre e com tôda uma teoria de cortezãos a seus pés. O próprio Madariaga nos diz que Cervantes aparece, no seu livro famoso, falando pela boca de vários personagens, num verdadeiro prodígio de ventriloquia. E tinha de usar de cautelas, desindividualizar-se, tangenciar, porque a época em que vivia não admitia que assuntos tão delicados fôssem feridos diretamente, sem véus ou disfarces. Jean Cassou, no seu breve e admirável estudo sôbre Cervantes, observou com muita agudeza que "o pensamento dessa época (a do autor do "Dom Quixote") se refugiava na hipocrisia", citando a êsse propósito êste trecho cervantino "Segui las costumbres de mi patria, a lo menos en cuanto a las que parecian ser niveladas con la razón, y en las que no, con apariencias fingidas mostraba seguirlas, que tal vez la disimulación es provechosa" ("Pérsiles y Segismunda"). E é Jean Cassou também quem nos lembra que, mau grado tôdas essas cautelas, ainda assim a Inquisição suprimiu da obra de Cervantes algumas passagens que não aprovou. Tanto maiores eram, pois, as razões que o genial cativo de Argel tinha para se precatar.

Politicamente, Miguel de Cervantes não tinha o menor motivo para festejar os poderosos, os dominadores da Espanha em sua época. Mutilado na batalha naval de Lepanto, abandonado nos tratos, sem assistência e sem resgate, nomeado para um cargo mal remunerado e um dia falsamente acusado de se haver apossado dos dinheiros públicos, Miguel de Cervantes nunca viu satisfeita a sua grande aspiração: a de servir em melhor e mais rendoso posto em terras americanas, fôsse como funcionario da tesouraria do reino da Nova Granada, como governador da província de Soconuzco, na Guatemala, contador das galeras em Cartagena ou corregedor da cidade de La Paz. De nada lhe valeu haver representado ao rei, nesse sentido, em 1590, alegando os seus serviços militares e o seu merecimento para tais cargos. Não timbravam os reis em escolher literatos para tão altos postos. A monarquia espanhola confiava mais em valentes capitães analfabetos, como Pizarro, o conquistador do Perú, do que em licenciados e poetas. A Cervantes nunca faltou a necessária coragem p ra criticar a ignorância dos servidores da corôa e o pouco apreço que os dominadores espanhóis davam aos homens cultos. Num dos seus entremeses chega êle a propor exa-

Nascido em Alcalá de Henares, em outubro de 1547, Miguel de Cervantes Saavedra, o genial autor do "Dom Quixote", — cujo quarto centenário tanto a Espanha, como todo o mundo latino-americano, celebram êste ano de fórma expressiva, tem sido discutido por centenas de estudiosos e comentadores, cada qual mais ávido de lançar novas luzes sôbre a figura do gigantesco escritor. Êste breve trabalho de R. Magalhães Júnior representa uma contribuição interessante, de um cervantista apaixonado, apresentando Cervantes como um representante do pensamento liberal, em matéria de política.

mes para os canditados a alcaides. Entre os candidatos está Humillos. E a êste pergunta

BACHILLER — *Sabéis leer, Humillos?*

HUMILLOS — ..... *No, por cierto,*
Ni tal se probará que en mi linaje
haya persona tan de poco asiento
que se ponga a aprender esas quimeras
que llevan a los hombres al brasero
y a las mujeres a la casa llana.
Leer no sé; mas sé cosas tales,
que llevan al leer ventajas muchas.

BACHILLER — *Y cuales cosas son?*

HUMILLOS — ..... *Sé de memoria*
todas cuatro oraciones, y las rezo
cada semana cuatro y cinco vezes".

Assim, a um só tempo, castigava Cervantes o critério da escolha dos funcionários políticos e a Inquisição. A um personagem que pergunta a Humillos se apenas com isso pensava ser alcaide, responde o interpelado: "Con esto y con ser yo cristiano viejo, me atrevo a ser un senador romano". Vem a seguir o questionário que o Bachiller faz a outro candidato, Jarrete.

JARRETE — ..... *Yo, senor Pesuna,*
Sé leer, aunque poco; deletreo
y ando en el b-a-ba bien ha tres meses
y en cinco más daré con ello a un cabo;
.....
y sou cristiano viejo como todos,
.....

Essa mesma crítica é repetida no "Dom Quixote", pela boca do escudeiro do fidalgo manchego. Preparando a treta da ilha da Barataria e do efêmero governo de Sancho, diz o duque ao ingênuo aspirante ao cargo de governador:

"— Vós, Sancho, iréis vestido parte de letrado y parte de capitán, porque en la insula que os doy tanto son menester las armas como las letras, y las letras como las armas.

— Letras, — respondió Sancho, — pocas tengo, porque aun no sé el A-B-C; pero bástame tener el CRISTUS *en la memoria para ser buen gobernador. De las armas manejaré las que me dieren, basta caer, y Dios delante."*

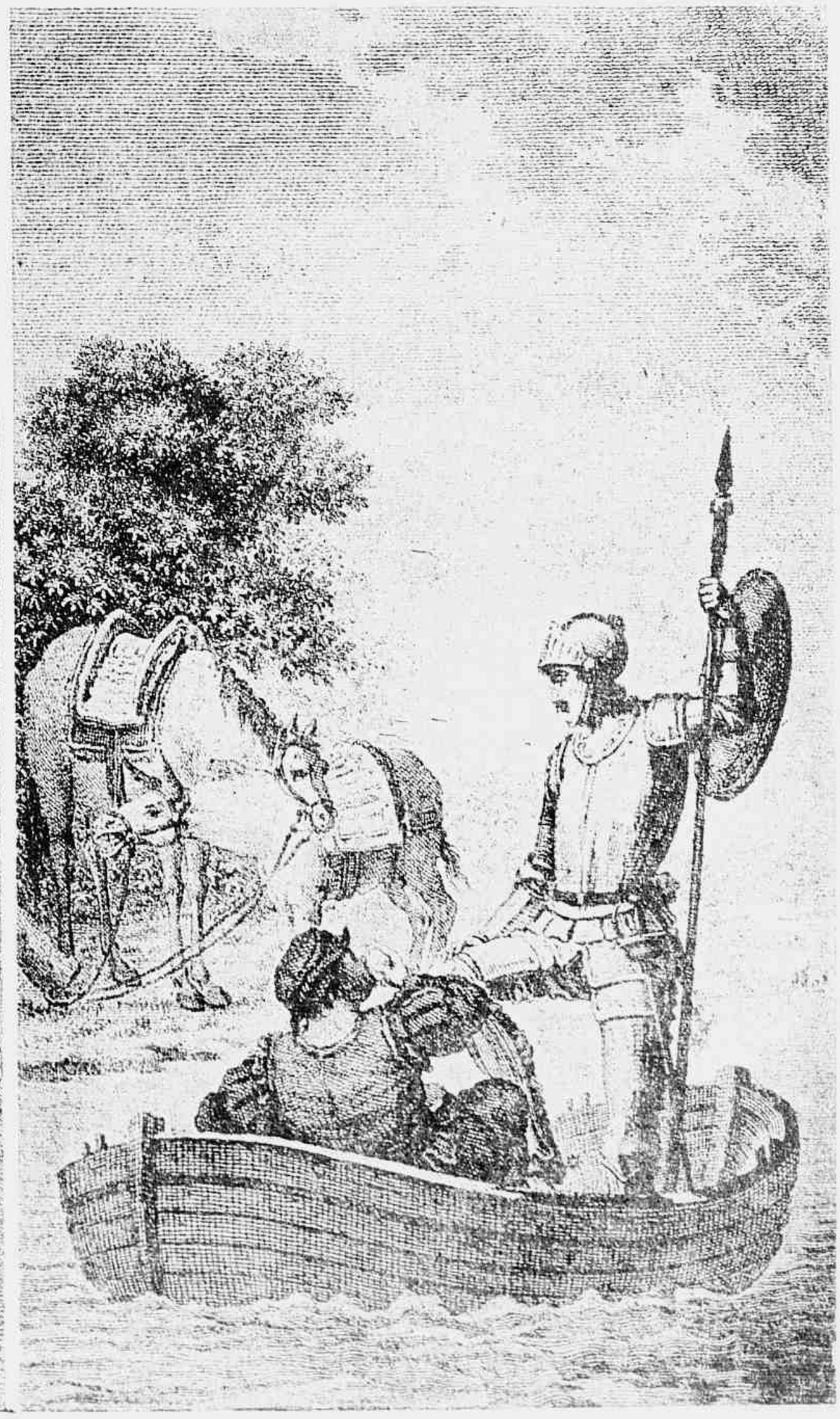
Como se não bastasse a crítica dos entremeses e das palavras de Sancho, a respeito da iliteratice dos governantes, Cervantes fala ainda, pela boca de Dom Quixote, sôbre as injustiças de que foi vítima, numa daquelas expansões de ventriloquia de que nos falou Salvador de Madariaga:

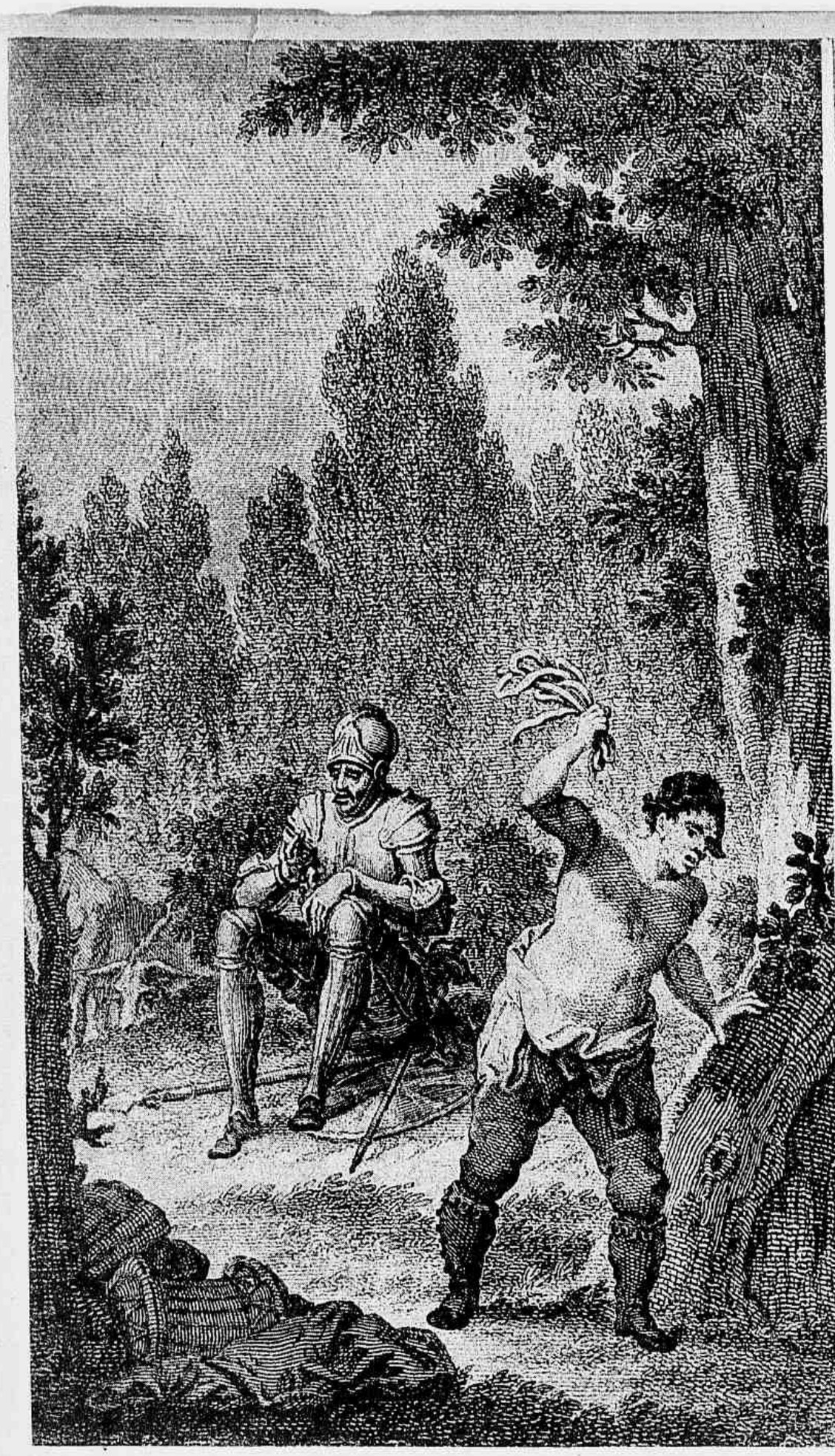
"— Infinitas gracias doy al cielo, Sancho amigo, de que antes y primero que yo haya encontrado con alguna buena dicha, te hay salido a ti a recibir y a encontrar la buena ventura. Yo, que en mi buena suerte te tenia librada la paga de tu servicios, me veo en los principios de aventajarme, y tú, antes de tiempo, contra la ley del razonable discurso, te ves premiado en tu deseos.

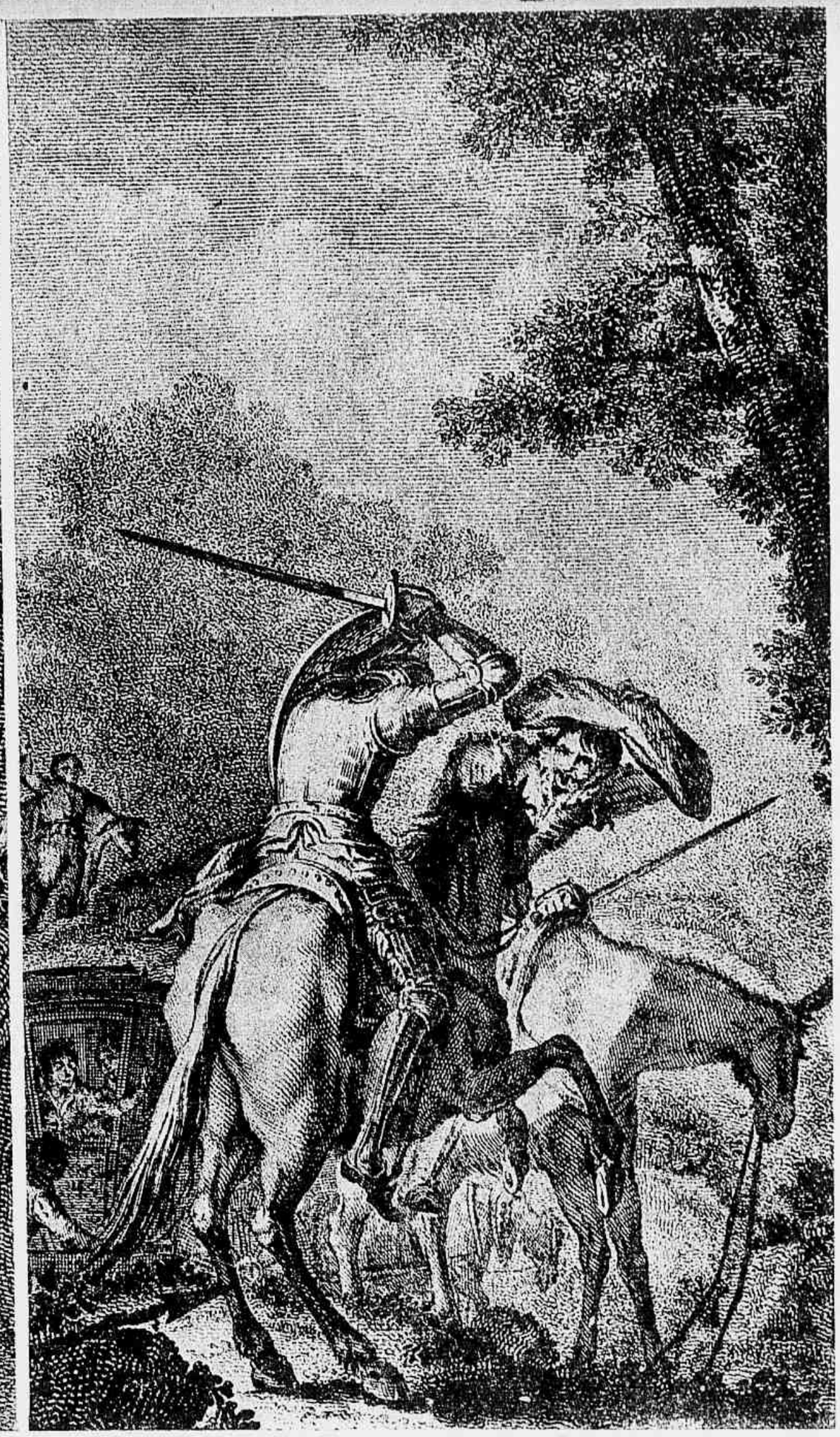
Otros cochechan, importunan, solicitan, madrugan, ruegan, porfian, y alcanzan lo que pretenden; no llega otro, y sin saber como, ni como no, se halla en el cargo y oficio que otros muchos pretendieron; y aqui entra encaja bien el decir que hay buena y mala fortuna en las pretensiones. Tú, que para mi, sin duda alguna, eres un porro, sin madrugar ni tresnochar y sin hacer diligencia alguna, con solo el aliento que te ha tocado de la andante caballeria, sin más ni más te vees governador de una insula, como quien no dice nada."

Os conselhos de Dom Quixote a Sancho antes que êle se engolfe nesse mar proceloso, pois "los oficios y grandes cargos no son otra cosa sino un golfo profundo de confusiones", constituem um verdadeiro breviário de sabedoria política. Para reforçar a significação dêsses conselhos, o próprio Cervantes nos adverte que o herói manchego "*solamente disparataba en tocándole en la caballeria*" e que "*en los demás discursos mostraba tener claro y*

Duas cenas das pitorescas aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro, Sancho Pança.







Duas cenas dos singulares e divertidos feitos de Dom Quixote, o herói da obra prima de Cervantes.

desenfadado entendimiento". Vejamos algumas máximas e verifiquemos se elas realmente colocam Dom Quixote no "idealismo-liberalismo-esquerdismo", a que aludiu Madariaga:

> "— *Cuando pudiere y debiere tener lugar la equidad, no cargues todo el rigor de la ley al delincuente; que no es mejor la fama de juez riguroso que la del compasivo.*
>
> — *Cuando te sucediere juzgar algun pleito de algún tu enemigo, aparta las mientes de tu injuria y ponlas en la verdad del caso.*
>
> — *Hallen en ti más compasión las lágrimas del pobre, pero no más justicia, que las informaciones del rico. Procura descobrir la verdad entre las promesas y dádivas del rico como por entre los sollozos y importunidades del pobre.*
>
> — *No te ciegue la pasión propia en la causa ajena: que nos yerros que en ella hicieres las más veces serán sin remedio; y se tuvieren, será a costa de tu crédito, y aun de tu hacienda.*
>
> — *Toma con discreción el pulso a lo que pudiere valer tu oficio, y si sufriere que des librea a tu criados, dásela honesta y provechosa, más que vistosa y bizarra, y repártela, entre tu criados y los pobres; quiero decir que si has de vestir seis pajes, viste tres y otros tres pobres, y asi tendrás pajes para el cielo y para el suelo; y este nuevo modo de dar librea no le alcanzan los vanagloriosos.*"

Depois do que ficou transcrito, não há como se possa negar o liberalismo de Dom Quixote, ou, melhor dito, de Cervantes, porque é o genial criador do último cavaleiro andante quem fala pela sua boca, nos momentos em que não o perturbam os assuntos de cavalaria. Não queremos deixar de citar, aqui, mais algumas palavras de Cervantes, pela boca do duque, em resposta a Sancho Pança, que dizia aceitar o encargo de administrar a ilha apenas "por el deseo que tengo de probar a qué sabe el ser governador":

> "— *Si una vez lo probáis, Sancho, — dijo el Duque, — comeros heis las manos tras el gobierno, por ser dulcisima cosa el mandar y ser obedecido.*"

Grande verdade é essa, — e comprovada, ainda agora, por tôdas as ditaduras que insistem em se perpetuar, a despeito da repulsa que despertam, nos quadros internacionais, como dentro das próprias fronteiras em que são exercidas. Quantos não comem hoje as próprias mãos para manter os seus postos de govêrno? Dulcíssima coisa é mandar e ser obedecido. Nomeado governador da província guatemalense ou corregedor de La Paz, teria Cervantes podido vir também a se embriagar com o poder e a comer as mãos para não deixá-lo? Cremos que não, porque já vimos qual era o teor da sua moral e quais os princípios do seu liberalismo. Mas é bem possível que o exercício das funções públicas, a importância do posto e os proventos auferidos lhe tirassem da cabeça a idéia de escrever o "Dom Quixote", —que, projeto antigo, só foi passado para o papel quando o infortunio o conduziu à prisão, acusado de desvio de fundos, como coletor de impostos. Se Felipe II tivesse atendido os seus rogos, dando-lhe uma rendosa sinecura na Guatemala ou no Perú, talvez o "Dom Quixote" não tivesse chegado a ser escrito. Teriam deixado de existir, não apenas um livro imortal, mas duas figuras eternas, — as de Dom Quixote e de Sancho Pança, — que Madariaga coloca, com as de Dom Juan, Hamlet e Fausto, entre "os cinco grandes homens criados pelo homem". Mas não duvidamos de que a província de Soconuzco teria tido um bom governador, porque, como notou Jean Cassou, "num século que foi de ouro, mas também de sangue, Cervantes ignorou, até extremos impressionantes, a violência, a vingança, os prazeres da dominação e da crueldade

MÚSICA

JENNIE TOUREL

NOTÍCIAS DA EUROPA — "AS SAUDADES DO RIO ESTÃO APERTANDO" — BIOGRAFIA, DATAS, INDISCREÇÕES — BRASIL, CARMEM E UM CRÍTICO ARREPENDIDO — O CAMINHO DA VOLTA E A "CENERENTOLA".

De **ROBERTO LYRA FILHO**
Especial para a **REVISTA DA SEMANA**

"AS saudades do Rio estão apertando" é o recado que Jennie Tourel manda aos seus admiradores brasileiros e que, honrados, transmitimos, em respostas às constantes perguntas sôbre a data de sua próxima visita. Acolhida na Inglaterra como uma das maiores cantoras contemporaneas, aquela mesma simpática canadense que recebeu, aqui no Rio, a maior das consagrações, não esqueceu o nosso público, que a aplaudiu com tanto entusiasmo. "As saudades do Rio estão apertando", manda dizer. Esperemos que ela não resista durante muito tempo...

Enquanto ela não se rende ao desejo de rever o Brasil, vamos enganando as nossas próprias saudades com uma conversa a respeito dos triunfos que vai colhendo, nos quatro cantos do mundo. Albert Goldberg, num rasgo de admiração, esqueceu-se de que era um dos críticos mais avessos aos adjetivos, para brindar a cantora, com êste tributo: "Se dissêssemos de uma cantora que tem os graves de um contralto, os agudos de um soprano, a flexibilidade de um soprano ligeiro, a saborosa sensualidade dos mais raros timbres de voz italianos, a mais elegante finura, que é sutil como Maggie Teyte, ao interpretar canções francesas, exímia na exteriorização das páginas dos compositores modernos, arrebatada na música russa, segura como uma cigana em traduzir o tom exato das canções espanholas, igualmente excepcional em todos esses idiomas e ainda a mais poderosa divulgadora da música brasileira — se dissessemos tudo isso, certamente os leitores acreditariam que estávamos juntando, numa frase, as qualidades observadas em todas as cantoras ouvidas durante vinte temporadas. Na realidade, porém, no quinto e último recital de Jennie Tourel, no Orchestra Hall tivemos tudo isso e mais alguma coisa — a presença graciosa e cativante dela".

BIOGRAFIA, DATAS E INDISCREÇÕES

Jennie Tourel não faz segredo da própria idade:

— Tenho 37 anos e nasci em Montreal, por acaso disse-nos, certa vez.

— Por acaso?

— Sim, meu pai era russo e estava no Canadá a negócios.

Ao alto: Jennie Tourel. Em baixo à esquerda: O maior admirador da cantora é o cãozinho Minos, cuja afeição é retribuida com entusiasmo. À direita: Antes de partir para a Europa, uma despedida.

A carreira de Tourel, iniciada na França, encerra, em suas etapas movimentadas, um professor de canto que ela abandonou porque "me colocava um ferro na boca, pensando que, assim, me ensinaria a emitir a voz", sete anos na ópera Comique, onde cantou 250 vezes as óperas Carmem e Mignon, uma fuga a pé, através da Espanha, com os nazistas em seu encalço, dois anos de lutas nos Estados Unidos, até que Toscanini a escolheu para o papel de Julieta, em "Romeu e Julieta", de Berlioz.

BRASIL, CARMEM E UM CRITICO ARREPENDIDO

A estréia de Jennie Tourel, no Brasil, deu-se em condições excepcionais. A "Carmem" apresentou-a ao público carioca, durante uma temporada lírica, ao lado de Charles Kullman e Alice Ribeiro, ambos em uma de suas grandes noites. A princípio, houve como que um choque. Que havia de diferente naquela Carmem? Numa das frizas, Gabriella Bezansoni recordava uma tradição italiana de robustas e vigorosas interpretações do papel, tradição que Bruna Castagna, anos antes, revivera, causando sensação. Tourel era diferente. Sua Carmem era menos violenta, enquadrava-se na concepção francesa que emprestava à cigarreira um encanto todo especial de "gamine", leviana, graciosa, o que dava relevo excepcional à dramaticidade de certas cenas, reservando para outros trechos uma vivacidade que, antes, o público não tivera ocasião de ver.

A ária das cartas, no terceiro ato, entusiasmou. A criação passara em julgado. Jennie Tourel triunfara. Aquela cigana que brincava com o amor dos homens com a mesma displicência com que colhia uma flor e logo após a tirava fora, subitamente se transformava. A superstição espelhava-se na sua fisionomia. Distribuia as cartas, ha a sua mensagem que era, sempre, a morte. Com um

(Continúa na pág. 16)

O CANADÁ COMEÇA A FAZER CINEMA

AS PRIMEIRAS PELÍCULAS CANADENSES — PRODUÇÕES QUE ATRAVESSAM FRONTEIRAS

Por **JOHN CLAY** Especial para **REVISTA DA SEMANA**

VERIFICA-SE atualmente, no Canadá, uma nova corrida do ouro. Ao contrário do que se observou na luta desenfreada pela conquista do precioso metal escondido nas montanhas das regiões incultas do norte, isto no decorrer da última década do século dezenove, esta nova corrida do ouro constitui uma aventura menos acidentada, mais ordenada, mas que promete a mesma fama e a mesma fortuna. Trata-se de obter para o Canadá uma posição privilegiada na indústria cinematográfica que ora se inicia, uma indústria que se está preparando para provar a todos que pode fazer filmes tão bons quanto os de qualquer outro país e, assim, reclamar a sua parte nos bilhões gastos todos os anos, no mundo inteiro, com essa espécie de divertimento.

Não há exagêro em dizer que êsse movimento assumiu o aspecto de uma corrida do ouro. Auxiliados pela propaganda em alta escala que emana de Hollywood, a cidade que "glamorizou" a indústria, os fabricantes de filmes canadenses não estão enfrentando a menor dificuldade para encontrar capital ou operários de boa disposição.

As companhias cinematográficas recebem semanalmente centenas de fotografias de esposas, maridos e namorados, que pedem emprêgo como atores. Geralmente, a carta de cobertura chama a atenção para a grande semelhança entre a pessoa fotografada e Clark Gable ou Ingrid Bergman. Mas a corrida não se verifica exclusivamente para a obtenção de trabalho em frente à câmera. Sugestões para enredos e cenários também figuram na correspondência recebida cada manhã.

A indústria cinematográfica do Canadá era coisa que se impunha. As atividades de tempo de guerra tornaram a nação e o seu povo mais conhecidos do que nunca. Daí resultou um crescente interêsse, por parte dos outros países, pelo Canadá e pelos canadenses — querem saber como vive o povo, quais são os seus problemas, e que aspecto tem o seu país. Os filmes modernos havendo-se revelado o melhor veículo de propaganda de qualquer país, uma indústria dêsse gênero tornava-se inevitável no Canadá.

Da época da guerra para cá, dois filmes de longa metragem foram realizados por companhias financiadas por canadenses. São êles: "Le Père Chopin", produzido pela "Renaissance Films" de Montréal, e "Bush Pilot", recentemente terminado pela "Dominion Productions Limited" de Toronto.

"Le Père Chopin", falado em francês e estrelado por afamadas personalidades do rádio e do teatro canadenses, foi terminado no ano passado e, desde então, tem sido apresentado nos cinemas de tôdas as localidades de língua francesa do Canadá. Calculado primeiramente em 100.000 dólares, o custo do filme elevou-se a quase 150.000 antes de terminado. A maior parte dêsse aumento foi devida às consideráveis despesas de aluguel do material necessário, e o resto à inexperiência do pessoal, se bem que hajam sido contratados vários técnicos especializados de Hollywood.

De qualquer maneira, a "Renaissance Films" crê que "Le Père Chopin" acabará por dar um bom lucro. Contratos de distribuição foram assinados com agências na França, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Suíça, Espanha, México e América do Sul. Disposições estão igualmente sendo tomadas junto a distribuidores americanos, pois a "Renaissance" tenciona fazer versões em língua inglesa de todos os seus filmes.

"Bush Pilot", que foi produzido pela "Dominion Productions" nos Estúdios Queensway, em Toronto, instalados em diversas cidades da província de Ontário, ainda está para ser entregue ao público. Segundo G. H. Woods, presidente da companhia, diversas ofertas "tentadoras" foram recebidas de organizações distribuidoras, antes mesmo de o filme se achar terminado. "Bush Pilot", história típica de aventuras canadenses, apresenta Rochelle Hudson, Austin Willis e Jack Larue. Willis, que abandonou o rádio para aceitar esse papel, é também diretor da "Dominion Productions" e contribuiu, em parte, para a fundação da companhia.

Graças ao seu papel em "Bush Pilot", Willis conseguiu um papel na produção inglesa de "Marie Chapdelaine", que está sendo filmado na Inglaterra e em Grand-Mère, na província de Québec.

Uma terceira produção importante, "The Stronghold", adaptação cinematográfica do romance "Whispering City", está sendo filmada em St-Hyacinthe, a 70 milhas de Montréal, pela "Quebec Productions Limited" de Montréal. Vistas foram tomadas há diversas semanas na cidade de Quebec, onde se desenrola a ação do filme.

"The Stronghold" está sendo filmado em branco e preto. Seu orçamento é de 600.000 dólares, o que vale dizer que é essa a produção mais dispendiosa de tôda a história da cinematografia canadense. De acôrdo com o que diz Paul Langlais, presidente da companhia, a maior parte do pessoal produtor e do elenco é constituído de canadenses, se bem que hajam sido contratados para a filmagem vários técnicos especializados de Hollywood, assim como astros da categoria de Paul Lukas, Helmut Dantine e Mary Anderson. A produção do filme está sendo financiada por fundos canadenses.

A película será também apresentada em francês, com o nome de "La Forteresse". Ao contrário, porém, do que acontece com a maioria dos filmes bilingues, a versão em língua francesa está sendo feita com um elenco completamente diferente e um "script" separado. Para eliminar, entretanto, despesas duplas de montagem e disposição das luzes, ambas as versões estão sendo filmadas simultâneamente.

A indústria canadense chegou à conclusão de que um "script" inglês não pode ser traduzido literalmente em francês ou vice-versa. Diferenças básicas na caracterização, na língua e nos costumes, exigem um tratamento aparte. O argumento poderá ser o mesmo, mas a maneira de expô-lo deverá obedecer ao estilo literário da língua à qual se acha adaptado. Todos os filmes de longa metragem dos estúdios "Renaissance" terão um "script" separado para as versões inglesas e francesas. Em Toronto, a "Dominion Productions" também está cogitando do bilingüismo.

Se bem que a maior atenção, por parte do público pelo menos, esteja sendo consagrada a essas produções de maior importância, não poderemos dizer que a indústria canadense se dedique exclusivamente a filmes de longa metragem. Atualmente, mais de 25 companhias estão produzindo películas em uma e duas bobinas. Dos estúdios de Nova Escóssia até à Colômbia Britânica, vêm-se produzindo filmes comerciais, educativos e industriais, quasi todos de 16 milímetros. Nêsse terreno, acham-se também empenhados os governos provinciais, entre os quais os da Nova Escócia e Saskatchewan, que instalaram repartições cinematográficas. Compreendendo o alcance do valor da educação visual, essas repartições consagram a maior parte do tempo à produção de filmes curtos, relativos à vida e aos problemas de suas províncias.

A importância dos pequenos produtores, para o futuro da indústria cinematográfica canadense, não deverá ser subestimado. Essas organizações teem-se revelado, atualmente, um campo de treinamento para os grandes filmes de amanhã. Na verdade, pouca diferença há entre um filme de duas bobinas e um cuja duração seja de duas horas. Os problemas básicos são semelhantes, principalmente no que se refere a luz, cenário, maquilagem e técnica fotográfica — para não falar do desempenho artístico.

As câmeras e material de iluminação não existem, práticamente, no Canadá. As poucas câmeras de 35 milímetros de que dispomos estão constantemente em uso. A indústria tem de treinar todo o pessoal, desde os desenhistas de cenários até os que se ocupam dos detalhes acessórios. Se bem que haja começado do ponto inicial, a indústria canadense prefere treinar canadenses, para aquelas funções, a contar com técnicos importados dos Estados Unidos, da Inglaterra ou da França.

Contratando técnicos, qualquer um pode produzir um filme de primeira classe. O que é absolutamente necessário, é o dinheiro. Mas o que a indústria canadense está tentando é criar uma indústria que seja típicamente canadense. Até que se treine um pessoal competente, as companhias terão, na sua maioria, de continuar a empregar técnicos estrangeiros, mas, mesmo no momento atual, todo auxiliar é canadense. Dessa maneira, os empregados locais recebem o treinamento que lhes servirá para os dias vindouros em que êles trabalharão por conta própria.

A indústria cinematográfica no Canadá também vem revelando o seu espírito nacionalista na escolha do material. A preferência geral manifesta-se por histórias típicas da vida canadense ou sôbre problemas particulares ao Canadá. Dada, entretanto, a circunstância de estar sendo encarado o mercado de exportação, as histórias devem ser bastante extensas para despertar o interêsse dos povos no mundo inteiro.

Uma prova de que o Canadá é capaz de desenvolver uma indústria que produzirá filmes de alto valor recreativo e bôa qualidade técnica, é o sucesso dos resultados obtidos pelo "National Film Board". No espaço de um limitado número de anos, o NFB reuniu e treinou um pessoal que está agora produzindo alguns dos melhores filmes documentários do mundo. Não há razão para que o Canadá não faça o mesmo no campo dos filmes recreativos.

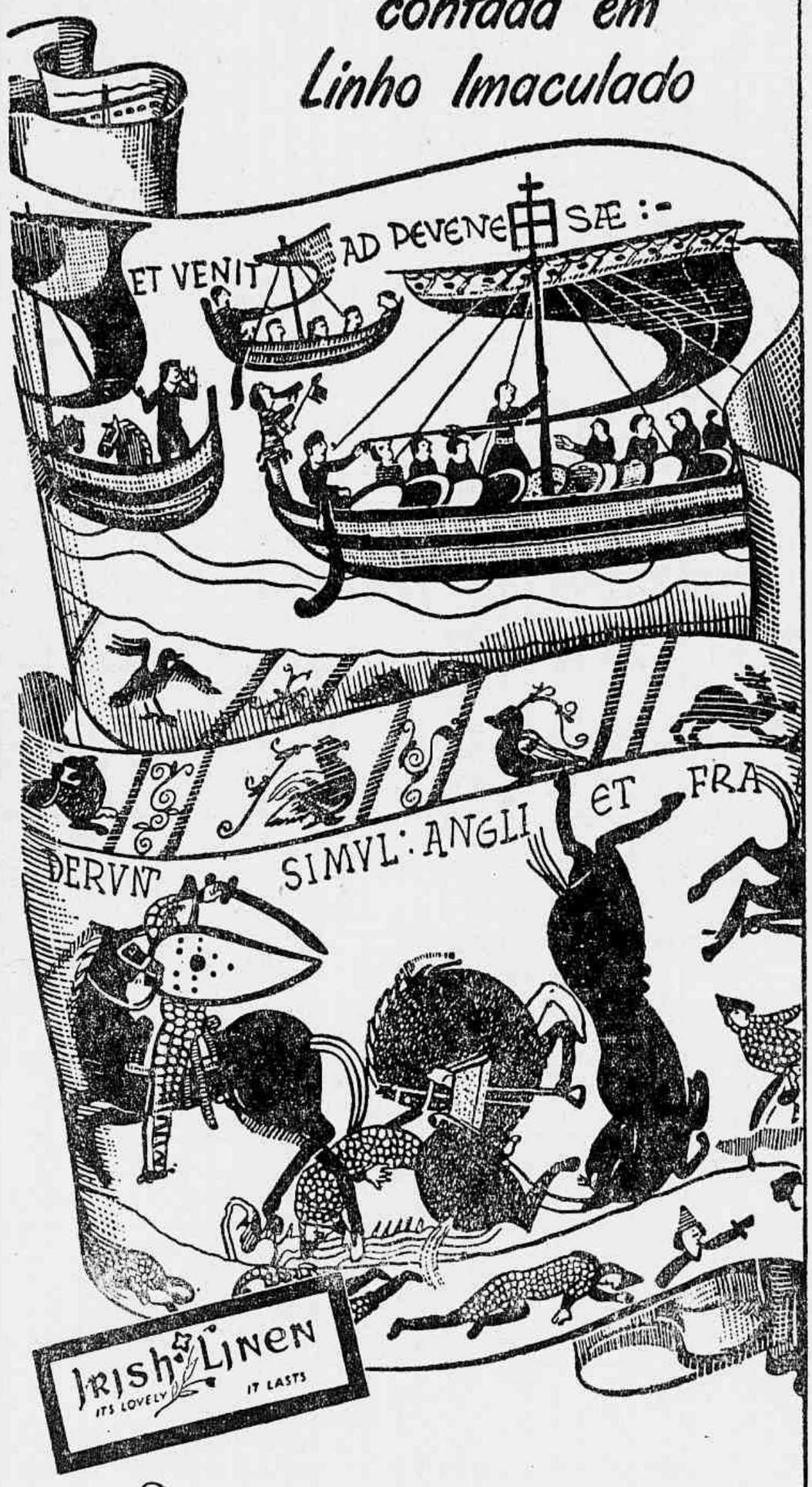
Enquanto os estúdios ingleses e americanos se fazem uma concorrência mútua, a indústria canadense já tomou as medidas necessárias para impedir que qualquer política dêsse gênero se desenvolva no país. Pondo em prática a teoria de que um bom filme canadense é uma realização difícil não apenas para o produtor individual mas também para tôda a indústria canadense, os fabricantes de filmes unem-se agora num movimento de auxílio mútuo. Foi fundada a Associação de Produtores de Filmes do Canadá, com a finalidade de ser organizado entre as companhias um intercâmbio de talentos, pessoal técnico e material, até que cada uma possa trabalhar de maneira cem por cento independente.

Eileen Vail, de Malton, província de Ontário, parece intrigada ao assistir à maquilagem de Austin Willis. E' ela, uma das dez crianças canadenses que aparecem em "Bush Pilot" como alunas de Rochell e Hudson.

Ao alto: Localizado nas proximidades de Vancouver, um trio canadense filma uma comédia em duas partes, cujo assunto é o "ski", com uma câmera de dezesseis milímetros. Em baixo: Uma cena de "Le Père Chopin", filmado perto de Montréal, com Lise Roy e Pierre Dagenais.

A Conquista da Britânia...

contada em Linho Imaculado



Quando Guilherme da Normandia derrotou a poderosa Britânia na Batalha de Hastings em 1066, a sua grande vitória foi inscrita por sua soberana, a Rainha Matilde, e suas damas de companhia em um pergaminho medindo mais de duzentos pés de comprimento. Somente o linho - imaculado linho - poderia perpetuar a glória do seu grande feito... e assim cêrca de mil anos mais tarde... esta famosa peça de tapeçaria de Bayeux ainda pode ser admirada em todo o seu original esplendor.

Os compradores bem avisados aguardam a chegada de novas remessas de Linho Irlandês, certos de que um rigoroso critério de perfeição é o legado mais precioso do Irish Linen Guild, razão porque dizemos com toda sinceridade

Exija Linho Irlandês!

Para informações, dirija-se à Av. Rio Branco, 4-13.º - Tel. 23-2030

RIO DE JANEIRO

The Irish Linen Guild

BELFAST

13.005

BOLA DE SÊBO

(Cont. da pág. 26)

um sorriso amavel e estendendo a terrina.

Mas, ao abrir-se a primeira garrafa de vinho, surgiu um embaraço: não havia senão um copo. Êsse único é, pois, passado de mão em mão, após ser limpado. Só Cornudet, certamente por galanteria, colocou os seus labios no mesmo lugar ainda humido dos labios de sua vizinha.

Então, cercados de gente que comia e sufocados pela emanação dos alimentos, o conde e a condessa de Bréville, assim como o senhor e a senhora Carré-Lamadon, sofreram êsse suplicio odioso que traz o nome de Tantalo. E de repente a jovem espôsa do manufatureiro deixou escapar um suspiro, que fez todos se voltarem para ela; estava tão branca como a neve do campo: seus olhos se fecharam; sua cabeça tombou; e ela perdeu os sentidos. O marido, desorientado, implorava socorro. Desorientados, porém, ficaram todos, quando a mais velha das irmãs de caridade, sustendo a cabeça do doente, colocou nos seus labios o copo de Bola de Sêbo e fez com que ela engulisse algumas gotas de vinho. A linda senhora moveu-se, abriu os olhos, sorriu e francamente murmurou que agora se sentia muito bem. Mas, afim de que o fato não se reproduzisse, a religiosa obrigou-a a beber um copo de vinho e declarou: — "E' fome, não é outra coisa".

Então Bola de Sêbo, corada e embaraçada, balbuciou, olhando os quatro viajantes que ainda estavam em jejum: — "Deus meu! ousaria oferecer a esses senhores e a essas senhoras..." E calou-se, supondo ter praticado um ultrage. Loiseau tomou a palavra: — "Por Deus, em casos como êste, todos somos irmãos e devemos nos ajudar. Vamos, senhoras, nada de cerimônias, aceitai — que diabo! Saberemos, ao menos, se encontraremos uma casa onde passar a noite? Nas condições em que vamos andando, não chegaremos a Tôtes antes do meio dia de amanhã".

Contudo, ainda se hesitava, por ninguém querer assumir a responsabilidade do "sim".

Mas o conde liquidou a questão. Voltando-se para a gorda mulher e tomando o seu ar importante de gentilhomem, disse-lhe: — Aceitamos com reconhecimento, minha senhora".

Sómente o primeiro passo custava dar. Uma vez o Rubicon transposto, agiu-se livremente. O cesto foi depressa esvasiado. Continha ainda um "paté de foie gras", um "paté de mauviette", um pedaço de lingua defumada, peras de Crassane, um tijolo de "Pont-l'E'vêque", quitandas e uma taça repleta de conservas no vinagre. Bola de Sêbo, como todas as mulheres, adorava as conservas.

Não se podiam comer as provisões daquela mulher, sem lhe dirigir a palavra. Assim, pois, conversou-se de começo com reserva; mas, depois, como ela se mantivesse muito bem, conversou-se livremente. As senhoras de Bréville e Carré-Lamadon, que sabiam viver bem, mostraram-se graciosas e delicadas. A condescendência amavel de dama muito nobre a que nenhum contato pode marchar — e foi encantadora. Mas a forte senhora Loiseau, que tinha uma alma de soldado, permaneceu intratavel, falando pouco e comendo muito.

Como é natural, falava-se da guerra. Contavam-se os feitos horriveis dos prussianos e os atos de bravura dos franceses; e toda aquela gente, que fugia, rendia homenagem à coragem alheia. As histórias pesoais começaram logo e Bola de Sêbo contou, com verdadeira emoção, com êsse calor com que às vezes as mulheres sabem exprimir os seus entusiasmos, como tinha deixado Ruen: — "Acreditei que poderia ficar" — disse ela. "Tinha a casa abastecida de provisões e gostaria mais de sustentar alguns soldados do que de expatriar-me. Mas, quando os vi, a esses prussianos, não tive mão em mim. Fizeram ferver-me o sangue de colera e durante o dia inteiro chorei de vergonha. Oh! se eu fosse homem! Eu os olhava da janela, a esses porcos gordos, com os seus capacetes de ponta, e a minha criada me segurou as mãos para impedir-me de lhes atirar a mobilia às costas. Depois vieram alojar-se na minha casa; saltei então à garganta do primeiro. Não são êles mais difíceis de estrangular do que os outros! E eu teria liquidado aquele se não me tivessem arrastado pelos cabelos. Foi-me preciso esconder depois disso. E, enfim, quando encontrei uma ocasião propícia, abandonei a cidade e eis-me aquí".

Todos a felicitaram muito. Ela crescia na estima dos seus companheiros, que não se tinham mostrado tão decididos e valentes; e Cornudet, escutando-a, deixava transparecer um sorriso aprovador e favoravel, de apostolo, como um padre que ouve um devoto louvar a Deus; porque os democratas barbudos têm o monopolio do patriotismo, como os homens de batina o têm da religião. E por sua vez êle falou, num tom doutrinário, com o estilo enfatico das proclamações que frequentemente se pregam nas paredes, e terminou com um trecho de eloquência no qual magistralmente brilhava "essa crapula de Badinguet".

Mas Bola de Sêbo zangou-se logo, pois era bonapartista. Ficou vermelha como um pimentão e gaguejando de indignação: — "Eu bem desejava ver-vos no logar dêle, a vós outros. Isso sim é que seria limpo! Fostes vós que o traistes. Não se tinha outra coisa a fazer senão deixar a França si se fosse governado por tais vagabundos". Cornudet,

impassivel, deixava transparecer um sorriso desdenhoso e superior; mas todos sentiam que iam surgir palavras mais grosseiras, quando o conde se interpôs e, não sem trabalho, acalmou a mulher exasperada, proclamando com autoridade que todas as opiniões sinceras são respeitaveis. Entretanto a condessa e a manufatureira, que traziam na alma um ódio aos tipos como os exige a República e esta instintiva ternura que todas as mulheres alimentam pelos govêrnos de penacho e despoticos, sentiam-se, embora a contragosto, ligadas áquela prostituta cheia de dignidade, cujos sentimentos tanto se assimilhavam aos seus próprios.

O cesto estava esvasiado. Tinham-no esvasiado sem trabalho, sentindo que não fosse maior. A conversação continua por algum tempo, com menos calor, agora que se tinha acabado de comer.

A noite caía; a obscuridade pouca a pouco se tornou profunda; e o frio, mais sensivel durante a digestão, fazia Bola de Sêbo tremer, a despeito de suas banhas. Então a senhora de Bréville ofereceu-lhe o seu aquecedor, cujo carvão, desde a manhã, tinha sido várias vezes renovado, e a outra o aceitou depressa, porque sentia os pés gelados. As senhoras Carré-Lamadon e Loiseau deram os seus às religiosas.

O cocheiro acendeu as lanternas, cuja luz clareava a nuvem de vapor humido que subia das ancas dos cavalos e a neve que dos dois lados da estrada parecia desenrolar-se sob o reflexo movediço das lanternas.

No interior do veículo não se distinguia mais nada. Mas de repente houve um movimento entre Bola de Sêbo e Cornudet. E Loiseau, cujos olhos brilhavam na sombra, julgou ver o homem de barbas longas retrair-se bruscamente, como se tivesse recebido algum bom golpe silencioso.

Pequenos sinais de luz apareceram na frente da estrada: era Tôtes. Havia-se caminhado doze horas, as quais, somadas às duas, divididas em quatro períodos, para repouso e alimentação dos animais, faziam quatorze. Entraram na vila e pararam diante do Hotel do Comércio. A portinhola abriu-se. Um ruído bem conhecido fez tremer todos os viajantes. Era o barulho do sabre arrastando-se pelo solo. E logo a voz de um alemão gritou qualquer coisa.

Se bem que o veículo estivesse já bem parado, ninguem desceu, como se temesse ser massacrado à saída. Então o condutor apareceu, tendo na mão uma das lanternas, que subitamente clareou o veículo todo e as duas filas de caras assustadas, cujas bocas estavam abertas e os olhos arregalodos de surpreza e de espanto.

Ao lado do cocheiro achava-se, banhado pela luz, um oficial mente delgado e louro, apertado no seu uniforme, como uma moça em seu colete, e trazendo de lado o capacete chato e lustroso, que o fazia similhar-se a um caçador de hotel inglês. Seu longo bigode de compridos pelos direitos, afinava-se indefinidamente de cada lado, terminando por um único fio louro, tão fino que se lhe não percebia o fim; parecia pesar sôbre os cantos da boca e, repuxando a face, imprimia aos labios uma dobra descaída.

Num francês de alsaciano, convidou os viajantes a descerem, dizendo num tom rispido: — "Queiram descer, senhoras e senhores".

As duas irmãs de caridade obedeceram em primeiro lugar, com uma docilidade de mulheres santas, habituadas a todas as submissões. O conde e a condessa apareceram depois, seguidos do manufatureiro e de sua mulher, e depois Loiseau transportando diante de si a sua grande metade. Êste, ao pôr os pés no chão, disse ao oficial: "Bom dia, senhor" —, por um sentimento mais de prudência que de polidez. O outro, insolente como os poderosos, olhou-o, sem responder.

Bola de Sêbo e Cornudet, se bem que próximos da porta, foram os últimos a descer, graves e altivos diante do inimigo. A gorda mulher esforçava-se para dominar-se e parecer calma; e o democrata atormentava com a mão trágica e um pouco trêmula a sua longa barba russa. Desejavam êles conservar a dignidade, compreendendo que nessas ocasiões cada um representa um pouco de sua nação; e, da mesma forma revoltados pela flexibilidade de consciência de seus companheiros, ela esforçava-se por mostrar-se mais altiva que suas vizinhas, as mulheres honestas; ao passo que êle, compreendendo bem que devia dar o exemplo, prosseguia integralmente na sua missão de resistência começada com a destruição de estradas.

Entraram todos na vasta cozinha do albergue, e o alemão, tendo exigido a apresentação da ordem de partida assinada pelo general comandante e na qual estavam mencionados todos os nomes, os característicos e a profissão de cada viajante, examinou-os a todos longamente, comparando cada um dêles com as notas descritas.

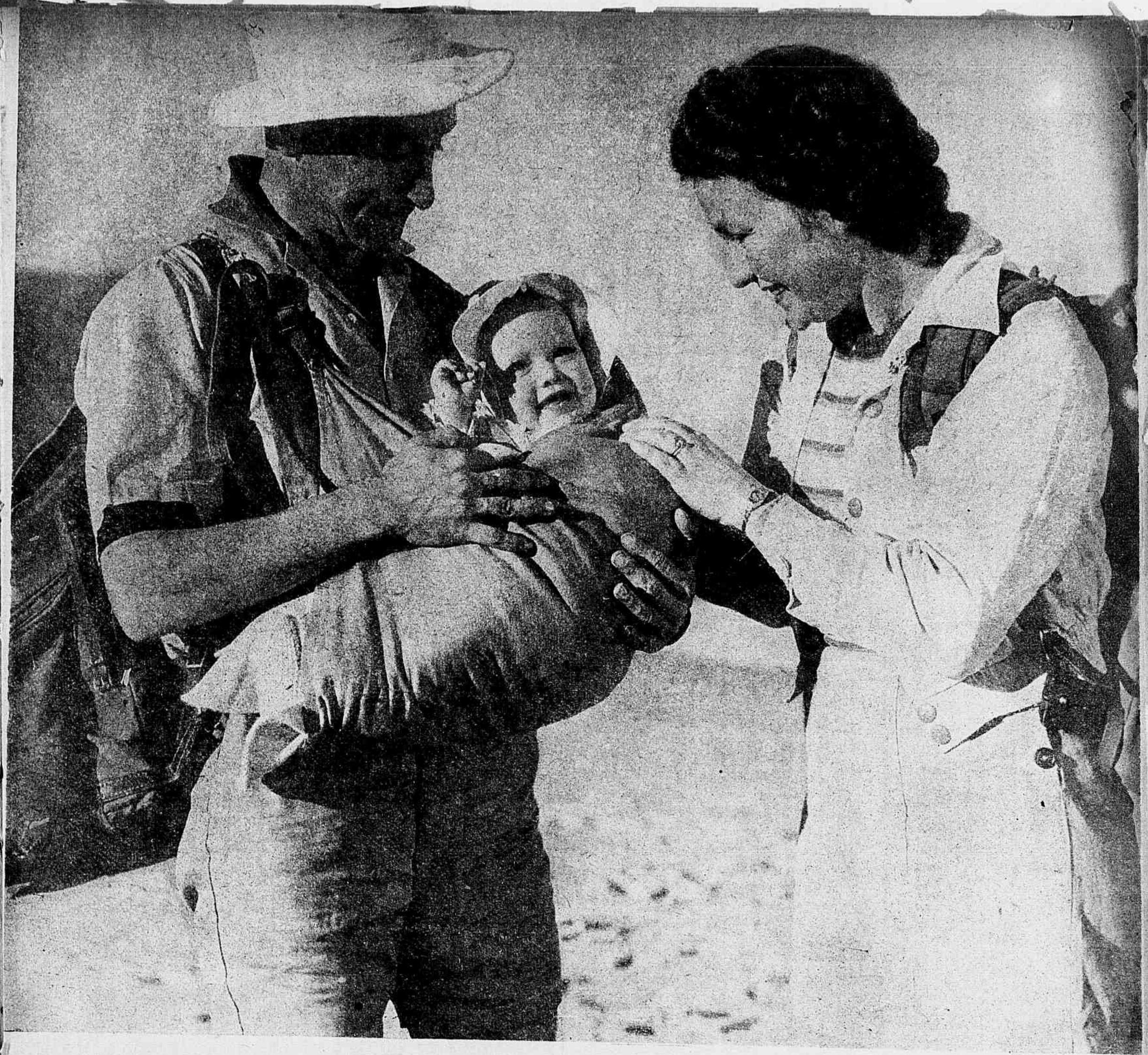
Depois declarou bruscamente: — "Está bem", e retirou-se

Então todos respiraram. E como ainda tinham fome, encomendaram a sopa. Era necessário meia hora para aprontá-la. Enquanto duas criadas ocupavam-se dela, os viajantes foram ver os quartos, situados num longo corredor, que terminava numa porta envidraçada marcada com um número bem legivel.

Iam finalmente sentar-se à mesa, quando apareceu em pes-

(Continua na pág. 90)

QUERIDA SUZANA
Com
Madeleine ROSAY ★ Silvino NETTO
★ Anselmo DUARTE
Um filme da
Cinegrafica São Luiz



O bebê suporta muito bem a excursão e parece estar gostando muito. Com 8 meses de idade, tem sido conduzida nessas excursões desde que contava apenas algumas semanas.

O EXCURSIONISMO NA AUSTRALIA

OS OUSADOS "BUSHWALKERS" AUSTRALIANOS ORGANIZAM-SE EM ASSOCIAÇÕES PARA ESSE ESPORTE E ENFRENTAM AS REGIÕES ABRUPTAS - ADORAM A VIDA AO AR LIVRE, ATIVA E SAUDAVEL

De **MARY EVANS-JONES** — Especial para **REVISTA DA SEMANA**

"Bushwalking", assim se denomina o esporte do excursionismo na Austrália. Trata-se, porém, do mesmo esporte das caminhadas de andarilhos, do excursionismo ou do sertanismo de outros países. E o nome é apropriado, pois os "bushwalking" australianos não excursionam por estradas ou em prados relvosos; êles caminham através das matas.

Uma curta viagem de trem, partindo de qualquer das capitais australianas, leva o habitante da cidade á abrupta região das matas, cheias de escabrosas gargantas e perigosos precipicios. E' êsse o território dos "bushwalkers".

Muitos acres da região florestal, num raio de 20 a 30 milhas das cidades, foram reservados como parques nacionais, e um dos objetivos dos "bushwalkers" é fazer que muitas outras areas sejam consideradas reservas nacionais.

Êsses desportistas, na maioria, são pessoas que trabalham nas cidades durante a semana, e "vão para a mata" em cada "week-end". Não há limite de idade. Contam êles de 17 a 60 anos, e alguns "Clubs" possuem avós, e até três gerações de "bushwalkers".

Um dos prazeres do excursionismo na selva reside no fato de congregar êsse esporte pessoas de idades e ocupações variadas: professores, fazedores de soldagens, diplomados por Universidades, fabricantes de caldeiras, botanicos, advogados, jovens e velhos, casados e solteiros.

Êsses clubes de excursionismo submetem, na maioria, os seus futuros membros a uma especie de "test" de adaptabilidade mental e física, mas o principal "test" é a compatibilidade. Os retardados e as pessoas que não estão preparadas para serem auto-suficientes, conduzindo a sua própria alimentação e equipamento,

Homens, que não prestariam auxilios em casa, reunem feixes, para preparar os lanches, durante a excursão. Batatas e cebolas estão sendo cozinhadas à lenha. A alface, os tomates e as frutas para sobremesa são comidas crúas. Os excursionistas têm o cuidado de apagar os fogos feitos na mata a fim de impedir o incendio na floresta. As latas são esmagadas e enterradas a fim de não recolherem água da chuva, impedindo-se desse modo a formação de mosquitos.

são os principais elementos desanimados logo de inicio.

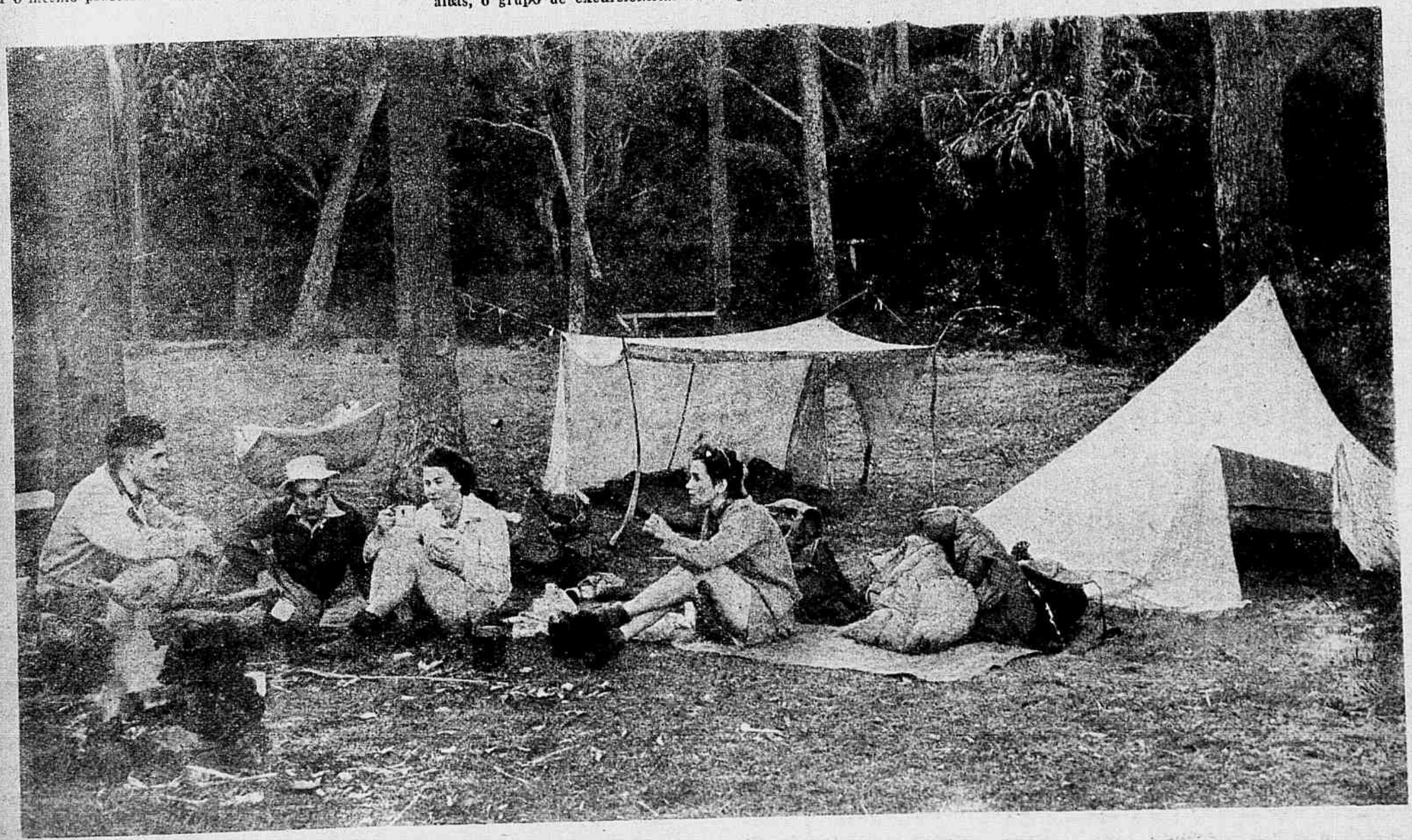
Depois de serem designados para membros da associação, os novatos são submetidos ás caminhadas oficiais do "Club", a titulo de "test", mas não ha aí nenhum feito que não possa ser realizado por uma pessoa de saúde normal. Os excursionistas, aprovados em seus "tests" iniciais para futuros membros, são em seguida admitidos nos clubes de "bushwalking", pela pequena quantia de cerca de 10% da libra australiana por ano.

Hawkesbury, região abrupta, de pedra e areia, situada ao norte e ao sul dos suburbios externos de Sidney, desanimou quaisquer construtores, mas em compensação encorajou os excursionistas, que encontram muitos passeios variados, a partir de um raio de 20 a 30 milhas da cidade. Dezoito associações de excursionistas, com cerca de 1000 membros estão ativas no interior e nos arredores de Sidney, no Estado da Nova Gales do Sul, na Austrália. Podem ser levados amigos nas excursões oficiais do "Club", com a permissão dos dirigentes.

Cada clube, no Estado da Nova Gales do Sul, tem o direito de enviar um delegado, por cada 25 membros, ás reuniões da Federação das Associações de Excursionismo da Nova Gales do Sul, que trabalha para congregar todas as pessoas e associações interessadas no esporte do excursionismo e do acampamento, e no sentido de preservar as belezas naturais do cenário australiano.

Recentemente, os excursionistas de Sidney manifestaram-se favoraveis á inclusão de maior número de escaladas de montanhas em seus programas, viajando da cidade até pontos situados a 60 ou 80 milhas, a fim de iniciar os seus passeios nas Montanhas Azuis. O inverno é a principal estação para o excursionismo em Sidney, mas os membros dos Clubes, na maioria, excursionam durante o ano in-

Os excursionistas tomam uma chávena, depois de estabelecer o seu acampamento para passar a noite. A beboragem, feita por métodos rústicos, poderá parecer esquisita se empregar o mesmo processo no fogão em casa, com o fogo feito em feixes de lenha colhida na mata, não pode haver melhor bebida. Na página, ao lado: caminhando por entre árvores altas, o grupo de excursionistas avista paisagens de deslumbrante beleza.



A esquerda: preso aos troncos das árvores, vê-se um berço improvisado para o bebê, que dorme, feliz, em sua pequena rêde. Há um mosquiteiro para protegê-lo dos insétos e de tudo mais que possa prejudicar-lhe a noite. A direita: A booú-burra é mimada com migalhas de comida. Se fosse pelos excursionistas, nenhum passaro ou animal nativo recearia os seres humanos. A preservação da vida ao ar livre australiana das florestas e das flores dos bosques é fomentada pela federação dos excursionistas

teiro. As excursões de verão são planejadas de maneira a terminarem com uma parte de natação, numa das praias ao longo da costa, ou nas enseadas e nos rios que correm na mata.

Também o Estado de Vitoria possui a sua Federação de Clubes Excursionistas. Sua mais antiga associação, o "Men's Walking Club" recentemente comemorou o seu 50.º aniversário de fundação.

O Clube Feminino de Excursionismo de Melbourne é quase da mesma idade. Mas Melbourne possui também os seus clubes mistos; o maior deles, o "Melbourne Bushwalkers", surgiu da Associação Atlética de Amadores, quando alguns membros resolveram realizar excursões em carater de turismo, juntamente com as excursões de treinamento.

A maior parte do excursionismo, em Melbourne, é realizada na Serra de Dandenong, a 20 milhas da cidade, mas essa área é agora considerada quase como um território para "passeio de damas", pois foi civilizada e dotada de ótimas estradas de rodagem e pistas.

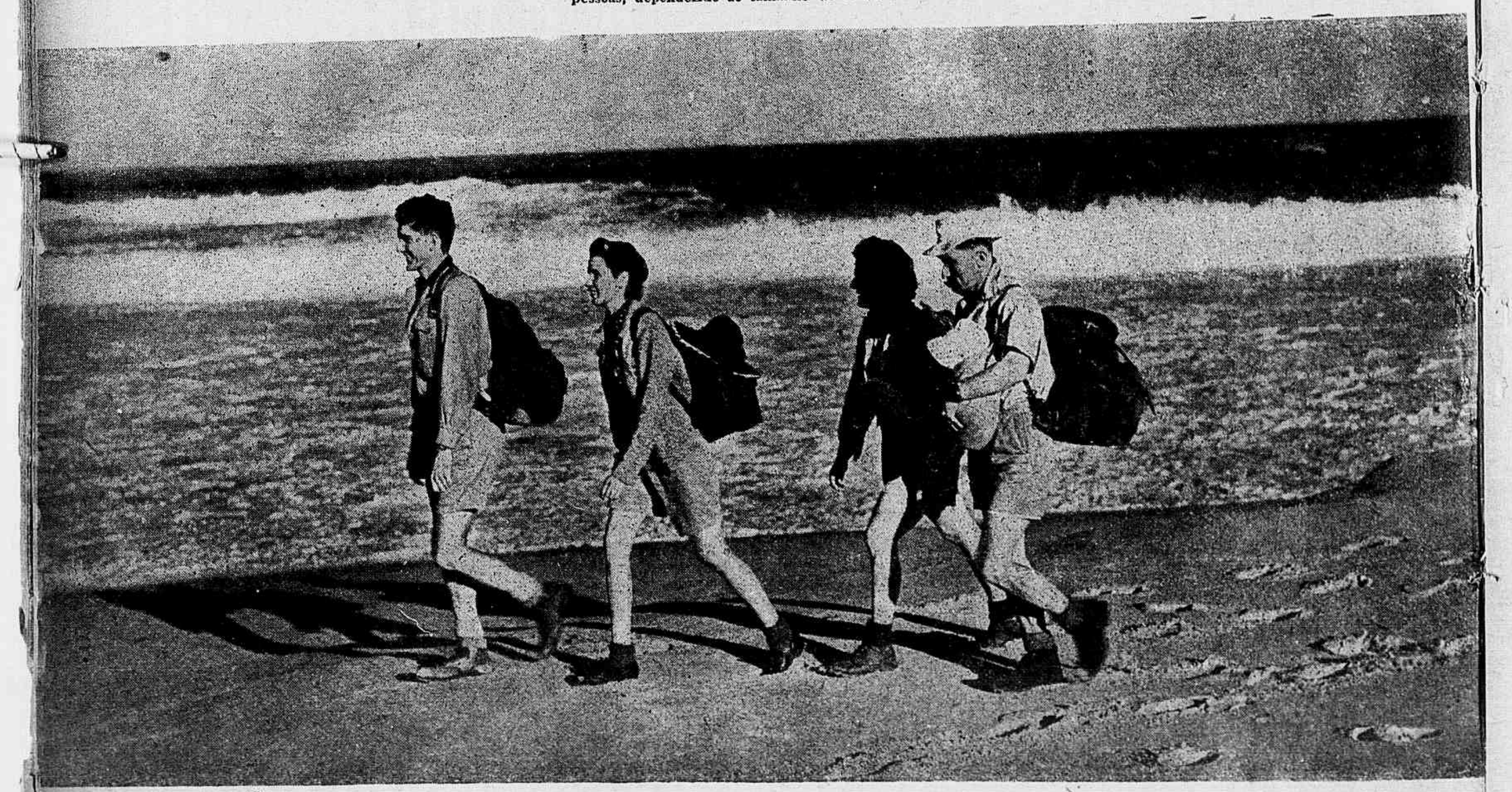
Os excursionistas de Melbourne, á procura de um terreno mais abrupto, viajam até um ponto a 40 milhas da cidade, e chegam assim ao distrito do monte Healesville-Wasburton. Na maioria são sú-iadores" entusiasticos, e o seu treinamento e excursionismo lhes proporcionam um bom esporte e divertimento no inverno, quando as faldas daquela montanha se acham recobertas de neve. De 700 a 800 excursionistas de Melbourne pertencem às associações ali existentes.

O clima semi-tropical do Estado de Queensland não é muito próprio para o excursionismo, uma vez que é mais úmido para o acampamento ao ar livre, e as selvas sub-tropicais fazem perder-se facilmente o caminho. Entretanto, cerca de 200 membros da "National Park Association", em Brisbane, tomam parte nas excursões e passeios de acampamento organizados, nos belissimos Parques Nacionais de Lamington e Bunya, onde cartazes avisam os excursionistas a se manterem na estrada.

Deve haver algo de apaixonante nessa espécie de excursionismo na Austrália, porque a maioria das pessoas, que o praticam, ficam tão presas a êsse esporte que muito raramente passam um "week-end" em casa.

Enquanto a media dos habitantes das cidades australianas está lendo os jornais de domingo em sua residencia suburbana, ou tomando parte em reuniões familiares, pode-se apostar que os excursionistas estão em ação, escalando penêdos, deslizando pelos barrancos, gozando o ar fresco e as magnificas paisagens. Nada os detem nêsse ousado e emocionante esporte.

Rumando para o campo, na praia de Geary, a oito milhas de Oxford, o grupo de excursionistas vê as pégadas de outros desportistas que o precederam. O maior grupo de Sidney organiza três excursões semanalmente, uma para aqueles que deixa a cidade na noite de sexta-feira; outra de sábado para domingo, e ainda outra aos domingos. Os clubes de excursionismo geralmente não colocam em excursão grupos de menos de três ou mais de vinte pessoas. A medida dos grupos organizados, para cada excursão, varia entre cinco e quinze pessoas, dependendo do tamanho do clube.



LUIS Mendes é um dos mais recentes valores do rádio carioca. A PRE-3 deu-lhe a oportunidade necessária, quando, pouco tempo atrás, aqui chegou, vindo do Rio Grande do Sul, pois Mendes é gaúcho de Palmeira. Sua vida radiofônica iniciou-se na Rádio Missioneira de Santo Angelo em 1942. Triunfou imediatamente, dados os seus dotes comprovados como locutor e redator de programas. A capital do Estado atraiu-o e, pouco depois, já se encontrava em Porto Alegre, atuando nas emissoras associadas, Difusora Portoalegrense e Farroupilha. Nesta última teve oportunidade de lançar alguns programas de êxito e de atuar como locutor desportivo, o que, aliás, está agora tambem fazendo na Globo, atuando com Gagliano Neto, e fazendo evidenciar seu grande futuro entre os que melhor desempenham essas funções.

Nas suas férias, quando no estado natal, procurava sempre motivos de atração para o seu público e, daí, constantemente, procurar as capitais vizinhas, Buenos Aires e Montevidéu, onde teve oportunidade de fazer sólidas amizades. Por um triz esteve para ir sob contrato para a República Argentina, mas o Rio fascinava-o e Luís Mendes decidiu-se pela Cidade Maravilhosa.

Conta duas emoções fortes em sua vida artística: as suas duas estréias, uma em Porto Alégre e outra no Rio Há um fato curioso na sua lembrança. Certa vez, foi enviado para descrever um jogo de futebol no Rio Grande e, procurando dar conta da missão, viu-se obrigado a trabalhar debaixo de forte nevasca. Hoje, quando transmite jogos e o calor é forte, vem-lhe à lembrança aquela "nevezinha"... Dá extraordinária importancia aos "fans". E' solteiro e nasceu em 9 de junho de 1924.

ENTRE os artistas internacionais que nos têm visitado, figura Lupe Lamas, integrante do Trio "Los Huastecos". Jovem e formosa, dona de uma voz agradabilíssima, Lupe é ponto alto no conjunto mexicano em questão. Em sua terra chamam-na pitorescamente "chamaca piocha", o que equivale ao nosso "é da pontinha". Com seus dois companheiros, Iglesias e Rojas, Lupe já viajou pelo Perú, Chile, Argentina, Uruguai, e, depois do Rio, irá a São Paulo, onde a espera um contrato na Record e na "boite" Marabá. No Rio, atua na Globo e no Copacabana. Irá depois da Paulicéia à Venezuela, onde outro vantajoso contrato aguarda êsse interessante trio do México, tão bem recebido pelo nosso público.

Lupe aprecia imensamente a nossa música, sendo entusiasta de Ari Barroso e Dorival Caimi. Três conjuntos vocais lhe despertaram a atenção: os "Quitandinha Serenaders", "Quatro azes e um coringa" e "Namorados da Lua". Uma das próximas atrações do repertório do trio, será um arranjo especial de "Copacabana", o êxito de Alberto Ribeiro, arranjo êsse, baseado nos sons e falsetes mexicanos.

Lupe, como boa mexicana, é católica e possui como mascote a Virgem de Guadalupe, em uma imagem que lhe foi oferecida por Frei José Francisco de Guadalupe, ou seja o outrora famoso "astro" cinematográfico, José Mojica. Acha que o casamento é verdadeira loteria, tudo dependendo da inteligência, do grau de compreensão, tolerancia e amor

E' solteira, mora em Copacabana e gosta de contemplar a praia do alto do arranha-céu em que mora, estando encantada com o nosso público.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

MAIS um que em breve rumará aos Estados Unidos: Odir Odilon. Seu nome de há muito figura na lista dos êxitos, pois sua presença se tem feito sentir com agrado, não só no rádio, como nos cassinos e "boites". Odir Osório, seu nome verdadeiro, nasceu aqui mesmo. Seus pais destinavam-no ao comércio, para cuja carreira, recebeu preparo. A arte porém chamava-o e Odir, um belo dia, resolveu tentar o teatro, após haver exercido algumas funções, entre as quais a de oficial de gabinete num dos ministérios. Estreando no Recreio, destacou-se pela voz bem timbrada, pelo desembaraço no palco, enfim, por um conjunto que raramente os principiantes demonstram possuir. E Odir venceu. O rádio foi a outra etapa. Cantou na Mayrink com sucesso. Depois na Nacional e em algumas outras. Voltou ao teatro para fixar-se definitivamente nos cassinos, realizando uma temporada brilhante no Icaraí onde apresentava os "shows" preparados por Jaime Redondo.

Com o fechamento dos cassinos, Odir, excursionou, obtendo novos êxitos, entre os quais, um recente e consagrador, nas festas de Nazareth, no Pará.

Agora Odir está numa das "boites" da cidade, em francos preparativos para uma viagem aos Estados Unidos, velho sonho em via de concretizar-se, graças ao convite que recebeu de Nova York, onde irá atuar em um dos mais conhecidos "night-clubs". E Odir bem merece, possuindo todos os predicados para vencer entre os ianques. Será mais um embaixador da nossa música, categorizado entre os que melhor o sejam.

EM dezembro do ano passado, estreava na PRE-8, uma cantora que desde logo chamou a atenção, dada a graça especial com que interpretava boleros e foxes. Elda Mayda passou a despertar curiosidade. Quem era essa intérprete tão interessante de que ninguem antes ouvira falar? E tudo se explicou. Elda Mayda nasceu nos Estados Unidos. Conhece vários paises que já tiveram ocasião de aplaudi-la. Na Itália estudou bailados clássicos. Na Argentina, em Buenos Ayres, estreou na Companhia Italiana de Operetas, isto em 1939 Daí por diante, sua vida foi uma sequência de sucessos, viajando, estudando e cantando, sempre elogiada pela critica e aplaudida pelo público que via em sua figurinha gentil, uma das melhores intérpretes populares dos ritmos latino--americanos.

Voltou então aos Estados Unidos e vários contratos lhe foram oferecidos. Elda Mayda conquistou então aos próprios americanos. O Cassino Parque Balneário Hotel Monte-Americano, de Nova York, estava sempre repleto de admiradores entusiastas de Elda Mayda, quando de nossa terra lhe chegaram propostas tentadoras. Elda Mayda sempre ambicionara conhecer o mundo artistico nacional e não exitou. Veio e venceu. A Nacional lançou-a com excepcional agrado e Elda Mayda é hoje uma das suas "estrelas" mais festejadas. Também as "boites" não prescindiram do seu concurso e a artista da PRE-8 continua no Copacabana, onde todas as noites, um público seleto expressa-lhe em calorosos aplausos, todo o agrado que sua voz bem timbrada e seu repertório escolhido conseguem.

EM 1900

ESCRAGNOLLE DORIA

★

A PASSAGEM periódica de ano velho para ano novo traz à vida dois dias decretados festivos, trocados neles votos e felicitações num gênero humano que leva doze meses, por todos os meios, a procurar infelicitar-se.

Sem embargo da observação, Natal e Ano Bom são os dias mais festivos de qualquer ano, motivos de presentes e parabens. Assim vai ilusoriamente o globo girante em torno do próprio eixo imaginario.

De relevo a transferencia de ano a ano, sóbe de ponto nas passagens de século para século, entregue o século transcorrido ao registro da Historia, no dever do mal e no haver do bem de cada centuria.

Em 1900 celebrava o Brasil, numa passagem de século, a data do quarto centenário do seu Descobrimento, que obrigou tanta gente a molhar pena no tinteiro para discussão da casualidade ou intencionalidade da chegada de Cabral à ilha de Vera Cruz, segundo a carta de Caminha.

Quatro séculos após a escala histórica cabralina, dela os tres personagens marcantes, Pedro Alvares, Frei Henrique de Coimbra e Pero Vaz apareciam em bronze de estatua na praça da Gloria do Rio de Janeiro. Local significativamente de vista ao mar de tanta lembrança dos navegadores de 1500 e suas vélas de rumo à India.

A 3 de Maio de 1900 quanto povo carioca poude caber na praça da Gloria ouviu missa campal e viu desvendar monumento comemorativo do Descobrimento na pessôa de tres descobridores postos em duradoura figura pelo estatuario Rodolfo Bernardelli.

No monumento da Gloria ficou memoria de Portugal que por tantos oceanos navegára. Logo após a inauguração de 3 de Maio aportava, a bordo de cruzador de sua nação, o *Dom Carlos*, novo embaixador português, o general Francisco Maria da Cunha, em missão especial da patria para representá-la nas festas do 4.º centenário do Descobrimento do Brasil.

A comissão incumbida de organisa-las desejou assinalar o acontecimento magno, depois da escultura recorrendo à pintura, para tanto abrindo concurso destinado a perpetuar em téla a data natalicia do Brasil. Foi premiado no concurso um esboceto de Aurelio de Figueiredo, representando o momento no qual ao grito de *Terra*, dado pelo gageiro da capitanea da armada, os seus ocupantes pela vista buscavam a confirmação da noticia lançada do alto da gavea.

Em seguida à inauguração de 3 de Maio de 1900, como sempre, o Rio de Janeiro deu homenagem ao aniversario da batalha de Riachuelo, no Onze de Junho gravado à bravura na historia patria.

Mais do que a ninguem a data pertence à armada nacional, a celebrá-la em 1900 no edificio do Clube Naval então na Rua D. Manuel.

Riachuelo, em 1900, era o passado; o presente em 1900 era o laudo de Berna que encerrava o secular litigio nosso, o do Amapá, litigio por ultimo e por arbitragem pleiteado perante a Confederação Helvetica, então presidida pelo sr. Walther Hauser, relator do laudo um ex-presidente da Suiça, o Sr. Muller.

A vitória de Rio Branco, na batalha por direitos nossos, contára o reforço de Joaquim Caetano, Candido Mendes e até de suiços quais Eugenio Raffard e Emilio Goeldi, domiciliados no Brasil.

Outro acontecimento, este de ordem politica, assinalou 1900. No ano anterior o Rio de Janeiro recebera a visita oficial do general Julio Roca, presidente da Republica Argentina.

Ano depois dirigia-se o presidente Campos Salles a Buenos Aires, para pagar visita, as nações sinceramente ou não adstritas ao Codigo da civilidade.

A bordo do encouraçado *Riachuelo* seguiu Campos Salles para a capital platina, com numerosa comitiva. Nela figuravam o ministro do Exterior, dr. Olyntho de Magalhães, e um ex-ministro tambem do Exterior, o general Quintino Bocayuva, que no tempo do Governo Provisório de 1890 fôra a Buenos Aires, a bordo do *Riachuelo*, negociar e assinar tratado de fim à questão das Missões. Nos ultimos dias do Imperio bem encaminhára a questão o ministro Diana para solução por arbitragem. Justiça e verdade não se omitem.

Na vida humana cada ano transcorrido deixa rasto de tristeza, a da sua lista necrologica, registrando a perda de vultos nacionais e alienigenas.

Entre estes ultimos, em 1900, ficou o principe de Joinville, casado com a princeza brasileira D. Francisca, uma das irmãs de D. Pedro II. Visitante do Brasil, duas vezes, da segunda consorciára Joinville no Rio de Janeiro.

Perdas nacionais de 1900, uma a de Ferreira de Araujo, desde 1876, à testa da *Gazeta de Noticias*. Outra perda, sem sair da imprensa, foi a de Gusmão Lobo jornalista de fino quilate, tão util ao visconde do Rio Branco na campanha em defesa da lei do Ventre Livre, de benções à maternidade escrava.

Haja tambem memoria em 1900 para o desaparecimento de dois estrangeiros de vida e serviços no Brasil, Emanuel Liais, que dirigira o Observatorio do Rio de Janeiro e falecera em Cherburgo, cidade da qual era prefeito.

Niocláo Fachinetti, italiano, era brasileiro de coração, empregando parte da existencia a reproduzir como paisagista, quanto a natureza brasileira oferece para objeto de admiração. Em 1900 Fachinetti falecia em Inhauma, o suburbio carioca

Desaparecia o velho artista quando surgia um joven acabando de aperfeiçoar estudos na Europa. Era ele Francisco Braga que logo em 1900 apresentava ao publico a sua opera *Jupyra*, levada à cena no *Teatro Lirico* quando ao Rio de Janeiro ainda não faltavam teatros e companhias.

Numerosas e muito frequentadas eram as casas de espetaculos do ultimo decenio do Imperio. Como tres houvesse na rua do Espirito, ora D. Pedro I, foi lembrado que na mesma rua em cuas esquinas fossem apostas placas de *Rua dos Teatros*.

Na rua do Espirito Santo demorava o *Teatro Santa Ana*, por muito que pareça esquisito reunir em local tão profano nomes tão sacros.

Em 1900 ocupava o *Santa Ana* a companhia em cujo elenco figuravam Cristiano de Souza, Lucinda e Lucilia Simões, a representarem altas comedias como a *Sociedade Onde A Gente Se Aborrece*, cheia de satira.

Nos teatros de 1900 quarta-feira marcava o dia das chamadas representações da moda. Iniciara-as o *Santa Ana*, de exemplo seguido por outros teatros, sobretudo pelo *Lirico*, onde a companhia Sansone apresentava ao carioca a suave *Mignon* depois da clangorosa *Aida*.

Da alegria de sons passando à tristeza deles, o carioca de 1900 poude concorrer à igreja da Candelaria ao realisarem-se exequias por alma do rei da Itália, Humberto, havia pouco sido assassinado em Mouza, por um desses regicidas que matando um homem julgam salvar da sociedae.

A curiosidade carioca satisfazia-se em 1900 com a apresentação pelo professor Chapot Prevost da menor Rosalina, a xipofaga, sobrevivente de uma operação cirurgica de separação corporea, feita de bisturi de muito éco nos meios cientificos do Rio de Janeiro.

Não sem o costumeiro suscitar de prós e contras das questões de qualquer ordem, antes do silencio eterno o homem nunca perdendo ensejo de falar, e aqui nomeado apenas o sexo masculino.

Taxado de melancolico, o nacional sempre foi festeiro, as festas populares do Rio de Janeiro o demonstram. Em 1900, a festa da Gloria, se já não mostrava o esplendor de tempos do Segundo Reinado, ainda atraía muita gente ao mais tradicional outeiro carioca.

Com barulhada e pitoresco subsistia a festa da Penha de carateristicos aspetos, romeiras pedestres a darem vivas à Penha, levando a tiracolo grã-cruzes de roscas ou trepados em carros ornados de colchas e folhagens, a encheram ruas e estradas de nuvens de poeira.

Quem vai esquecer Carnaval no Rio de Janeiro? O de 1900, nos ultimos dias do encurtado Fevereiro, ainda trouxe à rua alguns fantasiados espirituosos fugindo do classico Você me conhece, sabido o que é hoje a fauna carnavalesca solta à suja em ruas esburacadas.

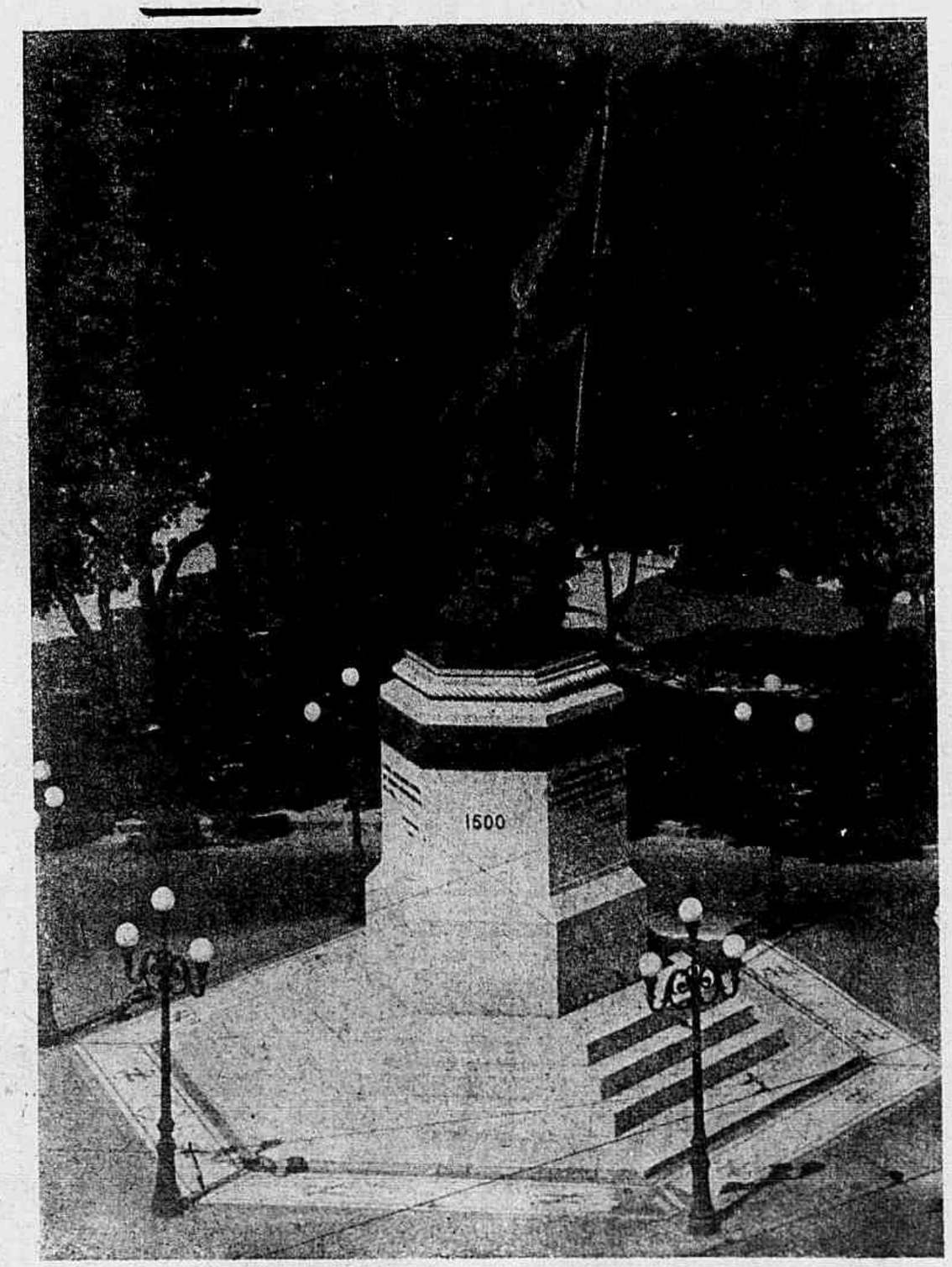
Do Carnaval à Moda, tanta vez esta de feição carnavalesca para ambos os sexos. A moda feminina em 1900 conservava carater de decencia, perfeitamente compativel com a elegancia, a decencia mantendo na mulher, à sutil, o misterio de tanto cunho à sua personalidade, privando-a de franco ou mal disfarçado nudismo, que por expôr demais ou muito desatrai.

Recomendado que se viva primeiro para filosofar depois, diga-se facilidade de viver, e pois folga para filosofar, no Rio de Janeiro de 1900. Nele, em todo o Brasil o estomago era viscera sempre satisfeita, mesmo nos seus caprichos gastronomicos.

1900 não conhecia preços extraordinarios, nem impostos de renda, cada um recebendo e ficando com o seu. Enumerar preços de 1900 quasi meio seculo depois será crueldade. Entretanto a verdade, no seu rigor, obriga a dizer, baixinho, que em 1900 o Rio tinha tudo quanto ora lhe falta sem necessidade de enumerar.

Mas para fim de fatos e efemerides não falte dizer-se que no domingo 20 de Maio de 1900 aparecia o primeiro número da REVISTA DA SEMANA.

Monumento a Cabral, que nasceu com a REVISTA DA SEMANA



Frederic François Chopin, o famoso compositor polonês.

A VIDA DE CHOPIN

(FREDERIC FRANÇOIS CHOPIN
1809 — 1849)

Por
HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

ÊLE era filho de um francês e de uma polonesa. O pai chegara á Polônia em 1787 e entrara, com um amigo, na indústria do fumo. O dinheiro ganho com o fumo, no entanto, desfez-se em fumaça e êle aceitou o emprego de preceptor de uma família de patriotas poloneses. Nas horas que consagrava ao trato social conheceu a aristocrática jovem que se tornou depois sua espôsa. E na cidade de Zelazowa-Wola, a seis milhas de Varsóvia, nasceu-lhe o quarto filho, Frederic François. Era uma criaturinha meiga e delicada. As outras três crianças eram meninas, mas, sob certos aspectos, era a quarta a mais feminina de tôdas. Mudou-se a família para Varsóvia, onde Nicholas Chopin foi nomeado professor da Universidade. As crianças principiaram a tomar lições de piano, e Frederic demonstrou, logo, seu talento incomum. Era uma "criança aluada, pálida e sentimental", dotada de um instinto musical quase tão agudo quanto o de Mozart, uma habilidade para arremedar os outros que lhe teria assegurado um cargo de ator, e uma predisposição para perturbações pulmonares, indício de morte prematura.

A sua constituição delicada era uma fonte de ansiedade para os membros da família. "Abotoe bem o casaco, Frederic", diziam-lhe sempre que êle se preparava para saír. E, á medida que os anos se passaram, êle foi obrigado a abotoar cada vez mais o casaco— um gesto vão. Dentro do casaco realizava-se um lento processo de desintegração. E Frederic não o ignorava.

Embora doentio, era orgulhoso, aristocrático e vaidoso. Ao passo que a criança nêle se convertia num adolescente, começou a possuí-lo um profundo desdém pelas dissipações sensuais do rapaz comum. O sentir a fumaça de um cigarro produzia-lhe náuseas.

Um copo de vinho era demasiado perigoso para a sua cabeça. Dispendiosamente feminino em seus trajes, havia uma única classe de pessoas que êle tratava realmente, de agradar. "A minha maneira de tocar delicia tanto as senhoras!" confessava, com orgulho. A sua pessoa, como a sua música, era um poema elegante, o que representava para êle fonte de grandes satisfações. Vangloriava-se disso diante dos amigos. "Acho que ontem consegui", observou, referindo-se a um concêrto que dera. Conseguira o quê? "Inclinei-me com verdadeira graça diante do público, pois Brandt me ensinou a fazê-lo corretamente".

Tal era a sua vaidade, nascida da debilidade física. Já se disse que todo homem mortal é mulher um milhão de vêzes. E havia muita mortalidade nesse estranho camarada. Quando apareceu numa sala de concertos para executar a própria música — grande parte da qual compusera antes de completar vinte anos — uma velha senhora observou: "Que pena que êsse rapaz não tenha um aspecto mais vigoroso!" Tão efeminado e de tão pequena estatura era essa delicada e noturna criatura! A palavra tristeza é, porventura, pesada demais para se aplicar a um rapaz de vinte anos. A tristeza, no entanto, era o talismã a que êle se apegava, desesperado, para subtraír-se às angústias do seu contentamento. Cria fervorosamente na melancolia, aquêle feixe de nervos superexcitados e cansados, aquela ruína tuberculosa e maltratada de vinte anos.

George Sand, segundo Delacroix.

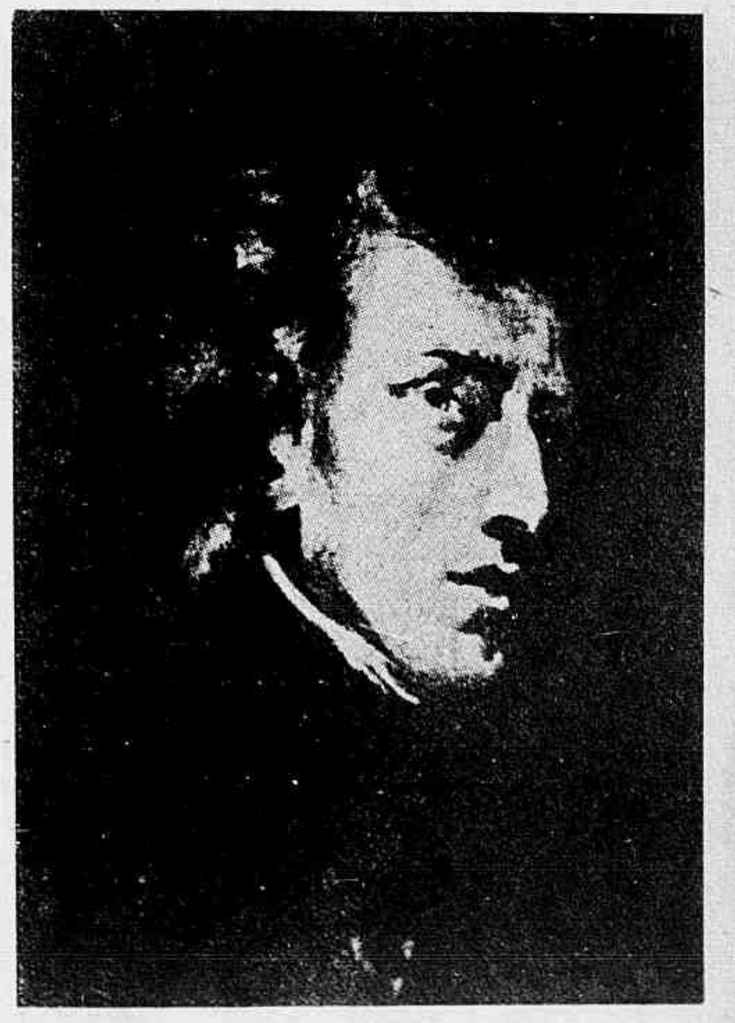
A sua tristeza, todavia, não era a vívida tristeza da experiência. Era, antes, uma vaga espécie de tristeza, como a que a gente encontra num sonho, aliada à volúpia da desesperança que sómente um tísico imaginativo pode sentir. Ciente da morte prematura, buscou viver tôda uma existência nos poucos anos que lhe haviam sido outorgados. Até aos vinte, contudo, limitavam-se-lhe as experiências a um caso de amor sem paixão e a uma apaixonada amizade. O seu amor à jovem soprano, Constantia Gladkowska, foi transitório. A sua amizade ao companheiro de infância, Titus Woyciechowsky, durou a vida inteira. Os membros fortes e o espírito másculo dêsse jovem gigante eram o complemento necessário do corpo frágil e da alma sensitiva de Chopin.

Surgiu depois em sua vida uma nova experiência — ou melhor, a crise principal. Profundamente patriotas, ralavam-se os poloneses debaixo do domínio russo, que lhes fôra imposto pelos têrmos do Tratado de Viena, após as guerras napoleônicas. Era evidente que fariam um esfôrço desesperado para desvencilhar-se dêsse jugo russo. A causa da liberdade inflamava todos os jovens estudantes. Estava iminente um período de insurreição e violentas comoções sociais. Claro está que a Polônia não era lugar indicado para um artista que precisava de trabalhar em paz. Instaram os amigos com Chopin para que buscasse outras regiões da Europa. Todos êsses companheiros, entretanto, dispunham-se a pegar em armas; por que, então, não havia êle de fazer o mesmo? A consciência o torturava. O momento era de nervosismo nacional. O povo se esquecera das humanidades, das artes, das ciências, da paz contemplativa e criadora. Soara o instante da ação. Durante muitos meses loutou Chopin com o problema. Seria capaz de desamparar os pais e os amigos? "Como deve ser terrível morrer entre gente estranha, numa terra estranha!" Determinou-se, no entanto, por fim, a dar o passo decisivo. "Nada me resta senão fechar a minha mala. A minha equipagem está pronta; as minhas orquestrações, recopiadas; as bainhas dos meus lenços, prontas; as minhas calças novas ajustadas." Ainda assim hesitava! Sabiam o que êle estava pensando. Fôra covardia de sua parte não ficar. Conquanto não lhe fôsse dado pegar em armas na luta suprema, poderia ajudar de uma forma ou de outra. A sua insignificância física, nomeadamente num tempo em que se fazia precisa a verdadeira virilidade — magoava-o profundamente. De que servia êle? Por que fôra envolvido numa vestimenta tão desprezível de carne? Os outros poderiam lutar, suar e morrer na glória dos próprios esforços, mas êle, — até a sua alma era corcunda.

Os amigos, entretanto, não lhe atenderam ás rações. Na manhã marcada para a partida visitaram-no em grupo. Nunca volveriam, talvez, a vê-lo. Era possível que ao tempo em que Frederic chegasse a Paris, a Polônia estivesse reduzida a um montão de cinzas. Mas, que montava isso? Parte da Polônia, fôsse qual fôsse o resultado da batalha, viveria para sempre na música dêsse rapazinho de vinte anos de que se despediam.

Deram-lhe de presente um punhado de terra polonesa, pequena recordação dos dias felizes. Mas nos dias angustiosos, como Dante o observou, não há sofrimento tão amargo quanto a memória das passadas alegrias. Chopin foi infeliz em seu exílio. Tinha, porém, um dever solene que cumprir — maior que o de qualquer soldado. Um amigo da família mandara-lhe uma carta: "Tenha sempre em vista a idéia da nacionalidade, da nacionalidade e sempre da nacionalidade... Existe, sim, uma melodia nacional como existe um clima nacional. As nossas montanhas, as nossas florestas, as nossas águas e os nossos prados falam todos o nosso idioma polonês e todos cantam as nossas canções polonesas..."

Jornadeou para Viena. Em seu livrinho de notas, que trazia colado ao coração, havia um debuxo de Varsóvia ao luar. Uma tormenta acumulara-se, porém, sôbre a Polônia. Chopin veio a saber que os russos haviam esmagado a revolução e capturado Varsóvia. A sua família, os seus amigos, que fôra feito dêles? "Os subúrbios foram reduzidos a cinzas". John Willy, provávelmente, morrera em combate; Marcelo estava ferido; Sowinski, nas mãos daqueles vilões imperiais; a sua família, como tôdas as outras famílias infelizes da Polônia, à discrição das águas de um futuro incerto. A civilização parecia agonizar à roda dêle.



Chopin, segundo Delacroix.

Um período de barbarismo descia sôbre a terra. "Aqui estou eu, com as mãos vazias, deitando o meu desespero em notas tinintes, ao passo que Moscóvia governa o mundo."

II

Volvido algum tempo, abrandou-se-lhe à extrema aflição mental. Foi a Paris onde esperava, entre a sociedade brilhante e os arredores ensolarados, fortalecer o corpo e dar vida nova às idéias. Profundamente golpeada pelo flagelo de Napoleão e pela pavorosa perda de sangue em suas batalhas interminaveis, era a França, como uma amazona ferida que tivesse voltado para a família — novas e esperançosas gerações de filhos que a adoravam, construíam uma lenda em tôrno dela e lhe emprestavam novas energias. Esses filhos eram os românticos franceses — Alfredo de Musset, Heitor Berlioz, Vítor Hugo, Baudelaire, Balzac. Esses filhos do movimento romantico eram visitados pelos seus irmãos colaços do outro lado do Reno — Heinrich, Heine, Franz Liszt, Hllers, Mickiewicz e Mendelssohn.

No meio dessa sociedade de magníficos sonhadores, artistas que tinham a audácia de olhar para um mundo melhor, caminhava o polonês enfermiço e triste. Sentava-se ao piano e arrebatava-os, a todos, com a sua poesia. Tinha vinte e poucos anos e sentia que ainda lhe faltava muita coisa para aprender no respeitante à sua arte. Visitou, por isso mesmo, o pomposo ditador dos pianistas, o animaginativo Kalkbrenner, com o intuito de ouvir-lhe os conselhos. "Atenda às minhas lições durante três anos e eu farei do senhor um musicista", foi a pedantesca recomendação do professor satisfeito consigo mesmo. Chopin, todavia, como Heine, enxergou, através do exterior imponente, a superficialidade fundamental do homem. "Kalkbrenner", disse Heine em um dos seus cruéis epigramas, "é como um chocolate caído na lama. Não tem nada de mais, mas tôda a gente o deixa onde está". Chopin compreendeu que nada tinha que aprender com a "suavidade lamacenta" da música de Kalkbrenner.

Entre os primeiros a reconhecer o gênio de Chopin, figura Franz Liszt, o maior pianista do seu tempo. Liszt achava-se presente a um concêrto dado pelo recem-chegado a Paris, e, ao lado dêle, sentara-se aquêle outro músico-mágico, Felix Mendelssohn. Quando Chopin principiou a tocar, ambos compreenderam que era Deus quem falava pelos dedos do rapaz. Terminado o concêrto, aplaudiram entusiasticamente. Liszt, na realidade, receara que aquêle pálido rival pudesse eclipsar-lhe o gênio. Mas diante do descobrimento de um novo planeta desvanecem-se todos os pensamentos de propriedade individual. Liszt e Chopin tornaram-se amigos para o resto da vida.

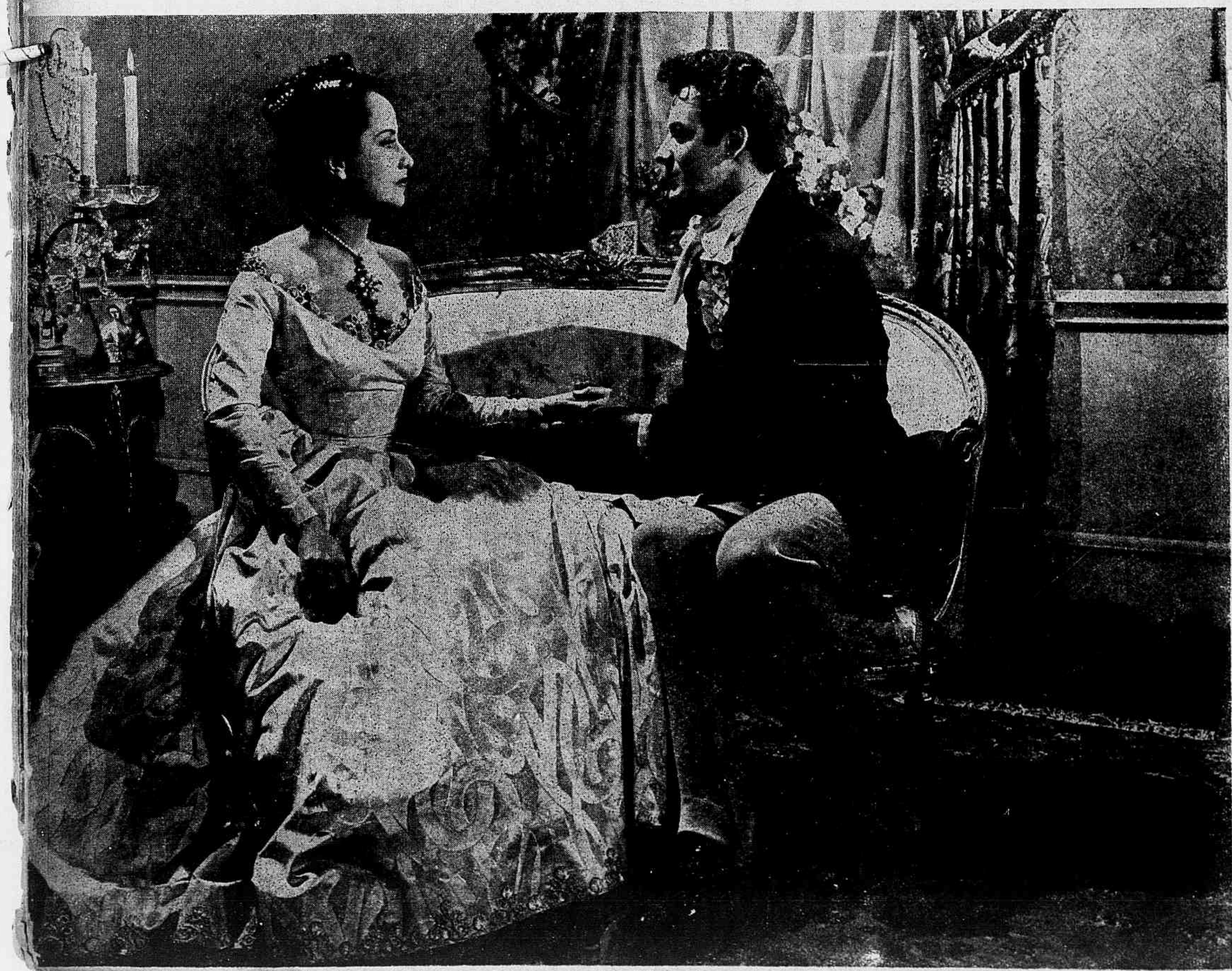
Diversamente de Liszt ,Chopin tinha qualquer coisa de recluso. Aristocrático por instinto, desadorava a humanidade quando representada pelas massas. Temia as multidões. Sem embargo disso, não vacilava em penetrar os salões dos aristocratas, e sempre que tocava para êles "enchia a sombra de um conclave de fadas". A prosperidade principiou a sorrir-lhe. Recebia dinheiro dos concertos e das aulas de música. Instalou-se em luxuoso apartamento e, na sua soledade, aspirava o perfume das violetas. Afeiçoou-se profundamente a certo número de mulheres que o lamentavam, adoravam e o tratavam maternalmente. Criança que ainda era, Chopin entrou a querer as crianças. Estas compreendiam e apreciavam o quirógrafo do seu gênio, garantia êle, e preferia submeter as suas composições para piano ao julgamento de uma criança do que a tôdas as legiões de críticos profissionais.

O seu amor ás mulheres, como ás crianças, era falto de paixão. A fragilidade do próprio corpo obrigava-o a levar vida de asceta. Para compensar, contudo, a sobriedade obrigatória da existência física, enriquecia a sua música com uma incomparável embriaguez psíquica.

Com menos de trinta anos, escrevendo exclusivamente para piano, cuspindo sangue dos pulmões devastados, era adorado pela sua música e escarnecido pela sua alma feminina. Necessitava de uma afeição nova, poderosa, masculina, para poder continuar, pois o seu coração não era viril. E quem poderá escrever música forte quando tem o coração fraco? Eram sempre sombrios os seus estados de espírito. "Conquanto eu veja o verde até mesmo no inverno, vejo-o apenas por meio do cérebro. No coração, ao revés só há tristeza e frio". Ele tinha necessidade de um amor forte e ativo que lhe despertasse os lentos ardores femininos. Ansiava pelo toque exato que lhe pusesse nos dedos valetudinários a corrente da vida.

Vivia em Paris, áquele tempo, Aurora Dudevant, mulher de letras, vicio e sabedoria que o mundo conhecia pelo nome de George Sand, insaciável autora de livros e amante de homens. Baixa, atarracada e voluptuosa, tinha os olhos belos e francos e a testa alta dos filósofos. Politicamente, uma feminista; psicologicamente, um homem. Como no caso de Chopin, dera-lhe a natureza um corpo totalmente

Cena do filme de grande sucesso, "A' noite, sonhamos", mostrando um idílio entre Chopin e sua inspiradora, George Sand, na interpretação de Cornel Wilde e Merle Oberon.



Chopin e George Sand começam a se tornar incompatíveis e caminham para o rompimento (Cena do filme "À noite, Sonhamos", dramatização dos amores de Chopin, com Cornel Wilde e Merle Oberon).

inadequado à alma. E como Chopin era uma mulher nascida sob as aparências de homem, George Sand era um homem criado sob a forma de uma mulher. Bebia bebidas fortes, fumava charutos mais fortes ainda, xingava como um soldado de cavalaria e amava como um principe.

Em 1838, ano em que conheceu Chopin acabara de encerrar o capítulo final de uma *affaire de coeur* com o poeta Alfred de Musset. Tinha trinta e quatro anos, era mãe de dois filhos legitimos e guardiã de mil recordações ilegitimas. Andava ainda à procura da paixão absorvente que lhe saciasse os desejos e a deixasse em paz. Nenhum dos amantes tinha, contudo, o seu vigor. Nenhum conseguira avassalá-la. Fazia, quando muito, as vêzes de mãe dêles — de amante, mas nunca de escrava. Buscando novas conquistas, aspirava a ser conquistada. "Se Prosper Merimée", escreveu ela a respeito de um dos seus amantes tipicos, "me tivesse compreendido, talvez me pudesse ter amado; e se me tivesse amado, talvez me tivesse podido dominar; e se eu tivesse sido capaz de sujeitar-me a um homem, ter-me-ia salvo, porque a liberdade me devora e mata".

Balzac conhecera-a e dela fizera juízo correto. "Ela é uma celibatária e uma artista. E' grande, generosa, leal e casta... Moralmente, um homem de vinte anos... Veste a sua filhinha Solange como um menininho, e isto não está direito"

Era trágico que Chopin se apaixonasse por uma mulher assim. Mas era, porventura, inevitável. Porque ela também, como Titus, o amigo de Chopin, constituía o seu complemento exato. E assim como Chopin era o principio da morte, George Sand era o principio da vida. E quando a vida encarou o artista com os seus olhos francos e rasgados, murmurou: "*Je vous adore*".

III

George Sand transferiu-se, a si e às duas crianças, para os cuidados de Chopin. Prometeu solenemente que consagraria tôda a sua vida ao restabelecimento dêle. No inverno de 1839-40 foram todos para a ilha Maiorca, por causa da saúde de Chopin. Sinistra lua de mel. Rondavam os médicos em derredor dêle, inspecionando-lhe o escarro, examinando-lhe os pulmões e sacudindo a cabeça. "Trataram-me como um animal", queixava-se êle em suas cartas. "Um dizia que eu havia de morrer, o segundo, que eu estava prestes a morrer, o terceiro, que eu já estava morto". Quando, finalmente, se instalaram numa vila, as autoridades médicas da ilha expulsaram Chopin da cidade e exigiram que tornasse a empapelar a casa inteira por sua conta. Foram os amantes obrigados a recolher-se aos arraiais de um mosteiro cartusiano durante o resto das férias. Era um velho edificio arruinado de gótica alvenaria com surdos corredores de pedra e celas silenciosas que deitavam para um cemitério carregado de ciprestres. Habitavam o sitio os fantasmas do século XV e sôbre o teto se ouvia o tamborilar monótono da chuva.

Valdemosa, assim se chamava o mosteiro, era a habitação mais adequada para a alma monástica de Chopin. Embora lhe declinassem rápidamente as energias, a poderosa labareda do gênio senhoreou-se dêle e imprimiu-lhe verdadeira fúria criadora. Sentava-se ao piano e embrenhava-se na música. "Ele não sabe sequer em que planeta vive", observava George Sand. Vinham os ventos, a neve e a chuva, passavam os monges, entretidos em suas tarefas solenes e piedosas, no interêsse do infinito — e Chopin, sepultado na própria música, não atentava em coisa alguma.

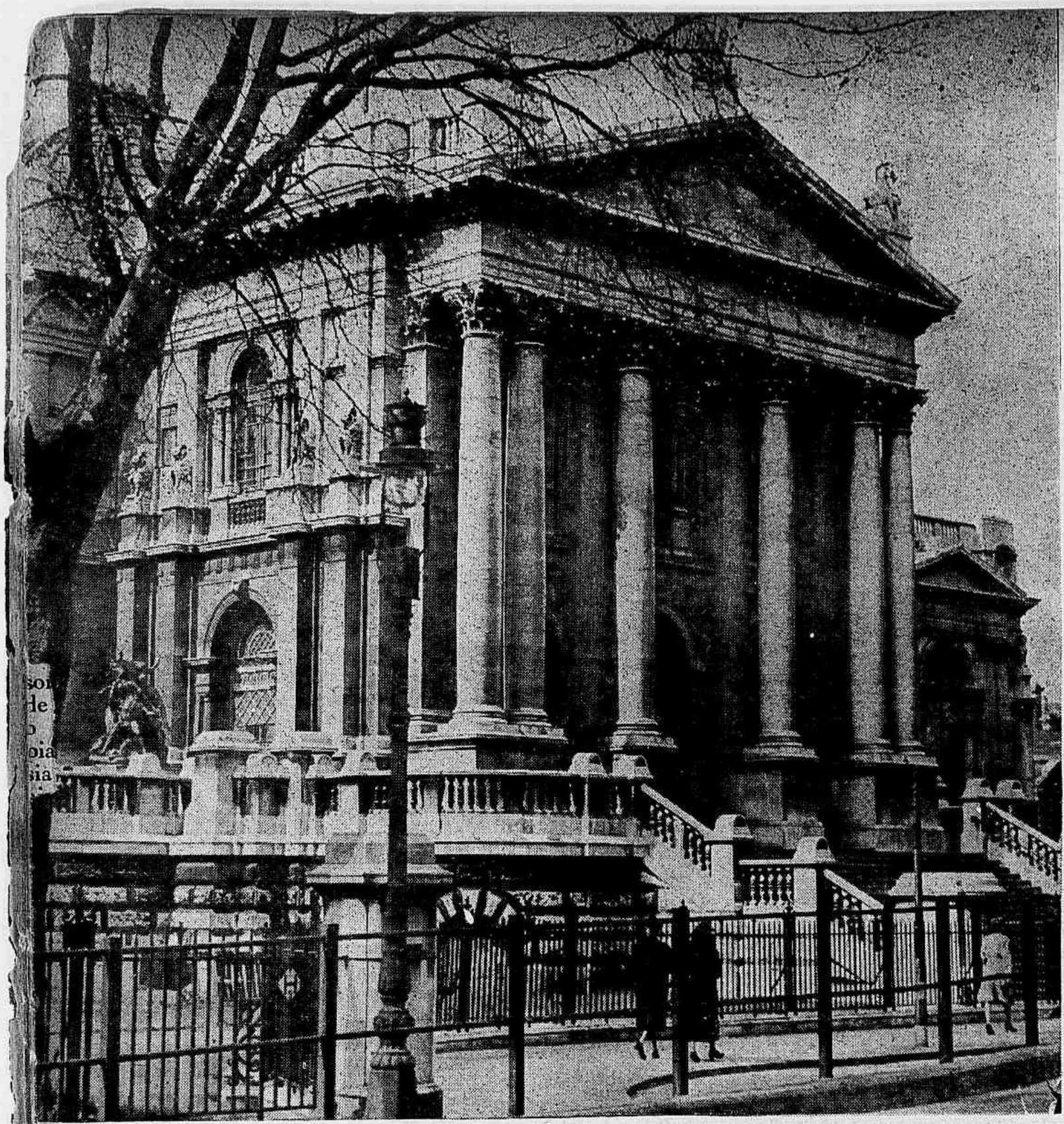
Sentado diante do piano, lançou "uma terrivel declaração de guerra contra todo o passado musical". Apartou-se da tradicional sonata para piano forte, com o seu *allegro* o seu *adagio* e o seu *finale*. Não escrevia como Beethoven ou como Bach. Mas Heine não escrevia como Shakespeare. Chopin, como Heine, era um inspirado poeta do som. Recusava expressar a verdade em sentenças longas, embaraçadas e periódicas. Preferia a frase simples, sussurrada. A sua linguagem musical estendia-se sôbre fragmentos de beleza. Consagrou-se inteiramente ao piano, deixando os grandes trabalhos de orquestração para outros músicos mais pretensiosos. O povo arguiu-lhe a decisão. Amigos instaram-lhe que escrevesse óperas e sinfonias a fim de "demonstrar o seu talento a um mundo que não se fiava dêle". Ele, porem, encolhia os ombros ,a sorrir. "Quem quer que pudesse ler-lhe o rosto veria quão amiúde o possuía a convicção de que entre todos os senhores bem vestidos e entre tôdas as senhoras perfumadas que lhe frequentavam os concertos, não havia uma única pessoa que compreendesse verdadeiramente o seu propósito"....

E consistia êsse propósito — em espiritualizar o timbre do teclado, em dar ao piano uma alma. Porque êsse instrumento de tonalidades inspiradas fôra tristemente negligenciado. Poucos músicos que tocavam piano e que compunham para êle haviam logrado emprestar-lhe vida verdadeira. Um punhado, realmente, conseguira-o — Mozart, Beethoven, um ou dois outros. Mozart, porém, tratara-o com brilhante e protetora displicência, como irmão mais velho que diligenciasse agradar um criança. Beethoven também o desdenhara mas de maneira mais selvagem. Castigando-o arrancara-lhe da alma fogo, dor e amargura. E quanto ao resto do mundo, êste não comparava a "monotonia" do piano ao "esplendor" da orquestra. Consideravam-no como inválido achacadiço e de pequena estatura como o faziam com o jovem compositor que tão claramente lhe compreendera a essência da música.

Sentado em sua cela, Chopin conversava com o seu piano e contemplava o declinar da própria vida. "Não tomo café nem cerveja-sómente leite. Mantenho-me agasalhado, fe, brilmente agasalhado, e componho a minha música." Na capela do mosteiro ajoelhava-se pequeno grupo de frades. Em volta dêles tudo rse transfomava num manto de silêncio tão intenso que era quase como uma canção. Nem principio nem fim — um oceano cinzento de silêncio ondulante que não banhava praia alguma nem aferrava navio nenhum. O piano é tambem um santuário de som, um mosteiro de cordas, uma capela de monges a rezar, vasto mar silencioso aguardando-o a aproxi-

(Continua na pág. 108)

Chopin ao piano (cena do filme musical "A' noite, sonhamos", com o ator Cornel Wilde no papel do genial compositor polonês.



O edifício em que se acha instalada a Galeria Tate, recentemente reaberta, com a presença do Sr. Ernest Bevin, Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra.

TESOUROS ARTÍSTICOS DA INGLATERRA

A GALERIA TATE E SUAS VALIOSAS COLEÇÕES — AUXILIANDO O ENSINO DAS BELAS-ARTES

De **GEORGE VAGO** — Especial para **REVISTA DA SEMANA**

LONDRES — junho — A Galeria Tate de Londres realiza uma dupla função na coleção nacional de arte britânica; é o centro da escola britânica da última parte do seculo XVII até nossos dias e também o da arte moderna estrangeira. Ambas as coleções aumentam constantemente. As mais recentes aquisições foram tão numerosas, que forneceram material para duas exposições completas nos últimos quatro anos. O público terá de esperar antes de ver as últimas aquisições da Galeria Tate, mas novamente foram expostas várias obras favoritas.

Quando o museu se reabriu, em data bem recente, não houve uma exposição representativa de suas coleções. Duas galerias foram dedicadas ás obras de sua própria coleção; uma aos impressionistas e post-impressionistas franceses, e outra às grandes telas dos pintores .nânticos ingleses do começo do seculo XIX. Duas galerias foram postas à disposição de uma coleção privada: uma seleção admiravel de obras de pintores contemporâneos inglêses, pertencentes a Vincent Massey, antigo alto comissário do Canadá em Londres, que já foi oferecida à nação canadense. Outra sala continha aquarelas de Cezanne, que constituiram uma revelação mesmo para os que tinham feito um acurado estudo de sua obra. Finalmente, havia obras de dois artistas francêses diferentes e contemporâneos: Rouault e Braque. Esta última exposição era complementar de uma mais recente de Matisse e Picasso, que provocou em Londres mais controversias do que qualquer outro acontecimento artistico que hajamos vivido.

Agora a Galeria Tate cessou de oferecer hospitalidade em suas bem aproveitadas paredes, a exposições ocasionais, está mostrando seus próprios tesouros. A primeira, embora seriamente limitada pelo número de salas disponiveis, apresenta uma fina coletânea de arte moderna francêsa, bem como uma coleção representativa da pintura britânica. Nesta incluem-se uma galeria para cada um dos dois grandes mestres Bleke e Turner, e ara a escola dos pre-rafaelitas.

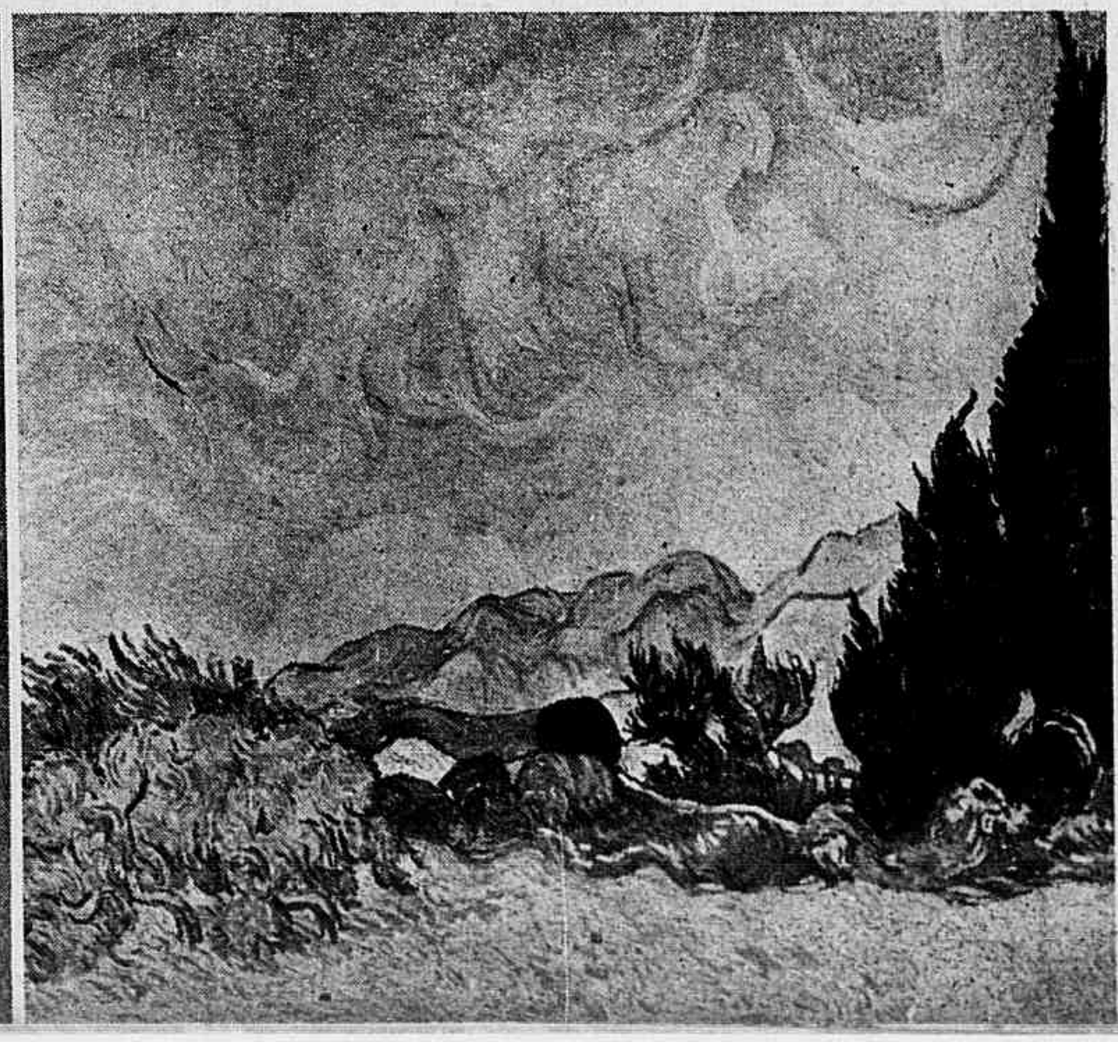
A galeria de telas francêsas remonta até Corot e inclui obras dos mestres mais destacados dos últimos cem anos. Nessa sala há alguns dos maiores favoritos do público inglês, popularizados em inumeras reproduções. Entre estas há três telas de Van Gogh, inclusive os "Girassois", de colorido mais vivo do que antes, pois foi limpo, recentemente. Um dos retratos de Picasso "Mulher em Camisa" também figura agora entre os favoritos do público.

Tendo recebido em doação uma coleção privada das telas de Blake, a Galeria Tate decidiu sabiamente dedicar uma sala a êste gênio — cuja influência é perceptivel entre os jovens pintores inglêses. A exposição inclui várias de suas ilustrações para a Biblia e a "Divina Comédia", embora "ilustrações" não seja a palavra apropriada para desenhos concebidos com tamanha originalidade e profunda visão mistica.

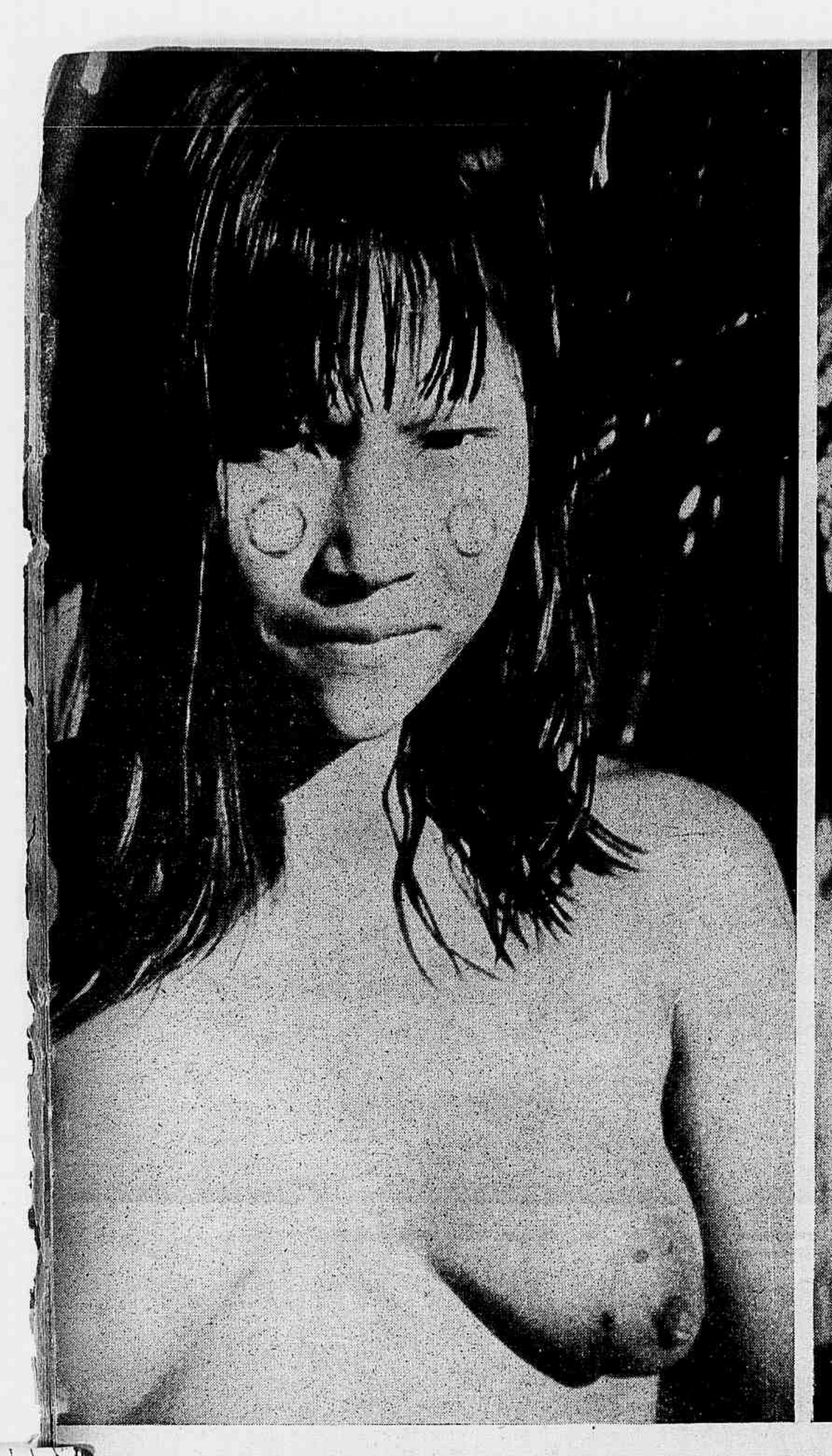
As paredes da sala maior exibem as obras de Turner. Mas isso representa apenas uma fração da preciosa coleção de Turner existente na Galeria Tate. Este artista, que se formou na grande inspiração da mais triunfante das es-

(Continúa na pág. 108)

A esquerda: "Mulher em camisa", um dos mais célebres quadros de Pablo Picasso, pertencente às coleções da Galeria Tate. A direita: "Paisagem com ciprestes", um belo quadro do famoso pintor Van Gogh, pertencente à Galeria Tate.



Em cima: "Satan torturando Job", quadro de Willian Blake, pertencente a Galeria Tate, recentemente reaberta em Londres. Em baixo: "Pilar e amanhecer", quadro de Paul Nash, das coleções da Galeria Tate, de Londres.



Da esquerda para à direita: Tipo de mulher Carajá. As mulheres Carajás são excelentes mãs. Esta, orgulhosamente(mostra ao reporter o seu caçula. Para andar mais depress o

O preparo da "tanga", feita de fibra ou de casca de madeira, o único "ornamento" da coquete indígena.

AS MULHERES INDÍ

IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM
ÇÕES FEITAS EM CONTACT
CARAJ

Por RAYMOND MAUFRAIS

Especial pa

VISITANDO, pela primeira vez, o Oéste do Brasil, — e penetrando em plena selva, no interior de Goiás e Mato Grosso, pude fazer interessantes observações sobre a vida das mulheres indígenas. Eva, é aqui representada muito ao natural, quase como no Eden !

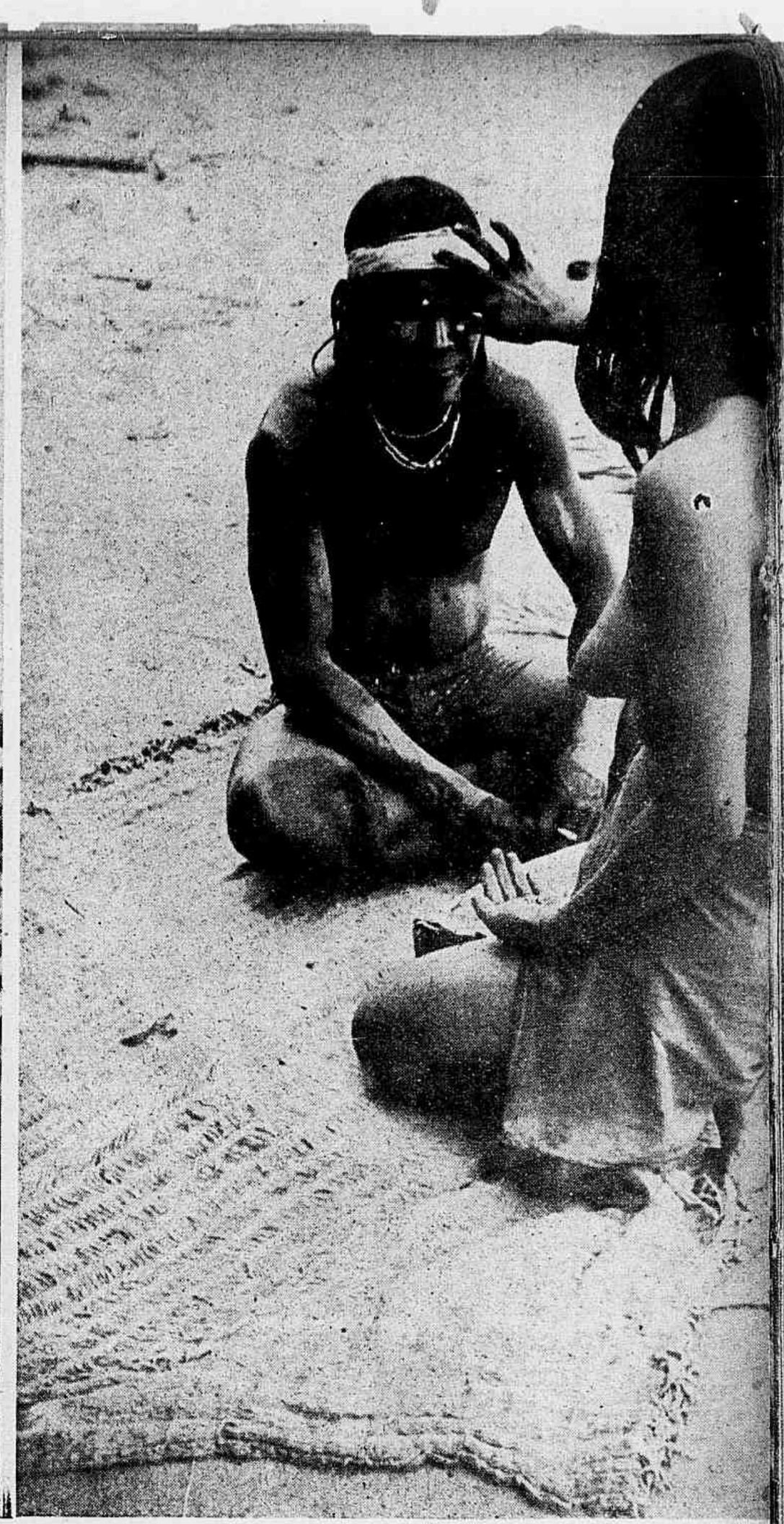
"Ela" nunca vai ao cabeleireiro, à manicure ou ao costureiro, ignora a moda e suas evoluções, os chás e os "rendez-vous" elegantes das cinco horas, as crises de nervos, ou a ultima novidade em filosofia: a do existencialismo. Não usa "rouge", nem cosmeticos para os olhos. "Ela" não vai à estréia dos filmes, nem ostenta qualquer "tintura" literaria ou cientifica. Antes de tudo, "ela" é mulher, bela, fiel, gosta do lar, ama seus filhos e, quando enviuva, durante seis mêses chora a morte de seu esposo... quase o acompanhando, quase sem comer, nem beber.

Seu andar é firme, seu corpo lembra a beleza escultural dos tempos classicos, de pele morena — queimada pelos raios de sol. A boca é sesual, as palbebras fechadas dão aos olhos num rosto oval, uma atração perturbadora. E' ardente, sem ser feroz. Conquista sem usar flores ou sem cantares dolentes e cheios de paixão. Não sabe o que é ciume e, não se de-

sespera pela presença de três ou quatr rivais em seu próprio leito conjugal, que durante a noite, quer durante o dia.

O que senti, quando conviví com a mulheres da tribu indigena dos Carajá é que elas são economicas e praticas constituindo as esposas ideais.

RAYMOND MAUFRAIS é um jovem repo encontra no Brasil o que, munido de por uma insanciável curiosidade, vem cidades, mas o interior do nosso país, à co tando as zonas dos garimpos, as tribus ind do Brasil até onde não chegou a civilizaçã imprensa européia uma série de reportagens excelente fotógrafo, êle é também um obser tra esta reportagem sôbre a vi



epress o índio põe o filho no alto do cesto que leva as costas. E' a índia que pinta o esposo e o "torna belo". O casal passa várias horas nêste trabalho artístico que exige muita perícia.

DÍGENAS DO BRASIL

VIAGEM AO OESTE — OBSERVA- ONTACTO COM A TRIBU DOS CARAJÁS

RAIS

pecial para REVISTA DA SEMANA

quatr
l, que
dia.
om a
Carajá
raticas

A tribu está localizada numa pequena aldeia da Ilha Bananal, no Rio Araguaia. E' uma aldeiazinha tranquila e sem tradições, um verdadeiro paraiso perdido nas selvas, que, — felizmente ! — está defendida contra os aventureiros e os "selvagens brancos", pelos mosquitos, as onças, os jacarés e outros apreciadores da carne humana. Na região o calor é excessivamente tórrido, os dias passam ràpidamente, as noites são de extraordinaria beleza. Aqui, não há policias, nem rádio, nem jornais. Ama-se, caça-se, pesca-se... e ás vezes, para quebrar a monotonia uma guerra entre os indios faz correr sangue neste recanto paradisíaco

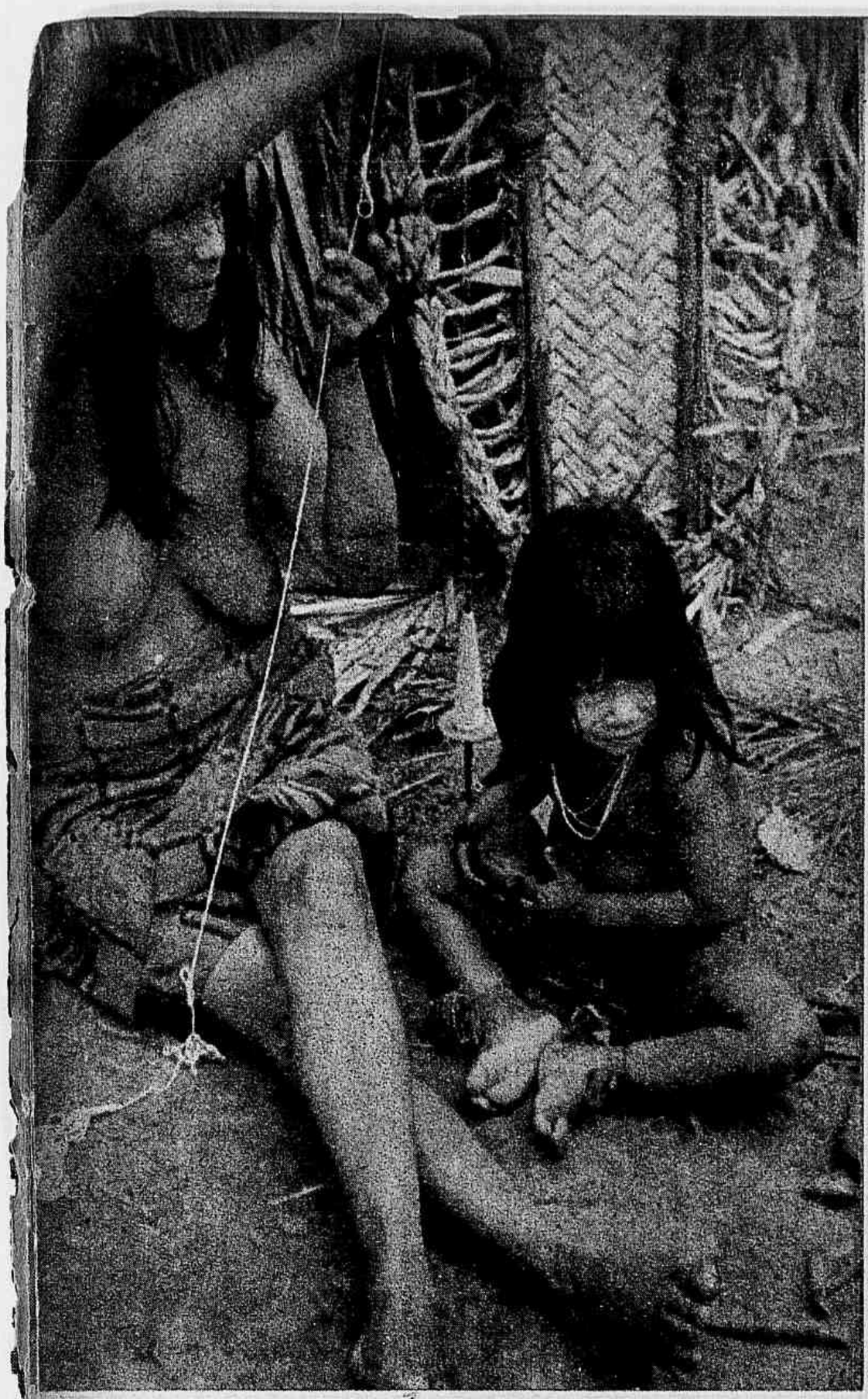
n jovem reporter francês que há alguns meses se , munido de uma objetiva fotográfica e estimu ado iosidade, vem percorrendo, não apenas as grandes so país, à cata de reportagens sensacionais. Visi- as tribus indigenas, os grandes rios e as selvas a civilização, Raymond Maufrais vai oferecer à e reportagens vivas e curiosas, pois, a par de um ém um observador inteligente, conforme o demons- n sôbre a vida das mulheres Carajás.

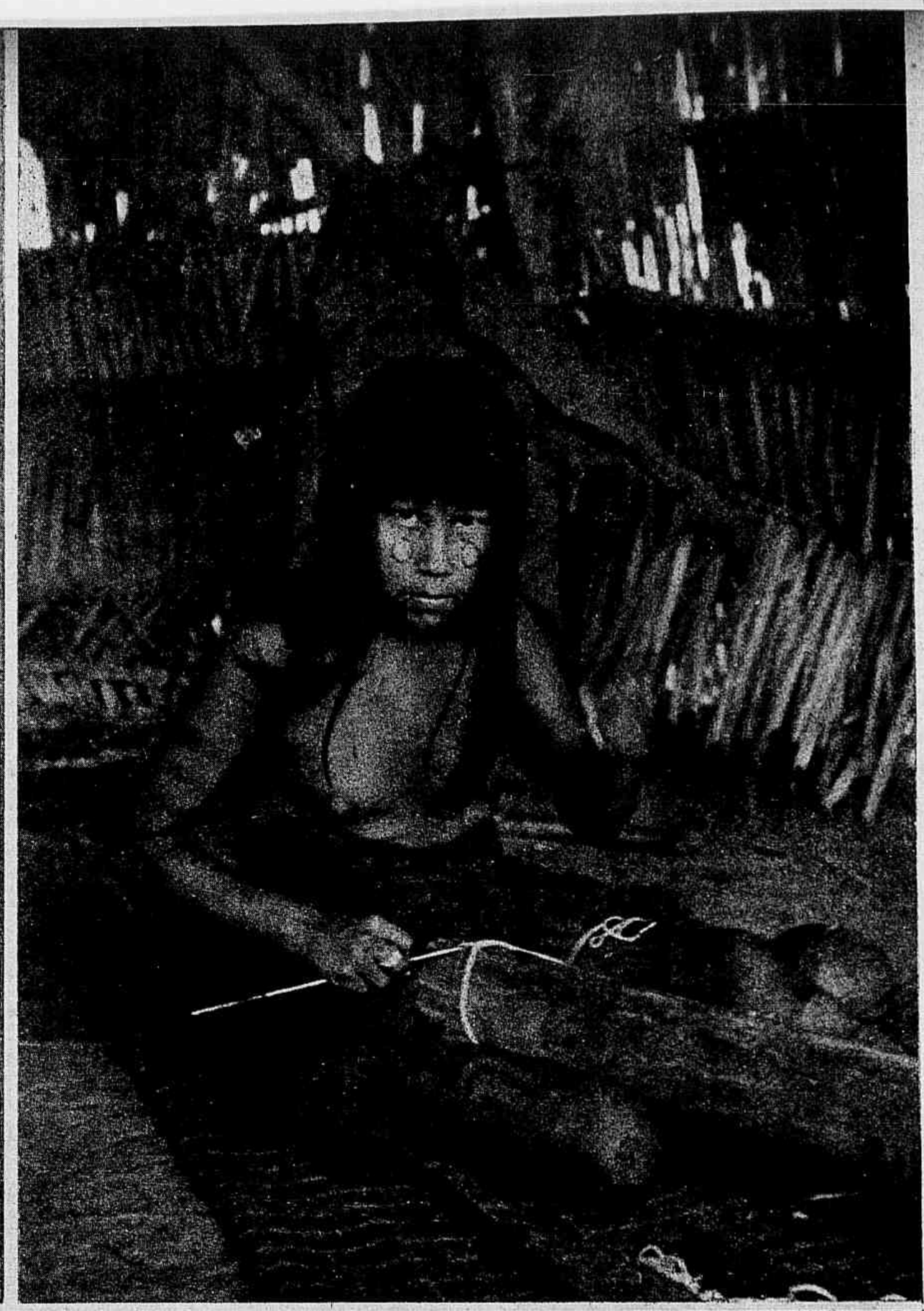
"AS NOSSAS IRMÃS INDIGENAS"

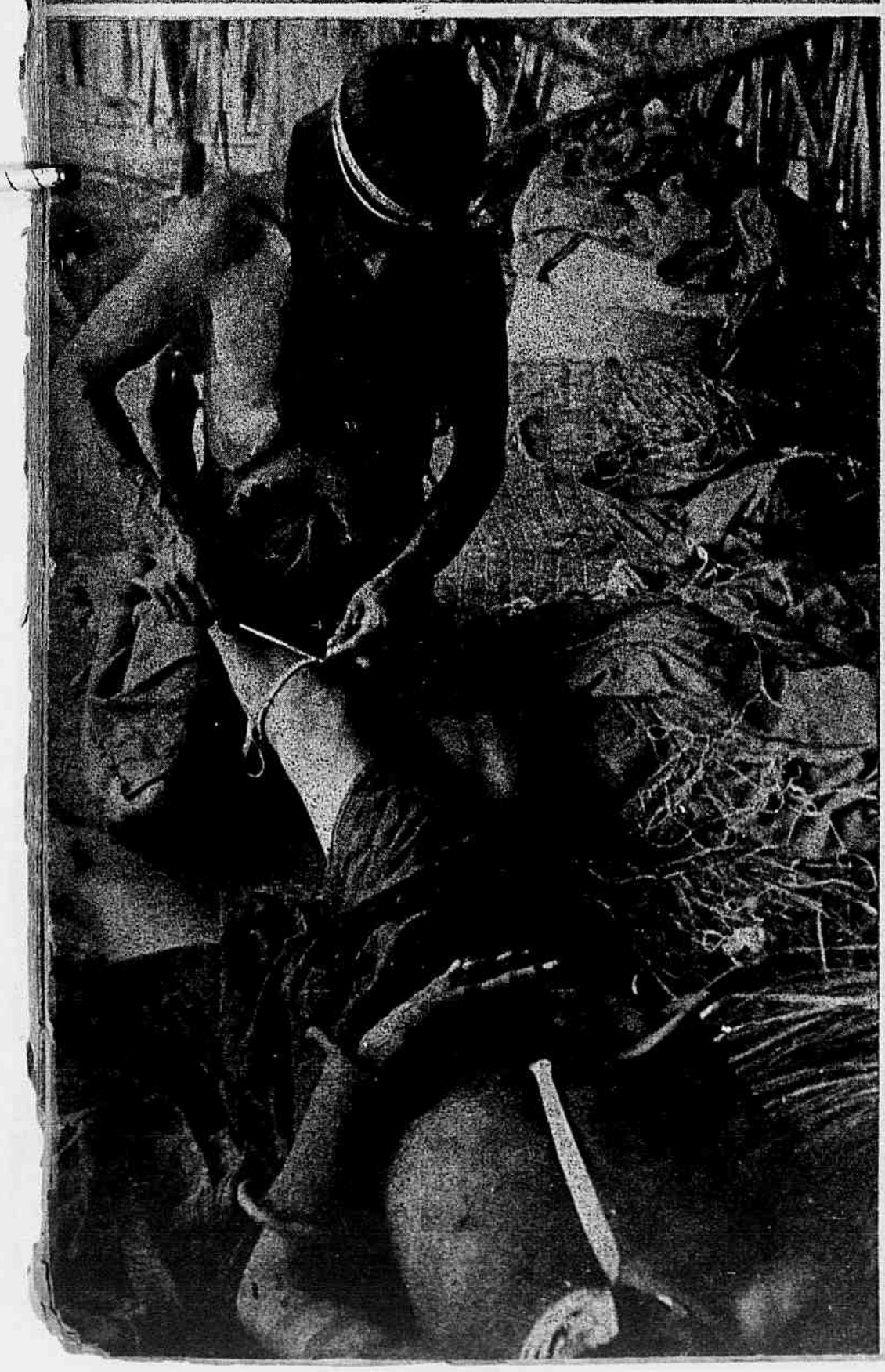
A Eva indigena é antes de tudo mulher, e, assim sendo, tem os seus defeitos, mas, ao contrário dos defeitos da mulher branca, não foram burilados por vinte séculos de "civilização" e de experiência. Não é dificil suportá-los e é muito facil corrigi-los. A índia não é filha de Eva. Ela é a propria Eva. Daí o seu encanto e a sua doçura.

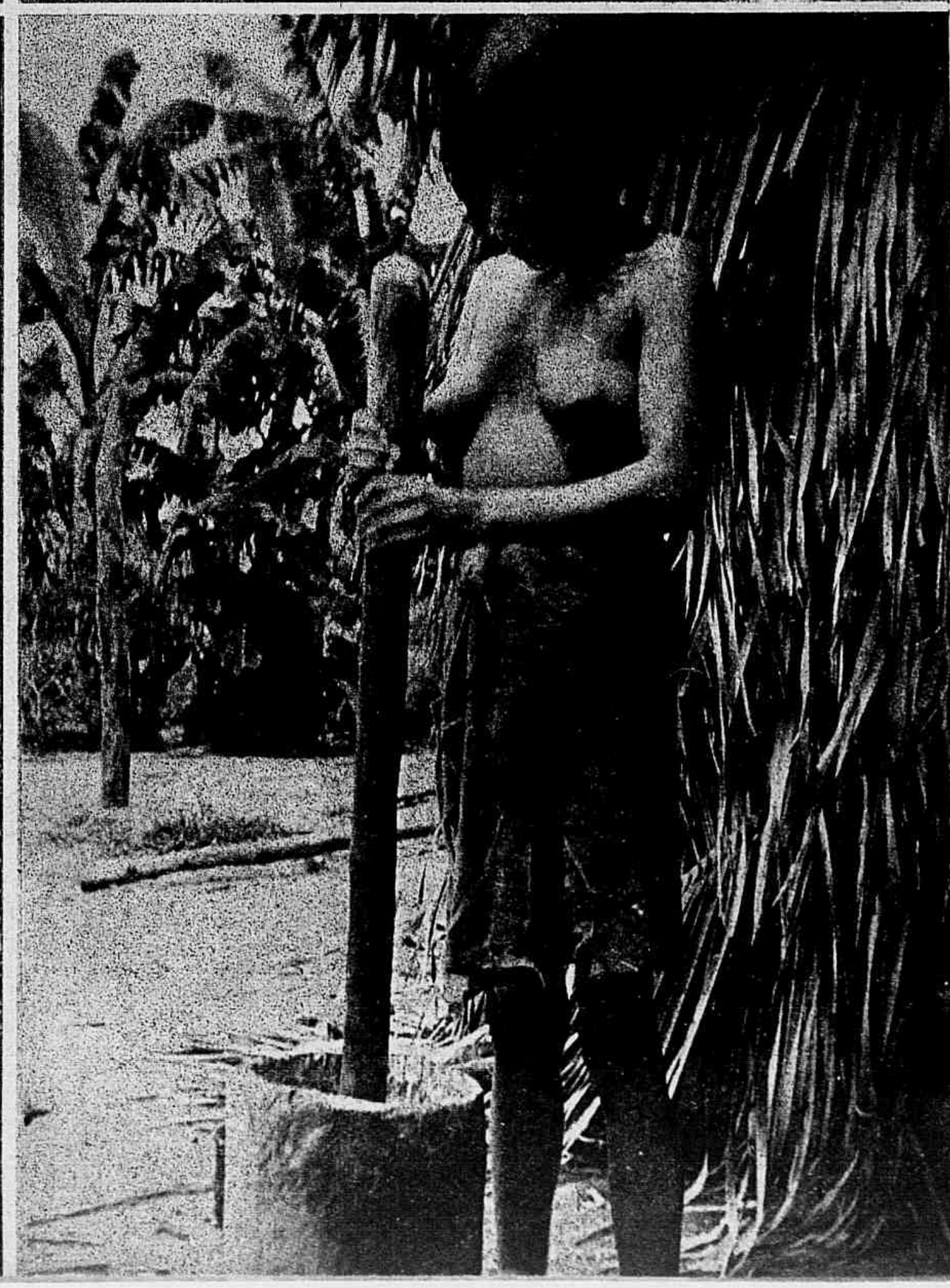
Uma tanga de pano grosseiro ou uma tira de casca de madeira na cintura, um colar de conchas ao peito, eis o vestuário da mulher carajá, que prefere mais os ornamentos do que a toilete. Seu único cuidado é com a cabeleira — muito bonita e muito comprida ! — sempre lustrosa e bem penteada. Às vêzes se ocupa em avivar as cores das tatuagens que lhe cobrem o rosto fazendo com que representem as coisas que prefeririam ter: barbas ou bigodes. Como todas as mulheres da tribu, traz sempre na maçã do rosto,

O índio mostra-se orgulhoso com o man- -ato que o reporter lhe deu de presente.









Antes das danças as mulheres Carajás discutem os meritos de seus respectivos esposos.

dois aneis pintados com a tintura do genipapo, aneis estes que constituem o sinal distintivo das índias carajás.

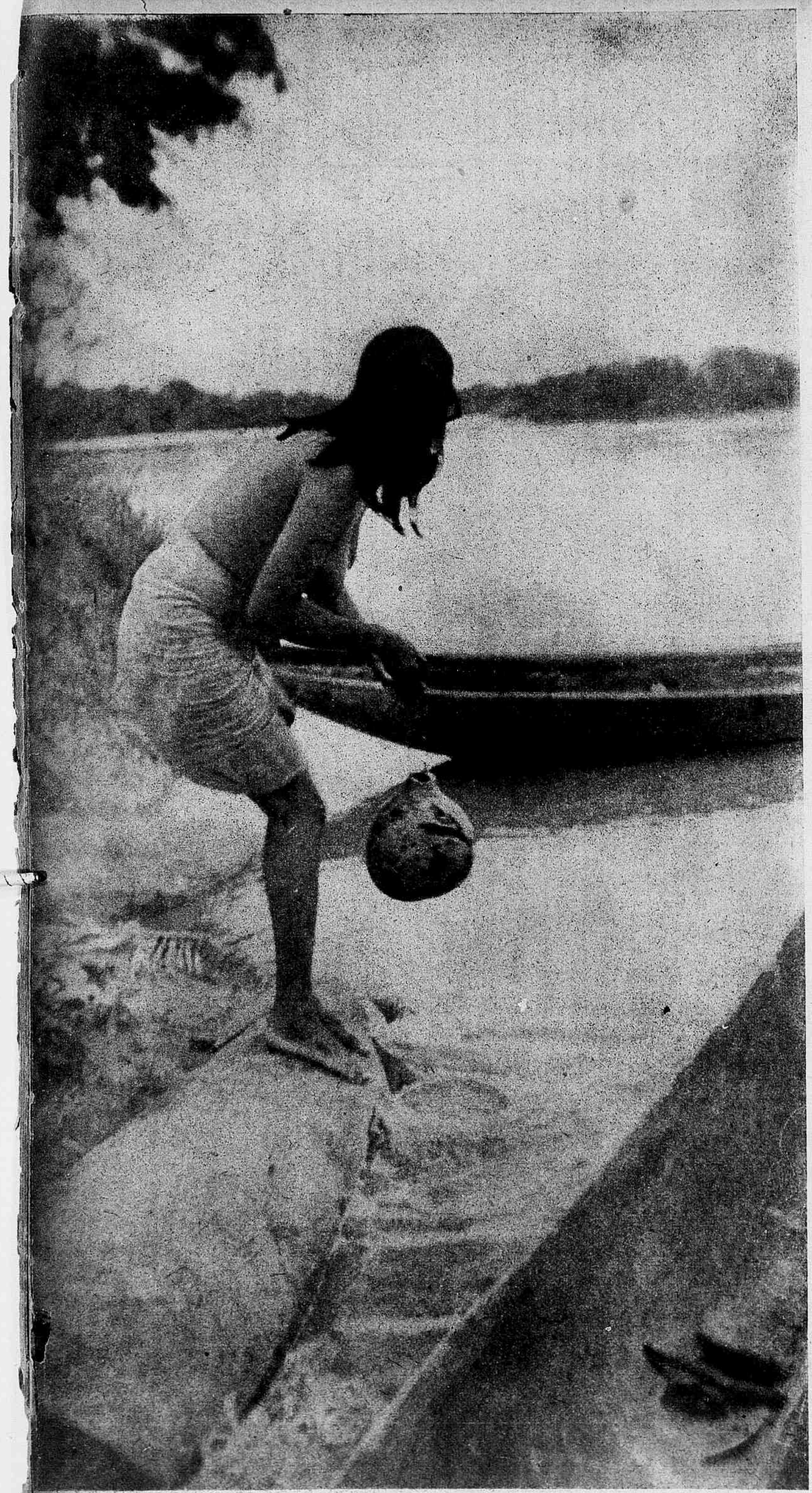
As tatuagens e os exóticos ornamentos em nada prejudicam a harmonia dos seus traços, sempre muito delicados. Ao contrario, dão-lhe uma atraente nota de personalidade, um "que" indefinivel. O indigena é muito asseiado. Toma de cinco a seis banhos por dia no rio, mas, como não faz uso de sabão ou sabonete, o sujo não lhe sai do corpo, e forma uma verdadeira crosta lustrosa. Sem duvida, para ser realmente uma esposa modelo, a mulher Carajá deveria abandonar certos habitos, que, embora naturais na vida selvagem, de certo seriam mal interpretados na da "boa sociedade", onde o esposo a apresentasse.

E' que ela fuma exageradamente num cachimbo curto parecido com um bilro que se adapta e se firma bem no canto da boca, provocando, nas fumantes de trinta anos, uma mancha escura na raiz dos dentes, que ainda lhes restam. Também masca quando se lhe oferece tabaco, e escarra, com "maestria" à grande distância. Cospe, da mesma maneira que fuma a torto e a direito, sobretudo quando está excitada. Após as refeições, para demonstrar sua satisfação, arrota com toda a inocência e sorridentemente solta gases intestinais. E com estas eructações são organizados concursos, melodias entre os vizinhos. A vencedora recebe as homenagens dos homens presentes que, por sua vez, não tardam a imitar as damas, assim demonstrando suas qualidades "esportivas". A índia raramente sorri. E', por natureza, triste. Quando quer, entretanto, manifesta um sorriso doce e encantador. Quando se lhe fala, julga-se, com exagerada modestia, indigna da atenção que se lhe presta, evitando o interlocutor e respondendo com a cabeça voltada para outro lado. A impressão que se tem é de que se conversa sozinho. Sua voz é aspera e grossa, parecendo gemer em cada periodo, e termina frases com suspiros entrecortados de pausas. Na velhice — e os males fisicos, acrescidos de uma vida dura — dão-lhe um aspécto diverso. Torna-se um monstro tirânico, curvo e enrugado, sendo triste o espetaculo das ruinas do que foi um belo corpo. Os seios tornam-se flacidos como os odres mal cheios, as coxas desarnadas, as veias inchadas, os musculos salientes. Fica arrogante, fuma, escarra mais do que nunca e exerce uma autoridade incontestavel sobre as mulheres jovens. Passa os dias de cócoras, perto do fogão, a chorar seus mortos, a falar sozinha, com o olhar baço. Maquinalmente quebra cocos, raspa a mandióca e prepara as tangas das esposas jovens de seu marido. Dá a impressão de uma centenária. Entretanto ás vezes não passa dos trinta anos.

Ao contrário destas, as índias de doze a vinte anos são como flores selvagens e maravilhosas, que precocemente recebem a experiência amorosa. Entre os Carajás, os casamentos se realizam em todas as idades, sendo dificil existir índia á espera de noivado com mais de dez anos.

Doceis, ternas, desconfiadas, curiosas, á tarde vão tomar banho em grupos, nas correntes maravilhosas, que exercem uma atração irresistivel e lembram os rios do Pacifico. Banham-se com toda inocência, como naiades. Ao quadro — para não desmentir Gaugvin, — não faltam nem mesmo certos satiros que aparecem para espantar o bando gracioso, como nas lendas mitológicas. Correm nuas a procura de ovos de tartaruga, enfeitam-se de flores e de conchas, atravessam a mata e, ás vêzes são surpreendidas por um guerreiro que, dentro de uma canôa, ou es-

(Na página ao lado, no alto:) Trabalho de fiação realizado em presença de um indiozinho, que transmitirá ás outras gerações a arte de seus antepassados. Num tronco de arvore de diametro apropriado a india Carajá prepara os ornamentos dos braços e das pernas do marido. Em baixo: Esta preferiu prender o esposo em casa e entrançar no mesmo as pernas e os braceletes de algodão. Quando Raú — tal é o nome desta índia — está triste, sai de casa e pila o milho, proporcionando satisfação a toda tribu... e delicia às concubinas.



Na página ao lado, ao alto: Os índios mudam-se com muita rapidêz, carregando todos os seus pertences num grande cêsto, que pesa muito. O cacique Ataul aplica no menino o sinal distintivo dos índios Carajás, não revelando o mesmo qualquér expressão de sofrimento com a operação, que é muito dolorosa. Em baixo: A dança da aruana. O traje lembra, de certo modo, o das tribus africanas. O reporter Raymond Maufrais entrevista uma jovem índia... Veja se a alegria que sente !

condido numa moita, espreita sua futura esposa oue rapta uma jovem para vendê-la a outra tribu.

Como nas mais belas lendas do mundo civilizado tudo termina em casamento.

A ÉTICA SOCIAL DOS INDIGENAS

A vida da índia Carajá é regida por leis seculares que não admitem qualquer transgressão. A mulher pertence ao homem, este é o senhor absoluto e ninguem tem o direito de censurar o tratamento que o marido inflige á esposa. Se é forte, pode possuir duas ou três mulheres, e até mais, com a condição, porém, de sustentá-las. A favorita compartilha da tosca esteira que lhe serve de cama. As outras, relegadas para um canto da palhoça esperam, pacientemente, a sua vez.

A cerimonia do casamento é muito simples. Após o ritual da troca dos presentes, os jovens esposos reunidos no centro da aldeia, ouvem os conselhos dos pais e em seguida se dirigem á cabana que lhes foi reservada. Embora casados aos olhos da tribu, muitas vêzes não o são por livre e espontanea vontade. Com efeito, o casamento não é o resultado logico de um idilio, mas das conversas e dos pactos celebrados entre as familias. Em seguida, durante cinco ou seis dias passam a "flirtar". E' a lua de mel platônica, com flores, juramentos, passeios em canôas, etc. Com isso aprendem a conhecer-se, a estimar-se e depois de familiarizados não se olham mais como estranhos, mas com alguma paixão, sem necessitar mais o rapaz de demonstrar á jovem suas qualidades de cavalheiro.

Desde então a mulher Carajá torna-se a dona de casa. Tudo o que se refere á economia deméstica lhe diz respeito. Se o casamento confere direitos ao esposo, também os confere á esposa. inclusive o de açoitar o marido se este não for bastante delicado, fiel ou amoroso para com ela. Pode açoitá-lo, mas não deve ir ao exagero, pois o esposo em represália pode surrá-la violentamente e até mesmo repudiá-la.

Numa aldeia Carajá comumente vê-se um índio fugindo sob ás bastonadas de uma megera e no dia seguinte a mulher gritando por causa da surra que lhe aplicou o homem. O marido não pode resolver nenhum problema de economia doméstica sem o consentimento da mulher, e disso êle se serve maravilhosamente — livrando-se ou ganhando tempo, em face de um problema a resolver na ausencia da consorte.

A CURIOSIDADE É UM CRIME NEFANDO

Na ocasião das festas da Aruana quando o guerreiro prepara os seus adereços para as danças, a mulher deve abstrair-se de rodear a casa onde vai realizar-se a festa e de espionar seu trabalho... mesmo acidentalmente. Surpreendida em flagrante, será condenada. Sofre o mais cruél dos castigos e, se não morre em consequencia dessa flagelação pode voltar a viver com o marido. Se este a abandona passa a servir de consolo aos guerreiros celibatarios. Seu enfeite se distingue do de todas as outras por um tufo de pêlos colados com resina. Os jovens podem fazer dela o que bem lhes aprouver. Não há limite de idade para punir as delinquentes.

A favorita, ou a mulher mais velha é que tem o dever de preparar o esposo para a dança e de enfeitá-lo, tirando-lhe os piolhos, penteiando-lhe os cabelos e besuntando-os de resinas aromáticas. E'

(Continúa na pág. 92)

índia Carajá sobre uma canôa nas margens do Rio Araguaya.

MAIS UMA
CATASTROFE
UM curto circúito, uma ponta de cigarro acesa e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torná-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Companhia que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.
COMPANHIA DE SEGUROS
MINAS BRASIL
Capital subscrito: Cr$ 10.000.000,00
Capital realizado e reservas: Cr$ 22.098.019,50.
SÉDE: AVENIDA AFONSO PENA, 526-3º AND. — BELO HORIZONTE
SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO: AVENIDA GRAÇA ARANHA, 416-8º AND. — FONE 22-1844 — REDE INTERNA — SUCURSAL EM SÃO PAULO: RUA ALVARES PENTEADO, 151-3º AND. — TEL. 3-4451
AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS

Rio-Paris — Iniciamos a travessia que se fará em apenas vinte e quatro horas, pelo Bandeirante da Panair.

ITINERÁRIO AÉREO SÃO PAULO-PARIS

Impressões de uma viagem da capital bandeirante à "cidade luz" com escalas no Rio de Janeiro, na Bahia, Recife, Dakar e Lisboa. — São Paulo visto do ar. — A grandeza da "Cidade Maravilhosa". — São Salvador, berço da nacionalidade. — Recife, a Veneza brasileira. — Os senegaleses de Dakar. — Lisboa e os campos verdejantes que a circundam. — Paris à primeira vista. — Outras notas.

PARIS, junho (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — A viagem de avião do Brasil para França pode ser hoje em dia uma coisa comum, mas, temos certeza de que viajar escalando em várias cidades, nelas permanecendo alguns dias, já é uma coisa fora do comum. Eis o nosso itinerário que aconselhamos a todos que destinam a Paris em viagem de recreio ou mesmo de negocios. De qualquer forma, valerá a pena seguí-lo.

O EMBARQUE

O aeroporto de Congonha é muito longe do centro de São Paulo. Para alcançá-lo os passageiros só podem ir de automovel. Existe, é verdade, um ônibus de meia em meia hora, e há auto-lotações e carros das companhias aéreas, que cobram vinte cruzeiros de cada passageiro. Que o aeroporto de São Paulo é deficiente, já é sabido. Urge a construção na capital paulista de um novo campo de pouso, pois o atual, onde dezenas de aviões descem e levantam vôo diariamente, é um pessimo cartão de visita para a cidade, principalmente para aqueles que vêm do exterior e conhecem os mais modernos aeroportos do mundo.

No curto lapso de tempo em que o avião sobrevoa São Paulo, o passageiro vê atônito a grandeza do "maior centro industrial da América Latina". Um imponente conjunto de arranha-céus, milhares de chaminés nos bairros industriais, longas avenidas, jardins, torres e cúpulas de igrejas, doiradas pelos raios do sol crepuscular, desaparecem em poucos segundos aparecendo em seu lugar uma formidavel cadeia de montanhas e, depois, surge o litoral que vai desaparecer na bahia de Guanabara.

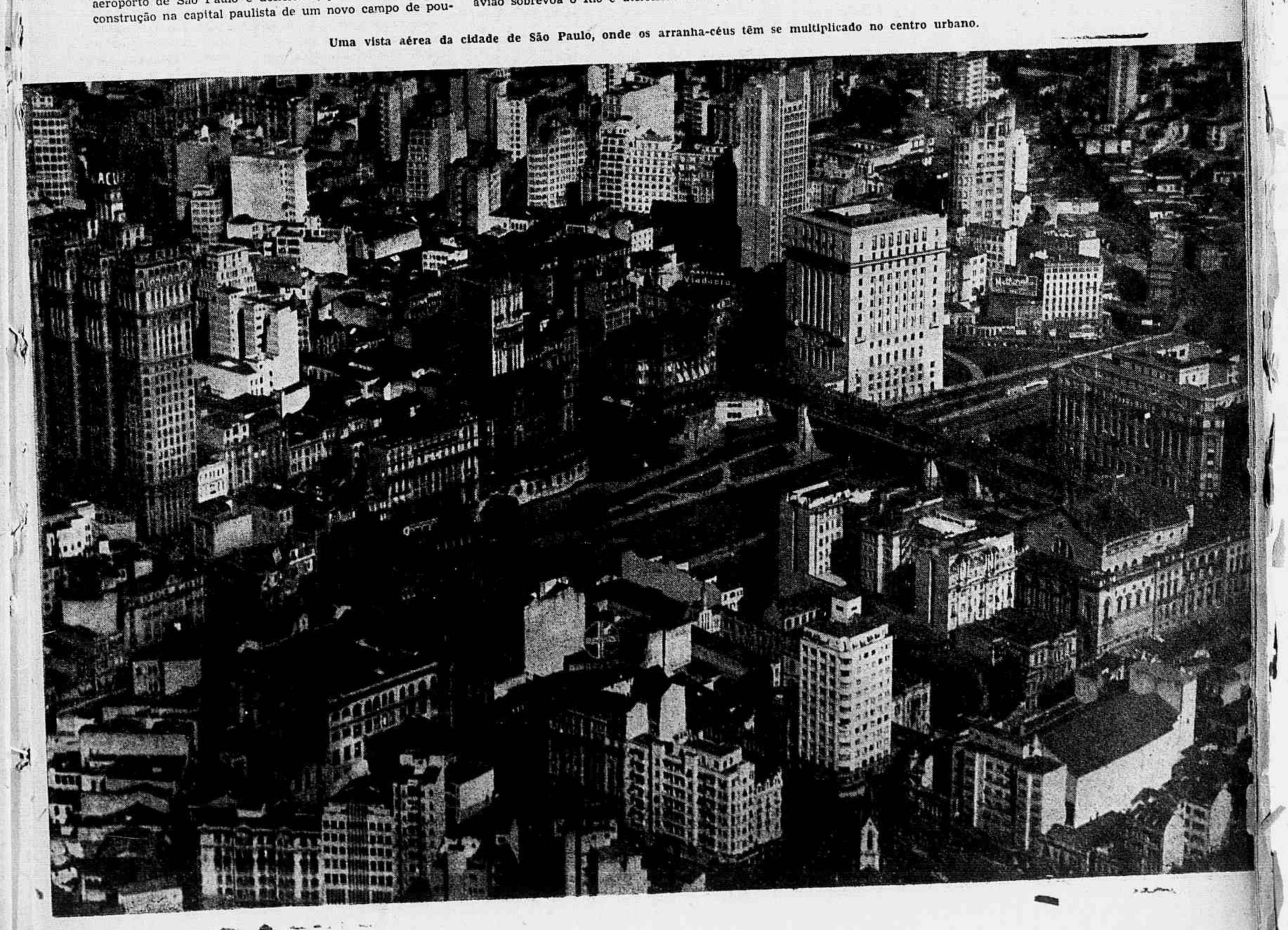
SOBREVOANDO O RIO

Oitenta minutos depois do embarque em São Paulo, o avião sobrevoa o Rio e aterrissa no aeroporto Santos Dumont. Da janela, avistamos o majestoso painel que a cidade oferece ao passageiro. Muita razão têm aqueles que afirmam que Rio de Janeiro é a mais bela cidade do mundo! Não vale a pena detalhar essa impressão, porque cairiamos no lugar comum, — o lugar comum em que caem até viajantes experimentados, que percorram as maiores cidades de todos os continentes. Demais, — o Pão de Açucar, o Corcovado, a Lagoa Rodrigo de Freitas tudo isso já tem fama internacional, no cinema e na fotografia artistica. O Rio é uma verdadeira maravilha, mas temos de dizer-lhe adeus e de continuar nosso itinerário.

NA BAHIA DE CASTRO ALVES

Chegamos à Bahia pouco depois de meio dia, debaixo de chuva torrencial. O aeroporto dista a uns trinta quilômetros da cidade. O chofer cobra trinta cruzeiros até o centro e leva-nos por uma estrada cheia de curvas peri-

Uma vista aérea da cidade de São Paulo, onde os arranha-céus têm se multiplicado no centro urbano.



O contôrno clássico da bahia de Guanabara, aparecendo a curva formada pelas praias de Botafogo e da Urca.

gosas, nas quais o auto deslisa constantemente, dando impressão de precipitar-se a cada momento para o abismo. Viagem mais desagradavel do que a de avião, mesmo em tempo de tempestade...

Mas chegamos sem novidade à Cidade do Salvador, a São Salvador, à Bahia, enfim — sendo o último nome o mais preferido que o povo dá à cidade de Rui Barbosa e Castro Alves.

Muito já se escreveu e mais ainda se escreverá sobre a Bahia, mas para conhecer bem o berço da nacionalidade, é preciso ver a velha cidade com seus altos e baixos, com suas famosas igrejas, planos inclinados e elevadores por onde se sobe à cidade alta e por onde se desce à cidade baixa. Muito há de se ver na cidade que ainda hoje conserva o aspecto de cidade-fortaleza, construída por Tomé de Sousa. Dos três maiores Estados do passado, é a Bahia que mais se destaca como sentinela fiel de quatro seculos da nossa evolução. Passado, presente e futuro ali se confundem, formando um singular contraste. Arranha-céus aparecem em várias partes, erguendo-se majestosamente para o céu, mas os prédios antigos, as fortalezas e as igrejas seculares, altivas pelo seu aspecto artistico e histórico, não ficam acanhados diante dos monstros de cimento armado, chamando sempre a atenção dos forasteiros que por ali transitam. O passageiro ficará uma semana ou mais na Bahia, mas não verá nada — nada em relação ao que se pode ver na cidade dos candomblés, das macumbas, das inumeras ladeiras, das igrejas, da grandiosa bahia sôbre a qual se debruça e em cujas águas flutuam, ao longe, os alvos veleiros que navegam em várias direções. Resta, apenas, dizer um adeus comovido e prosseguir a viagem.

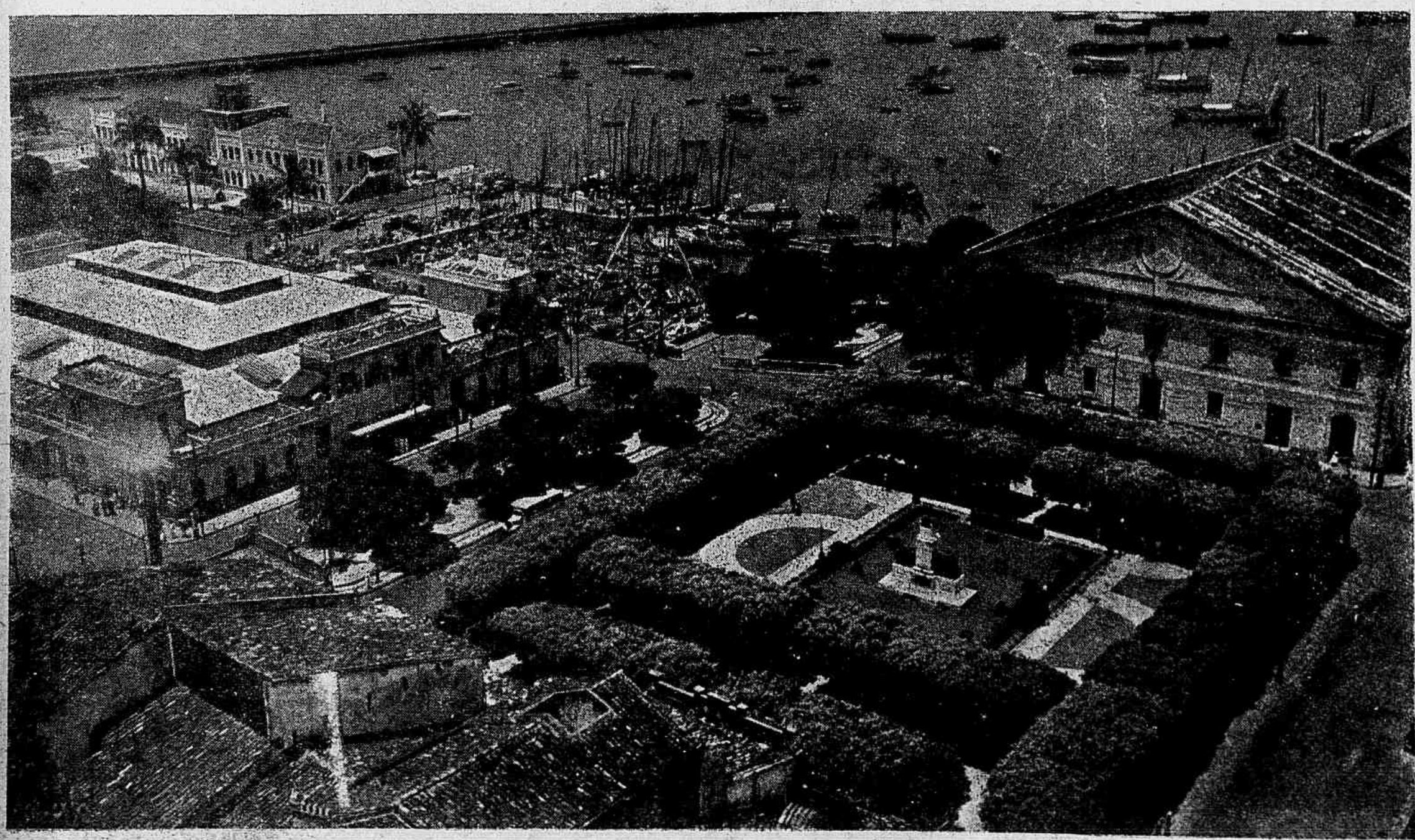
NA VENEZA BRASILEIRA

Recife já não é mais o que foi há uns dez anos. As picaretas demolidoras dos urbanistas deram-lhe uma nova feição. A modernissima Avenida 10 de Novembro, cujo nome não está ligado ao malfadado Estado Novo, mas sim a uma outra data histórica, dá à cidade um aspecto de metropole moderna. E que dizer de suas praias maravilhosas e seus coqueiros que tanto caracterizam essa magnifica cidade que foi apelidade como a Veneza brasileira? Tudo ali é grandioso, convidando os forasteiros a ficar e não partir.

EM DAKAR, NO OESTE DA AFRICA

Embarcamos às 15 horas no Recife e chegamos na madrugada em Dakar. No aeroporto, mulheres vendem bugigangas e "bibelots" de toda espécie, como também objetos

Um aspecto parcial do porto da cidade do Salvador, no lado onde ancoram as pequenas embarcações



de valor. Altos senegaleses, de olhos vivos, sempre amaveis, oferecem alguma coisa para vender. Falam todas as linguas do mundo e sabem pedir preços assustadores... No entanto, não são poucos os que compram as coisas curiosas e exoticas. A famosa água mineral de Vichy se nota em todos os balcões, por preços convidativos. E' boa, sem dúvida. Mas, agora, prefeririamos as águas minerais do Brasil, que, para nós, são as melhores do mundo inteiro!

NA TERRA DE SALAZAR

Na manhã seguinte aproximamo-nos da terras de Portugal. O avião voa à pouca altura e vemos perfeitamente os campos cultivados, os jardins e hortas. Dir-se-iam tapetes de veludo artisticamente enfeitados com belissimos desenhos. Um português nos explica: — "São trigais e campos de cultivo de legumes". Não se nota um palmo de terra siquer que não seja cultivada. As estradas serpenteiam como veias, cortando a região em milhares de direções. Aproximamo-nos de Lisboa.

A "CIDADE DE MARMORE"

O aeroporto de Sacavém é modernissimo. Sua pista de aterissagem, é das melhores. Os funcionários da Alfandega e as autoridades policiais recebem-nos com amabilidades que confundem. Ao contrário da organização das companhias de navegação aérea no Brasil, a Panair põe à disposição do passageiro um ônibus que o leva gratuitamente à cidade.

Lisboa, cognominada "a cidade de marmore", é muito limpa, de aspecto lindissimo. Suas praças e avenidas são enormes, os jardins bem cuidados. Pena ter sido domingo, com as grandes lojas fechadas. Assim mesmo valeu a pena.

PONTO FINAL DA VIAGEM: PARIS!

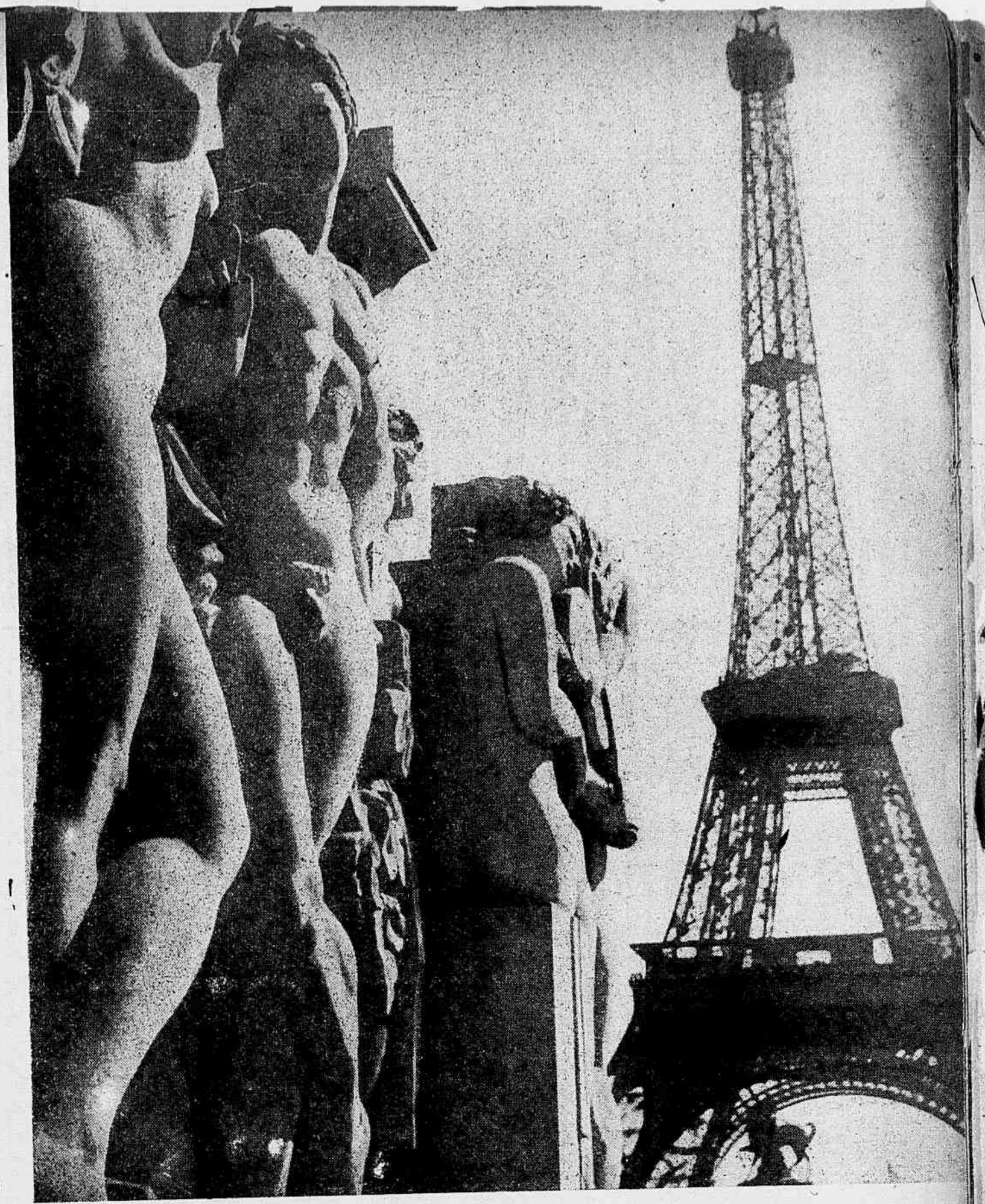
Quem conhece Paris através de leitura, ou ainda das magistrais descrições de Vitor Hugo, Balzac, Dumas e Zola, do passado, Bourget, Jules Ramains, Maurois, Mauriac e outros grandes ensaidores do presente, sentem uma decepção ao chegar à cidade, se não a tinham visto antes.

O aeroporto de Orly é muito longe da cidade. A Panair local, como em Lisboa, põe à disposição dos passageiros uma condução gratuita. A viagem leva mais de meia hora e o passageiro vai vendo a cidade mais falada do mundo. E sente-se decepcionado. "Isto é Paris?" — pergunta constantemente, ao ver os lugares tão simples que nas descrições pareciam tão grandiosos. A impressão não muda mesmo depois de alguns dias, mesmo depois de já se ter visto Notre Dame de Paris, Torre Eiffel, o Sena, o Louvre e outras maravilhas da Velha Capital francesa. Mas, depois de alguns dias, quando a gente torna a visitar esses mesmos lugares, verifica-se que só uma Paris existe no mundo inteiro e que jamais haverá outra igual. Vamos ilustrar essa nossa afirmação com um exemplo pitoresco, que parece anedota, mas não é.

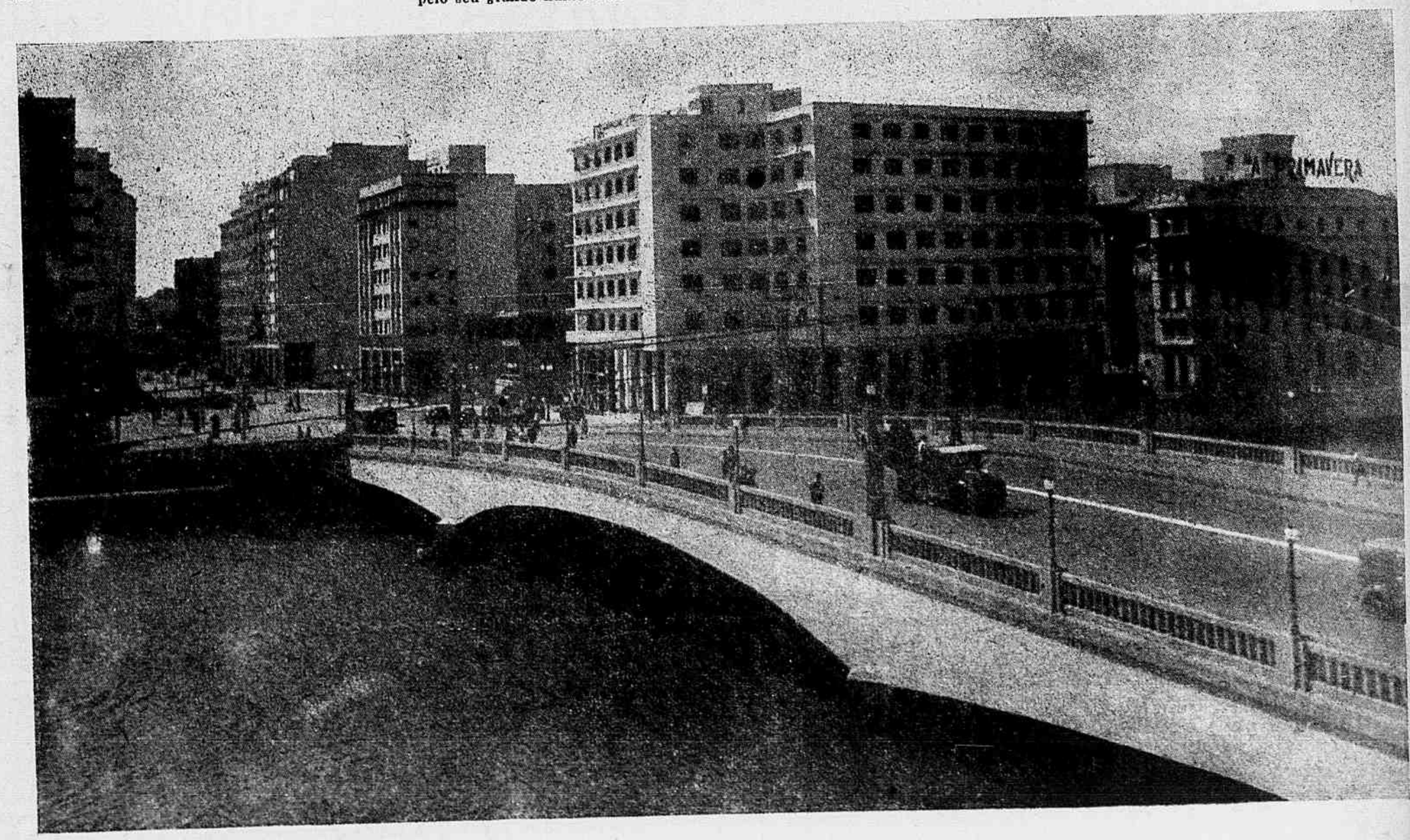
Um americano, desses novos ricos tão judiados por todos, visitou certa vez Paris e pediu um cicerone para acompanhá-lo e explicar-lhe o que significa as coisas da grande cidade. Maravilhado, perguntou ao percorrer a Praça da Republica:

— Quantos milhões de dólares são necessários para a construção de uma praça como esta, em Nova York.

(Continúa na pág. 104)



Em cima: — Um detalhe do Jardim de Taillot, vendo-se ao fundo, a Torre Eiffel, marca registrada da eterna Paris. Em baixo: — Uma visão moderna do Recife, a velha cidade que pelo seu grande número de canais foi cognominada de "Veneza Brasileira"



O esplendor da beleza feminina refulgindo numa cutis tratada com esmero...
... E UM FASCINANTE SORRISO DE INEFAVEL PRAZER APÓS UMA APLICAÇÃO DE LEITE DE ROSAS.
Leite de Rosas
Leite de Rosas
O PREPARADO QUE DÁ "IT"

Obrigada, Dona Reed... Cumprimentos vindos de garotas bonitas assim nos deixam ainda mais felizes... (Foto feita exclusivamente para a REVISTA DA SEMANA — Gentileza da MGM).

NOS BASTIDORES FEMININOS

NÃO creio que você esteja entre aquelas que se consideram verdadeiras martires... Não, você é bastante inteligente para compreender que com isso você apenas se tornaria uma pessôa intoleravel!

Imagine uma pessôa que viva eternamente se queixando de qualquer coisa, que se considera ludibriada em tudo, que chama para si o privilégio de conhecer todos os dramas e todas as tragédias do mundo! Imagine uma pessôa que viva eternamente se lamentando dos seus azares quer no lar, no escritório, em toda parte afinal, se considera sempre a mais sacrificada! E' terrivel, não? E mais terrivel ainda porque ela nada faz para se livrar do martirio, mas queixa-se continuadamente martirizando os demais.

Imagine uma mulher casada com um homem que trabalhe duramente o dia inteiro; um homem bom e honesto que procura proporcionar o máximo de conforto à sua familia; que chega em casa exausto do trabalho, sequioso de carinho e conforto. O que encontra êle? Uma mulher acabada, irritada, que anda apressadamente de um lado para o outro, queixando-se de tudo e de todos. Queixa-se das empregadas, do trabalho que tem o dia inteiro, das contas a pagar, do trabalho que lhe dão os filhos, do dinheiro que não chega e "qual, exclamam, elas, e você aí com toda essa calma!"... "Mato-me o dia inteiro nesta casa e você chega, abre o jornal, se "espalha" na poltrona e ainda não quer que me queixe! Sou uma martir, uma verdadeira martir!"

Pódem vocês imaginar um quadro mais desagradavel do que êste? Pois êle existe! Existe e muito! Porque, infelizmente, ha mulheres que ainda não compreenderam o seu verdadeiro papel. Há mulheres que ainda não compreenderam que não são as únicas que trabalham, cuidam da casa e dos filhos e que afinal isto não constitui sacrifício algum.

Ignoram por acaso que existem milhares de mulheres que trabalham tanto ou mais do que elas e que no entanto se conservam alegres, saudaveis, elegantes e tranquilas?

Mulheres que cooperam com os maridos, em casa, ou no escritório, mas que sabem manter sempre um ambiente saudavel dentro de casa? Mulheres que não se queixam nem se lastimam, não se lamentam e não se abandonam, porque sabem que isso de nada vale?

Si toda essa lamuria não é causada por molestia, é tempo de acabar com ela! Acorde! Sacuda-se! Veja bem que todos lhe estão fugindo! Já é tempo de fazer alguma coisa! E só mesmo você poderá fazer qualquer coisa por você! Deixe que tudo desabe, mas por Deus, conserve a sua serenidade, sorria, procure manter-se numa atitude digna! E o milagre se dará!

KITTY

A ELEGANTE

SEMPRE elegante, sempre atraente, Myrna Loy é o espelho de todas as mulheres de trinta anos. A sua elegância sóbria e distinta realça a sua beleza. Myrna Loy oferece aqui alguns dos modêlos que usa no seu próximo filme "Solteirão Cobiçado". Da esquerda para a direita temos: "Tailleur" de casemira cinza escuro, com estreitas listras brancas. As listras são trabalhadas de maneira admiravel no elegante casaco de Miss Loy. Observem uma nota curiosa, nele há só uma lapela, onde as listras são aplicadas em sentido horizontal. A blusa de sêda cinza, tem gola bastante alta. Foi Edward Stevenson,

MYRNA LOY

figurinista da RKO quem desenhou todos êstes modêlos de Miss Loy. Aquí para quebrar a monotonia de um vestido de lã preta, êle fá-la usar um colete de lã azul claro, com bolsos ascendentes. Para a noite, a "estrêla" de "Os melhores anos de nossa Vida", selecionou êste elegantíssimo modêlo de crêpe preto, com uma só ombreira, bordada em prata. O mesmo bordado se repete no corpete, num interessante movimento sôbre o busto. Muito gracioso êste "tailleur" de lã quadriculada preta e branca. Uma pala redonda, dá um aspecto inédito ao casaco, bem como os seus bolsos verticais. Não havendo gola, é aproveitada a gola de "piqué" da blusa.

CHAPÉUS

Vocês dificilmente resistirão à elegancia destes chapéus. Observem a originalidade e a graça destes modelos e... talvez resolvam de uma vez voltar a usar chapéus... Ao alto á esquerda: E' surpreendente êste modelo de Dale Evans, da Republic. Nêle vocês encontrão penas, fitas, flôres, etc. Mas, não se pode negar que seja muito elegante. Á direita: Em palha de Milão preta, é executado êste modelo, sugestão também de Catherine McLeod, de copa alta, aba estreita, um pouco levantada dos lados, enfeitado com fita de ciré e véu também preto. Em baixo: Modelo em palha ou lebre branca, com fita preta e branca e véu preto. E' simples e "chic". Usa-o Catherine McLeod, também da Republic. Na página ao lado, ao alto: Feminino e elegante, é êste modelo em palha de Milão branca, com crina formando aba dupla. A copa é baixa, com fita de veludo negro ao redor. Sugestão de Dale Evans. Em baixo: E agora, a bonita Dale Evans apresenta o seu modelo favorito para a noite. E' de veludo negro, com duas rosas rosa palido de cada lado. O véu cobre apenas o alto da cabeça.

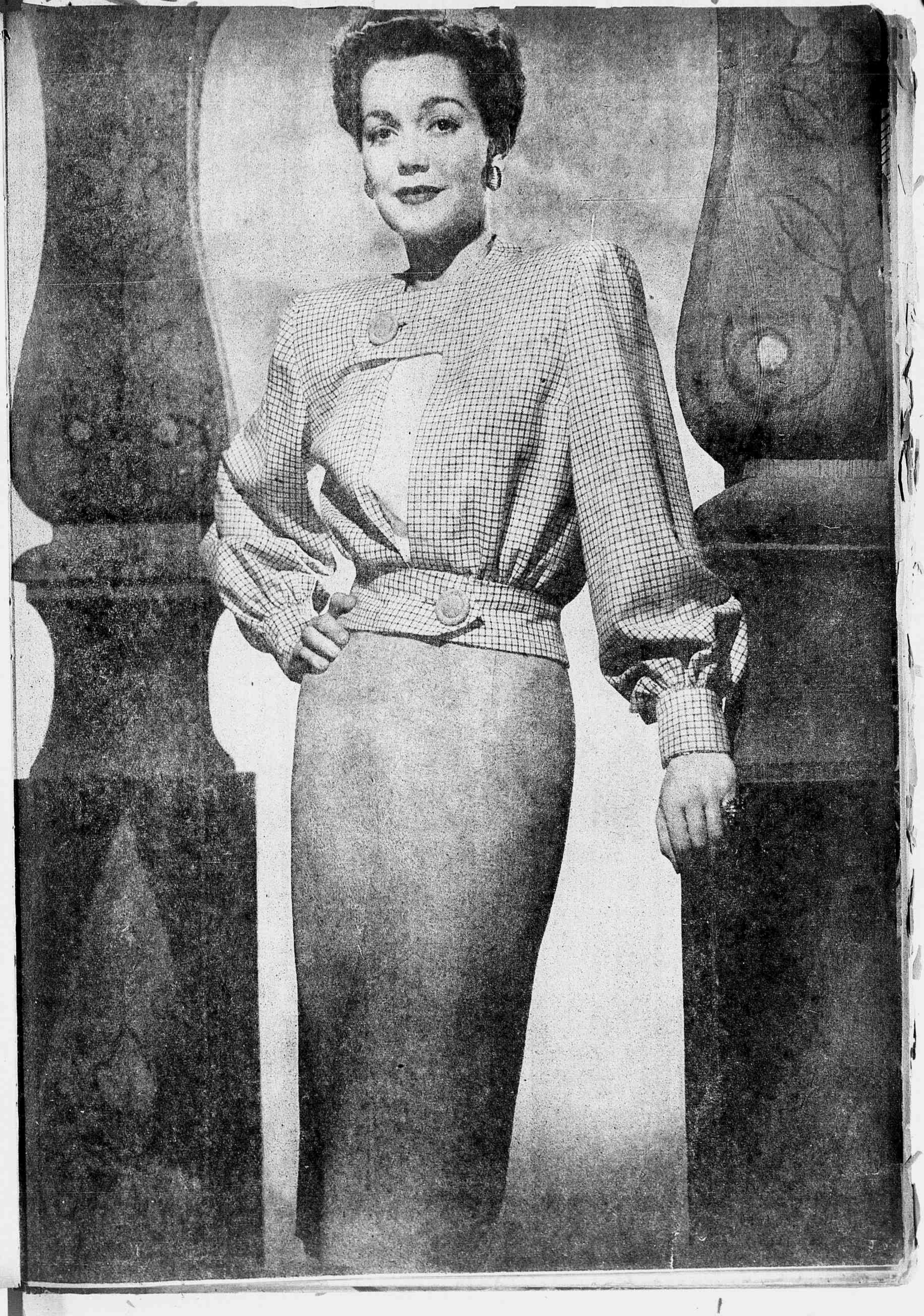
OSA MASSEN APRESENTA:

DE uma beleza esquisita, Osa Massen tem o raro dom de poder vestir as cousas mais extravagantes. Tudo lhe vai bem e uma amostra disso aquí está. Em baixo à esquerda: Vestido de noite em jersey de sêda branco com grandes flôres em tons vivos. Abertura sôbre o estômago. Sôbre o busto, original drapé. Ombreira só de um lado. Saia "godet", com franzidos. A direita: Vejam o quanto é curioso êste modêlo. É executado em "tulle" preto, com sombra de cetim côr de rosa. Frisos de alto a baixo de lantejoulas pretas. Corpo ajustado e baixo. Grande laço na altura dos quadris. Saia muito ampla. Na página ao lado: Vestido curto para a noite. É executado em "tulle" cinza muito claro, com fôrro de cetim branco. Sôbre o busto e mangas muito franzidos. Pala muito justa sôbre o estômago. Saia franzida. Cinta de fita de tafetá escossesa, com original laço na ponta.

DO GUARDA-ROUPA DE JANE WYMAN

Milo Anderson, famoso figurinista da RKO, desenhou especialmente para Jane Wyman, os modêlos que essa elegante "estrêla" irá usar em "Magic Town". Tão encantada ficou Miss Wyman com os modêlos de Milo, que o adquiriu do "estúdio" para seu uso particular.

E vejam si ela não teve razão: Vestido que dá idéia de "duas-peças"... E' um modêlo feito numa só peça, com a blusa em jersey de lã beige, de gola afogada, mangas compridas "arregaçadas"; saia de jersey de lã azul marinho. Como nota original, duas tiras do tecido da saia são aplicadas na blusa, mais alto na frente do que atrás. Naturalmente, num guarda-roupa elegante, não poderia faltar o traje para noite, Jane Wyman apresenta esta "toilette" negra; o vestido é de crepe preto, de linhas sóbrias, com uma prega na saia que se abre em leque em baixo. Com o vestido, ela usa um elegantíssimo casaco de cetim preto com mangas ligeiramente "kimono", e recortes na frente. Uma nova versão de "duas-peças", nos é dado aqui pela bonita "estrela" da RKO. Com uma saia verde, ela usa um casaco originalíssimo, de lã beige com quadrados formados por listras verdes e marrons. Observem o corte dêsse casaco, que abotoa ao alto e na cintura. A blusa que mal aparece, é de "lingerie" branca.



VESTIDOS PARA SOIRÉE

A "season" vai atingir o auge... Você precisará de modelos para a noite... Os que aqui apresentam as mais belas pequenas de Hollywood, são realmente dignos da sua beleza... Da esquerda para a direita temos: Martha Vickers, da Warner Bros., num modêlo de renda prateada, muito colante, abrindo pouco acima do joêlho. A saia é mais comprida atrás, formando pequena cauda. Ombros inteiramente nús. Kay Nelson, modista da Fox, criou êste modêlo de inspiração grega, para a elegantíssima Cathy Downs. É confeccionado em jersey de sêda branco e toda a sua beleza reside no seu drapeado. Cathy Downs num modêlo mais "sofisticado": O decote drapeado é de belíssimo efeito. Usando-o com luvas longas de suéde preta, têm-se a impressão de que se trata de mangas compridas, o que dá à toilete um ar encantador.

ELA ERA O SEU LAR

CONTO DE EDUARDO CAMPOS
ILUSTRADO POR ARMANDO MOURA
(*Especial para* REVISTA DA SEMANA)

LEMBRAVA-SE, agora. Seus gestos eram delicados, de uma delicadeza quase profunda. Sua fisionomia triste e ressaltada por dois olhos que pareciam descobrir os menores segredos. Olhos que repreendiam sem nenhum gesto. Lembrava-se mesmo. Casara-se num dia qualquer do ano e viera morar com a esposa naquela casa. Havia dificuldade de casa; mas um amigo lhe arranjou a chave de uma. Tolice, ele era um homem bom, merecia o favor do amigo. Agora, irrita-se. Sabe, perfeitamente, que o qualificativo não o atinge. Boa mesmo de fato era Lucia, que sabia perdoar todas as suas faltas. Permitia que ele chegasse em casa fora de hora, jogasse o chapéu em cima da poltrona, os sapatos no meio da casa. E nada dizia, nada falava a esse respeito. Tambem não ia imediatamente apanhar o chapéu, juntar os sapatos. Esperava que ele fosse para o banheiro. Aí então: com a maior naturalidade possivel, recolhia os sapatos, guardava o chapéu, tendo antes o cuidado de escová-lo. Depois, ele vinha. O rosto molhado, os cabelos mal enxutos deitando agua pelo corredor, sujando a casa.

Os olhos de Lucia estavam na agua que corria, que manchava o soalho encerado de vespera. Mas não o repreendia. Não lhe dizia nada. Ficava calada, com os seus grandes olhos tristes e distantes.

Na hora do jantar, havia sempre uma surpresa. Uma cavala frita. Uma fritada de camarões. E, para ser franco, a vida naquelas quatro paredes era muito feliz e só agora, tem que dizer, reconhece isso. Antigamente, ou para ser mais preciso, até antes de seu passamento, ele via naquilo tudo, no gesto da mão que apanhava o chapéu, os sapatos, nas surpresas do jantar, meros atos convencionais da vida de casado. Tudo que devia ser realmente o dever, a obrigação de uma dona de casa, de uma esposa concienciosa. Mas, hoje, as coisas lhe parecem diferentes. E principia a notar que foi sempre um trambolho, um inutil dentro do seu lar. Se tivesse sabido viver, se tivesse tido tambem aquele sentido de existencia, Lucia não teria morrido tão depressa, Lucia teria sido muito mais feliz. Não teria desaparecido da terra com aquele ar de tristeza, de arrependimento.

Não sabe se deve dormir na casa. Vai ser duro quando abrir a porta e se encontrar na sala. Vai ser até muito triste, quando tiver de soltar o chapéu em cima da poltrona, isso porque Lucia já não vive mais, para vir atrás e repor o chapéu num lugar mais adequado. Quando tirar os sapatos, com liberdade, no corredor, ao pé do radio, para ouvir o primeiro noticiario da noite, não vai mais pensar que Lucia gostaria de escutar uma novela naquele horario, mas que, por sua causa, se sacrificava. Quando regressar do banho, cantando sua valsa distante (cantará? Terá forças para cantar?) não achará nenhuma surpresa na sala de jantar. Não gozará mais, sujando o soalho encerado sob os olhos da esposa.

Acende o cigarro. Puxa a fumaça como se procurasse se agarrar a uma coisa que foge, que desaparece de seus sentidos. A cinza que se formou na extremidade do cigarro, lhe devolveu mais lembranças: E' que costumava esquecer a finalidade dos cinzeiros de casa. Gostava de jogar a cinza, com o dedo, para o tapete de cores vivas, num gesto displicente e grosseiro. Lucia, depois, sem protestar, vinha pessoalmente recolher as cinzas, pôr em ordem os jornais do dia. E ele perversamente ria, gozava com os cuidados da esposa, mesmo sabendo que aquilo era um trabalho um tanto penoso. Nesse instante, se sente como se fora um menino mal criado que devia ser surrado com furor, sem piedade e depois jogado a um canto, sem direito de chorar.

Não sabe se deve entrar. Não tem coragem de abrir a porta e se achar no interior de seu lar. Aquele lar, considera, não era seu, era de sua esposa, de Lucia que compreendia todas as dependencias, sabia o valor do banheiro de luxo, da cozinha, dos tapetes, da alcova, da sala de visitas onde o esposo recebia os amigos. Para ele, o lar era uma casa como outra qualquer, um refugio para realizar, longe das vistas dos outros, certos atos da vida conjugal. Mais nada. Telha, cal, madeira cepilhada, vidros. Mais nada. Por isso, nunca encontrara o verdadeiro sentido do lar.

Empurrou a cancela do jardim. Foi avançando por entre as roseiras. Lembrou-se então do regador, das mãos de Lucia. Lembrou-se tambem de abrir a caixa da correspondencia. Ela, quando vivia, fazia esse serviço. Não havia necessidade dele ficar ali, bobeando, procurando a chave nos bolsos, sabe lá! Ela mesma se incumbia desse serviço: Quando chegava ao gabinete, lá estavam as cartas alinhadas sobre sua mesa. E, às vezes, nem precisava abrí-las. Já estavam abertas, nunca lidas, porque Lucia não leria suas cartas, mesmo se desconfiasse dele. Se as abria, era apenas para lhe ser util, para que ele não se amolasse e rasgasse os selos que colecionava.

Não encontrou a chave. Tempo perdido. No minimo, cinco minutos nessa busca infrutifera. Perdera a chave, certamente. Deixou a caixa fechada e avançou com tristeza. Estava decidido. Ia entrar em casa, apesar das recordações. Precisava se resolver. Já estava quase em frente à porta. Tinha que se decidir. (Entrar — não entrar) Entrou. Empurrou a porta, encontrou-se no corredor, só, desamparado, terrivelmente só. Sentiu a falta dos beijos da esposa, das tradicionais perguntas: "Trabalhou muito?" "Foi feliz?" "Está disposto?". Não houve nada disso, nem poderia haver. Fechou a porta atrás de si, como se fechasse tambem um mundo feliz que desaparecera para sempre. Entrou, silenciosamente. Não jogou o chapéu sobre a poltrona. Passou, foi direto ao porta-chapéu. Enfiou-o num dos ganchos. Tirou os sapatos com cuidado e os depositou em baixo da cama. Procurou os jornais. Estavam no corredor. Não foi buscá-los. Teve necessidade de fazer luz. Lutou com dificuldades para encontrar o interruptor. Nunca se vira numa situação dessa. Lucia fazia tudo. Inundava a casa de

luz. Abria as janelas. E quando o relogio batia 11 horas, se chegava a ele "Vamos dormir, querido?". Ele deixava o romance de lado, quando era o romance, ou então afastava os papeis do escritório. Mas, agora, está tudo no escuro. A vida dele escureceu tambem. Tem que se estirar, fazer muita coisa. Ir atrás dos jornais, procurar o interruptor, fazer luz.

Sentiu vontade de jantar. Era o habito, certamente. Mas lembrou-se que havia jantado num restaurante. Acendeu outro cigarro. Foi para o gabinete. Não encontrou a correspondencia alinhada sobre a mesa. Nada. Tudo abandonado. A poeira dava para se escrever um nome. Escreveria o que? Arrependimento? Desilusão? Principiou a abrir um novo livro que comprara. "Contraponto". Devia ser bom, cheio de conceitos. Mas, no momento, nota que o livro é muito massudo, tem muitas folhas. (Se ela fosse viva, teria prazer em lhe abrir as paginas). Impacientava-se. Não vai ler aquilo... Se fosse escritor, escreveria pequenas histórias. Acha o pensamento tolo, sem sentido, sem razão de ser. Reconhece-se idiota. E sente mais ainda a ausencia da esposa. Se Lucia estivesse viva, estaria ao seu lado, no gabinete, fazendo seu bordado costumeiro. Olha para o quadro a oleo de sua mãe, que pende do teto em sua frente. Mas não é sua mãe que está vendo. E' Lucia, Lucia dos olhos grandes descobridores de misterios profundos. Ergue-se da cadeira, abre a janela. Está quase sem fôlego, com um peso em cima do coração. A rua está

Continua na pág 104

Mariana
ORLANDO MATTOS/

CONTO DE **MACHADO DE ASSIS** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ORLANDO MATTOS**

QUE será feito de Mariana? perguntou Evaristo a si mesmo, no largo da Carioca, ao despedir-se de um velho amigo, que lhe fez lembrar aquela velha amiga.

Era em 1890, Evaristo voltara da Europa dias antes, após dezoito anos de ausência. Tinha saido do Rio de Janeiro em 1872, e contava demorar-se até 1874 ou 1875, depois de ver algumas cidades celebres ou curiosas; mes o viajante põe e Paris dispõe. Uma vez entrado n'aquêle mundo, em 1873, Evaristo deixou-se ir ficando, além do prazo determinado; adiou a viagem um ano, outro ano, e afinal não pensou mais na volta. Desinteressava-se das nossas cousas; ultimamente nem lia os jornais d'aqui; era um estudante pobre da Bahia, que os ia buscar emprestados, e lhe referia depois uma ou outra noticia de vulto. Senão quando, em novembro de 1889, entra-lhe em casa um **reporter** pariziense, que lhe fala da revolução no Rio de Janeiro, pede informações politicas, sociais, biográficas, Evaristo refletiu.

— Meu caro senhor, disse ao **repórter**, acho melhor ir eu mesmo buscá-las

Não tendo partido, nem opiniões, nem parentes próximos, nem interesses (todos os seus haveres estavam na Europa), mal se explica a resolução subita de Evaristo pela simples curiosidade, e contudo não houve outro motivo. Quiz ver o novo aspecto das cousas. Indagou da data de uma primeira representação no Odéon, comedia de um amigo, calculou que saíndo no primeiro paquete e voltando três paquetes depois, chegaria a tempo de comprar bilhetes e entrar no teátro; fez as malas, correu a Bordéos, e embarcou.

— Que será feito de Mariana? repetia agora, descendo a rua da Assembléa. Talvez morta... Se ainda viver, deve estar outra; ha de andar pelos seus quarente e cinco... Upa! quarenta e oito; era mais moça que eu uns cinco anos. Quarenta e oito... Bela mulher! grande mulher! belos e grandes amores!

Teve desejo de vê-la. Indagou discretamente, soube que vivia e morava na mesma casa em que a deixou, rua do Engenho Velho; mas não aparecia desde alguns meses, por causa do marido, que estava mal, parece que á morte.

— Ela também deve estar escangalhada, disse Evaristo ao conhecido que lhe dava aquelas informações.

— Homem, não. A última vez que a vi, achei-a frescalhona. Não se lhe dão mais de quarenta anos. Você quer saber uma cousa? Há por aí roseiras magnificas, mas os nossos cedros de 1860 a 1865 parece que não nascem mais.

— Nascem; você não os vê, porque já não sóbe ao Libano, retorquiu Evaristo.

Crescera-lhe o desejo de ver Mariana. Que olhos teriam um para o outro? Que visões antigas viriam transformar a realidade presente? A viagem de Evaristo, cumpre sabe-lo, não foi de recreio, senão de cura. Agora que a lei do tempo fizera a sua obra, que efeito produziria n'eles quando se encontrassem, o espectro de 1872, aquêle triste ano da separação que quasi o poz doudo, e quasi a deixou morta?

II

Dias depois apeava-se êle de um tilbury á porta de Mariana, e dava um cartão ao criado, que lhe abriu a sala.

Enquanto esperava circulou os olhos e ficou impressionado. Os moveis eram os mesmos de dezoito anos antes. A memória, incapaz de os recompor, na ausência, reconheceu-os a todos, assim como a disposição d'êles, que não mudara. Tinham o aspecto vetusto. As próprias flores artificiais de uma grande jarra que estava sobre um aparador, haviam desbotado com o tempo. Tudo ossos dispersos, que a imaginação podia enfeixar para restaurar uma figura, a que só faltasse a alma.

Mas não faltava a alma. Pendente da parede, por cima do canapé, estava o retrato de Mariana. Tinha sido pintado quando ela contava vinte e cinco anos; a moldura, dourada uma só vez, descascando em alguns lugares, contrastava com a figura ridente e fresca. O tempo não descolara a formosura. Mariana estava ali, trajada á moda de 1865, com os seus lindos olhos redondos e namorados. Era o unico alento vivo da sala; mas só êle bastava a dar á decrepitude ambiente a fugidia mocidade. Grande foi a comoção de Evaristo. Havia uma cadeira defronte do retrato, êle sentou-se nela e ficou a mirar a moça do outro tempo. Os olhos pintados fitavam também os naturais, por ventura admirados do encontro e da mudança, porque os naturais não tinham o calor e a graça da pintura. Mas pouco durou a diferença; a vida anterior do homem restituiu-lhe a verdura exterior, e os olhos embeberam-se uns nos outros, e todos nos seus velhos pecados.

Depois, vagarosamente, Mariana desceu da téla e da moldura, e veiu sentar-se defronte de Evaristo, inclinou-se estendeu os braços sobre os joelhos e abriu as mãos. Evaristo entregou-lhes as suas, e as quatro apertaram-se cordialmente. Nenhum perguntou nada que se referisse ao passado, porque ainda não havia passado; ambos estavam no presente, as horas tinham parado, tão instantaneas e tão fixas, que pareciam haver sido ensaiadas na vespera para esta representação única e interminável. Todos os relógios da cidade e do mundo quebraram discretamente as cordas, e todos os relojoeiros trocaram de oficio. Adeus, velho **Lago** de Lamartine! Evaristo e Mariana tinham ancorado no oceano dos tempos. E aí vieram as palavras mais doces que jamais disseram labios de homem nem de mulher, e as mais ardentes também, e as mudas, e as tresloucadas, e as expirantes, e as de ciume, e as de perdão.

— Estás bom?

— Bom; e tu?

— Morria por ti. Ha uma hora que te espero, anciosa, quasi chorando: mas bem vês que estou risonha e alegre, tudo porque o melhor dos homens entrou n'esta sala. Por que te demoraste tanto?

— Tive duas interrupções em caminho; e a segunda muito maior que a primeira.

— Se tu me amasses devéras, gastarias dois minutos com as duas, e estarias aqui ha trez quartos de hora. Que riso é êsse?

— A segunda interrupção foi teu marido.

Mariana estremeceu.

— Foi aqui perto, continuou Evaristo; falamos de ti, êle primeiro, a proposito não sei de que, e falou com bondade, quase que com ternura. Cheguei a crer que era um laço, um modo de captar a minha confiança. Afinal despedimo-nos; mas eu ainda fiquei espiando, a ver se êle voltava: não vi ninguém. Ali está a causa da minha demora; aí tens também a causa dos meus tormentos.

— Não venhas outra vez com essa eterna desconfiança, atalhou Mariana sorrindo, como na téla, ha pouco. Que quer você que eu faça? Xavier é meu marido; não hei de mandá-lo embora nem castigá-lo, nem matá-lo, só porque eu e você nos amamos.

— Não digo que o mates; mas tu o amas, Mariana.

— Amo-te e a ninguem mais, respondeu ela, evitando assim a resposta negativa, que lhe pareceu demasiado crua.

Foi o que pensou Evaristo; mas não aceitou a delicadeza da fórma indireta. Só a negativa rude e simples poderia contentá-lo.

— Tu o amas, insistiu êle.

Mariana refletiu um instante.

— Para que has de revolver a minha alma e o meu passado? disse ela Para nós, o mundo começou ha quatro meses, e não acabará mais — ou acabará quando você se aborrecer de mim, porque eu não mudarei nunca...

Evaristo ajoelhou-se, puxou-lhe os braços, beijou-lhe as mãos, e fechou nelas o rosto; finalmente, deixou cair a cabeça nos joelhos de Mariana. Ficaram assim alguns instantes, até que ela sentiu os dedos humidos, ergueu-lhe a cabeça e viu-lhe os olhos rasos dágua. Que era?

— Nada, disse êle; adeus.

— Mas que foi?!

— Tu o amas, tornou Evaristo, e esta idéa apavora-me, ao mesmo tempo que me aflige, porque eu sou capaz de matá-lo, se tiver certeza de que ainda o amas.

— Você é um homem singular, retorquiu Mariana, depois de enxugar os olhos de Evaristo com os cabelos, que despenteara às pressas, para servi-lo como o melhor lenço do mundo. Que o amo? Não, já não o amo, aí tens a resposta. Mas já agora has de consentir que te diga tudo, porque a minha indole não admite meias confidências.

Desta vez foi Evaristo que estremeceu; mas a curosidade mordia-lhe a êle o coração, em tal maneira, que não houve mais temer, senão aguardar e escutar. Apoiado nos joelhos dela, ouviu a narração que foi curta. Mariana referiu o casamento, a resistência do pai, a dôr da mãe, e a perseverança dela e de Xavier. Esperaram dez meses, firmes, ela já menos paciente que êle, porque a paixão que a tomou tinha toda a força necessária para as decisões violentas Que de lágrimas verteu por êle! Que de maldições lhe sairam do coração contra os pais, e foram sufocadas por ela, que temia a Deus, e não quizera que essas palavras, como armas de parricidio, a condenassem, pior que ao inferno à eterna separação do homem a quem amava! Venceu a constância, o tempo desarmou os velhos, e o casamento se fez, lá se iam sete anos. A paixão dos noivos prolongou-se na vida conjugal. Quando o tempo trouxe o socego, trouxe também a estima.. Os corações eram harmonicos, as recordações da luta pungentes e doces. A felicidade serena veio sentar-se à porta deles, como uma sentinela. Mas bem depressa se foi a sentinela; não deixou a desgraça, nem ainda o tedio, mas a apatia, uma figura pálida, sem movimento, que mal sorria e não lembrava nada. Foi por êsse tempo que Evaristo apareceu aos seus olhos e a arrebatou. Não a arrebatou ao amor de ninguém; mas por isso mesmo nada tinha que ver com o passado, que era um mistério e podia trazer remorsos.

— Remorsos? interrompeu êle.

— Podia supor que eu os tinha; mas não os tenho, nem os terei jamais.

— Obrigado! disse Evaristo após alguns momentos; agradeço-te a confissão. Não falarei mais de tal assunto. Não o amas, é o essencial. Que linda és tu quando juras assim, e me falas do nosso futuro! Sim, acabou; agora aqui estou, ama-me!

— Só a ti, querido.

— Só a mim? Ainda uma vez, jura!

— Por êstes olhos, respondeu êle, beijando-lhe os olhos; por êstes labios, continuou, impondo-lhe um beijo nos labios. Pela minha vida e pela tua!

Evaristo repetiu as mesmas formulas, com iguais cerimônias. Depois sentou-se defronte de Mariana como estava a principio. Ela ergueu-se então, por sua vez, e foi ajoelhar-se-lhe aos pés, com os braços nos joelhos dêle. Os cabelos caídos enquadravam tão bem o rosto que êle sentiu não ser um gênio para copiá-la e legá-la ao mundo. Disse-lhe isso, mas a moça não respondeu palavra; tinha os olhos fitos nele, suplicantes. Evaristo inclinou-se, cravando nela os seus, e assim ficaram, rosto a rosto; uma, duas, três horas, até que alguém veio acordá-los:

— Faz favor de entrar.

III

Evaristo teve um sobresalto. Deu com um homem, o mesmo criado que recebera o seu cartão de visita. Levantou-se depressa; Marianna recolheu-se à téla, que pendia da parede, onde êle a viu outra vez, trajada à moda de 1865, penteada e tranquila. Como nos sonhos, os pensamentos, gestos e atos mediram-se por outro tempo, que não o tempo; fez-se tudo em cinco ou seis minutos, que tantos foram s que criad despendeu em levar o cartão e trazer o convite. Entretanto, é certo que Evaristo sentia ainda a impressão das caricias da moça, vivera realmente entre 1869 e 1872, porque as três horas da visão foram ainda uma concessão ao tempo. Toda a historia ressurgira com os ciumes que êle tinha de Xavier, os seus perdões e as ternuras reciprocas. Só faltou a crise final, quando a mãe de mariana, sabendo de tudo, rajosamente se interpôs e os separou. Mariana resolveu morrer, chegou a ingerir veneno, e foi preciso o desespero da me para restituí-la á vida. Xavier que então estava na provincia do Rio, nada soube daquela tragedia, senão que a mulher escapara da morte, por causa de uma troca de medicamentos. Evaristo quis ainda vê-la antes de embarcar, mas foi impossivel.

— Vamos, disse ele agora ao criado que o esperava.

Xavier estava no gabinete próximo, estirado em uma canapé, com a mulher ao lado e algumas visitas. Evaristo penetrou ali, cheio de comoção. A luz era pouca, o silêncio grande; Mariana tinha presa uma das mãos do enfermo, a observá-lo, a temer a morte ou uma crise. Mal poude levantar os olhos para Evaristo e estender-lhe a mão; voltou a fitar o marido, em cujo rosto havia a marca do longo padecimento, e cujo respirar parecia o preludio da grande ópera infinita. Evaristo, que apenas vira o rosto de Mariana, retirou-se a um canto, sem ousar mirar-lhe a figura, nem acompanhar-lhe os movimentos. Chegou o médico, examinou o enfermo, recomendou as prescrições dadas, e retirou-se para voltar de noite. Mariana, foi com ele até a porta, interrogando baixo e procurando ler no rosto a verdade, que a boca não queria dizer. Foi então que Evaristo a viu bem; a dôr parecia alquebrá-la mais que os anos. Conheceu-lhe o jeito particular do corpo. Não descia da tela, como a outra, mas do tempo. Antes que ela tornasse ao leito do marido, Evaristo entendeu retirar-se tambem, e foi até a porta.

— Peço-lhe licença... Sinto não poder falar agora a seu marido.

— Agora não pode ser; o médico recomenda repouso e silêncio. Será noutra ocasião.

— Não vim há mais tempo vê-lo, porque só há pouco é que soube... E não cheguei há muito.

— Obrigada.

Evaristo estendeu-lhe a mão e saiu a passo abafado, enquanto ela volta a sentar-se ao pé do doente. Nem os olhos nem a mão de Mariana revelaram em relação a ele uma impressão qualquer e a despedida fez-se como entre pessoas indiferentes. Certo, o amor acabara, a data era remota, o coração envelhecera com o tempo, e o marido estava a expirar; mas, refletia ele, como explicar que ao cabo de dezoito anos de separação, Mariana visse diante de si um homem que tanta parte tivera em sua vida, sem o menor abalo, espanto, constrangimento que fosse? Eis aí um mistério. Chamava-lhe mistério. Ainda agora, à despedida, sentira ele um aperto, uma coisa, que lhe fez a palavra trôpega, que lhe tirou as idéias e até as simples formulas banais de pesar e de esperança. Ela, entretanto, não recebeu dele a menor comoção. E lembrando-se do retrato da sala, Evaristo concluiu que a arte era superior à natureza; a téla guardara o corpo e a alma. Tudo isso borrifado de um despeitozinho acre.

Xavier durou ainda uma semana. Indo fazer-lhe segunda visita, Evaristo assistiu à morte do enfermo, e não poude furtar-se à consumação natural do mo-

(Continua na pág. 113)

METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

OPERA NAS SEGUINTES CARTEIRAS:

VIDA, INCÊNDIO, TRANSPORTES (MARÍTIMOS E TERRESTRES), AUTOMOVEIS, ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ:

AVENIDA RIO BRANCO, 110 -- 1.º ANDAR

PRESIDENTE:

DR. F. SOLANO C. CUNHA.

INTERIOR

Dois lindos modelos, para a sua elegancia no lar, são aqui apresentados por duas jovens estrelas de Hollywood. Observem a graça des e pijama de veludo negro, com blusa bordada em "pailleté", usado por Susan Hayward. A' Direita: E agora, vejam que lindo é o "robe" de Eleanor Parker, da Warner Bros., em veludo verde vivo com enfeites de peles.

BOLSAS

A bolsa é um detalhe de grande importancia na "toilette" feminina. Ela deverá ser sempre de tamanho proporcional, levando-se em conta a ocasião e até mesmo a estatura da sua dona. Aqui algumas sugestões de bolsas, vindas de Hollywood para você. Em cima, à esquerda: Para a noite, Cathy Downs selecionou esta bolsa de cetim preto, bordada em côres e em lantejoulas. O desenho bem como o bordado foram feitos pela própria Miss Downs, e, segundo ela, são de facil execução. À direita: Novamente Cathy Downs, agora com uma bolsa de seda branca, bordada em lantejoulas, vidrilhos, etc., de diversas côres. Tambem as luvas de Miss Downs são bordadas à lantejoulas. Em baixo, à esquerda: Uma bolsa pequena, de veludo negro, em forma de sacola, eis o que nos oferece Barbara Britton, da Columbia. A bolsa é bordada com vidrilhos pretos sobre uma parte de tafetá, também preto. Borla de vidrilhos em baixo. À direita: E, para terminar, eis uma carteira de couro, muito elegante, para se usar de dia, em côr natural. Como enfeite, grande fivela de galalite.

DOIS HEROIS QUE GANHARAM A GUERRA E COMO RECOMPENSA RETORNAM A SEUS LARES. A FARDA PODE SER BOA... MAS SER CIVIL E' MELHOR!

UNIVERSAL-INTERNATIONAL
apresenta

BUD ABBOTT. LOU COSTELLO

em

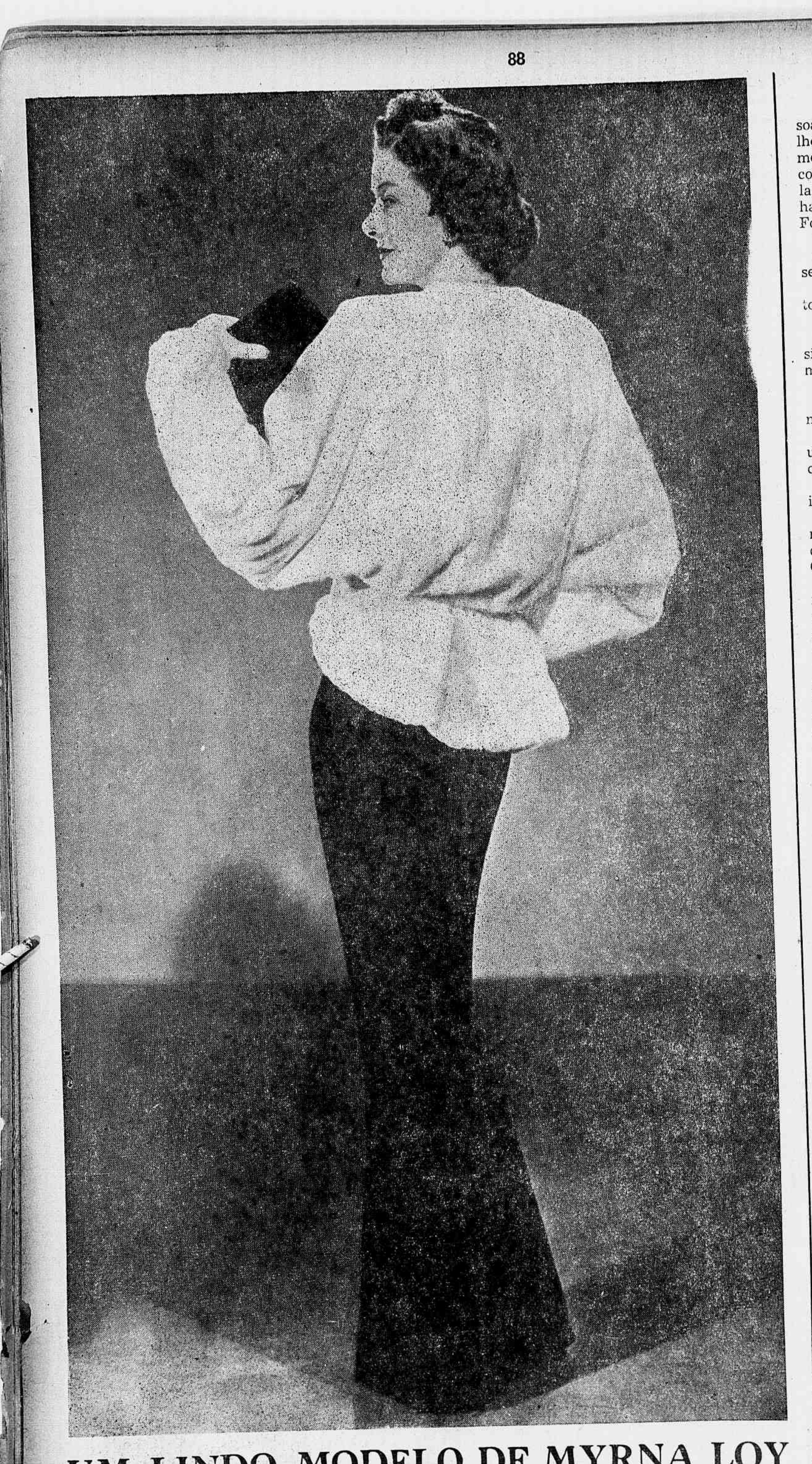
"OS RECRUTAS VOLTAM"

("BUCK PRIVATES COME HOME")

Universal International

com TOM BROWN • JOAN FULTON
NAT PENDLETON DONALD MacBRIDE e BEVERLY SIMMONS

Direção de CHARLES T. BARTON Produção de ROBERT ARTHUR



UM LINDO MODELO DE MYRNA LOY

Myrna Loy, uma das mais elegantes mulheres do mundo, exibe aqui uma capa maravilhosa de pele branca. As mangas são "kimono" e da cintura para baixo, há uma "basque" mais longa atrás. A "estrêle" de "OS MELHORES ANOS DE NOSSA VIDA" usa-a sobre um vestido preto de corte sóbrio, justo até os joelhos, abrindo-se em "godet" para baixo

BOLA DE SÊBO

(Cont. da pág. 45)

soa o dono do hotel. Era um velho negociante de cavalos, homem gordo e asmático, sempre com a respiração opressa, sibilante e com roncos. Seu pai lhe havia transmitido o nome de Follenvie.

Êle gritou:

— "Senhorita Elisabeth Rousset?"

Bola de Sêbo tremeu e voltou-se:

— "Sou eu".

— "Senhorita: o oficial prussiano deseja falar-vos imediatamente".

— "A mim?!"

— Sim, se sois realmente a senhorita Elisabeth Rousset".

Ela se atrapalhou, refletiu um segundo, depois declarou com franqueza:

— "É possivel, mas eu não irei".

Fez-se um movimento em torno dela; todos discutiam, procuravam a causa daquela ordem. O conde aproximou-se:

— "Vós não tendes razão, minha senhora, porque a vossa recusa pode trazer dificuldades consideráveis, não sòmente para vós, mas também para todos os vossos companheiros de viagem. Nunca se deve resistir àqueles que são mais fortes. Êste caso não pode seguramente trazer nenhum perigo; trata-se sem dúvida de alguma formalidade obrigatória".

Todos o apoiaram e instaram com ela, e apressaram-na, e aconselharam-na, e terminaram por convencê-la, porque todos temiam as complicações que podiam advir daquela teimosia. Bola de Sêbo declarou por fim:

— "E' por vós que eu o faço, podeis crer".

A condessa tomou-lhe as mãos:

— E nós vos agradecemos".

Ela saíu. Esperaram-na para sentarem-se à mesa.

Cada um se desolava de não ter sido chamado em lugar daquela mulher violenta e irascivel e preparava mentalmente frases para o caso de ser também chamado.

Mas, ao cabo de dez minutos, ela reapareceu, respirando forte, vermelha, sufocada, exasperada. E balbuciou: "Oh! canalha! canalha!"

Todos se aproximaram para saber, mas ela nada disse; e como o conde insistisse, respondeu com grande dignidade: — "Não; isso não vos interessa; não posso falar".

Sentaram-se todos então em torno da alta terrina, da qual se evolava um cheiro de couve.

Apesar dêsse acontecimento, a refeição decorreu alegre. A aguardente de cidra estava boa; o casal Loiseau e as irmãs de caridade pediram-na por economia. Os outros pediram vinho; Cornudet reclamou cerveja. Tinha êle um modo especial de desarrolhar a garrafa, de fazer espumar o líquido, de o examinar, inclinando o copo e elevan-

do-o em seguida entre a luz e os olhos, para bem apreciar a sua côr. E quando bebia, sua grande barba como que tomava a côr da sua amada bebida e parecia tremer de ternura; seus olhos ficavam vesgos para não perder de vista o vasto copo e êle tomava o aspecto de quem estava cumprindo a única função para a qual tinha nascido. Dizia-se que êle estabelecia no seu espírito uma aproximação, como que uma afinidade, entre as duas paixões que preenchiam a sua vida: a loura cerveja e a Revolução; e seguramente não podia gozar uma delas sem sonhar com a outra.

O senhor e a senhora Follenvie jantavam na ponta da mesa. O marido, cuja respiração difícil dava a impressão de uma locomotiva velha, tinha muita dificuldade nos pulmões para poder falar enquanto comia: mas a mulher não se calava nunca. Descreveu todas as suas impressões desde a chegada dos prussianos, o que êles faziam, o que diziam; e que os execrava, em primeiro lugar, porque lhe custavam dinheiro, e também porque tinha dois filhos no exército Dirigia-se sobretudo à condessa, orgulhosa de conversar com uma senhora da alta roda.

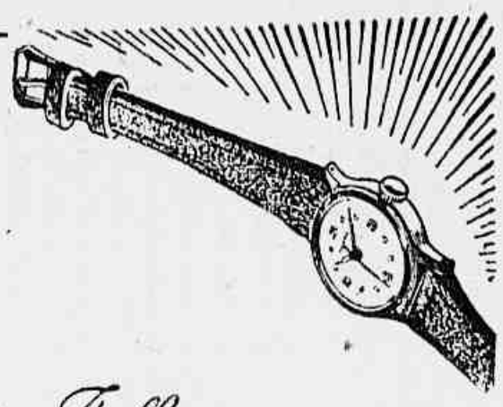
Depois abaixou a voz para contar certas coisas delicadas e o seu marido, de tempo em tempo, interrompia-a, para dizer-lhe: — "Tu procederias melhor calando-te, senhora Follenvie". Mas ela não dava nenhuma atenção a essas palavras e continuava:

— "Realmente, minha senhora, aquela gente não faz outra coisa senão comer batata e carne de porco e em seguida carne de porco e batata. E não creia que sejam limpos. Oh! não! Fazem imundicies por toda a parte, com perdão da palavra. E se vós os visseis fazer exercícios durante horas e dias! Estão lá todos no campo e marcham para a frente, e marcham para trás, e viram para aquí, e torcem para alí. Se ao menos cultivassem a terra ou trabalhassem nas estradas, no seu país! Mas não, minha senhora, esses militares não são úteis a ninguem. E' necessário que o pobre povo os sustente para não conseguir outra coisa senão carnificinas? Sou apenas uma velha sem educação, é verdade, mas vendo-os que se esfalfam a sapatear da manhã à noite, eu digo com os meus botões: — Quando há pessoas que fazem tantas descobertas para serem úteis, é justo que outros façam tanto mal para serem nocivos? Realmente, não é uma abominação matar gente, sejam prussianos, ou sejam ingleses, ou poloneses, ou franceses? Se alguém se vinga de qualquer que lhe fez mal, é um crime, pois o condenam; mas quando exterminam os nossos rapazes a tiros, como a caça, é um bem, pois que condecoram aqueles que mais mataram! Não, creiam-me, jàmais compreenderei isso.

ELEGANTISSIMO "NEGLICÉE"

Laraine Day, "estrêla" da RKO Rádio usa-o em seu próximo filme. E' confeccionado em crepe romano rosa seco, com franzidos sob o busto, sáia bastante ampla, mangas muito fartas, presas por est[illegible] pun[illegible] e largo cinturão de cetim enfeitado com cordões de cetim também. Aliás, com os mesmos cordões são feitos os enfeites que são aplicados na blusa

JOALHERIA SALGADO
JÓIAS E RELÓGIOS
OFICINA PRÓPRIA PARA CONCERTOS DE JÓIAS E RELÓGIOS



Manoel Salgado Joalheiro

EXECUTAM-SE OBRAS DE OURIVESARIA COM PERFEIÇÃO

Rua Alvaro Alvim, 33/37
(Cinelândia)
Edifício Rex

QUINTACOLUNISMO MUSICAL

Estivemos presente às reuniões promovidas pelo Chefe de Censura de Diversões Públicas, em seu gabinete, entre os representantes das sociedades de compositores e os exibidores desta capital, e destinadas a chegar-se a um acôrdo sôbre a cobrança do direito autoral devido pela execução das músicas incluidas nas peliculas cinematográficas. Evidentemente, a lei não dá a essa autoridade a faculdade de promover êsses entendimentos e, antes, cabia aos exibidores conciliarem os seus interesses com os dos compositores e, embora ela tivesse procurado deixar as partes inteiramente à vontade, de certo modo pairava no ar uma atmoféra de coação. A despeito de tudo, entretanto, não se chegou a nenhum acôrdo. O que mais nos admirou foi a petulância do representante da Metro, declarando, em pleno gabinete de um delegado do Poder Público que, para evitar o pagamento de direitos sôbre músicas brasileiras incluidas nos jornais nacionais exibidos em seus cinemas, iria exigir do produtor Alexandre Wulfes, que, dali em diante, passasse a usar sòmente música norte-americana. E' claro que essa declaração mereceu imediatamente o nosso protesto mas, infelizmente, foi recebida com calorosas manifestações de aplausos da parte dos compositores brasileiros que ali estavam defendendo o repertório estrangeiro. Eis aí um dos motivos porque a música brasileira não está ocupando o lugar que merece, mesmo em seu próprio país.

F. CORRÊA DA SILVA

BESIDE YOU

(Do filme da Paramount MY FAVORITE BRUNETTE)

Fox de Jay Livingston e Roy Evans.

To be beside you,
Could I ask for more?
Each thrill beside you,
So worth waiting for.
Such lips never haver been,
I'm in a spin;
When we touch lips,
I go dancing in the sky;
I sigh beside you
Thru the winter storm,
For here beside yeu;
I'm forever warnm.
I'm not stealing daydreams,
It isn't any crime;
To want to be beside you,
'Til there's no more time.

❁

IT'S THE TALK OF THE TOWN

Fox de Marty Symes, Al J. Neiburg e Jerry Levinson.

I can't show my face.
Can't go any place
People stop and stare;
It's so hard to bear
Ev'rybody knows you left me,
It's the talk of the town.
We sent out invitations
To friends and relations,
Announcing our wedding day.
Friends and relations
Gave congratulations,
How can you face them?
What can you say?
Let's make up, sweetheart,
We can't stay apart
Don't let foolish pride
Leep you from my side.
How can love like ours be ended,
It's the talk of the town.

❁

COSAS VIEJAS

Tango de Carlos Waiss e Tilo Ribero

I

Sombras de ayer,
bautismo humilde del arrabal;
guiñ de luna
en cada noche sentimental.
Sombras de tango, dolor, herida
que el tiempo viejo no respetó
sombras que están cuando el pasado
llega en las notas de un bandoneón.

II

Atención pongan al baile
que ha llegado el fin de fiesta
y al acorde de la orquestra
el Morocho va a cantar.
Se escuchan los bandoneones
los violines que solozan
.....
y enredada en las parejas
la nostalgia es una queja
que nunca se ha de olvidar.

I (BIS)

Sombras de ayer,
esquinas nuestras de la emoción
duerme una estrella
allá en la noche de la canción.
Los tangos buscan
los corazones,
lloran los vientos con su violín
llegan de ayer viejas canciones
y está el suburbio soñando en gris

❁

SEGREDO

Samba de Herivelto Martins e Marino Pinto.

Gravado por Dalva de Oliveira, e Nelson Gonçalves

Seu mal é comentar o passado
Ninguem precisa saber
O que houve entre nós dois...
O peixe é pro fundo das redes,
Segredo é pra quatro paredes,
Não deixe que males pequerinos
Venham transformar os nossos corações

O peixe é pro fundo das redes,
Segredo é pra quatro paredes,
Primeiro é preciso julgar
Pra depois condenar.
Quando o infortunio nos bate à porta

E o amor nos foje pela janela,
A felicidade para nós está morta
E não se pode viver sem ela...
Para o nosso mal não ha remédio coração.
Ninguem tem culpa da nossa separação

❁

REFLEXION

Bolero de Antonio Matas

De tu mirada triste yo me enamoré
Y de una vida airada yo te separé
En pago he recibido tu impúdica traición
Dejando abandonado mi pobre corazón

Te suplico solamente
Reflexiones un momento, nada más.
Que recuerdes un instante
La nobleza de mi amor;
Verás que fuiste ingrata
Que debes comprenderlo
Y mi alma enamorada
No merece traición;
Muchas veces en la vida
Uno erra y se equivoca sin querer
Es por eso que te pido
Reflexiones otra vez;
Y piense que yo siempre espero
Sin ti ya mas la vida no quiero
Te suplico solamente
Reflexiones otra vez.

Cornudet eleva a sua voz:

—"A guerra é uma barbarie quando se ataca um vizinho pacífico; mas - um dever sagrado quando se defende a pátria".

A velha abaixou a cabeça:

—"Sim, quando a gente se defende, é outra coisa; mas então devia-se antes matar todos os reis que fazem a guerra para seu prazer".

Os olhos de Cornudet inflamaram-se:

—"Bravo, cidadã!" — disse êle.

O senhor Carré-Lamadon meditava profundamente. Se bem que fôsse fanático dos capitães ilustres, o bom senso daquela camponesa o fazia sonhar com a opulência que traria a um país, se tantos braços, ora desocupados, se tantas fôrças, ora improdutivas, fôssem empregados nos grandes trabalhos industriais.

Loiseau, deixando seu lugar, foi conversar baixinho com o hoteleiro. O gordo homem ria, tossia, fungava. Seu enorme ventre saltava de alegria ao ouvir as anedotas do outro e acabou por comprar-lhes seis barris de vinho para a primavera, quando os prussianos já se tivessem retirado.

Logo que terminaram de tomar a sopa, como estivessem todos derreados de fadiga, foram deitar-se.

Entretanto Loiseau, que tinha observado as coisas, fez a espôsa meter-se no leito e depois colou, ora os ouvidos, ora os olhos, no buraco da fechadura, esforçando-se por descobrir aquilo que êle chamava "os mistérios do corredor".

Ao cabo de uma hora, pouco mais ou menos, ouviu um ruido; olhou depressa e viu Bola de Sêbo, que agora mais gorda ainda parecia, sob o penteador da cachemira azul, enfeitado de rendas brancas. Tinha um castiçal na mão e dirigia-se para junto da porta envidraçada ao fundo do corredor. Mas uma porta ao lado entreabriu-se e quando ela, ao cabo de alguns minutos, voltou, Cornudet, em mangas de camisa, seguiu-a. Falaram baixo, depois pararam. Bola de Sêbo parecia defender com energia a entrada do seu quarto. Loiseau, infelizmente não compreendia as palavras dêles, mas, finalmente, como elevassem a voz, poude apanhar algumas palavras. Cornudet insistia com vivacidade:

—"Vejamos: sois nescia; que é que vos pode acontecer?"

Mas ela parecia indignada e respondia:

— "Não, meu caro: há momentos em que essas coisas não se fazem; e, além disso, aqui, seria uma vergonha".

Êle não compreendia absolutamente, sem dúvida, e perguntava por que.

Ela então encolerizou-se e elevando ainda mais o tom da voz:

—"Por que? Vós não compreendeis por que? Quando há prussianos na casa, no quarto ao lado, possivelmente?"

Êle calou-se. E depois de tê-la simplesmente abraçado, dirigiu-se silenciosamente para o seu quarto. Aquele pudor patriotico de rameira, que se não deixava acariciar perto do inimigo, fizera reacender no seu coração a dignidade desfalecente.

Loiseau, muito excitado, deixou a fechadura, deu um passo de dansa e encaminhou-se para a cama. Suspendeu a coberta

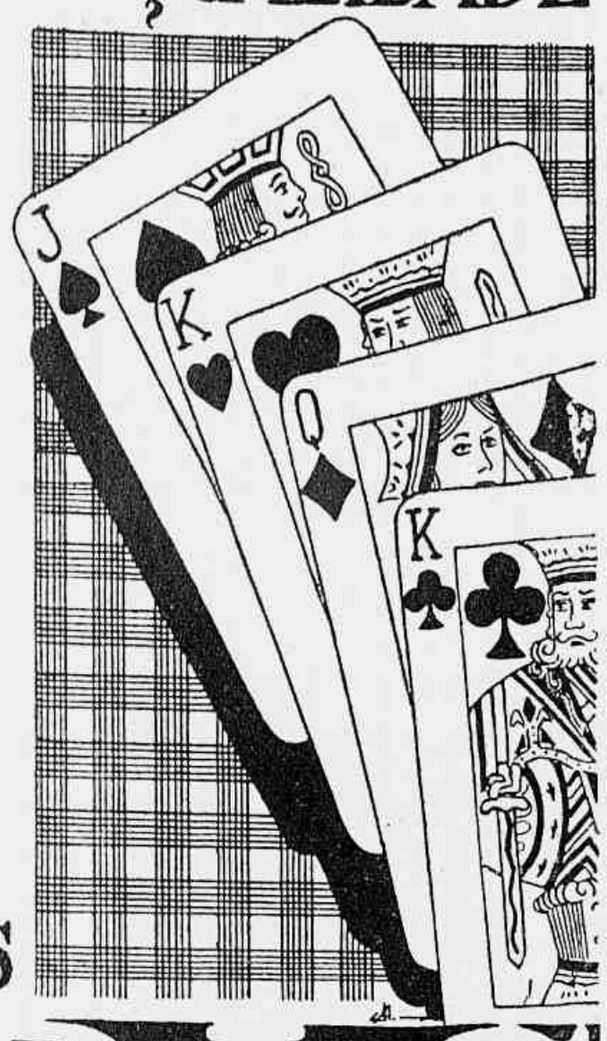
Conselho Amigo — A maior e mais segura garantia da vossa saúde:

Consumir sempre o puro azeite Bertolli, Vinho Chianti Bertolli, Extrato de Tomate Pasquino, os vinhos marca Bosca que são os melhores e os mais preferidos.

Representante — ANTONINI & Cia. Limitada

Rua Riachuelo, 401 — Tel. 32-4980

REPRESENTAM QUALIDADE



PAPEIS EM GERAL
LIVROS EM BRANCO
MATERIAIS DE ESCRITORIO, ETC.

BARALHOS

PAPEIS EM CAIXA
E ENVELOPES
BROCHURAS
ALMAÇOS, ETC.

PRODUTOS

CODAG

COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRAFICAS

sob a qual se escondia a dura carcassa de sua mulher e acordou a com um beijo, murmurando:

— Amas-me, querida?

Depois toda a casa ficou silenciosa. Mas logo surgiu de algures um ronco possante, monotono, regular, provindo de ponto indeterminado, que tanto poderia ser a adega como o sótão; era um ruído surdo e prolongado, com tremores de cadeira sob pressão: o senhor Follenvie dormia.

Como estava combinado que partiriam no dia seguinte às oito horas, encontraram-se todos àquela hora na cozinha; mas a diligência, cujo toldo estava coberto de neve, achava-se abandonada no meio po patio, sem cavalos e sem condutor. Este foi infrutiferamente procurado na coudelaria, entre as forragens, na cocheira. Depois os homens sairam, resolvidos a procurá-lo por toda a redondeza. E saindo, encontraram-se numa praça, com uma igreja ao fundo, e, ao lado, duas fileiras de casas baixas, onde se viam soldados prussianos. O primeiro deles ocupava-se em limpar batatas. E mais adiante, o segundo lavava o salão de um barbeiro. Um outro, barbudo, até os olhos, carregava uma criança, que chorava, e a acalentava sobre os joelhos, procurando acalmá-la. E as gordas camponesas, cujos maridos estavam incorporados ao exército, indicavam por sinais, aos seus vencedores obedientes, o trabalho que era preciso executar: rachar lenha, temperar a sopa, moer café. E mesmo um dêles lavava os panos de sua hospedeira, que era uma velhinha decrépita.

O conde, assombrado, interrogou o sacristão, que saía do presbitério. O velho rato de igreja respondeu-lhe:

— "Oh! aqueles lá não são maus; não são propriamente prussianos; são de mais longe; não sei bem de onde. Todos êles deixaram mulher e filhos nos seus paises. Esta guerra não os agrada, absolutamente. Estou certo de que também por lá se chora bastante. E isto tudo deixará uma grande miséria, tanto para êles como para nós. Aqui, por enquanto, ainda não se é muito infeliz, porque êles não nos fazem mal e trabalham como se estivessem em suas casas. Veja, senhor, entre gente pobre faz-se bem em ajudar-se uns aos outros. São os grandes que fazem a guerra."

Cornudet, indignado com aquele entendimento cordial entre os vencedores e os vencidos, preferiu fechar-se no albergue. Loiseau proferiu uma frase espirituosa: — "Eles repovoam". O cocheiro, porem, não tinha sido encontrado. Mas

(Continua na pág. 96)

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

Relatório de 1946

SINTESE DO MOVIMENTO DO EXERCICIO: — De acôrdo com a modificação do § 6.º do art. 41 dos Estatutos, que concedeu a faculdade de estender os beneficios de empréstimos hipotecários a todos os funcionários do Banco do Brasil, esta Diretoria, levando em conta as grandes disponibilidades existentes naquela época e com o intuito de, indistintamente, tornar fácil aos colêgas a aquisição de sua residência, resolveu, em sessão de 13 de fevereiro de 1946, alterar, provisoriamente, o sistema de utilização dos créditos, que passaram à disposição dos colegas mediante o pagamento da taxa de inscrição e apresentação de negócio, evitando, assim, as frequentes solicitações de permuta. Apesar de atravessarmos um periodo anormal, em que a valorização imobiliária se pronunciou de maneira extraordinária, o número de colégas que recorreu aos empréstimos desta Instituição excedeu às nossas expectativas, quasi esgotando a verba disponivel. Por êsse motivo, em fins de novembro p. passado, vimo-nos obrigados a restabelecer o regime de chamada pela ordem cronologica de inscrição na Carteira de Empréstimos, na fórma do Regulamento, atendendo, de preferência, aos nossos associados, pois os demais funcionários do Banco do Brasil podem ainda recorrer ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. E', pois, com prazer que vemos invertida em bens imóveis grande parte de nosso patrimônio, aplicação essa já aconselhada pelo atuário Dr. René Celestin. Ainda com o fim de aumentar, cada vez mais, o nosso patrimônio, adquirimos, além do terreno à Avenida Presidente Vargas, 180, onde está sendo construido um amplo edificio, os imóveis da rua Acre, esquina de São Bento, em cujo local edificaremos outro prédio, para exploração comercial. Já estão em estudo as respectivas plantas, devendo as lojas serem adaptadas para instalação da Agência Metropolitana da Saúde, conforme entendimento que tivemos com o Banco do Brasil.

Passemos agora a fazer algumas considerações sôbre a situação econômico-financeira da Caixa ante o balanço encerrado em 31-12-46. Os elementos liquidos do ativo patrimonial se apresentaram no exercicio findo (periodo de janeiro a dezembro de 1946), com o total de 187.228 milhares de cruzeiros.

A composição das disponibilidades se apresentam com saldos equivalentes a 10.482 milhares de cruzeiros, atribuidos ao numerário em caixa e em conta de depósito no Banco do Brasil S/A, sendo o restante em contas correntes devedoras. Quanto às imobilizações referentes ao terreno adquirido na rua Acre, esquina de São Bento, e pelo terreno e construção à Av. Presidente Vargas, 180, representam apenas 13% do ativo patrimonial. As verbas do passivo estão distribuidas da seguinte forma: Reservas técnicas — 175.000, Reservas de Contingência — 2.956, Fundo de Garantia — 2.765, Exigibilidades diversas — 6.015, Receitas do exercicio futuro — 492, somando um total de 137.228 milhares de cruzeiros.

O total de nossas reservas representa, portanto, 96% do total do ativo. Os resultados financeiros do exercicio se revelaram por um "superavit" de Cr$ 28.032.068,40 que, conforme determinação do Sr. Atuário, foi inteiramente incorporado às contas das reservas técnicas.

O total da receita do exercicio foi de 33.235 milhares de cruzeiros, provenientes de 10.015 atribuidos às rendas da aplicação do patrimônio, figurando, por isso, os juros de titulos de nossa propriedade com 3.343 milhares de cruzeiros; os de empréstimos hipotecários com 5.159 e finalmente 1.513 milhares de cruzeiros dos juros de contas correntes. A receita proveniente das contribuições de associados e do Banco do Brasil S/A atingiram a 22.191.000 cruzeiros. As demais receitas ordinárias apresentaram-se com o saldo de 1.029 milhares de cruzeiros.

No balanço, as despesas atingem um total de 5.203 milhares de cruzeiros, equivalente apenas a 16% do total da renda bruta. Os gastos relativos ao pagamento de beneficios estatutários, que representaram 58% do total da despesa, foram atribuidos às aposentadorias, no montante de 1.360 milhares de cruzeiros, e as pensões, no valor de Cr$ 1.669.000,00, perfazendo o total de 3.029 milhares de cruzeiros. As despesas administrativas somaram 2.174.000 cruzeiros, sendo 1.740.000 de desembolso com as despesas de pessoal e técnicos.

PENSÕES — Durante o exercicio foram concedidas 26 pensões, no equivalente de 28.617 cruzeiros mensais. As diferentes baixas atingiram o valor de Cr$ 3.021,10.

APOSENTADORIAS — Em 31 de dezembro último o quadro de aposentados contava com 79 associados, sendo o respectivo pagamento de Cr$ 139.425,00, das quais 40 aposentadorias por invalidez, 23 compulsórias, 6 por velhice e 10 ordinárias. No decurso do exercicio, concederam-se 16 aposentadorias, no valor total de Cr$ 39.434,00, tendo havido 2 baixas por motivo de morte, que representavam a despesa mensal de Cr$ 1.690,00.

CARTEIRA DE EMPRESTIMOS — De um modo geral, as operações realizadas pela nossa Carteira de Empréstimos, no exercicio findo, foram, como já dissemos, animadoras, ultrapassando mesmo as nossas espectativas. Comparando o exercicio de 31-12-46 com os últimos balanços verificamos o vulto que os negocios têm tomado e o interesse que despertou entre os colegas as iniciativas desta Caixa. Enquanto nos últimos nove anos os empréstimos hipotecários atingiram a verba de Cr$ 40.000.000,00, em 1946, sòmente, essa mesma rúbrica cresceu de quasi 30 milhões de cruzeiros.

Devido as grandes dificuldades opostas pela Prefeitura do Distrito Federal, só agora conseguimos a aprovação do projeto do Edificio à rua Araujo Gondim, no Leme, estando esta Caixa em negociações para que sejam as obras iniciadas o mais depressa possivel. A Carteira no decurso do exercicio de 1946, concedeu emprestimos no valor total de Cr$ 52.209.104,00. Foram instaladas 15 secções prediais, em diversas agências do Banco do Brasil, contando a Carteira, atualmente, 62 Secções Prediais. No exercicio, houve 708 inscrições, das quais 427 realizadas e 281 a realizar. A Carteira de Empréstimos, conta, pois, desde o inicio de suas operações, com 2.926 inscrições. Até 31 de Dezembro foram resgatados, por antecipação, empréstimos no valor de Cr$ 279.833,50, e, por falecimento dos mutuários, Cr$ 24.764,20. A situação do Fundo de Garantia apresentou-se no Balanço com o saldo de Cr$ 2.765.318,30.

Mulheres indigenas...

(Continuação da pág. 62)

um trabalho que exige vários dias e muita paciencia de ambas as partes. A mulher pode criar ornamentos especiais, preparando o "cauim" para o homem e seus amigos.

O homem caça e pesca para alimentar a esposa e lhe dá filhos. Justo é, portanto, que seja ele quem mais sofra as dores do parto, ou melhor, que ele simule a dor da gestante na frente da casa, acompanhado dos amigos que vêm cumprimentá-lo. Grita, chora, se contorce, imita as convulsões, geme, e quanto mais grita mais demonstra seu contentamento. A futura mãe deve sorrir e chorar o marido que tanto se sacrifica para dar ao lar um futuro guerreiro.

Depois do parto, o marido deita-se durante uma semana na cama em lugar da esposa, e é consolado e acariciado por ela. E' o costume conhecido pelos etnólogos como a "couvade".

Quando o guerreiro morre, a mulher chora durante vários meses e exalta de todas as maneiras os méritos do marido, e quando se cansa de chorar paga a uma vizinha para chorar em seu lugar. Desde o amanhecer até o cair da noite toda a aldeia ouve este lamento triste, que se repete sem cessar. Se quiser, ela pode, afim de assegurar sua subsistência, casar-se logo depois, ou passar á classe das prostitutas. De qualquér maneira, o novo marido concorda em dedicar todo o amor a seus filhos. Nunca os castiga, e atende a todos os seus caprichos, até que atinjam a idade da razão.

Quando a mulher engana o marido, este é imediatamente avisado por ela, e com grande alegria procura o rival e felicita-o, pedindo-lhe presentes. A vida das índias Carajás, a vida das mulheres de bronze, vai passando assim, um pouco desfigurada, primitiva... Mas as nossas mulheres, com a civilização serão por ventura mais felizes?

A JANELA ENCANTADA

Continuação da pág. 37

— Ele é muito espirituoso, gente! Quanto você quer pelo "espirito?"

Geraldo não se perturbou com os apartes daquelas duas, velhas amigas. Nem lhes deu resposta. Apenas descruzou as pernas, apoiou-se mais fortemente num dos braços da poltrona e continuou:

— Do curral voltei para casa. Tomei café com pão e manteiga, (estava faminto) conversei um minuto e fui ver se conseguia dormir. Mas não consegui. Levantei-me e fui andar pelos arredores. O sol me animou. Estava disposto a descobrir o "mistério" de qualquer maneira. Ou então, arrumar as malas e partir naquele dia mesmo, dando uma desculpa qualquer, que estava, aliás, pelejando para descobrir qual fosse. Neste estado de espírito, andei até a hora do almoço, que transcorreu normalmente até certo ponto. Notaram o meu abatimento, dizendo que eu estava pálido, com olhos fundos. Assim na vista de todos, não tive coragem de contar o que havia passado. Ia dizer tudo, mas depois e sózinho com seu Antonio, Respondia apenas que havia dormido mal. Mas foi aí que... estourou uma risada de seu Antonio. Veio assim de repente, igual a uma bomba que rebentasse sem ninguem esperar. E o pior era que ele, quanto mais olhava para mim, mais ria. Todos começaram a rir tambem. Eu estava desconsertado e sorria amarelo, sem saber porque, apenas para acompanhar os outros. Ouço a voz de seu Antonio, que mal podia falar, pois estava engasgado pela sua hilaridade, dirigindo-se a mim: —

— Acho que... já sei... porque você está assim.

— ?!.

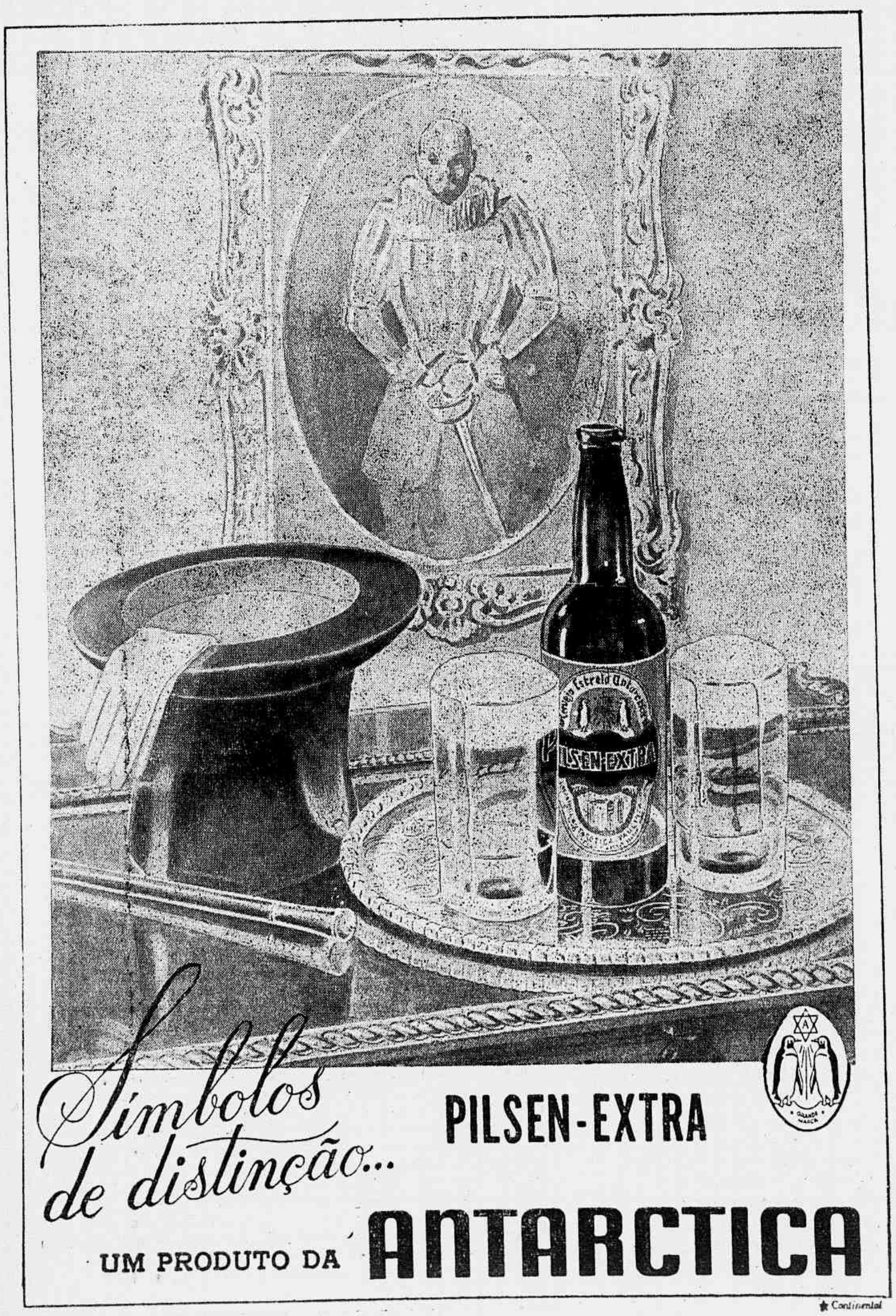
— Quem sabe... a janela de seu quarto está se fechando sózinha? Ah, Ah, Ah.

— Que história é esta, seu Antonio? — respondí eu, já meio queimado, pois estava numa situação bastante esquerda, sentindo-me ridiculo. Ele afinal conseguiu se conter e parou de rir, no que foi acompanhado pelo soutros. Pediu-me desculpas, dizendo que rira involuntariamente, mas agora estava falando sério. E, á medida que falava, o meu espanto ia redobrando. O caso era o seguinte. O Betinho, filho dele, tinha a mania de assustar todos os hóspedes da fazenda. Em cada ocasião inventava um truque. Já apanhára um numero sem conta de surras, por causa disto. Mas não tinha jeito, não se emendava mesmo. Ultimamente, inventara o "tal", que havia me tirado o sono. Consistia na colocação de um fio de linha, bastante fino, quase invisivel e muito forte, na parte superior da janela. De longe, o Betinho o puxava, na hora em que a janela estava aberta e ela se fechava, sem nenhum ruido. De manhã cedo, tirava a linha — que preparava com muito cuidado — e ninguem via o negócio.

Parece complicado. Mas só sei que o menino arranjava tudo direito e a gente não percebia nada. E seu Antonio continuava: Ele queria me avisar quando cheguei, mas o certo é que, por uma coisa ou por outra, se esquecera

O PORTO DE SANTOS

Um dos serviços mais bem organizados do Brasil é o que se relaciona com o porto de Santos, em cujas Docas atraca diariamente um número consideravel de navios portadores em geral de carga de difícil e demorado manuseio a qual, por isso mesmo, abarrota os armazens sendo de notar que, além disso, comumente o porto de Santos recebe maior tonelagem de carga que o do Rio de Janeiro. Pondo em relevo a excelência dos serviços portuários de Santos em relação ao congestionamento que tem dado origem a comentários e discussões, queremos frisar que o fenomeno observado no porto de Santos, como no do Rio de Janeiro, é mundial e não local, pois a mesma coisa vem ocorrendo em Buenos Aires e New-York, sendo certo que tais congestionamentos deixarão de existir no dia em que a situação anormal criada para o Mundo pela guerra passada que o abalou profundamente tenha desaparecido, dando lugar a uma nova éra de tranquilidade e compreensão entre os povos amantes da ordem e do trabalho, que constituem a base da felicidade e da grandeza das nações.



CRÔNICA DE PARIS

SINFONIA DE DRAPÉS

Por **SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO**

AS notícias que recebemos do Rio não nos dão infelizmente nenhuma idéia do que se está usando na nossa linda terra carioca. Não podemos de forma alguma imaginar si a mulher brasileira aceita hoje a moda francesa, ou si se deixou empolgar pelo espírito prático dos costureiros newyorquinos ou londrinos.

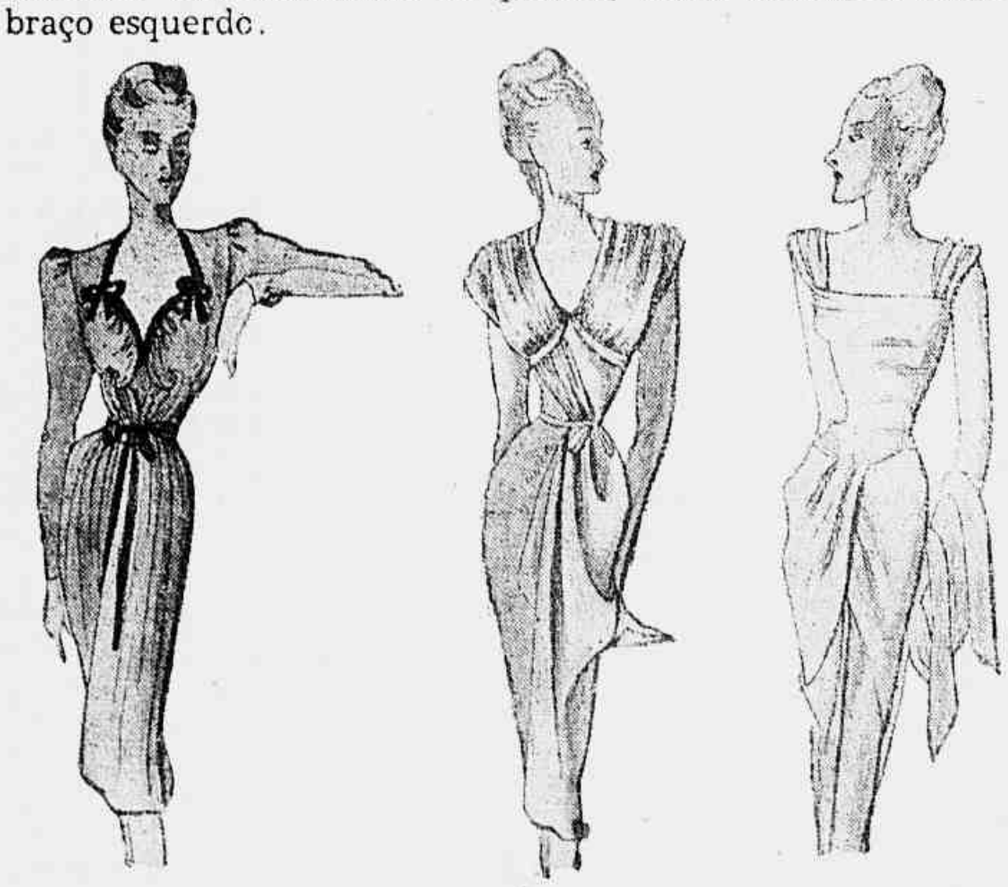
O que daqui de longe nos parece lógico, no entanto, é que o espírito da nossa patricia, latino e fantasista, esteja ávido pelas nossas silhuetas "souples", misteriosamente modeladas em jersey maleável, veludos profundos e panos leves, que nossos olhos estão gozando, agora, nas lindas casas de modas de Paris.

Parece que já estamos fartos do vestido prático que os anglo-saxões, tão oportuna e sabiamente, nos souberam impôr numa época de severidade e economia, que fomos obrigados a viver durante 5 anos.

Não sabemos si a Eva moderna, dividindo o seu tempo entre o lar, as filas e o escritório terá tempo para se fazer bastante feminina durante algumas horas do dia. Mas, o nosso instinto, reclamando direitos de coquetterie ameaçada, sugére-nos um conselho, leitora amiga: **quando puder fugir por um minuto de suas inevitáveis preocupações quotidianas lembre-se que, além de mãe, esposa ou funcionária você tem que ser mulher antes de tudo!!...**

Por isso, quando houver um tempinho vago, olhe a nossa página e escolha entre estes três lindos modêlos de **Drecoll**, o que mais lhe agrada. Pode ter certeza que você estará bem mais mulher dentro de qualquer deles, pois foram criados para enriquecer os contornos femininos, afim de que a nossa legítima coquetterie reconquiste seu lugar no guarda-roupa de após-guerra.

Estamos assistindo, pois, o mesmo fenômeno psicológico de 1919 — A mulher reclama seus direitos vestindo-se em draperies graciosas. Vemos abaixo, da esquerda para direita: O **modelo 1 — Valerie** o mais francês dos três e por isso mesmo o mais coquette; num contraste de crépe drapé e veludo preto é realmente uma obra de arte, embora bastante guarnecido. O **Modelo 2 — Ianagra** Consegue mudar, de maneira original, o movimento simétrico dos ombros de blusa num panejamento unilateral sobre os quadris. O **Modelo 3 — Vestale**, o mais afoito deles todos, tem o seu maior interesse numa longa écharpe que, depois de envolver carinhosamente os quadris, acaba flutuando sobre o braço esquerdo.



Orgulho de mulher

Bonita!

UMA cutis fresca e delicada é, para a mulher bonita, motivo de orgulho. Nem a maquillage mais perfeita consegue occultar os cravos e espinhas. Procure conservar a sua belleza. Use Rugol e verá desapparecer as manchas e as impurezas. Rugol, penetrando profundamente na epiderme, rejuvenesce os tecidos e impede a formação de rugas e pés de gallinha. Contrae os póros, elimina as sardas e manchas e dá á cutis uma alvura e um avelludado admiraveis.

● Diariamente, ao deitar-se, faça uma massagem branda com Rugol, durante 3 ou 4 minutos. Removidas as impurezas e a pintura, retire o excesso de creme com um pano secco e macio. Pela manhã lave o rosto com agua morna e a seguir com agua fria. Passe uma leve camada de Rugol e applique, depois, o pó de arroz.

Creme **RUGOL**

Productos dos Laboratorios ALVIM & FREITAS — São Paulo

e por isto, infelizmente, eu passara uma noite insone, sem necessidade nenhuma. Mas ia dar uma bôa surra no filho. Dizia que, muitas vezes, achava graça, embora sem querer, como se dera comigo. Reforçou muito as suas desculpas, enquanto eu murmurava apenas, num desaponto terrivel: — Não foi nada, não foi nada. Aliás ele começara a rir, dizia, porque o Betinho não estava na mesa e porque tinha absoluta intimidade comigo. Enquanto isto o almoço ia terminando. Saímos da mesa e fui depressa ao meu quarto, verificar a janela. Quase nenhum sinal. Como vocês estão vendo não foi nada de sensacional o que me aconteceu. Mas o medo que passei, a noite horrivel andando

CONTINUA NA PAG. 96

DANSEM

TODOS OS DOMINGOS
A PARTIR DAS 15 AS 17 HS.
AO SOM DAS MUSICAS DO
VESPERAL VESUVIO

PELA P.R.D. 2
RADIO CRUZEIRO DO SUL

O PRINCIPE DAS SOMBRINHAS

VESUVIO
RUA 7 DE SETEMBRO, 202

A sala de visitas da élite carioca

Guarda chuvas e sombrinhas para meninas.

FABRICAÇÃO PROPRIA

ÁVENDA EM TODO O BRASIL

ALIANÇA DO LAR LTDA.

Seus sorteios mensais possibilitam:

a) — prêmios e bonificações em valores com o resgate automático dos títulos;

b) — reembolso da totalidade de mensalidades pagos, se o título não não houver sido sorteado; e

c) — aquisição da preciosa virtude de economisar que não só imprime personalidade a quem economiza, como tambem dá-lhe materialmente, um acréscimo de conforto e bem estar.

Peçam instruções aos seus agentes corretores ou diretamente à

AVENIDA RIO BRANCO, 91

Fone: 23-2555 — Rio de Janeiro

PHOSPHOROS
USEM
DAS MARCAS
SOL
E
YPIRANGA
SÃO OS MELHORES E
POR TODOS PREFERIDOS

NOS GARIMPOS DE DEUS

Madre Emiliana Molinari, Irmã Superiora de Belo Horizonte e fundadora do Orfanato "São João Batista"

★

EM fins de 1939, quatro Irmãs acompanhadas pela Superiora Madre Benedita Saulo, deixavam Roma para fundar em terras do Brasil, o apostolado de São João Batista.

De Roma para o sertão de Minas Gerais, vieram essas povoadoras do Céu, renunciando o conforto e a estabilidade de que já se viam cercadas na Cidade Eterna, para enfrentar os percalços de uma vida cheia de dificuldades e falta de recursos numa pequena cidade de Minas, esquecidas do mundo, mas lembradas de Deus.

★

Minas, a terra de imensos tesouros materiais, em cujo solo os riachos rasgam cascalhos mostrando aos faiscadores os celeiros de diamantes, precisava ligar as riquezas de suas grupiaras abertas pelos garimpeiros, às glórias dos Céus através do trabalho espiritual e abençoado dessas novas faiscadoras de almas, delegadas do Bem no incansavel mourejar pela redenção humana.

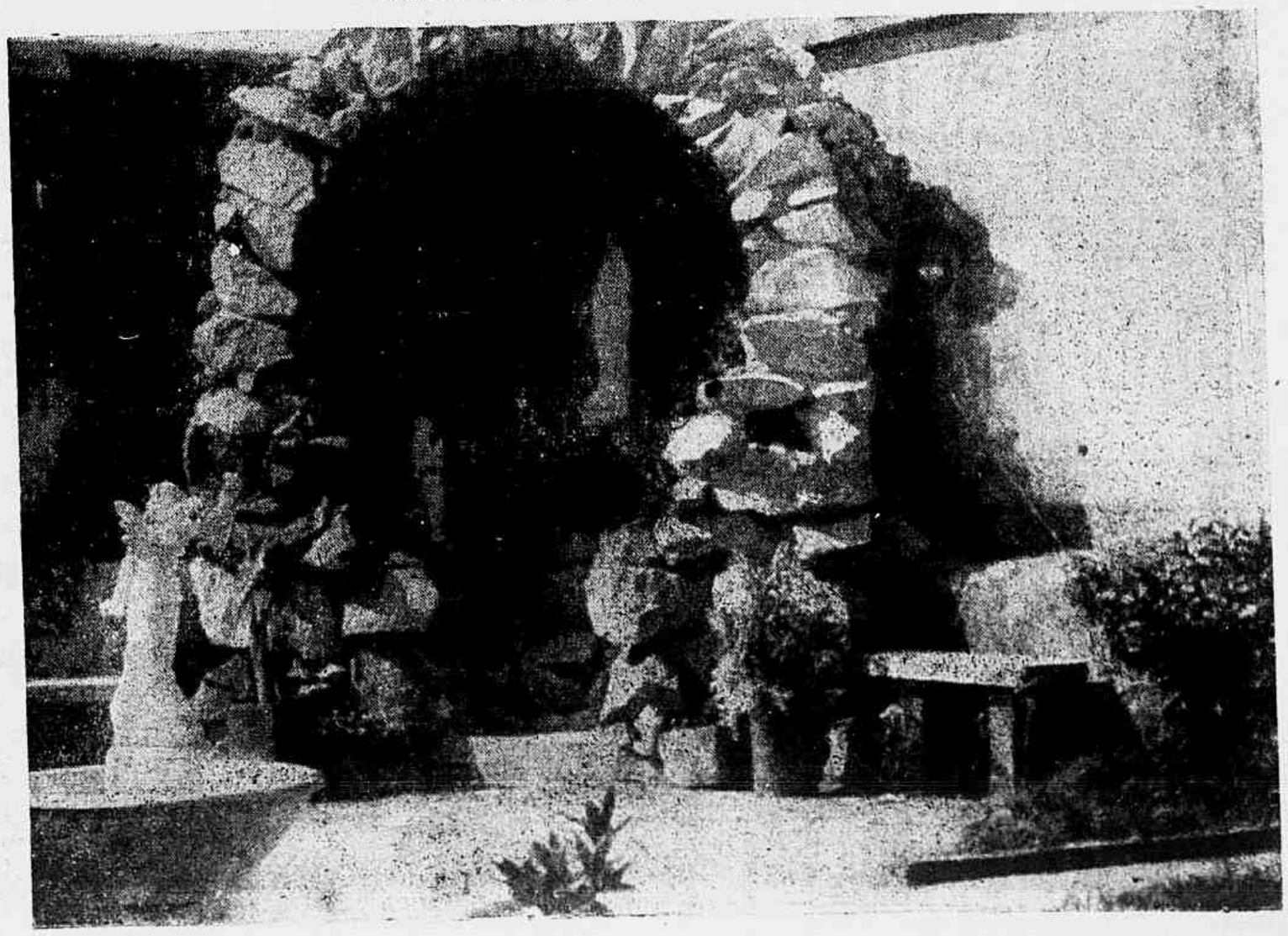
E a 6 de outubro de 1939, toda a população da modesta cidade de Itapecerica recebia entre demonstrações de regosijo as emissárias que traziam nas vestes negras, todas as luzes celestes da vida de Precursor, resumidas neste lema que é um simbolo de dedicação à sociedade humana: **Parate Viam Domini.**

Aquelas cinco almas instruidas para o Bem, foram dirigir a Santa Casa de Misericórdia de Itapecerica. Velho edificio, quasi em ruinas, sem recursos para poder ressurgir e dar conforto à miséria física dos infelizes que o procuravam para a cura ou a morte em paz, já ninguém julgava possivel que qualquer Congregação de religiosas, se animasse a enviar Irmãs para assumirem a direção de um hospital a exigir tantos melhoramentos. Mas o apelo foi ouvido pelas Irmãs de São João Batista em Roma, e ei-las à frente do prédio em ruinas, dispostas a lutar pela salvação de todos. Lutaram os itapecericuenses para a reorganização da Santa Casa, e, graças a todos aqueles que lhes não negaram apoio, é hoje aquele hospital um dos melhores do Estado, tendo passado por transformações quasi milagrosas, quando o desanimo já invadia o espírito dos descrentes.

★

A fama se alastrou pelo Estado. A história desse milagre se espraiou por todos os municipios mineiros, e um dia recebe a superiora das Irmãs de S. João Batista um pedi-

A gruta de Lourdes d o Jardim da Infancia.



O QUE FAZEM EM MINAS GERAIS AS IRMÃS DE S. JOÃO BATISTA

Reportagem de **Renato de Alencar**
— Fotos de **A. Freitas**

★

do do vigário de Bambuí solicitando um grupo de Irmãs para dirigir o hospital daquela cidade. E o apêlo do padre João Veloso não foi em vão. Madre Benedita Saulo tocou reunir ao seu exército, e lá dos Estados Unidos da América do Norte embarcaram para o Brasil mais quatro Irmãs de São João Batista. Era o segundo grupo que semeava nas terras de Minas as sementes de uma árvore que, em pouco mais de um lustro, tantos frutos abençoados iria distribuir.

A 1.o de março de 1940, ei-las à frente do hospital de N. S. do Brasil, de Bambuí.

★

O renome dessas servidoras de Deus chegou ao Rio, e, um dia, seis meses depois de Bambuí, é o Prof. Mac Dowell, Diretor da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, quem lhes confia a direção do hospital da Policlínica da Capital da República.

Mas o seu trabalho não é apenas dedicado à assistência hospitalar. A Congregação fundou à 7 de Outubro de 1940 o seu noviciado em Iapecerica, aumentando o exército dessas garimpeiras do Senhor. Depois do noviciado, o Asilo Infantil. Depois do Asilo Infantil os orfanatos, os Jardins da Infancia, os cursos noturnos para empregadas.

Dos sertões de Minas, vieram as Irmãs para Belo Horizonte, onde, com ingentes sacrificios fundaram um Pensionato para moças pobres. Ali, desde sua inauguração a 18 de novembro de 1942, se acolheu jovens para a instrução com cursos noturnos, funcionando tambem o Jardim da Infancia que auxilia, mediante pequenas mensalidades, a manutenção do pensionato, e já agora, do orfanato, cuja pedra fundamental foi lançada a 24 de junho de 1944.

A ação benfazeja das Irmãs de S. João Batista já se estendeu a Santa Catarina, para onde foram quatro Irmãs que serviam na Policlinica do Rio, e atualmente dirigem o Hospital N. S. de Nozaré do Inst. de Ap. e Pensões da Estiva, na cidade de S. Francisco do Sul.

Obra das mais meritóriasé esta dos Pensionattos e Jardins da Infancia dirigidos pelas Irmãs. Belo Horizonte deve a essas almas eleitas de Deus os mais relevantes serviços em tão poucos anos.

A 18 de maio promoveu o Jardim da Infancia a coroação de Nossa Senhora. Bandos de crianças foram cantar hinos em louvor à Virgem. As Irmãs se confundiam com aquela chusma de anjos em revoada e, inundadas de alegria, na tarde azul da hiperdúlia sagrada, agradeciam a Deus a graça de tanta felicidade.

Madre Felicia d'Amato, fundadora da Congregação no Brasil

★

Crianças no dia da Coroação da Virgem

Mais uma carta ao Dr. Campos de Rezende

Campos de Rezende

Das figuras que, no Distrito Federal, se impõem à admiração de tôdas as classes sociais, a do dr. Campos de Rezende é do maior relevo. Cientista e filantropo, a sua inclinação de cuidar da coletividade naturalmente o levou à política — mas à política sadia — em cujos quadros o seu nome é dos mais brilhantes. São muitas as suas iniciativas, dignas do seu dinamismo. Citamos, de relance, a sua esplendida clinica de olhos na Rua Buenos Aires, 212, 1.º, de grande movimento; a série de Policlinicas destinadas a beneficiar as popuações pobres — sendo as denominadas Padre Anchieta e São Geraldo já inauguradas, como eficiente colaboração à obra social do Govêrno. O dr. Campos de Rezende, oftalmologista ilustre, é também apreciado intelectual, como o demonstram as páginas publicadas na imprensa e os seus discursos.

Aqui, porém, queremos divulgar uma das constantes cartas que o distinto oculista recebe, as quais acentuam a sua bondade e o seu valor profissional:

"Barra do Piraí, 28 de Agôsto de 1946

Ilmo. Sr. Dr. Campos de Rezende

Externando em modestas palavras o imorredouro agradecimento de minha esposa e meu próprio pelo milagroso resultado obtido pela nossa filhinha Iris de Carvalho, que, depois de tentativas infrutiferas de vários e notáveis médicos, foi tratada de uma ulcera na vista direita por V. S., cumpro um agradavel dever de gratidão e de justiça para com o salvador da visão da minha muito amada filha.

Desprovido de recursos que me permitam retribuir, como mereciam, a notável cura devida à competência e carinho de V. S., valho-me dêste ensejo para lhe hipotecar publicamente a minha eterna gratidão, com os votos mais sinceros pela felicidade de V. S. e, com a graça de Deus, pela preservação da sua valiosa existência em benefício dos muitos sofredores que o procuram e são atendidos em seu consultório amigo.

Com a amizade profunda de um amigo para sempre,

Sebastião de Carvalho"

De MULHER para MULHER sôbre a MULHER

UM LIVRO REVELADOR

Para que a mulher desfrute duma vida normal e sadia, duma felicidade completa, é preciso que mantenha o seu encanto, asseio e sedução. Como consegui-lo, eis o objetivo do livro *"Higiene Pessoal da Mulher"* — onde são encontradas explicações claras, simples e detalhadas sôbre tão delicado assunto. Trata-se dum manual moderno e científico, aprovado pela classe médica norteamericana, escrito pela espôsa de um médico, e vivamente recomendado às mulheres que desejam preservar ou recuperar seus encantos naturais.

A VIDA ÍNTIMA DA MULHER

"Higiene Pessoal da Mulher" contém cêrca de 200 páginas e mais de 40 sugestivas ilustrações. Os 14 capítulos do livro versam sôbre temas de importância vital, como sejam: os órgãos femininos; as moléstias venéreas; higiene íntima; funções normais; ensinamentos e conselhos úteis sôbre práticas errôneas, processos inofensivos e equipamentos mais adequados; e muitos outros temas de maior importância.

DESFRUTE A ALEGRIA DE VIVER!

"Higiene Pessoal da Mulher" ensina a mulher a conhecer-se, pois acompanha sua vida íntima desde a puberdade até o casamento e a maternidade, oferecendo respostas para tôdas as perguntas e sugestões, para tôdas as circunstâncias difíceis da vida feminina. Peça um exemplar nas livrarias ou pelo reembôlso postal.

Edição da
LIVRARIA DO GLOBO
CR$ 25,00

Prezados Senhores: Queiram nvia pelo reembôlso postal, um exemplar do livro
HIGIENE PESSOAL DA MULHER
PELA DRA. LEONA W. CHALMERS
Nome .....
Endereço .....
Localidade .....
Estado .....

Agência no Rio de Janeiro
Rua Alexandre Mackenzie n. 127-B

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO S. A.

Rua do Ouvidor n.º 90 — Telefone: 23-1825
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO — Rua Alvares Penteado, 139/143.
SANTOS — Rua Vasconcelos Tavares, 33.
BAHIA — Rua Padre Vieira, 11/13.
DEPÓSITOS

— ABONAMOS AS SEGUINTES TAXAS:

A' VISTA	3 % a/a.
LIMITADAS	5 % a/a.
PARTICULARES	5,1/2 % a/a.
AVISO PRÉVIO:	
— 30 dias	4 % a/a.
— 60 dias	4,1/2 % a/a.
— 90 dias	5 % a/a.
— 120 dias	5,1/2 % a/a.
PRAZO FIXO:	
— 1 ano	6 % a/a.
— 2 anos	6,1/2 % a/a.
RENDA MENSAL:	
— 1 ano	5,1/2 % a/a.
— 2 anos	6 % a/a.
POPULARES	5 % a/a.

— VENDA DE IMÓVEIS —

RESIDÊNCIAS, LOJAS E ESCRITÓRIOS MODERNOS.
Otimas construções no Flamengo, Av. Atlântica, Esplanada do Castelo e outros bairros valorizados.
Vendas a longo prazo, com pequena entrada inicial e o restante em parcelas mensais equivalentes ao aluguel.

Encarrega-se da venda de imóveis
EXPEDIENTE PUBLICO ININTERRUPTO DAS 9H,30 ÁS 15H,30

A JANELA ENCANTADA

(Cont. da pág. 93)

devagar, enquanto eu virava e revirava na cama, isto sim, isto foi "de amargar." E o pior foi a expressão de Tereza quando soube que eu ficara abatido fôra por isto mesmo.

Passou três dias olhando para mim com risinhos ironicos nos olhos, como se estivesse a dizer: "— Então, moço, o senhor, hein? Assustando-se por causa de um fiozinho de linha que um garoto levado cismou de arranjar, hein?!"

E não posso esconder que, nos primeiros dias, tomei uma certa implicancia com seu irmão, apesar de ver que aquilo tudo era um tanto infantil de minha parte. Mas passou logo. Quando voltei já eramos ótimos amigos e ele me contou, em muito segredo, o novo truque que havia inventado para assustar os proximos hóspedes. Mas que menino! Não se emendava mesmo. E foi só isto, gente. E como vocês estão vendo, voltei com mais 4 quilozinhos que estavam me fazendo falta há muito tempo.

— Quatro quilos por um susto. Valeu a pena, não?

— Ora, se valeu, é lógico. Ah! alem de tudo tirei uma conclusão daquilo: muitas vezes os nossos medos, em sociedade, têm por causa, unicamente, as travessuras dos Betinhos grandes. Por exemplo: o medo que temos da opinião dos "maiorais", dos outros rirem da gente. O que é isto? Eu, se não tivesse medo — estão vendo? de caír no ridículo, diria que isto é, exatamente, o fio de linha inventado...

— Puxa! Mas até filosofia"! E de almanaque ainda por cima. Deve ser efeito do vinho. Deixe isto, homem, você não dá para filósofo.

— Está bem, está bem, não se afobe. Mas, falando verdade, vocês não concordam comigo? Se não concordam... favas. Eu que "soffrí" um bocado por causa de um fiozinho de nada, tinha que tirar conclusões de qualquer jeito. Mas o pior é que, mesmo prevenido contra os Betinhos, a gente ainda se assusta. E para tirarmos a prova, vou dar uma carta ao nosso Zé Teodoro — ele precisa descansar da Praça Sete — apresentando-o a seu Antonio. Irá passar uns dias na fazenda dele e se divertir com as novas "criações" de seu filho. Que tal vocês acham a ideia? Está em votação.

— Mas logo comigo, Geraldo?! Parece incrivel! Sabe de uma coisa? Acho melhor nós mudarmos de assunto. Quem quer topar uma segunda sessão do "Metropole"?

E com isto, a conversa foi se generalizando, enquanto Geraldo, saudoso, (mas não muito) lembrava-se dos olhos lânguidos de Tereza, que áquela hora devia estar grudada no radio da fazenda, ouvindo musicas romanticas e sonhando, sonhando, sonhando.

BOLA DE SEBO

(continuação da pág. 93)

foi, finalmente, descoberto no café da vila, fraternalmente abancado com a ordenança do oficial. O conde então o interpelou:

— "Não tinhamos dado ordem para atrelar às oito horas?"

— Sim, senhor; mas deram-me outra ordem depois.

— Que ordem?

— De não atreiar.

— E quem vos deu essa ordem?

— Meu Deus! o comandante prussiano.

— Por que?

— Não sei. Perguntai a êle. Proibiu-me de atrelar, eu não atrelo. Eis tudo.

— Foi êle mesmo quem vos deu essa ordem?

— Não, senhor; foi o hoteleiro, da parte do comandante.

— Quando?

— Ontem à noite, quando eu ia deitar-me.

Os três homens voltaram muito inquietos.

Procuraram o senhor Follenvie, mas a criada informou que êle, por causa da ásma, nunca se levantava antes das dez horas. Havia mesmo proibido formalmente que o acordassem mais cedo, salvo em caso de incêndio.

Quiseram então dirigir-se ao oficial, mas isso foi absolutamente impossivel, se bem que êle estivesse alojado naquele mesmo hotel; só o senhor Follenvie estava autorizado a falar-lhe sôbre assuntos civis. Esperaram então. As mulheres subiram aos seus quartos e ocuparam-se de futilidades.

Cornudet instalou-se ao pé da chaminé da cozinha, onde brilhava um grande fogo. Mandou transportar para ali uma dessas pequenas mesas de café e uma garrafa de cerveja e tirou o cachimbo, o qual gozava, nos meios democráticos, de uma consideração quase igual à do seu próprio dono, como se êle,

LUSTRES NACIONAIS, FRANCESES, AMERICANOS E ARGENTINOS
RECEM-CHEGADOS
— Rua 7 de Setembro, 75 — Rua da Carioca, 53 —
CASAS EMOINGT

servindo a Cornudet, servisse à própria pátria. Era aliás, um cachimbo soberbo, de escuma, tão preto como os dentes do seu dono, mas perfumado, recurvo, brilhante, familiar à sua mão; parecia um complemento de sua fisionomia. Cornudet ficou imóvel, fitando os olhos ora na chama do fogão, ora na espuma que coroava o seu copo de cerveja. E cada vez que bebia, passava com ar satisfeito os seus longos dedos magros pelos cabelos longos e ensebados, enquanto chupava o bigode franjado de espuma.

Loiseau, sob o pretexto de desentorpecer as pernas, foi vender vinho aos negociantes da redondeza. O conde e o manufatureiro, puseram-se a conversar sôbre política. Previam o futuro da França. Um tinha fé nos Orleans, o outro em algum salvador desconhecido — herói que se revelaria quando todos estivessem desesperados: — um Guesclin, uma Joana d'Arc, possivelmente? Um outro Napoleão I? Ah! se o príncipe imperial não fôsse tão jovem! Cornudet, escutando-os, sorria, como homem que conhece o segrêdo do destino. Seu cachimbo embalsamava a cozinha.

Como soavam dez horas, o senhor Follenvie apareceu. Interrogaram-no depressa; mas êle apenas repetiu, duas ou três vêzes, sem uma variante, as seguintes palavras: — "O oficial disse-me assim: "Senhor Follenvie, evitareis que se atrale amanhã o veículo dêsses viajantes. Não quero que êles partam sem minha ordem. Entendeu? E' o bastante!"

Desejaram então vêr o oficial. O conde enviou-lhe o seu cartão de visita, no qual o senhor Carré-Lamadon acrescentou o seu nome e todos os seus títulos. O prussiano respondeu que poderia recebê-los depois que tivesse almoçado, o que queria dizer que os receberia mais ou menos à uma hora.

As senhoras reapareceram e comeu-se alguma coisa, apesar da inquietude. Bola de Seba parecia doente e fortemente turbada.

Acabava-se de tomar o café, quando a ordenança veio procurar os senhores.

Loiseau reuniu-se aos dois; como tentassem levar também Cornudet, para dar mais solenidade à entrevista, êste declarou orgulhosamente que entendia não dever nunca ter relações com os alemães; e voltou de novo para perto da chaminé, mandando vir outra cerveja.

Os três homens subiram e foram introduzidos no mais belo quarto do hotel, onde o oficial os recebeu, estendido sôbre a poltrona, com os pés na chaminé, fumando um longo cachimbo de porcelana e embrulhado num vistoso "robe de chambre", decerto subtraído da residência abandonada de algum burguês de mau gosto. Não se levantou, não os saudou, não os olhou. Representava bem um magnífico modêlo do orgulho natural de militar vitorioso.

— "Que é que quereis?"

O conde tomou a palavra:

— "Nós desejamos partir, senhor."

— "Não."

— "Poderei perguntar-lhe a causa dessa recusa?"

— "E' porque eu não quero."

— "Lembro-vos, respeitosamente, senhor, que o vosso general em chefe nos deu permissão para ir até Diepe; e julgo nada termos feito para merecer êsses vossos rigores.

— Eu não quero. Eis tudo... Podeis descer."

Os três inclinaram-se e retiraram-se.

A tarde foi lamentável. Não se compreendia absolutamente êsse capricho do alemão; e as idéias, as mais singulares, turbavam os cérebros. Todo o mundo permanecia na cozinha e discutia infindavelmente, imaginando as coisas mais inverossímeis. Quereriam guardar-nos como refens? Mas com que fim? Ou levar-nos prisioneiros? ou talvez exigir-nos um resgate considerável? Diante desta idéia um pânico os dominou. Os mais ricos estavam mais assustados, vendo-se já obrigados, para assegurar a vida, a despejar sacos cheios de ouro nas mãos dêsse soldado insolente. Batiam a cabeça para descobrir mentiras aceitáveis, dissimular suas riquezas, fazer-se passar por muito pobres. Loiseau escondeu no bolso a corrente do seu relógio. A noite, que caía, aumentava as apreensões Acenderam a luz e como tinha ainda duas horas antes do jantar, a senhora Loiseau propôs uma partida de trinta e um. Seria uma distração. Aceitaram. E até Cornudet, tendo por polidez apagado o seu cachimbo, também tomou parte no jôgo.

O conde preparou as cartas e distribuiu-as. Bola de Sebo fez

FAÇA TAMBEM A LIMPEZA INTERNA

Escritório OCTAVIO BABO
Repartições Publicas — Fôro em Geral — Compra e Venda de Imóveis
Sob a orientação e responsabilidade do
DR. OCTAVIO BABO FILHO
ADVOGADO, DESPACHANTE E CORRETOR DE IMÓVEIS
Rua 1.º de Março, 6 (Edif. Paço) Rio de Janeiro — Tel. 43-6256

Luxuosamente instalado em suntuoso edifício na Praia de Copacabana, Posto 4 - Todos os apartamentos com vista para o mar - Orquestra diàriamente - Rádio nos apartamentos, salões e bar - Salão-Restaurante no 11.° andar.

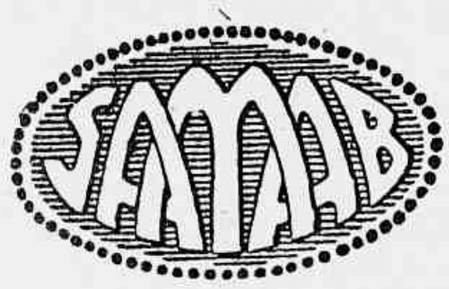
Preços especiais de turismo

No dia 3 de Junho dêste ano, êste confortável e luxuoso Hotel carioca comemorou a passagem do 10.° aniversário de sua fundação.

AVENIDA ATLANTICA, 618

End. Teleg. "Luxo-hotel" - Tel. 27-0045

Rio de Janeiro



Papel para jornais e revistas, em bobinas e fardos
Importação direta — Fornecimento de "Stock"

FORNECEDORA DESTA REVISTA

★

As chapas rijas super-isolantes
TENTEST
de fibras de madeira, isolam o calor, frio e ruidos. E' de aplicação fácil, econômica e rápida.

Consultem o nosso Departamento Técnico. Peçam amostras.

★

S. A. Mercantil Anglo-Brasileira

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

Escritório da Matriz: Rio de Janeiro, rua da Candelária, 9 - 6° and.
Edifício da Associação Comercial — Telefone 43-0920 (mesa)

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!

PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

trinta e um, logo de saída. E logo o interêsse do jogo acalmou o medo que preocupava os espíritos. Mas Cornudet percebeu que o casal Loiseau entendia-se para fazer trapaças.

Quando iam sentar-se à mesa, o senhor Follenvie reapareceu; e, com a sua voz catarrosa, pronunciou: "O oficial prussiano manda perguntar à senhorita Elizabeth Rousset se ainda não mudou de opinião."

Bola de Sebo permaneceu de pé, toda pálida; depois, tornando-se subitamente vermelha, teve um tal movimento de cólera, que não poude falar. Finalmente, soltou: — "Diga a êsse crápula, a êsse porcalhão, a êsse fedido prussiano, que nunca quererei; entendeu bem? nunca, nunca, nunca!"

O gordo hoteleiro retirou-se. E Bola de Sebo foi então cercada, interrogada, solicitada por todos para desvendar o mistério da sua entrevista com o alemão. De comêço ela resistiu; mas logo a exasperação a dominou: — "Que quer êle? que quer êle? Quer dormir comigo!" — gritou ela. Ninguém se chocou com a frase, tão forte era a indignação geral. Cornudet partiu o seu copo ao colocá-lo violentamente sôbre a mesa. Houve um clamor de reprovação contra êsse tarimbeiro ignobil, um sôpro de cólera, uma união geral para a resistência, como se se tivesse pedido, a cada um dêles, uma parte do sacrifício exigido dela. O conde declarou, com desgôsto que aquela gente procedia como os antigos bárbaros. As mulheres, sobretudo, testemunharam a Bola de Sebo uma comiseração enérgica e acariciante. As irmãs de caridade, que só apareciam para as refeições, abaixaram a cabeça e nada disseram.

Não obstante, jantaram, quando o primeiro furor se acalmou; falavam pouco; meditavam.

As senhoras retiraram-se cêdo; e os homens, fumando, organizaram um jôgo de cartas, para o qual foi convidado o senhor Follenvie, pois tinha-se a intenção de interrogá-lo habilmente sôbre os meios a empregar para vencer a resistência do oficial. Mas o hoteleiro, jogando, só pensava nas suas cartas, sem nada escutar, nem nada responder; e repetia sem cessar: — "Ao jogo, senhores, ao jogo." Sua atenção estava tão embebida que até se esquecia de escarrar, o que lhe metia por vezes sons de orgam no peito. Seus pulmões, arfantes, emitiam toda a gama da sonoridade asmática, desde as notas graves e profundas, até os guinchos agudos, similhantes aos frangos que ensaiam o canto. Recusou-se mesmo a subir, quando sua mulher, que caía de sono, veio chamá-lo. Ela foi então sózinha, pois era madrugadora, levantando-se sempre com o sol; ao passo que o marido era notivago, sempre pronto a passar a noite com amigos. "Tu colocarás o meu caldo de galinha diante do fogo"

VIRGILIO GUIMARÃES & C.IA L.TDA

Projetos e orçamentos, construções, fiscalizações, concreto armado. Cálculos e detalhes em geral.

281, Rua do Senado, 281
(Próximo à Avenida Mem de Sá)
Tel. 32-3888 — RIO

— gritou-lhe êle e retornou logo ao jogo. Quando os outros viram bem que êle nada externava, declararam que eram horas de deitar e cada um procurou o seu leito.

No dia seguinte madrugaram, com uma incerta esperança, um desejo maior de prosseguirem viagem, com horror do dia a passar naquele horrivel albergue.

Mas, oh! os cavalos permaneciam na coudelaria; o cocheiro continuava invisivel. Mas foram, apesar disso, dar uma volta em torno da diligência.

O almôço foi tristissimo Em torno de Bola de Sebo houve um retraimento, porque a noite, conselheira, tinha modificado um pouco os julgamentos. E agora, desejava-se quase que essa mulher tivesse procurado secretamente o prussiano, afim de preparar, pela manhã, uma boa surpresa aos seus companheiros, Nada mais simples! E quem sabe? Teria podido salvar as aparencias, mandando dizer ao oficial que tinha piedade do seu sofrimento. Isso, para ela, teria bem pouca importancia.

Mas ninguem ainda confessava êsses pensamentos.

A' tarde, como estivessem muito aborrecidos, o conde propôs um passeio nos arredores da vila. Todos se agasalharam com cuidado e o pequeno grupo partiu, com exceção de Cornudet, que preferiu ficar ao pé do fogão, e das irmãs de caridade, que passavam os seus dias na igreja ou na residencia do vigario.

O frio, dia a dia mais intenso, irritava o nariz e as orelhas; os pés tornavam-se tão dolorosos que cada passo dado representava um sofrimento; quando surgiram os campos, estavam tão horrorosamente lugubres sob a brancura infinita, que todos logo voltaram, com a alma gelada e o coração apertado.

As quatro mulheres iam na frente; os tres homens seguiam-nas, um pouco atrás.

Loiseau, que compreendia a situação, perguntou bruscamente se aquela meretriz pretenderia fazê-los demorar muito tempo ainda em tal recanto. O conde, sempre cortês, declarou que não se podia exigir de uma mulher um sacrificio tão penoso, o qual devia brotar dela mesma. O senhor Carré-Lamadon observou que se os franceses fizessem, como era estudado, um golpe ofensivo por Diepe, o combate não poderia verificar-se senão em Tôtes. Essa reflexão fez com que os outros dois se enchessem de cuidados. — "E se nós nos salvassemos a pé?" — disse Loiseau. O conde levantou os ombros: — "Pensastes na neve? com as nossas mulheres? E depois, seriamos prontamente perseguidos, apanhados em poucos minutos, e conduzidos prisioneiros, á mercê dos soldados." Era verdade. Calaram-se.

BAR E
RESTAURANTE
BOLÉRO L.TDA

AV. ATLANTICA, 434-A · junto ao posto 3

Telefones: 27-9246 — Restaurante
47-1015

Aos domingos, Chá Dansante das 16 às 19 horas e nos dias úteis Jantar e "Show" das 21 às 2 horas da manhã.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.

LIVREIROS E EDITORES

Artigos de Papelaria
e Material Escolar

RIO DE JANEIRO
RUA DO OUVIDOR, 166

SAO PAULO
292, RUA LIBERO BADARO'

BELO HORIZONTE
RUA RIO DE JANEIRO, 655

BRITO OLIVEIRA & C.IA.

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93
Tel. 32-4566 — Rio de Janeiro

MASSA PARA ROLOS
TINTAS PARA
IMPRESSÃO

ARTIGOS
GRÁFICOS

FOGO E COBREADOS PARA:
ARAMES ESTANHADOS A

ENCADERNAÇÃO,
CAIXAS DE PAPELÃO E
FÁBRICA DE CALÇADOS

★

STOCK PERMANENTE
PARA ENTREGA IMEDIATA

BANCO RIBEIRO
JUNQUEIRA S. A.

SÉDE: LEOPOLDINA — E. DE MINAS GERAIS

DEPARTAMENTOS

Est. de MINAS GERAIS:
Belo Horizonte — Francisco Sales — Palma — Pirapetinga — Pôrto Novo — Recreio — São João Nepomuceno — São Lourenço — Silvestre Ferraz.

Est. do ESPIRITO SANTO:
Mimoso do Sul — Muqui.

Est. de SAO PAULO:
Presidente Bernardes - Valparaiba

Est. do RIO DE JANEIRO:
Barra Mansa — Cambuci — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Padua — Petropolis — Porciuncula — Pureza — Rezende — São Fidelis — Sapucaia — Volta Redonda.

★

FILIAL DO RIO DE JANEIRO
Rua da Quitanda, 72

Tels: 43-7250 - Pres. 23-4113 - Ger. e 23-1961 (Rêde Particular)
End. Tel. "RIJUBO" — Caixa Postal: 1200

As mulheres falavam de moda; mas um certo constrangimento parecia desuní-las.

Subitamente, ao fim da rua, surgiu o oficial. Sôbre a neve, que fechava o horizonte, desenhava-se o seu grande talhe de vespa, uniformizado; marchava com os joelhos apartados, com êsse movimento peculiar aos militares que se esforçam para não sujar as botas cuidadosamente polidas.

Ao passar perto das senhoras inclinou-se e lançou um olhar desdenhoso aos homens, os quais, de resto, tiveram a dignidade de não se descobrirem, se bem que Loiseau fizesse menção de tirar o seu gorro.

Bola de Sebo ruborizou-se até ás orelhas; e as três mulheres casadas sentiram uma grande humilhação por terem sido vistas, em companhia daquela mulher, pelo militar que tão cavalheirosamente as havia tratado.

Falaram então a respeito dêle, de sua elegância, de sua fisionomia. A senhora Carré-Lamadon que tinha conhecido muitos oficiais e que se considerava autoridade no assunto, não o julgava mau, absolutamente; sentia até que êle não fôsse francês, pois daria um belo **hussard**, do qual todas as mulheres certamente se enamorariam.

Chegados ao hotel, não sabiam o que fazer. Palavras azedas foram mesmo trocadas a proposito de coisas insignificantes. O jantar foi silencioso e rapido e todos subiram logo para deitar-se, esperando dormir para matar o tempo.

No dia seguinte, apareceram todos com a feição fatigada e o coração exasperado. As mulheres mal falavam a Bola de Sebo.

Um sino tocou para um batismo. A gorda mulher tinha um filho entregue aos cuidados de uns camponeses de Yvetot. Não o via nem uma vez por ano e nem pensava nêle. Mas a lembrança da criança que se ía batizar, encheu-lhe o coração de súbita e violenta ternura pelo seu filho e veio-lhe um ardente desejo de assistir á cerimonia.

Logo que ela saíu todos se entreolharam; aproximaram depois as cadeiras, porque sentia-se bem que, afinal de contas, era preciso decidir alguma coisa. Loiseau teve uma inspiração: era de parecer que se propusesse ao oficial que os deixasse partir, retendo apenas Bola de Sebo.

O senhor Follenvie encarregou-se ainda dessa missão, mas tornou a descer quase imediatamente. O alemão, que conhecia a natureza humana, tinha-o posto à porta. Pretendia reter a todos, enquanto o seu desejo não fôsse satisfeito.

Então o temperamento plebeu da senhora Loiseau explodiu: — "Mas nós não havemos de morrer de velhice aqui. Pois sendo do ofício dessa mulher fazer isso com todos os homens, acho que ela não tem o direito de recusar êste ou aquele.

(Cont. no próximo número)

BANCO DO BRASIL S. A.

1808-1947

TAXAS DE DEPÓSITOS

Depósitos sem limite		2% a.a.
Depósitos populares	(limite de Cr$ 10.000,00)	4 1/2% "
Depósitos limitados	(limite de Cr$ 50.000,00)	4% "
	(limite de Cr$ 100.000,00)	3% "
Depósitos a prazo fixo:	Por 6 meses	4% "
	Por 12 "	5% "
	Com retirada mensal de juros:	
	Por 6 meses	3 1/2% "
	Por 12 meses	4 1/2% "
Depósitos de aviso prévio:	30 dias	3 1/2% "
	60 "	4% "
	90 "	4 1/2% "

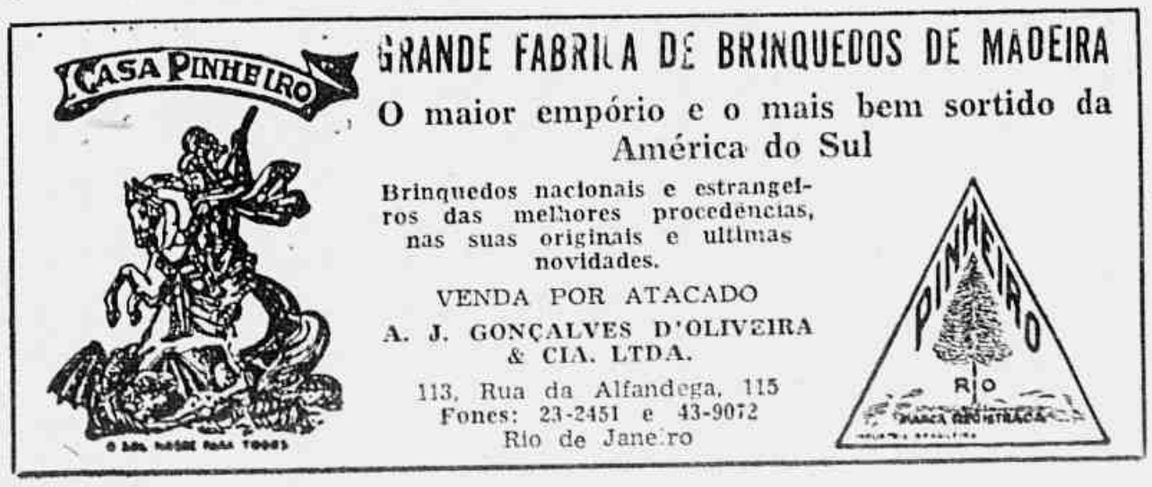
Letras a prêmio (sêlo proporcional)

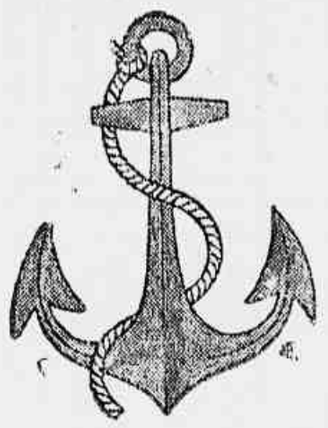
Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, à rua 1.º de março, n.º 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua do Matoso, n.º 12 — **Botafogo** (em instalação), Rua Voluntários da Pátria, n.º 449 — **Campo Grande**, Rua Campo Grande, n.º 100 — **Copacabana** (em instalação), Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n.º 1.292 — **Glória**, Praça Duque de Caxias, n.º 23 — **Madureira**, Rua Carvalho de Sousa, n.º 299 — **Meier**, Av. Amaro Cavalcanti, n.º 95 — **Ramos**, Rua Leopoldina Rego, n.º 78 — **Saúde**, Rua do Livramento, n.º 63 — **Tiradentes**, Rua Visconde do Rio Branco, n.º 52 — **São Cristóvão**, Rua Figueira de Melo, n.º 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) — **Tijuca** (em instalação), Rua Desembargador Isidro, n.º 4 e **Vila Isabel**, Avenida 28 de Setembro n.º 412.

Séde — Rua 1.º de Março, n.º 66, Rio de Janeiro (DF)





Oficina Mecânica

Reparos Gerais em Navios a Vapor e a Motor

Seraphim dos Santos

Solda elétrica
e a oxigênio
Sistema americano

★

Ship repaire
Work garanteed

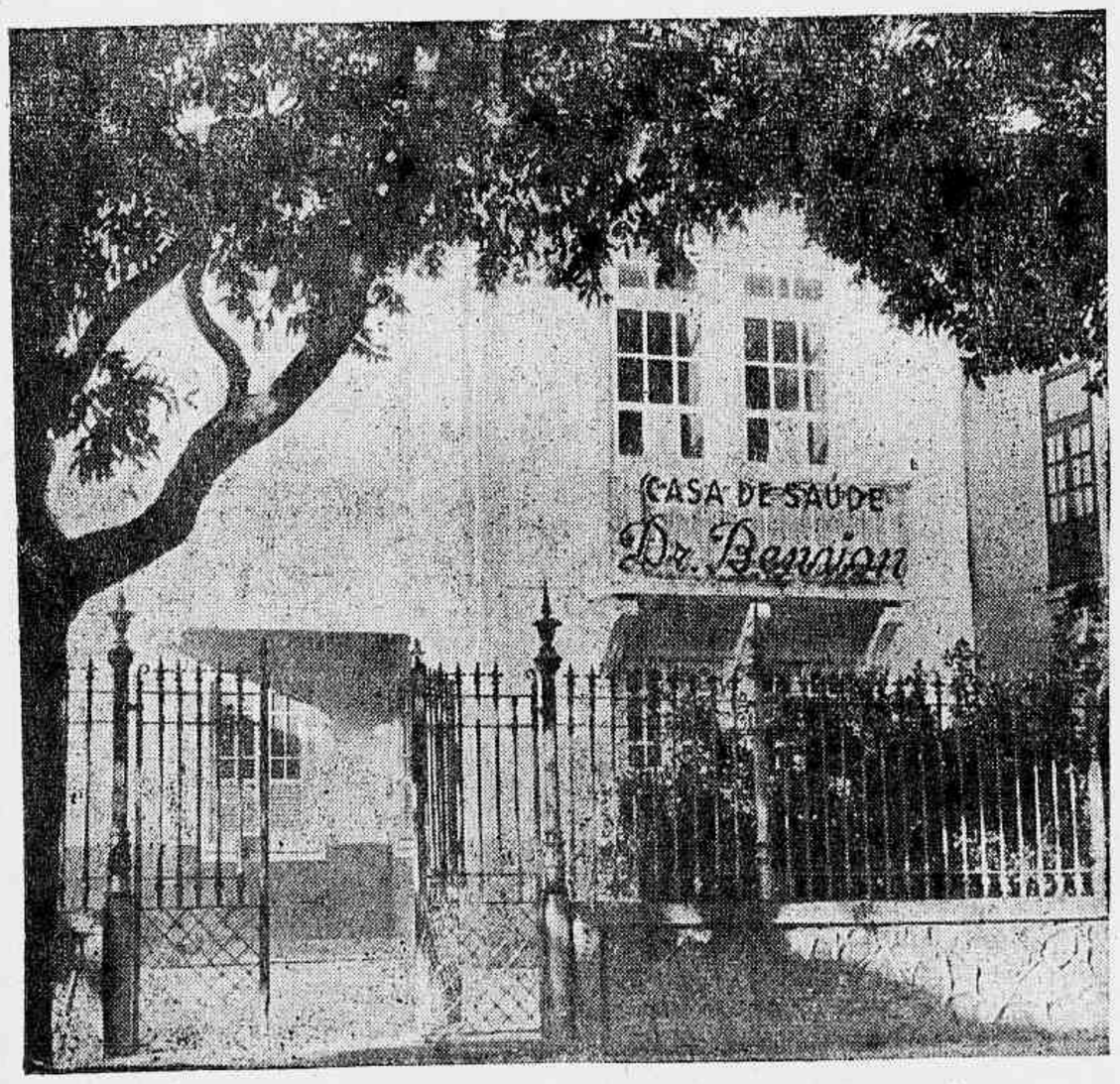
Reparos em
caldeiras martí-
mas e terrestres

★

Montagens e
instalações em
terra e a bordo

Rua Pedro Alves, 19 Tel. 43-1729
Rio de Janeiro

CASA DE SAÚDE DR. BENAION



RUA AFONSO PENA n.º 54 — Fone: 48-4933 — Tijuca

OPERAÇÕES E PARTOS

À disposição da classe médica.

Sala de Operações com Ambiente Esterilisado. Sala de Partos. Serviço Médico Permanente. Quarto com Higiene e Conforto. Enfermagem Técnica. Cozinha de 1.ª Ordem.

Serviços de Raio X — Fisioterapia — Oxigenoterapia, inclusive Inhalação de Penicilina.

Preços módicos

O RIO HÁ CINQUENTA ANOS

(Cont. da pág. 21)

um **talvez**, um **pode ser**, **não sei...** Combinações para próximo encontro. Uteis indagações:

— Onde a bôa amiguinha móra?

— Na rua tal, número 5.

— Passarei, amanhã, por lá, pelas 4 da tarde. Espere-me à janela.

— Não sei si esperarei.

Diz isso, mas, espera.

A coisa acaba, geralmente, em casamento feito com aparatos singulares, em berlinda ou **coupé**; a noiva, o cocheiro do carro e os cavalos, todos enfeitados de brancas flores de laranjeira. A igreja da moda, pelo tempo, para as cerimônias elegantes, é a matriz da Glória, no largo do Machado. Nascem os filhos, depois. Crescem. Matriculam-se no Colegio Abilio, no Aquino, no S. Pedro de Alcantara, no Pedro II ou no Externato Gabaglia. Esses rebentos dançarão, mais tarde, o **foxtrote**, em vez da valsa; o tango, em vez da schotisch e o sambazinho do morro, em vez da velha e sacudida polka. Namorarão pelo telefone, encontrar-se-ão, a sós, com namoradas, pelos cinemas e casarão com mulheres que hão de fumar, guiar **baratinhas** a 90 à hora, pela avenida Beira Mar, discutindo política européia e a necessidade do divórcio.

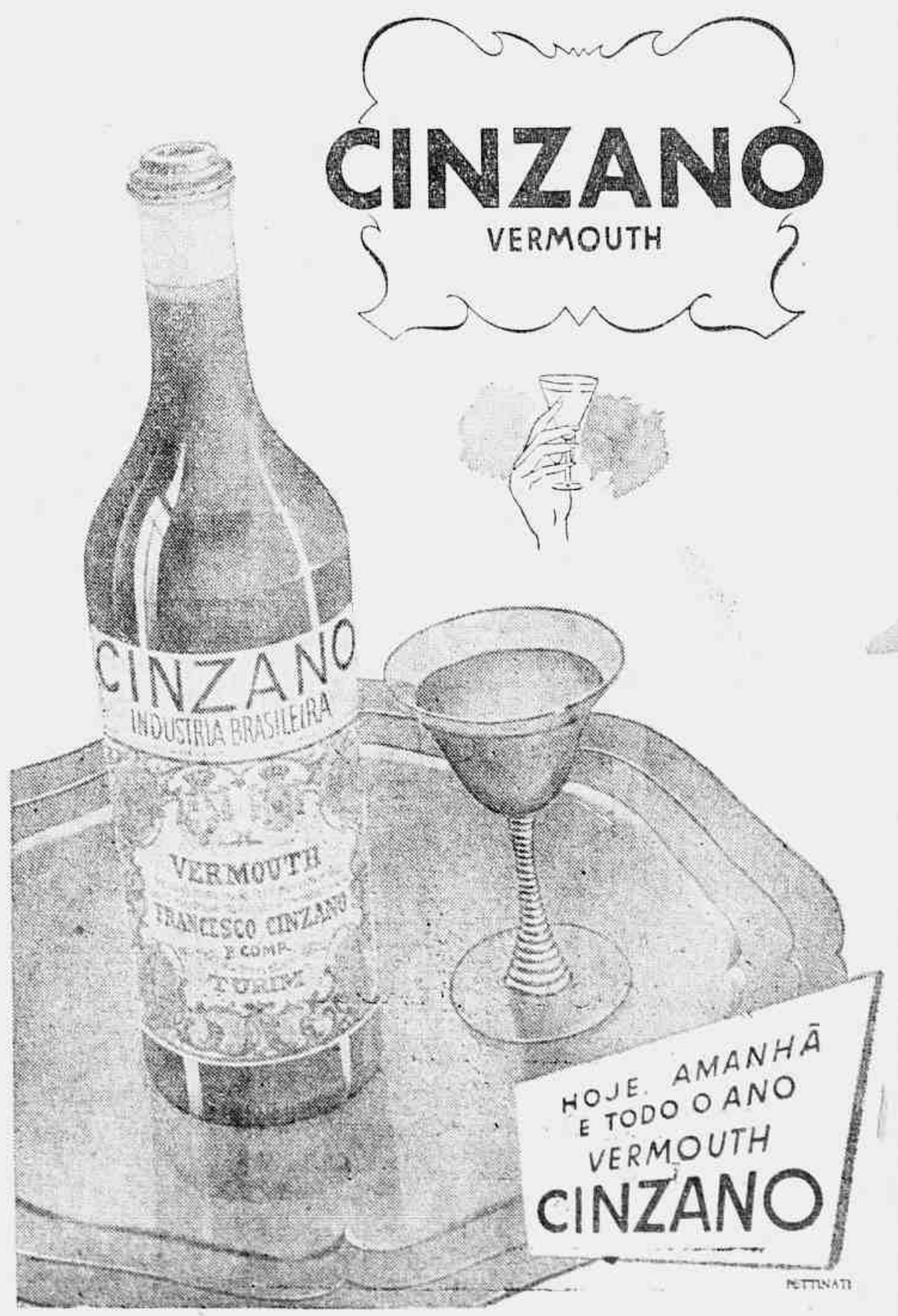
Nota da Redação — Só uma parte desta monografia especialmente escrita para comemorar o aniversário da **"Revista da Semana"** é aqui, hoje, publicada. O resto encontrará o leitor, que se interessa pela história pitoresca da cidade, em números subsequentes.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

A VISITA DO PRESIDENTE DO CHILE AO BRASIL

O lápis de Cléia de Sá fixou, no instantâneo feliz que vemos acima, a soberba visão da chegada, por via aérea, do Presidente do Chile, em visita à nossa pátria: o majestoso "Skymaster" da "CRUZEIRO DO SUL", que foi especialmente a Santiago buscar o eminente estadista e sua comitiva, ladeado por aviões de caça da nossa aviação militar. A viagem do possante quadrimotor, quer na ida, quer na volta, se realizou dentro dos mais rigorosos cálculos de segurança, regularidade e confôrto.



Tinja seu CABELO com
ORF-LÉNE Líquido
É um produto do AMÉRICO

ANGELO SANTUCCI
TINTAS PARA IMPRESSÃO
DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA
SUN CHEMICAL CORPORATION — NEW YORK
RUA DO SENADO, 10 — Telefone 22-4869

ITINERÁRIO AÉREO SÃO PAULO-PARIS

— Dinheiro, para esse fim, não adianta — respondeu-lhe o guia — "O que se torna absolutamente necessário para se construir uma praça igual a esta, são de alguns milhares de anos de história!"

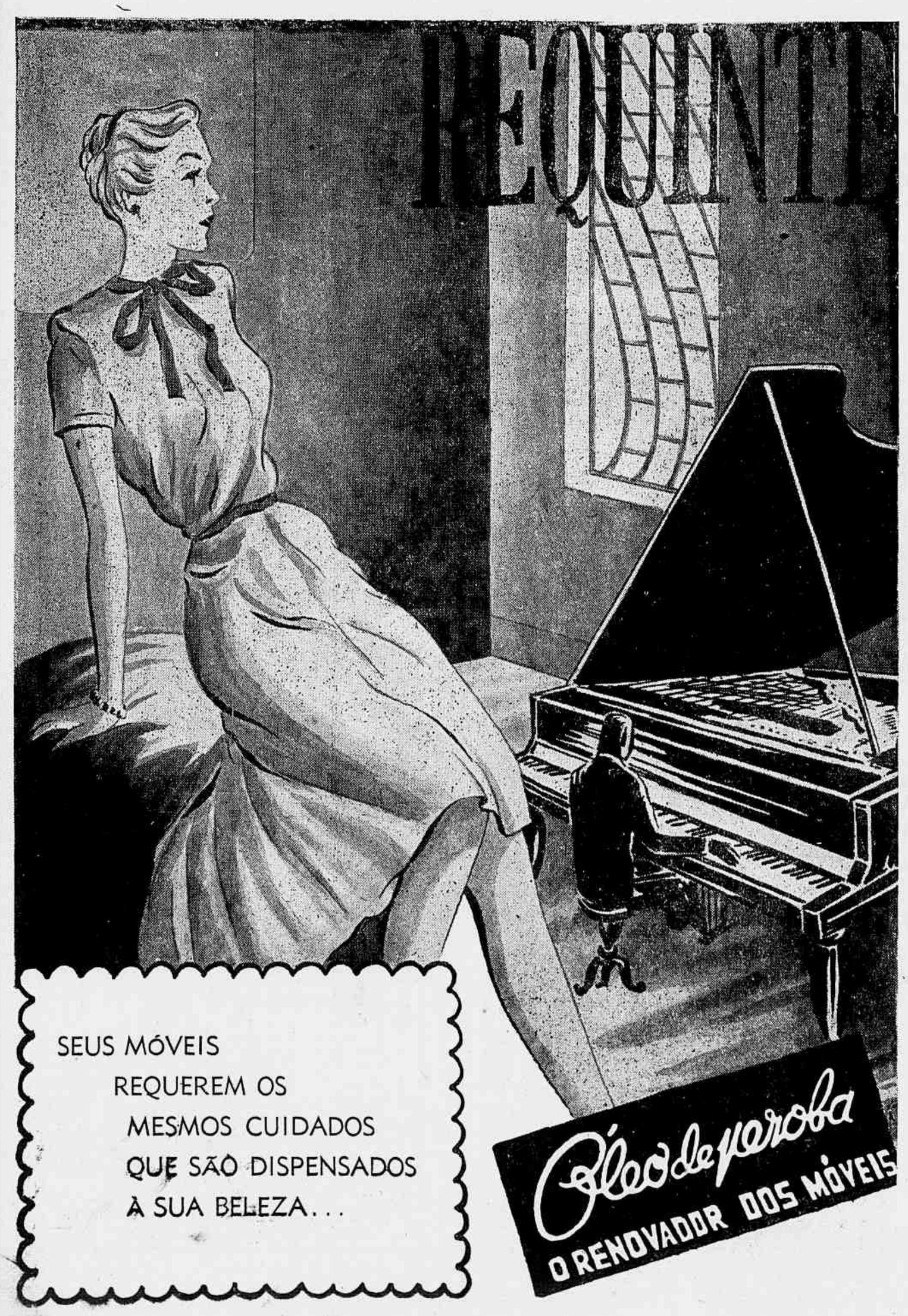
Em todas as ruas e praças, nos jardins, nas entradas e saidas de todos os pontos da cidade, vereis monumentos que rememoram os maiores feitos da história francesa. Vereis algo que não pode ser visto em parte alguma. Vereis o que estamos vndo agora, e que nada representa ainda diante da grandeza que Paris oferece em todos os cantos onde pisamos. E eu vos prometo descrever o que vou vendo e fotografando, para dar uma idéia aos que também gostariam de ver essas coisas e até aqui não podem vir...

UM GOIANO EM APUROS

E agora, a nota cômica da nossa viagem.

Em São Paulo embarcou com destino a Beirut um certo cidadão do sertão goiano, filho de sirios, mas podendo ser confundido com qualquer caipira. Acontece que o nosso homem só fala português e, para evitar encrencas no caminho, contratou com certa companhia a sua viagem de São Paulo até Beirut, pagando toda a despesa, com direito a um "special man", que o receberia em Paris, entendendo-se com ele em espanhol. Chegando ao aeroporto d' Orly, o goiano sobrou, ficando a ver navios... O "special man" não apareceu e ele não sabia aonde ir, nem o que fazer. Foi então que um funcionário da Panair tirou o pobre passageiro da sinuca. Arranjou-lhe hotel, acompanhou-o em toda parte, tratou de obter o visto de transito do qual necessitava, enfim não o largou até o dia em que embarcou para a cidade à qual se destinava. E já que estamos com as mãos na massa, já que falamos da Panair local, não podemos deixar de dizer algo que realmente nos comoveu.

Para os brasileiros que chegam a Paris, a Panair do Brasil nesta cidade vale por um corpo diplomático. O brasileiro que se se dirige aos funcionários da sucursal local, está em sua própria casa. Tudo se faz por êle, facilitando-lhe enormemente o que deseja realizar em Paris e mesmo nas demais cidades francesas. Recebendo duas vezes por semana jornais do Rio e de São Paulo, a Panair fornece coleções à Embaixada Brasileira, ao Consulado, a particulares e a algumas redações dos jornais locais, que, às vezes, pedem nossos jornais. Infelizmente, a não ser na Panair não se encontra aqui um jornal do Brasil, nem para remédio...



Ela era o seu lar

(Continuação da pág. 81)

solitaria e cái uma chuva miudinha, impertinente. Agora, sentiu sêde. Quase que grita pela esposa, pedindo agua. Mas Lucia morreu, Lucia foi embora. E, por isso, tudo acabou, porque Lucia era seu lar, era sua casa, era o espirito do soalho, da argamassa, dos tijolos, do banheiro, da alcova, da sala de visitas. No momento, no instante presente, tudo aquilo desaparecera tambem. Nada mais existia. Teve vontade de gritar. Viu-se insólito, um desgraçado, um miseravel, um algoz de sua esposa. Achou-se ridiculo pelos cuidados, pelos trabalhos que lhe dera. E no fundo encontrou aquilo que ele temia ser: um homem bruto, mais bruto do que a cal, o cimento, as telhas de sua casa.

Procura o chapéu, procura a porta. Não vai ficar na casa. A casa é de Lucia que sabia fazer dela uma coisa humana. A casa dele é simplesmente cal, telha e cimento. Vai embora, não pode ficar.

Voltou-se para fechar a luz. Depois, ganhou a rua.

A chuva diminuira, mas a rua continuava deserta. E ele se sentiu ainda mais deserto do que a propria rua.

Mangue

(*Continuação da pág. 34*)

Candida escutou-o livida de raiva e correu para o quarto. Uma vez na cama, chorou histéricamente, abafando os soluços contra o travesseiro.

Adriano apanhou o palitó como de costume e saíu. Naquele momento estivera na iminencia de surrá-la. Percebia que a amava muito, mas ela lhe esgotara todas as forças. A cólera ainda o afogava. Seu coração batia, quase rebentando, e ele pisava forte no barro, desesperado, retendo os soluços que lutavam por saír de sua garganta. Sem procurar pensar, o passado voltava. Isso sempre acontecia quando sofria qualquer desilusão. Recordava-se dos dias, logo após seu casamento, nos quais Candida achava aquele recanto pitoresco e ideal para se descançar. Gostava de ver as barcaças cortando as aguas ora barrentas, ora esverdeadas, do Capibaribe, e o cheiro do mangue não a aborrecia. "Nunca pensei que esse mundo tivesse uma parte de terra tão bonita como essa. — dissera-lhe uma

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

ocasião — Talvez ou aqui engorde um bocado". E relembrando isso, Adriano foi aos poucos se acalmando e novamente a sensação de fraqueza, o sentimento de culpa foram se apossando dele. Voltou para casa cheio de vergonha e acabrunhado e pediu perdão à mulher.

No dia seguinte procurou falar com seu Manoel, expondo-lhe a sua situação desesperadora. O português bonachão, em nada pessimista, recebeu-o como sempre, sorrindo, franzindo de vez em quando o sobrolho para afugentar uma mosca impertinente.

— Lamento muito, seu Adriano — comentou êle depois de ouvir toda a história — O senhor não vá pensar que é má vontade minha. Mas os negocios estão pretos mesmo. A unica coisa que posso fazer pelo senhor é lhe dizer que o que me deve... Espere aí.

Foi até uma gaveta e tirou um pequeno livro.

— Veja aqui. — Mostrou êle apontando com o indicador uma página — Do dia 25 ao dia 12 desse mês, o senhor me comprou 2:8 mil reis de mercadoria. Pois bem. Só posso lhe dizer que me pague quando puder.

— Obrigado, seu Manoel. Agradeço a bôa vontade.

Seu Manoel olhou-o, penalizado.

— Sempre que puder lhe ajudarei, seu Adriano. Fique certo.

Adriano caminhou o dia inteiro sem destino. Fazia quatro dias que não ia trabalhar. Fechára a oficina, despedira o ajudante e andava casmurro, entregando a vida ao "Deus dará". Frequentemente se sentava sobre a ponte de madeira que dava acesso para os lados onde ficava a sua casa e contemplava a cidade que aparecia a uns poucos quilômetros, com seus edificios apontando para o céu. Do lugar onde estava via-a pequenina, cercada de agua por todos os lados. E sem se aperceber, concebeu um ciume terrivel por aqueles prédios esguios, por aquela paisagem que aos seus olhos tornara-se odiosa e aos de outros era qualquer coisa do majestoso.

Sempre preocupado, discutindo continuadamente com a mulher pelos mais simples motivos, Adriano pensou em esquecer tudo na bebida, mas logo lançou para longe essa ideia. Apelaria para outro recurso mais prático: o roubo.

Com êsse pensamento a lhe agitar o cérebro, passava horas andando em frente ao barracão de seu Manoel na esperança de que o velho português se ausentasse e êle pudesse agir mais livremente. U'a noite chegou até mesmo a forçar a porta do barracão. Mas um guarda noturno frustrou-lhe os intentos. Sempre nessas ocasiões sentia as pernas fraquejarem-se-lhe e se agarrava ao muro para não caír.

Os dias passavam-se lentos para êle. Todas as tardes os conhecidos o encontravam sentado sobre a ponte com o olhar perdido, Deixara de lutar pela vida. Nada mais lhe importava a não ser a desgraça do seu proprio corpo.

Um domingo voltou para casa embriagado. Derrubou com ira um tamborete que estava em sua frente e se espichou na espreguiçadeira como de costume fazia. Candida aproximou-se e encarou-o com desprezo e ódio.

— Preguiçoso! — gritou — Não se envergonha de andar caíndo, pelos botequins?

Ele sorriu.

— Vem cá, Candinha.

— Imundo! — explodiu ela numa rajada de cólera — Se não fosse as roupas que lavo pra fora, comida não entrava aqui em casa. Não foi pra levar essa vida de miseria, que me casei. Não fico aqui mais por santo nenhum. Se quiser viver que trabalhe. Eu não nasci pra sustentar homem nenhum.

Adriano cortou o riso bruscamente. Algo estranho começou a se agitar em seu sangue.

— Quer você queira quer não, — continuou — hoje mesmo eu deixo essa porcaria. Você que se arranje sózinho.

Ele ergueu-se.

— Que é que você está me dizendo, mulher?

A voz era incerta e ao falar a saliva saia pelos cantos da boca.

— Estou lhe dizendo que hoje mesmo deixo essa droga.

Deu-lhe as costas e entrou no quarto.

— Deixa de besteira, Candinha. Vem cá...

Tentou segurá-la, mas a mulher o empurrou, fazendo-o perder o equilibrio e ir esborrachar-se no chão.

BANCO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO S. A.

DIRETORIA

Oswaldo Lopes de Oliveira Lyrio

Raul de Oliveira Dias

CONSELHO FISCAL

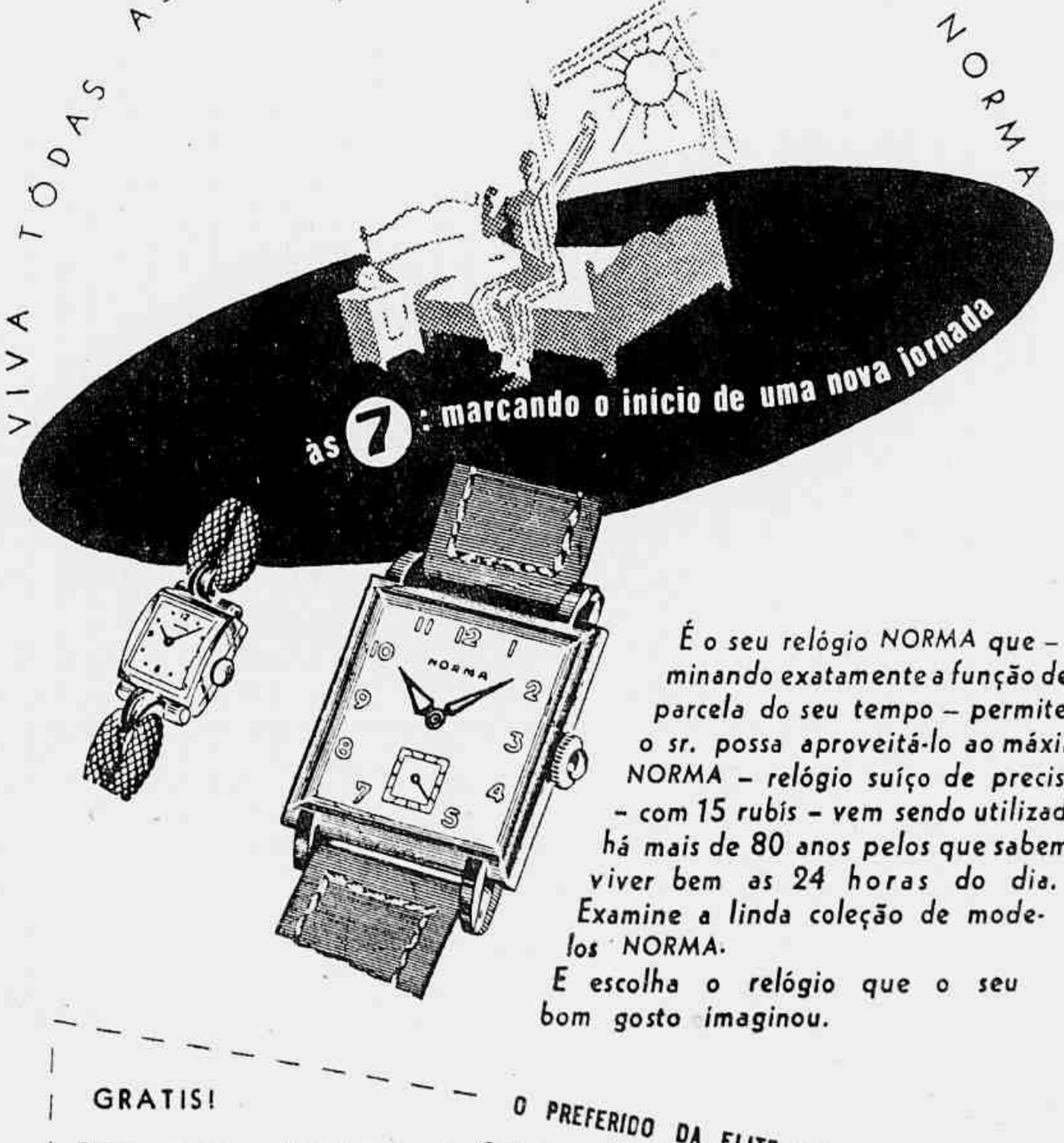
Dr. Francisco Campos
Dr. Trajano de Miranda Valverde
Dr. Paulo Rodrigues Alves.

RUA MIGUEL COUTO N. 45 — TELEFONE 43-7283 — RIO DE JANEIRO

F. JOHNSSON & CIA
R. MONCORVO FILHO, 48
PAPEL
NACIONAL E ESTRANGEIRO

24 HORAS BEM VIVIDAS

VIVA TÔDAS AS HORAS COM UM RELÓGIO NORMA



É o seu relógio NORMA que – determinando exatamente a função de cada parcela do seu tempo – permite que o sr. possa aproveitá-lo ao máximo. NORMA – relógio suíço de precisão – com 15 rubis – vem sendo utilizado há mais de 80 anos pelos que sabem viver bem as 24 horas do dia. Examine a linda coleção de modelos NORMA. E escolha o relógio que o seu bom gosto imaginou.

GRATIS!

Peça ao seu relojoeiro ou á Caixa Postal 1.861, Rio — o útil folheto "Como dar vida longa ao seu relógio".

Nome .....
Endereço .....
Estado .....

O PREFERIDO DA ELITE DE TÔDAS AS PROFISSÕES

NORMA

Payorat 22-47

O USO DO CHEQUE PROPORCIONA
CONTROLE — SEGURANÇA — EFICIÊNCIA
ABRA UMA CONTA NO
BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO S. A.
End. Tel. "MUNBANCO"
MATRIZ:
71 — RUA DO OUVIDOR — 78
Fone 23-5911 — Caixa Postal 919
RIO DE JANEIRO
★
AGÊNCIA
RUA FIGUEIREDO MAGALHAES, 22
Fone 47-3836
COPACABANA
FILIAL:
37 — RUA JOÃO BRICOLA — 37
Fone 2-6121 — Caixa Postal 159-B
SÃO PAULO
★
AGÊNCIA
RUA 15 DE NOVEMBRO, 142
Fone 4084
SANTOS

SOCIEDADE ANONIMA
MARVIN
REFINAÇÃO E FUNDIÇÃO DE METAIS E DEPÓSITO DE FERRO, AÇO E METAIS — FABRICA DE PREGOS, PARAFUSOS E PORCAS, DOBRADIÇAS, FIOS E CABOS DE COBRE E LATÃO, TACHAS, REBITES E ARESTAS DE FERRO E LATÃO — CANOS DE CHUMBO E CHUMBO EM LENÇOL.
COBRE E LATÃO EM TUBOS, VERGALHÕES E CHAPAS
— FONE: 30-3800 —
Avenida dos Democráticos, 207

— Miseravel! — bufou ele, erguendo-se. — Você me empurrou, hein, sem-vergonha?

E furioso agarrou-a com força, sacolejando-a. Ela se escapou e tentou alcançar a porta. Foi infeliz. Adriano de um pulo grudou-se-lhe as pernas, jogando-a pesadamente ao solo. Não parecia mais um ébrio. A raiva o transformara. A mulher gritava sem poder se livrar, enquanto ele, prendendo-a pelos cabelos, esmurrava-lhe o rosto.

—Você me empurrou, hein, miséria? Não disse que lhe ensinava? Tome!

Acertou-lhe um murro entre os labios sangrando-os.

A luta durou por alguns minutos. Adriano levantou-se sem muito esforço e a mulher ficou no chão arquejando.

— Você vai pra cidade mas eu sei de onde é! Comece com essas senvergonhezas de novo e não vá se arrepender.

Seus olhos estavam avermelhados pelo ódio e pelo álcool. Havia no canto dos labios um ligeiro tique nervoso. Candida sempre soluçando, ergueu-se com esforço e sentou-se à beira da cama, de olhar baixo. O vestido ficara em pedaços e um fio de sangue corria-lhe da boca. Os seios intumescidos estavam à mostra.

E Adriano fitando-os com os olhos vítrios, notava que o passado procurava sobrepujar o presente. Teria sido por causa daqueles seios que ele se apaixonara por ela ou fôra por aqueles olhos tão calmos que, às vezes, tinha a sensação de que ocultavam uma candura que não percebia nas outras mulheres? Relembrava-se apenas de a ter encontrado na praia e que daquele momento em diante haviam se tornado grandes amigos. Ela trabalhava numa loja e muitas vezes ele ficara esperando-a numa esquina, suportando um sol impiedoso de verão. Ah! como felizes haviam sido aqueles dias!

Adriano agitava-se.

— Aprenda a não ser bruta, ouviu?

Pegou como sempre o palitó e desapareceu dentro da noite triste. O mangue aparecia agora com uma melancolia contagiadora. Logo mais a lua apareceria e o Capibaribe se pratearia com a sua luz. Sentou-se em baixo de um tamarindeiro que ficava á beira do rio e escondeu a cabeça sob os braços dobrados. Por que batera na mulher? Por que magoara com suas proprias mãos aquele corpo que ele adorava? Olhou-as espantado e estirou-se no barro, soluçando.

O sol já lhe esquentava a pele quando despertou. Lembrou-se dos acontecimentos da noite passada e angustiou-se, torturado pelo remorso. Ergueu-se e dirigiu-se para casa. Pediria perdão à mulher. Ela sempre o perdoava e não seria agora que iria negá-lo. Prometeria trabalhar e pagaria todas as dividas o mais breve possivel. Quando avistou a casa, notou-a fechada. Soprava uma brisa fria mesclada com o cheiro penetrante do mangue. As galinhas procuravam uma entrada, estranhando, com certeza, não lhes terem ainda saciado a fome. Adriano aproximou-se e bateu de leve na porta. Ninguém respondeu. Fez um arrodeio e entrou pela cozinha cuja porta cedeu à pressão de sua mão. Tudo deserto. Sobre a mesa estavam os pratos sujos de comida e o bule ainda com um resto de café. O vestido rasgado da mulher estava por sobre a espreguiçadeira. Foi então que ele compreendeu tudo. Candida o abandonara.

— Candida! — gritou — Candida!

E desesperado enterrava as unhas na parede de barro.

A partida brusca da mulher afetou-lhe o cerebro. Ele nunca esperou que ela tivesse coragem suficiente para abandoná-lo. Embalde procurou-a pelas redondezas. Nada adiantou. Sempre voltava para casa desiludido. Sentia saudades da companhia da esposa, do calor de seu corpo quando dormiam juntos nas noites frias. Os amigos notavam-lhe o acabrunhamento e comentavam.

Um dia notaram a sua falta. Um moleque da vizinhança que fôra olhar por debaixo da porta de sua casa, voltara com os olhos esbugalhados.

— Seu Manoel! Seu Manoel! Vi uma coisa medonha na casa do seu Adriano. Virou santo.

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.
EXIMIO CONTRA-MESTRE H. W. CHAPETA
Corte Londrino
AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202 — TELEFONE 43 3234

MADEIRAS E MATERIAIS
PARA CONSTRUÇÃO
Albino Mesquita & Cia.
Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone 42-1427
— RIO DE JANEIRO —

— Quem virou santo, homem de Deus?

— Seu Adriano. Vi ele suspenso do chão como São Francisco.

Correram para lá e quando arrombaram a porta o corpo de Adriano balançava, amarrado pelo pescoço por uma corda que pendia da cumieira da casa. Os olhos esbugalhados e vermelhos fitavam um ponto distante.

JENNIE TOUREL

(Cont. da pág. 111)

gesto de terror, atirava longe o baralho. Tourel não se mostrava, somente, uma cantora excepcional. Revelava-se ao mesmo tempo uma grande artista.

A crítica, logo de início, não foi, de forma alguma, unânime. Raros foram os que perceberam que ali estava a expressão requintada de uma artista excepcional. Vieram as primeiras crônicas a respeito de espetáculo. Tourel, logo a seguir, dava um recital. Sucesso absoluto. Então, muitos aproveitaram para corrigir o êrro inicial. "Tourel é uma cantora extraordinária". Isso na música de câmera... Só no ano seguinte, ela pôde cantar a Mignon. Então veio a consagração definitiva. Já não se poderia mais discutir. Crítica e público juntaram-se em aplausos. E um certo jornalista que, em outra oportunidade, tinha posto restrições a Tourel, apareceu, certa tarde, no Hotel Glória, com fisionomia de penitente que se quer redimir dos antigos pecados e um grande e belíssimo ramo de rosas. Tourel perdoou...

O CAMINHO DA VOLTA

Atualmente, em tournée pela Europa, Tourel está dando uma série de recitais em Londres, donde seguirá para a Suécia e a Dinamarca. No caminho de volta, porém, conforme já teve ocasião de explicar, seu itinerário ainda não está definitivamente escolhido. Pode muito bem ser que, em vez de visitar a Austrália, que há muito a reclama, ela resolva passar pelo Rio, para matar aquelas saudades que já confessou. E então talvez tenhamos oportunidade de ouvi-la na "Cenerentola", aquela ópera de Rossini cuja extrema dificuldade técnica torna Tourel uma das poucas cantoras no mundo capazes de interpretá-la.

Nos últimos dias do Império

(Cont. da pág. 16)

A décima e a décima primeira páginas do livrinho do Menu estão em branco. Na décima segunda — a última — há um desenho representando um marinheiro no mastro de um navio, tendo ao lado a bandeira do Chile. Ao fundo do desenho vê-se a bahia de Guanabara

o o o

Era ao lado esquerdo do pavilhão de desembarque que ficava o salão da ceia. Nas paredes havia escudos azul e encarnado. Nos escudos da direita os nomes dos vários presidentes que o Chile tivera, do presidente de então e dos maiores homens das letras e de ciência chilenos. Nos da esquerda os homens dos navios da esquadra do país amigo. No centro do salão duas grandes mesas, em forma de ferradura servidas por cento e cinquenta garçons. Ao lado ficava a sala da ceia do imperador e da família imperial.

Os jornais da época descrevem a festa com os mais quentes coloridos de entusiasmo. E é justamente ao descrever a sala de ceia, a riqueza e a abundância do que o entusiasmo dos repórteres atinge ao colorido mais quente.

Eis um pedacinho da **Gazeta de Notícias** contando do luxo da mesa:

"No barracão da ceia (o cronista quis com certeza dizer pavilhão) as duas mesas armadas em forma de ferradura, ostentavam o riquíssimo serviço da Casa Pascoal; nas cabeceiras ao lado do mar, dois enormes pavões estendiam aberta a cauda multicor abrangendo o espaço de seis talheres; seguiam-se alternadamente peças inteiras de caça e de peixe, entre as quais ficavam enormes castelos armados em açucar, de mais de meio metro de altura, em cujos torreões as bandeiras chilenas e brasileiras guardavam delicadíssimos bombons. Em frente a cada talher havia nove copos de diferentes feitios, três brancos e seis de côr. De espaço em espaço erguia-se ora uma jarra com flores, ora uma urna, ora um candelabro de prata. Mais de oitenta criados faziam o serviço nesta sala, cuja mesa custou o trabalho de quarenta e oito cozinheiros, durante [illegible] dias consecutivos; os chefes do serviço estavam na pequena sala reservada à família imperial, ao lado, e na qual o presidente do Conselho ergueu uma saudação ao Chile".

Pouco mais de uma da madrugada começou a ser servida a ceia. As mesas, contam os jornais da época, tinham lugar para quinhentas pessoas. Ao champagne o chefe do Gabinete — visconde de Ouro Preto brindou os homenageados. Começou relembrando os serviços do Almirante Cochrane, não só no Chile como no Brasil. Recordou os elos de amizade que ligavam os dois países americanos, o surto de progresso do povo chileno e os esforços deste mesmo povo para manter a paz no nosso continente. Depois mostrou a admiração sincera dos brasileiros pelo Chile e afirmou que

"CREME DE MILHO LUX"
EM PACOTES DE 1K. E 1/2 K.
EXCELENTE ALIMENTO PARA CRIANÇAS E ADULTOS
PRODUTO DO
"MOINHO DA LUZ"
PEDIDOS PELO TELEFONE 23-5936

REGULADOR XAVIER
★ O remedio de confiança da mulher ★
DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:
N.° 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.° 2 Falta ou Diminuição de Regras

aquela festa não era feita pelo nosso governo e sim pelo nosso povo. A festa não havia sido motivada por gentilezas que comumente se prestam a hóspedes ilustres, mas sim motivada por gratidão — a gratidão que a nação inteira sentia pelo acolhimento e obsequios que o povo chileno tem prestado aos brasileiros que pisam o seu solo hospitaleiro.

Terminado o brinde de Ouro Preto, uma grande girandola de foguetes estalou no ar. A fortaleza de Villegaignon deu uma salva de vinte e um tiros. Em seguida, D. Willamil Blanco, ministro do Chile, ergueu a taça para falar em nome de seu pais. Tantas e tantas eram as demonstrações de simpatia que os seus compatriotas estavam recebendo em terra brasileira, não só do povo, do governo, que o Chile se sentia orgulhoso da amizade do Brasil.

Recordou o longo periodo de paz que a nossa nação atravessava, paz evidentemente nascida do esforço do grande monarca que era Pedro II. Depois de tocar em episódios brilhantes da história brasileira, levantou um viva à prosperidade do Brasil e à pessoa do seu venerando monarca.

Por último falou o capitão Bannen, comandante do "Almirante Cochrane". Fez o elogio das atividades do nosso povo, do nosso governo e das nossas instituições.

o o o

No célebre baile da ilha Fiscal, houve pompa de luz, de música, de toiletes, mas a pompa maior foi evidentemente a da ceia — ceia incrivel, estupenda, formidavel que fazia agua na boca até mesmo de Vitelius.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
Sociedade Anônima
50 ALFANDEGA 50
RIO
BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
Sociedade Anonima
Cr$ 11.000,00
N.° 037064
Nº 037064
Pague por este cheque a
ao portador
A quantia de
Onze mil cru
Que levará a débito de
RIO DE JA
DEPOSITOS
CAUÇÕES
DESCONTOS

HOTEL MYATA
AV. NS. DE COPACABANA Nº 202
END. TELEG. "MYATÃ" TEL: 27-0060
HOTEL MYATA
RIO DE JANEIRO
LIDO POSTO 2

TESOUROS ARTISTICOS DA INGLATERRA

(Cont. da pág. 57)

colas de pintores modernos — os impressionistas francêses — foi pouco compreendido em sua época. Suas primeiras obras, de assunto classico, obtiveram-lhe grande reputação, mas posteriormente abandonou o favor público e concentrou-se na expressão pitorica da atmosfera, a luz, os elementos da natureza e mesmo os efeitos dinâmicos do movimento. Sua visão da natureza em termos de movimento representa uma contribuição inestimavel para o desenvolvimento da pintura, e não foi ultrapassada na execução. Sensivel á falta de simpatia de seus contemporaneos, Turner guardou para si o grosso de sua obra, e duas vezes declinou uma oferta de 100.000 esterlinos, mas doou sua coleção de 200 oleos e cerca de 10.000 desenhos á nação. Seus discipulos francêses habituaram já o público a seu estilo, e os visitantes da Galeria Tate não têm dificuldade em apreciar o genio de Turner, e sentem-se gratos à sua previsão e generosidade, a qual preservou sua obra numa coleção inteira. (Copyright do British News Service).

CHOPIN

(Cont. da pág. 55)

ximação da procela. "Hei-de acordá-lo e transformá-lo em som".

"Era um espetáculo maravilhoso ver as pequenas mãos de Chopin percorrer e cobrir o teclado". Cada um de seus dedos "era uma voz delicadamente diferençada". Ele sentava-se ao piano e convertia-o em vida. Uma vida triste, como êle mesmo, como a sua terra. Lembravam-lhe as palavras dos amigos que o haviam empurrado para o mundo com um punhado de terra polonesa no bôlso. "Escreva valsas e dê corpo ás danças dos camponeses polacos. Descreva a pompa magnifica da côrte da Polônia nos compassos da *polonaise*. Cante uma nênia para o perdido fasto de um tempo glorioso. Não tema os pesares da tristeza. Ensine o mundo a dançar mazurkas e melodias em tons menores. Não é você, acaso, filho de uma terra condenada ao sofrimento?"

Condenado ao sofrimento, como a sua terra. Ele descaía dia após dia. "Meu querido cadáver", chamava-lhe, afetuosa, George Sand. A sua vida dissolvia-se em música. Já não lhe restava quase corpo algum. Mas um espírito gigantesco. Um espírito cheio de visões, de música e de tristeza. O quarto em que trabalhava tinha a forma de um caixão. De feito, êle se sentia mais á vontade no caixão do que no leito nupcial. Os seus pensamentos concentravam-se quase sempre na morte. George Sand deixava-o a sós com o seu trabalho e dava longos passeios pelos arredores. Uma noite, ao voltar, debaixo de uma tempestade, encontrou-o ao piano. As luzes estavam apagadas. Chopin

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da **GUARAMIDINA**

arpejava. Tinha lágrimas nos olhos. As notas semelhavam as vergastadas de uma tempestade de neve açoitando o quarto. Quando George entrou, êle fitou nela os olhos, sobressaltado. "Sonhei que você estava morta", disse êle. Em outra ocasião, rompeu em gritos, aterrado, quando um acorde pôs em liberdade, no quarto, uma farandula de demônios — exército em marcha e diabos trajando armaduras medievais. Ergueu-se, de um salto, do piano e correu para a cama. Já não podia suportar Maiorca. Despertara o monstro oculto no piano e êste lhe atirava setas de melancolia ao coração.

Regressaram á França, êle e a amante de coração maternal. Brincaram de marido e mulher num dispendioso salão de recepções adornado de tapeçarias orientais e de sofás de um verde tenro. Num dos cantos da sala, contrastando com a alvura das paredes, via-se um piano de ébano. Espalhados em vasos por todos os cantos havia ramos de violetas — suas flores prediletas. Chopin aspirava-lhes a fragrância e banhava as têmporas em água de colônia. Tomava ópio com um pouco d'água. Um perfume leve. Música perfumada. Canções crepusculares de fragrante tristeza.

IV

Tornou-se uma figura quase lendária. Usava luvas brancas e deixou crescer suíças, que lhe chegavam até á metade do rosto quando se apresentava em público nos concertos.

PRODUTOS QUIMICOS
Para industria em geral
Motores e Máquinas
Acidos e Anilinas

AGENTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO NORTE, SUL E CENTRO

Depósito: RUA LAVRADIO, 126 - Tel. 32-6120

E. H. WOLFF

IMPORTADOR E EXPORTADOR

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 998
Tels.: 43-7915 e 23-1324
RIO DE JANEIRO

— Filial —
RUA DO ALECRIM, 341
End. Teleg. "ELWO" — Caixa Postal 336
RECIFE — Pernambuco

ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA DURYEA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com a insubstituivel

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

57 - TRIANGULO

Vestia-se tão imaculadamente como um cadáver em suas vestiduras sepulcrais. Dizia-se que êle desprendia um leve odor de túmulo — e as suas composições também, ajuntavam os críticos, que não se agradavam da triste e mórbida beleza delas — "lousas escondidas sob uma fragrância de flores". Havia o que quer que fosse de podre em sua fragrância, asseveravam. Qualquer coisa que não estava muito direito. Uma voz desprovida de corpo, o som de um rio a percorrer cavernas subterrâneas, ânsia fantasmagórica que confundia o ouvinte. Chegavam a duvidar se havia carne sólida debaixo daqueles trajos imaculados de cerimônia. Fôssem para o diabo aquêles per-

(Continúa na pág. 111)

O Vigor e a Perfeição do Corpo Humano

COMBATA A CAUSA DE SUA MAGREZA E TRANSFORME-A EM VIGOR

Si V. está magro e debilitado e se sente nervoso, sem disposição para nada, lembre-se que tudo isso tem uma causa.. que pode ser a falta de iodo nas glândulas

VIKELP, o novo concentrado de minerais iodo-vitamínico, ataca diretamente as causas da magreza e do esgotamento, aumentando o peso em pouquissimo tempo

As grandes reservas de minerais facilmente assimiláveis de VIKELP, nutrem as glândulas produtoras de suco gástrico necessário para digerir as gorduras e amidos dos alimentos — fator básico do peso na alimentação Por outro lado, o Iodo Natural contido em VIKELP nutre as glândulas internas que controlam o metabolismo bem como as regula Assim os alimentos bem digeridos se convertem em músculos e carnes rijas, em novas forças e energias

Além disso, VIKELP contém a dose diária que o organismo necessita de ferro, cobre, fosfato de cálcio, bem como de vitamina B-1, a mais importante das vitaminas.

Experimente VIKELP durante uma semana e verifique a diferença em seu peso e em seu físico em geral Veja como se sentirá outra

VIKELP é accessivel a todos e acha-se à venda nas boas farmácias e drogarias

Comprimidos

VIKELP

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLINICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clinica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlinica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edf. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

Estude por Correspondência
desenho
mecânico e arquitetônico

A indústria mecânica e as obras arquitetônicas precisam de milhares de desenhistas técnicos. V. S pode tornar-se um dêstes privilegiados, ocupando um lugar de destaque e ganhando ordenados elevadíssimos. Estude em sua própria casa meia hora diária pelo método prático e moderno da maior escola do Brasil

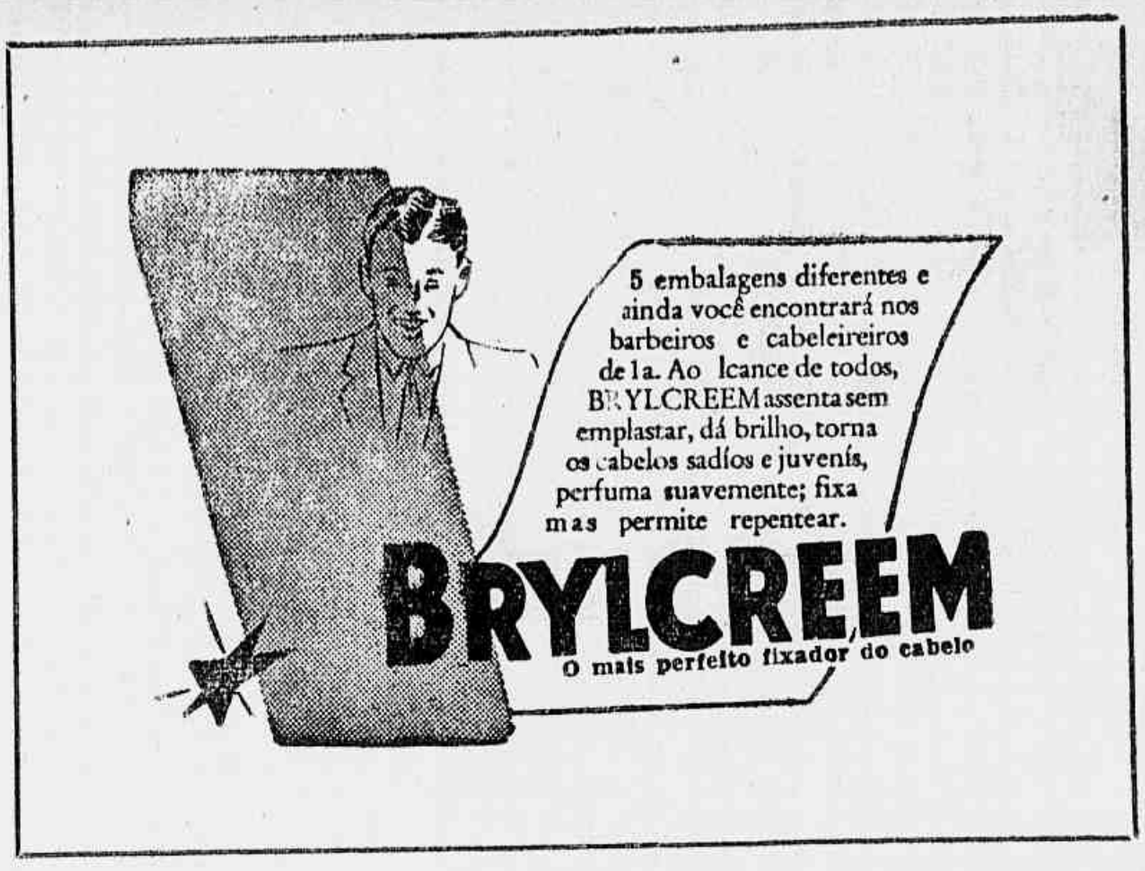
DURAÇÃO DO CURSO: 25 SEMANAS
Sem nenhum conhecimento prévio da matéria ou preparo especial, tornar-se-á técnico em desenhos de máquinas, motores, aviões, construção de casas, fábricas, pontes, vias de comunicação, etc.

GRÁTIS
CARTEIRA DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
SERVIÇO TÉCNICO DE CONSULTAS
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

Um futuro brilhante aguarda V.S. e uma nova vida cheia de possibilidades ilimitadas! MENSALIDADES SUAVISSIMAS

NÃO PERCA TEMPO E MANDE-NOS IMEDIATAMENTE O COUPON AO LADO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO 982
Caixa Postal 5058 — São Paulo
Sr. Diretor: Peço enviar-me grátis e sem compromisso as informações sôbre o curso de desenho por correspondência.
NOME .....
RUA ..... *N.* .....
CIDADE .....
ESTADO .....



A vida de Spencer

(Cont. do número anterior)

Spencer continuou, obstinadamente. Tomava, ainda, doses constantes de morfina. Restringiram-se-lhe os passeios a duzentas ou trezentas jardas por dia, quando se encontrava nas melhores condições. Um passeio de quinze minutos numa carruagem com rodas de borracha era, à tarde, o seu único exercício. Ao termo de sua vida ditava, apenas, dez minutos de cada vez. E a soma total de seu período de ditados, durante um dia todo, perfazia cinqüenta minutos. Porque durante o resto do dia era-lhe vedada qualquer espécie de comoção mental ou física. A leitura, mesmo do gênero mais leve, fazia-lhe mal aos olhos. O mesmo lhe ocorria ao utilizar-se do microscópio. A vida de sociedade foi-lhe estritamente proibida, durante os últimos dez anos de sua existência. Permitiram-lhe jantar fora apenas duas vezes no decorrer dessa década. Os divertimentos públicos foram rigorosamente proibidos. Transformaram-se-lhe em tortura as horas de vigília. Êle não permitia a si mesmo pensar em nenhum assunto sério depois do seu ditado da manhã. Estendia-se sobre um sofá ou sentava-se ao ar livre, observando as nuvens que se moviam e esperando pela noite. E quando esta chegava trazia-lhe tudo, menos alívio. Durante uma "boa" noite, com uma forte dose de ópio, conseguia ter três ou quatro horas de sono interrompido. E durante tôdas as noites, fôssem boas ou más, passava longos períodos de agitação e espera pelo abrir da manhã.

Tal foi o estado que êle mesmo se proporcionou "por quarenta anos de trabalho cerebral — trabalho cerebral que absolutamente não fôra demasiado, se eu não me tivesse esforçado exageradamente ao princípio". E foi nessas circunstâncias que escreveu algumas das partes interessantes de sua obra monumental. Os **Princípios de Sociologia**, fruto dêsse período, são um vasto plano de paz universal através do desenvolvimento da indústria e do comércio internacional.

Porque a justiça se origina, no coração dos homens, das necessidades da sociedade. A estrutura social da raça humana é a mais alta expressão de vida. "Até aqui", escreve Spencer, "tem sido, a história, pouco mais que o calendário de Newgate (prisão) das nações". O relatório da história do homem sôbre a terra tem sido um catálogo de assaltos e assassínios. Mas a lei do progresso social é inflexível. Tem havido, no decorrer de tôdas as eras, uma evolução da crença de que "os indivíduos existem para benefício do Estado, para a crença de que o Estado existe para benefício dos indivíduos". Tem havido uma evolução de uma Sociedade do Status Quo para uma Sociedade do Contrato Social.

Spencer não confiava no Estado. Devia êste último "limitar-se, apenas, a impedir que fôsse violada a igualdade de direitos de seus membros. "Êle assistira à ascensão do Estado militar na Prússia, e não queria saber dêle em sua sociedade. O desenvolvimento da fôrça do Estado, dizia, significa militarismo e imperialismo. "Além de manter a justiça, nada mais pode fazer, o Estado, sem transgredir a justiça". Tais opiniões eram a expressão liberal da economia do comércio livre no século XIX. Os pensadores anarquistas do tempo recusavam-se a concordar em que possa existir o Estado quer para o bem quer para o mal. Em sua declaração de independência individual contra o regulamento do Estado, Spencer lembra-nos Thoreau. O inglês fiava-se tão pouco das instituições governamentais, que levava pessoalmente os seus manuscritos para o impressor em vez de confiá-los ao correio!

Era um individualista que não se comprometia. Era impossível discutir com êle sôbre qualquer assunto. À medida que envelhecia, principiou a apresentar acentuados sintomas do que se poderia denominar, endurecimento das arterias intelectuais. E isso era devido, e

IMOVEIS

COMPRA E VENDA

E. Fraga Cruz

Assembléia, 104 - 11.º - Salas 1113/15

Tels. 42-7508 - 42-6349 - 42-5092

INDUSTRIA DE TINTAS E VERNIZES COTTOMAR LTDA.

Tintas finas de impressão — tintas para fins industriais, arquiteturais — fitas para máquinas, papel carbono etc.

FABRICAS: RIO DE JANEIRO
CAMPO DE SAO CRISTOVÃO, 170
AV. MARACANA, 687 - TEL. 28-6747

TELS
SEC. VENDAS 28-4039
ESCRITORIO 28-2247

Caixa Postal 2884 -- Rio de Janeiro

em não pequena parte, aos seus nervos destroçados. Um dia, foi visitar um amigo cientista no Ateneu, para obter informações sôbre assuntos biológicos. Referiu Spencer as próprias teorias tocantes ao caso. Mas, assim que o amigo lhe apresentou a primeira objeção, Spencer retirou apressadamente, do bolso, os obstrutores auriculares e colocou-os nos ouvidos. "Os meus conselheiros médicos não me permitem travar discussões com quem quer que seja", atalhou. E acrescentou depois, a modo de explicação. "Por causa do meu colapso físico".

Mas estava-lhe reservado destino pior do que o simples colapso físico. Viveu o suficiente para assistir o declínio de sua fama.

VI

Êle formulara a sua filosofia e lograra nomeada, em época relativamente prematura, de sua vida. Depois, passou longos e tristes anos a defender as suas doutrinas contra a torrente de ataques hostis. Os cientistas especializados apontaram, uma por uma, tôdas as faltas de precisão em sua volumosa obra; os chefes religiosos atacaram-lhe a irreligiosa atitude; os socialistas

O CATARRO PODE CAUSAR ZUMBIDOS E SURDEZ

UM REMÉDIO QUE ELIMINA O CATARRO NASAL E ALIVIA O ATURDIMENTO CATARRAL

São poucas as pessoas que dão importancia e tratam a afecção catarral. Entretanto, a afecção catarral não é um mal passageiro. Se não for tratada em tempo, ela pode degenerar numa grave enfermidade, destruindo o olfato, o paladar e, paulatinamente, minar a saúde em geral.

Se V. S. padece de catarro não se descuide. Compre um frasco de PARMINT e tome-o de acôrdo com as instruções da sua bula.

PARMINT tem demonstrado sua eficácia em muitos casos porque sua ação se exerce diretamente sôbre o sangue e sôbre as membranas mucosas.

A volta da respiração fácil, da agradável de ouvido, o restabelecimento do olfato e do paladar e levantar-se pela manhã, com novas energia e a garganta livre de catarro — eis o que lhe proporcionará o tratamento com PARMINT. Torne sua vida mais aprazível, mais alegre. Para seu próprio bem, — se sofre de catarro — comece hoje, o tratamento com PARMINT.

"CAMPANHA NACIONAL PELA REDUÇÃO DE PREÇOS"

Inicia-se um movimento nacional entre industriais e comerciantes visando a baixa geral nos preços de todas as utilidades. Idêntica medida foi adotada na França com resultados positivos. Foi também coroado de pleno êxito o entendimento havido entre as nossas autoridades, fabricantes e distribuidores de calçados, que resultou na baixa de 10% no preço dêsse artigo.

A solução repercutiu tão favoràvelmente que parece ter marcado o início de um movimento de carater nacional nêsse sentido.

Agora, uma das mais conceituadas casas do Rio vem de apoiar essa simpática campanha, reduzindo numa notável demonstração de colaboração, os seus artigos em 20, 30 e até 40 por cento.

CASA MIRANDA, RUA EVARISTO DA VEIGA, 22.

A redução de 10% nos preços de todas as utilidades corresponde ao aumento geral de 10% nos salários. Teremos, assim, elevado o poder aquisitivo do povo, pois que, com o mesmo ordenado, poderá comprar 10% mais.

Industriais, comerciantes, homens de bôa vontade, em prol de nosso povo, apoiem a "Campanha Nacional Pela Redução dos Preços!"

Largo dos Pracinhas, 46

JOALHERIA
A ESMERALDA
RELOGIOS PRATARIA
ARTIGOS FINOS PARA
PRESENTES
RUA 7 DE SETEMBRO, 155
esquina de Ramalho Ortigão.

Estude INGLÊS e PORTUGUÊS por Correspondência
PREPARE-SE PARA UM
FUTURO BRILHANTE!
APROVEITE AS HORAS DE FOLGA EM UA CA A
PARA ACUMULAR EM POUCO TEMPO VALIOS S CONHECIMENTOS
1 DICIONARIO GRATIS! 100 CARTÕES DE
CARTEIRA DE IDENTIDADE VISITA
CURSO DE CORRESPO DENCIA COMERCIAL
CUR RAPIDO MODERNO PRATICO DOS IDI M
PORTUGUÊS E INGLÊS O M IOR ESCOLA DO BRASIL
Mande hoje mesmo o coupon abaixo
INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO 851
CAIXA POSTAL, 5058 — SÃO PAULO
Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre os cursos de português e inglês por correspondencia.
NOME.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Tradição
Um brinde com AQUAVIT sueco
APERITIVO SUÉCO DE ESTRAORDINÁRIO SABOR E QUALIDADE
A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO.
UNICOS IMPORTADORES:
SOCIEDADE COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES VIKING
AV. CHURCHILL, 95
TELEFONE 22-7000
RIO DE JANEIRO

FORMICIDA EM PÓ
"DUPRAT"
95/98%
Cianureto de sódio a
Aprovado e Registrado pelo Serviço de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura sob o N.º 212-V.
UM PRODUTO DE FÁCIL APLICAÇÃO E ÓTIMO RESULTADO NO COMBATE À
FORMIGA SAÚVA
Indústrias Químicas Duprat
DUPRAT & Cia. Ltda.
Rua da Regeneração, 18
Bonsucesso
RIO DE JANEIRO
— BRASIL —

profligaram-lhe a doutrina sôbre a limitação dos poderes do Estado; e os imperialistas britânicos mostraram-se contrários à sua atitude anti-belicosa. Seus prosélitos abandonaram-no pouco a pouco, e o fim de sua vida veio encontrá-lo como o encontrara o princípio; patèticamente só.

Transformara-se num velho objeto de curiosidade, alvo dos ataques da nova geração — um homem sem pátria, sem fé, sem Deus, um inválido, velho e atônito, sem amigos. Certa vez fizera a vã asserção: "Nunca me espanto". Mas à medida que o pôr do sol se aproximava, foi obrigado a confessar a si mesmo que, durante tôda a sua carreira, apenas formulara em vez de apresentar fatos. A vida não pode ser concebida em termos físico-químicos. Ela apresentava um enigma que êle não pudera decifrar.

Ao escrever as últimas páginas de sua **Auto-biografia**, pouco antes de sua morte, perguntou a si mesmo: "Se eu tivesse sabido de tôdas as minhas desilusões subseqüentes e conhecido a perspectiva de uma saúde destroçada quando encetei minha carreira, ter-me-ia isso, aca-so, tirado a coragem para continuar?" E com mão corajosa respondeu: "Não posso dizer que sim".

(Do livro "Vidas de grandes filósofos")

DERMOFLORA
Sabonete antiséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinais. Indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas, etc.
Produto da FLORA MEDICINAL
Fórmula do
DR. MONTEIRO DA SILVA
★
Licenciado pelo Departamento Nacional de Saude Pública
★
J. Monteiro da Silva & Cia.
Rua 7 de Setembro, 195
Rio de Janeiro
A venda em todas as Farmacias e Drogarias

Homenagem a "Revista da Semana"
MASSA PARA ROLOS
SERVIÇO ESMERADO DE FUNDIÇÃO DE ROLOS PARA TIPOGRAFIAS
G. M. LEITE
RUA EVARISTO DA VEIGA, 111
(FUNDOS)
Telefone 22-2414 — Rio de Janeiro

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo:
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613
2.º AND. SALA 217
FONE — 6-6718

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE
ALEXANDRE

PROTEJA SEU FILHO CONSULTANDO O
GUIA DAS MÃES
Dr. WITTROCK
O grande Coelho Netto escreveu:
"Este livro à cabeceira das mães, será um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de sair a 10ª edição.
Preço: Cr$ 50,00.
Pedidos à Livraria Francisco Alves.
Rio — Rua do Ouvidor, 166. São Paulo — rua Libero Badaró, 292. Belo Horizonte, rua Rio de Janeiro, 656.

PAPELARIA BRASIL
J. L. COSTA & CIA. LTDA.
FONIOS
3-6545 e 43-1769
ENDEREÇO TELEG.
"PAPESIL"
Artigos para Escritório, Desenho e Engenharia, Livros para Contabilidade, Papel para Impressão Assetinado, Apergaminhado e Couché, Papel para Embrulho, para Capas e de Fantasia para Encadernação, Cartolina branca e de côres. Tipografia, Encadernação, Pautação e Riscação.
(OFICINAS PRÓPRIAS) Depósito e Secção de PAPEL
Fônio 43-6966 Rua Buenos Aires, 189/191 Rio de Janeiro
PAPELARIA BRASIL
89
RUA DA QUITANDA
RIO

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

PAPEL

De todos os tipos

Fornecedores da

REVISTA DA SEMANA

Representantes:

COMPANHIA

IMPORTADORA

SUECA Ltda

AV. RIO BRANCO, 39 - 16.º andar — Tel. 23-0632
RIO DE JANEIRO

FABRICA DE ARTEFATOS DE COURO
"HELIO"

Pastas — Carteiras — Cintos — etc. para Homens, Senhoras e Crianças.

ESPECIALIDADE — em Artigos de Crocodilo, Lagarto e Cobra.

Faz-se também, Consertos em Geral

Fone 43-7448

PREÇOS RAZOAVEIS

Manoel Joaquim de Faria

RUA URUGUAIANA, 154 — 1.º
RIO DE JANEIRO

CHOPIN

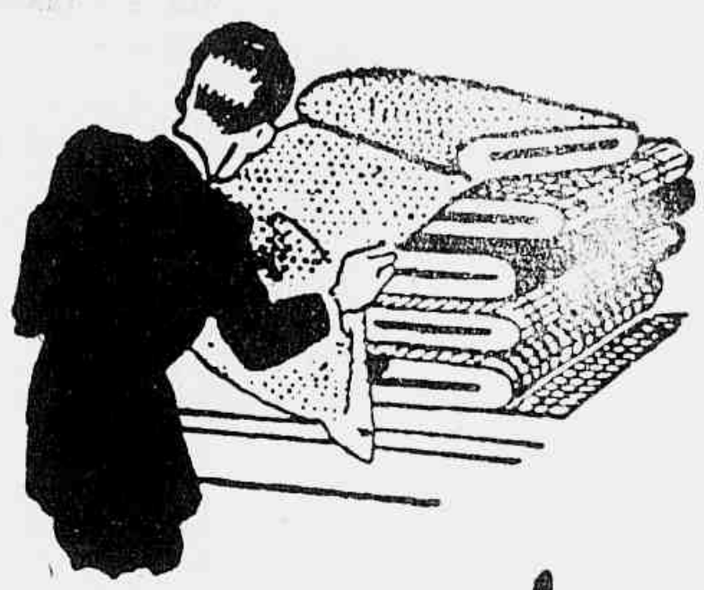
(Continuação da pág. 109)

fumes delicados de que êle se rodeava! Chopin era um fantasma com duas narinas, e mais nada. E a sua música era, igualmente, tão elegante quanto destituída de substância. Sombras de som sem substância. Como a sua *Marcha Fúnebre*, por exemplo — aquela cadência de passos abafados na eterna parada da morte. E nem eram estranhos todos os seus críticos. Em casa dêles, sucediam-se as altercações, a fadiga, o enfado. George Sand sentia-se intolerávelmente cansada daquele caso de amor desigual. A música dêle principiara a fartá-la. A tosse, a enlouquecê-la. Aguardava, ansiosa, uma oportunidade para deixá-lo. Nove anos de vida com um homem condenado à morte. Os filhos cresciam. Ela mesma envelhecia. O seu gôsto à vida principiava a diminuir. Tinha precisão de um caso final, forte e sádio de amor que lhe devolvesse a fé na existência. Chopin não tinha mais nada para oferecer-lhe. Desde muito pusera ela de parte o corpo dêle para viver apenas em intimidade conjugal com a sua alma. Saciaram-se-lhe a curiosidade e a concupiscência. E como tivesse por hábito transformar em livros as suas experiências, George Sand escreveu então o seu romance mais ambicioso. Esse romance, *Lucretia Floriani*, é uma obra surpreendente de auto-revelação ou, antes, de auto-decepção. Narra a história de uma mulher de idade madura, artista de grande fama, que a tudo renuncia para retribuir o amor de um inválido. Sujeitando-se a viver com êsse homem, em detrimento dos próprios interêsses, insufla-lhe novas energias e novas ambições. Charles, no entanto, compensa-lhe o amor com o desprêzo. Tortura-a com os seus ciumes mesquinhos, separa-a da sua arte e recupera a saúde fazendo dela uma doente. Termina o romance com a morte de Lucretia e um ardente tributo ao seu martírio. Por um curioso capricho de brutalidade sutil George Sand deu a Chopin, para corrigí-las, as provas do livro. Ele nunca proferiu uma única palavra sôbre isso. Nem mesmo quando o mundo, fazendo estalar os beiços, passou a lingua sôbre o saboroso pitéu que foi o "escândalo da família Chopin."

Ela deixou-o e nada mais vingou livrá-lo dos braços da sua amante seguinte — a Morte. Viveu dois anos apenas depois de separar-se de George Sand. Durante êsses dois últimos anos viu-a sómente uma vez, por acaso, em casa de um amigo comum. Ela apertou-lhe a mão. Estava gelada. Chopin retirou-a à pressa e fugiu. "Já não acredito em lágrimas", murmurou, "porque a vi chorar".

V

Estranha e solitária figura em Paris, êsse círio vacilante na cidade-luz. A sua morte foi mais de uma vez anunciada nos jornais. Os seus amigos, ponderava êle a sorrir, anelavam tanto prestar homenagem à sua imortalidade que já o queriam morto. "Embaraça-os sofrer por mais tempo como pessoa viva". Movia-se-lhe o corpo como uma sombra pelas salas de concêrto de Paris. Só tinha vivos o cérebro e os dedos. A sua música delicada estremecia ainda como uma chama tocada pelo vento. Música estranha e melancólica, em tons menores, canções do vento e das estrêlas e dos mistérios da noite. Os críticos arremessavam contra essa música pesadas pedras; compreendiam-na, porém, os poetas, os amantes e as crianças. Certa vez, um grupo de crianças parou de brincar para ouvir, enlevado, uma mazurka de Chopin. "O céu se estende perto de nós em nossa infância". As crianças haviam, certo, reconhecido os écos familiares de uma música



Os tecidos que vendemos...

são garantidos pelas nossas fabricas.

CORES E PREÇOS FIXOS

CASAS PERNAMBUCANAS

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Evite pre cup.r-se com uma

DENTADURA POSTIÇA

que se desloca

A sua denta'ura postiça cai, quando come, fala, ri ou espirr ? ão se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergon a. FIXODEN é u pó alcalino (ão ácido) para polvilhar as denta ura po tiças. Conserva-as mais fi m na boca Dá a quem as usa uma sensação de segura ça e comodidade. Não deixa na boca nem uma sensação pegajosa.

Compre FIXODEN hoje mesmo, em qualquer f rmácia ou depósito dentário. Soli ite amostras.

Distribuidor para todo o Brasi :
ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 114 - 1.º
Rio de Janeiro

92-B

MENAGOL

REGULA!

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais. Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

GRATIS

Cada aluna receberá: Figurinos da última moda — Carteira de Identidade — 100 cartões de visita — Serviço especial de consultas sôbre o curso.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

15

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sôbre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME.....

RUA.....*N.º*.....

CIDADE.....

ESTADO.....

MARIANA

mento, do lugar e das circunstâncias. Mariana, desgrenhada ao pé do leito, tinha os olhos mortos de vigília e de lágrimas. Quando Xavier, depois de longa agonia, expirou, mal se ouviu o choro de alguns parentes e amigos; um grito agudíssimo de Mariana chamou a atenção de todos; depois o desmaio e a quéda da viuva. Durou alguns minutos a perda dos sentidos; tornada a si, Mariana correu ao cadáver, abraçou-se a ele, soluçando desesperadamente, dizendo-lhe os nomes mais queridos e ternos. Tinham-se esquecido de fechar os olhos ao cadáver: daí um lance pavoroso e melancólico, porque ela, depois de os beijar muito, foi tomada de alucinação e bradou que ele ainda vivia, que estava salvo; e, por mais que quisessem arrancá-la dali, não cedia, empurrava a todos, clamava que queriam tirar-lhe o marido. Nova crise a prostrou; foi levada às carreiras para outro quarto.

Quando o enterro saiu no dia seguinte, Mariana não estava presente, por mais que insistisse em despedir-se; já não tinha forças para acudir à vontade. Evaristo acompanhou o enterro. Seguindo o carro fúnebre, mal chegava a crer onde estava e o que fazia. No cemitério, falou a um dos parentes de Xavier, confiando-lhe a pena que tivera de Mariana.

— Vê-se que se amavam muito, concluiu.

— Ah! muito, disse o parente. Casaram-se por paixão; não assisti ao casamento, porque só cheguei ao Rio de Janero muitos anos depois, em 1874; achei-os, porém, tão unidos como se fossem noivos, e assisti até agora à vida de ambos. Viviam um para outro; não sei se ela ficará muito tempo neste mundo.

— 1874, pensou Evaristo; dois anos depois.

Mariana não assistiu à missa do sétimo dia; um parente — o mesmo do cemitério — representava-a naquela triste ocasião. Evaristo soube por êle que o estado da viúva não lhe permitia arriscar-se à comemoração da catástrofe. Deixou passar alguns dias, e foi fazer a sua visita de pêsames; mas, tendo dado o cartão ouviu que ela não recebia ninguem. Foi então a São Paulo, voltou cinco ou seis semanas depois, preparou-se para embarcar; antes de partir, pensou ainda em visitar Mariana — não tanto por simples cortesia, como para levar consigo a imagem — deteriorada embora — daquela paixão de quatro anos.

Não a encontrou em casa. Voltava rangado, mal consigo, achava-se impertinente e de máu gosto. A pouca distância viu sair da igreja do Espírito Santo uma senhora de luto que lhe pareceu Mariana. Era Mariana; vinha a pé; ao passar pela carruagem olhou para ele, fez que o não conhecia, e foi andando, de modo que o cumprimento de Evaristo ficou sem resposta. Este ainda quis mandar parar o carro e despedir-se dela, ali mesmo, na rua, um minuto, três palavras; como, porém, hesitasse na resolução, só parou quando já havia passado a igreja, e Mariana ia um grande pedaço adiante. Apeou-se não obstante, e desandou o caminho; mas, fosse respeito ou despeito, trocou de resolução, meteu-se no carro e partiu.

— Três vêzes sincera, concluiu, passados alguns minutos de reflexão.

Antes de um mês estava em Paris. Não esquecera a comédia do amigo, a cuja primeira representação no Odeon ficára de assistir. Correu a saber dela; tinha caído redondamente.

— Coisas de teatro, disse Evaristo ao autor, para consolá-lo. Há peças que caem. Há outras que ficam no repertório

NÃO
seja vítima da
PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas - 4 estão ameaçadas

Se as gengivas lhe causam incômodo... se estão sensíveis e sangram fàcilmente — tome cuidado! — pode ser Piorréia, a grande praga moderna que mina as gengivas e faz perder os dentes.

Comece a proteger-se logo com o método *experimentado* Forhan. Escove os dentes duas vêzes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentifrício que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que, com êste tratamento simples, 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora no decorrer de um mês.

Procure seu dentista e siga os conselhos dêle. E para conservar o encanto natural de seus dentes e a saúde e o vigor de suas gengivas — comece a usar *hoje mesmo* o famoso dentifrício Forhan's.

Escove os dentes com

Forhan's

4F27

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

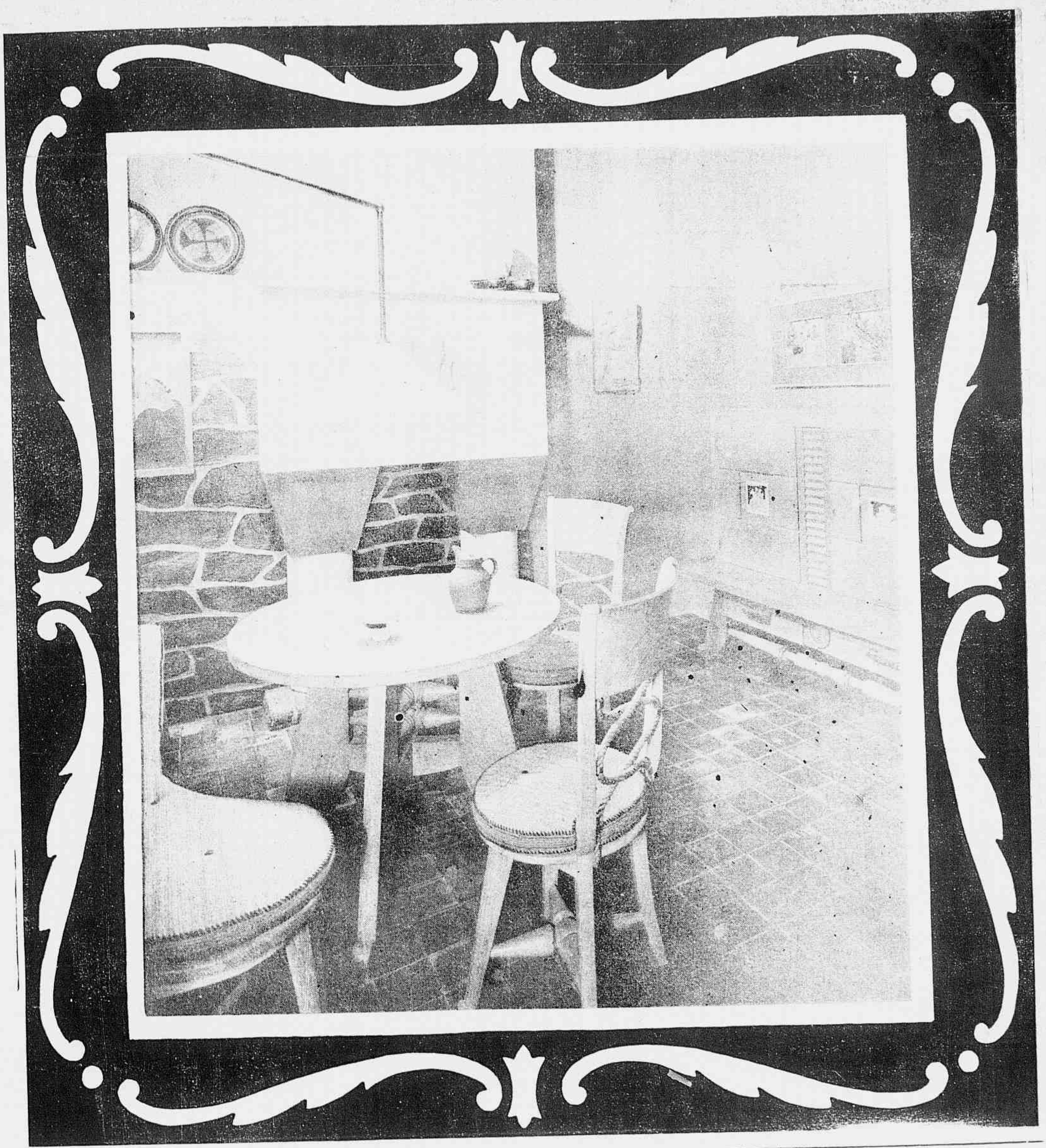
R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

que tinham conhecido num mundo anterior. "Deixai rir os críticos!". Estes tambem, um dia, compreenderiam. Um dia, após o pôr do sol. As suas almas, como a de Chopin, afinar-se-iam com a música da noite. Porque a noite é apenas um prelúdio para outro dia.

Até o derradeiro instante da vida, Chopin com a intensidade de uma criança, acreditou nesse outro dia que viria após a noite. "Quando eu tiver ido embora" — foram estas as suas últimas palavras (e êle tinha apenas quarenta anos áquele tempo) — "toquem um pouco de música para mim, pois sei que hei de ouví-los no além."

⊙

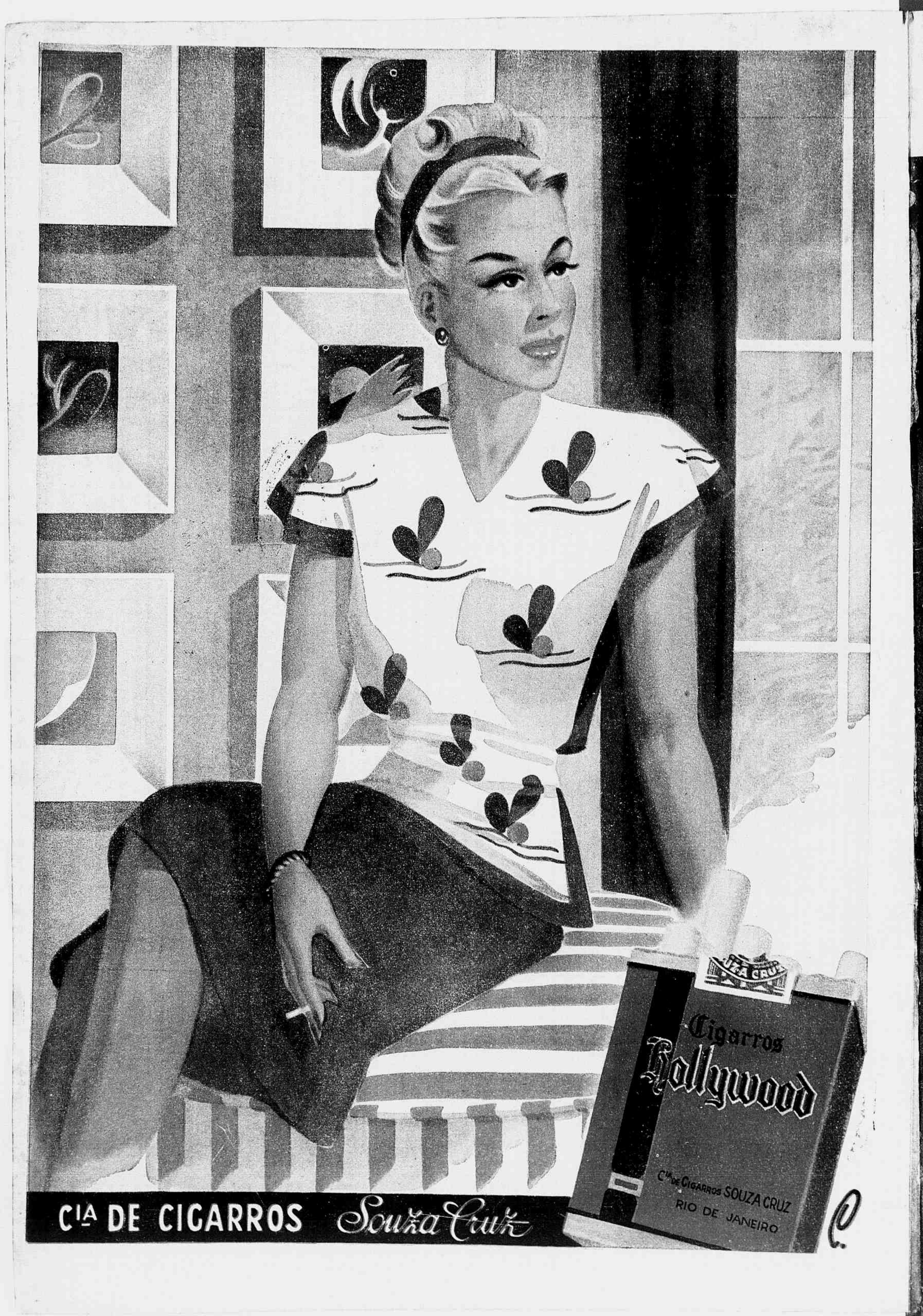
Do livro VIDAS DE GRANDES COMPOSITORES



MOBILIARIOS — TAPEÇARIAS — DECORAÇÕES

ORÇAMENTOS GRATIS

65 -- RUA DA CARIOCA -- 67 -- RIO


Cigarros
Hollywood
Cia de Cigarros SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO
Cia DE CIGARROS Souza Cruz